

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Nuria Pons Vilardell Camas

Revista e-Curriculum: origens e evolução de um periódico científico eletrônico na área de Educação e Currículo construído na colaboração pedagógica

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Nuria Pons Vilardell Camas

Revista e-Curriculum: origens e evolução de um periódico científico eletrônico na área de Educação e Currículo construído na colaboração pedagógica

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação: Currículo, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando José de Almeida.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

A Camila e Mariana meu incondicional amor

Dedico este trabalho a todos aqueles que participaram direta e indiretamente desta aprendizagem. Aos colegas do doutorado de 2004. Aos professores Dr. Antonio Chizzotti, Dra. Maria Elizabeth B.de Almeida e ao meu orientador Dr. Fernando José de Almeida. À secretária Rita de Cássia Dias Miyagui. Em especial ao CNPq que no período de março 2006 a março de 2008 possibilitou-me a garantia de conclusão deste estudo. Portanto, este trabalho é dedicado à população brasileira que confia em nós: pesquisadores.

RESUMO

CAMAS, Nuria Pons Vilardell. Revista e-Curriculum: origens e evolução de um periódico científico eletrônico na área de Educação e Currículo construído na colaboração pedagógica. Doutorado em Educação: Currículo, PUC-SP, 2008, 243p. Orientador: Prof. Dr. Fernando José de Almeida.

Este estudo situa-se na linha de pesquisa Novas Tecnologias e Educação, procura descrever e analisar o processo de construção de uma revista científica eletrônica em Educação e Currículo, por um grupo de alunos do Doutorado do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo de 2004 da PUC-SP. O trabalho estabelece amplo diálogo com diversos autores que refletem sobre a história da publicação científica, a evolução das revistas impressas para os meios eletrônicos, especialmente os digitais, os princípios regentes de ciência para disseminação, sobre a leitura virtual, o acesso aberto, ou como se conhece, do *open access*, e da narrativa curricular. Como instrumentos de recolhas de dados utilizaram-se o diário itinerante da pesquisadora, a lista de discussão criada para o grupo formador da Revista e-Curriculum, *chat* gravados, gravações em vídeo, *e-mail* depoimento dos sujeitos, cartas de órgãos indexadores e CD-ROM dos arquivos históricos da Revista e-Curriculum. A pesquisa em modelo de ação participava propiciou o engajamento necessário para ouvir os discursos de sujeitos que viveram intensamente o universo da construção de um periódico científico, sendo possível confirmar que, pela perspectiva destes sujeitos-autores, os suportes tecnológicos se constituem em espaços de elaboração e de criação de novos locais para a disseminação e divulgação de pesquisas, como espaços de socialização das aprendizagens. A tese aponta que os periódicos eletrônicos, em qualquer área do conhecimento, necessitam serem significados por meio de pesquisa para sua existência. A investigação aponta que é possível construir um periódico em programas de pós-graduação e conclui que é necessário abrir-se diálogos intensos nestes programas para o desenvolvimento da ciência no país. Não é suficiente lançar revistas sem o correspondente trabalho político-pedagógico para seu uso e eficácia no domínio da pesquisa. Por fim, foi concluído que é possível construir uma narrativa curricular a partir do trajeto, da busca para a construção de utopias pedagógicas e sociais, sem perder ou deixar de se desenvolver o currículo prescritivo.

Palavras-chave: Periódicos Científicos Eletrônicos em Educação; Leitura Virtual; Acesso Aberto, Narrativa Curricular; Disseminação da Ciência.

ABSTRACT

This study lies in the New Technologies and Education line of research and aims at describing and analyzing the process of producing an electronic journal on Education and Curriculum, by a group of students of the PhD Program of Postgraduate Education: Curriculum 2004 of PUC-SP. The work establishes a broad dialogue with several authors who reflect on the history of scientific publication, the evolution of magazines printed for the electronic media, especially the digital ones, the current principles of science for dissemination, the virtual reading, open access, and the curricular narrative. The instruments for collecting data were the researcher's field diary, the list of discussion created for the group of instructors from e-Curriculum magazine, recorded chats, recorded videos, testimonial e-mail of the subjects, letters of indexing organizations and a CD-ROM of the historical archives of e-Curriculum magazine. The research on the participatory action model provided the necessary engagement to hear the speeches of subjects who lived intensely the universe of the creation of a journal, enabling to confirm that, from the subject-authors' perspective, the technological media are spaces of preparation and creation of new locations for the spread and dissemination of research, as spaces for learning socialization. The thesis shows that the electronic journals, in any area of knowledge, need to be explained through research for their existence. The investigation indicates that it is possible to create a journal in postgraduate programs and concludes that it is necessary to open up intense dialogues in these programs for the development of science in the country. It is not enough to produce magazines without their correspondent political-pedagogical effort for their use and effectiveness in the research domain. Finally, it was concluded that it is possible to construct a curricular narrative from the journey, from the search for the construction of pedagogical and social utopias, without losing or failing to develop the prescriptive curriculum.

Key-words: Electronic Journals in Education; Virtual Reading; Open Access; Curricular Narrative; Science Dissemination.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	---

Capítulo I

1 O CAMINHO: AS ORIGENS DA PESQUISADORA AO ENCONTRO DO PROBLEMA	5
1.1 O Início da Descoberta.....	10
1.2 Justificativa e relevância do problema.....	11
1.3 Redes Eletrônicas, produção científica e acesso à rede.....	17
1.4 Do antigo Impresso à Convivência com o Novo Eletrônico: local de partida.....	21
1.5 Definição do problema.....	23
1.6 Delimitação do problema.....	23
1.7 Objetivos da pesquisa.....	27

Capítulo II

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	29
2.1 A construção metodológica: o método.....	30
2.2 Delineando o caminho metodológico da pesquisa.....	30
2.3 O caminho percorrido pela pesquisadora.....	31
2.3.1 Coleta de dados ou processo de ação da pesquisadora.....	36
2.4 Traçando o mapa metodológico.....	38
2.5 A carta de navegação.....	42
2.6 Os sujeitos construtores: a tripulação.....	48
2.6.1 A formação do grupo: seleção da tripulação.....	48
2.7 Os timoneiros.....	51

2.8 Apresentação dos sujeitos navegantes	51
2.8.1 Eneila Almeida dos Santos.....	52
2.8.2 Felipe Casaburi Ferreira	53
2.8.3 Heloísa Gomes.....	54
2.8.4 Maria do Socorro da Costa Coelho.....	55
2.8.5 Martha Maria Prata-Linhares.....	56

CAPÍTULO III

3 FUNDAMENTOS PARA CONCEPÇÃO DA REVISTA

e-CURRICULUM	58
3.1 Justificando a escolha da origem.....	58
3.2 Caracterização de publicação científica.....	59
3.3 Tudo começou com Gutenberg em Mainz.....	70
3.4 Das primeiras sociedades científicas às revistas impressas no Brasil.....	73
3.5 1932 – Revista Nacional de Educação (RNE): vanguarda multimidiática.....	75

CAPÍTULO IV

4 A NOVA ERA DA PUBLICAÇÃO : A ERA DA MÍDIA DIGITAL

4.1 Comunicação científica em meios eletrônicos: o mundo digital a partir de Tim Berners Lee.....	84
4.2 Princípios regentes das publicações científicas.....	89
4.3 Os periódicos brasileiros de educação: dos impressos aos eletrônicos.....	100

CAPÍTULO V

5	DO ACESSO LIVRE DO CONHECIMENTO AO DESIGN DA LEITURA DE REVISTAS ELETRÔNICAS.....	112
5.1	Comunicação científica e o acesso livre ao conhecimento: <i>open access</i>	114
5.2	<i>Web</i> Semântica: a evolução da linguagem tecnológica.....	118
5.3	Da linguagem tecnológico-científica ao processo de leitura do usuário.....	122
5.4	O uso da <i>Web</i> : um olhar entre duas revistas eletrônicas.....	123
5.5	A utilização da informação: direitos autorais e indexadores.....	127
5.5.1	O acesso aberto ao conhecimento e a educação.....	129
5.6	A compreensão leitora e a rede: o texto virtual.....	131
5.6	A leitura, o leitor e os caminhos do texto virtual em revistas científicas.....	135

CAPÍTULO VI

6	A REVISTA E-CURRICULUM.....	145
6.1	Narrativa que se construiu: os meios eletrônicos e o grupo formador.....	145
6.2	A organização e concepção da revista pelo Grupo.....	151
6.3	A concepção da página da revista: olhar o geral para realizar o local.....	159
6.4	Teoria e prática: um encontro com a educação.....	170
6.5	Do projeto da revista à construção curricular.....	174
6.6	Das questões de leitura e <i>open access</i>	176
	CONCLUSÃO.....	181

BIBLIOGRAFIA	190
ANEXOS	213
Anexo A – e-mails	
- Cartas <i>e-mail</i> depoimento de pesquisa do grupo formador.....	214
- <i>e-mail</i> resposta de indexação Redalyc.....	220
- <i>e-mails</i> respostas <i>open access</i>	222
- <i>e-mail</i> resposta CNPq ao edital.....	225
- <i>e-mail</i> QUALIS	226
- <i>e-mail</i> resposta de avaliação QUALIS.....	227
Anexo B - Fotos	
Foto 1 realizada em 2004, setembro.....	231
Foto 2 – restaurante Macedo.....	231
Foto 3 – Corredor 4º. Andar PUCSP- em frente ao laboratório.....	232
Foto 4 – Em frente ao Laboratório com Felipe.....	232
Anexo C – Cartas da Revista	
Carta com as cores e logos enviado pelo Nilbo R. Nogueira.....	233
Carta Convite ao Conselho Científico enviada até 2005.....	235
Ficha de avaliação dos pareceristas.....	238
Chamada de trabalhos.....	240
Anexo D – Avaliação	
Avaliação Redalyc.....	241

ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS, FIGURAS E TABELA

QUADROS

Quadro 1 – Histórico de mensagens.....	50
Quadro 2 - Periodicidade mínima desejada - número mínimo desejado de artigos por ano.....	94
Quadro 3 - Dados de publicações indexadas em educação no Latindex.....	100
Quadro 4 - Revistas Eletrônicas em Educação.....	104
Quadro 5 - Arquivo virtual da realização de revista e-Curriculum.....	147
Quadro 6 - Número de acessos à revista e-Curriculum.....	178

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Internet: Propósitos de Uso (%) 2005- 2006.....	19
Gráfico 2 – Uso da Internet – 2005 – 2006.....	19
Gráfico 3 – Internet: uso ligado à Educação e Treinamento – 2006.....	20

FIGURAS

Figura 1 - Xilografura de Hans Burgkmair (1530) ilustra a prensa na Alemanha.....	72
Figura 2 - Capas da Revista Nacional de Educação (1932-1934).....	76
Figura 3 - Número ISSN.....	91
Figura 4 - Corpo Editorial da Revista e-Curriculum.....	93
Figura 5 - Página com o <i>link</i> de submissão de trabalhos.....	97
Figura 6 - Disponibilização de todos os trabalhos publicados.....	98
Figura 7 - Fluxograma de Atividades Internas.....	99
Figura 8 - Possibilidades tecnológicas desenvolvidas para os leitores da <i>Web</i>	124
Figura 9- Página de acesso aos trabalhos da revista e-Curriculum.....	126

Figura 10 - Logo Revista.....	160
Figura 11 - 1ª. Capa da revista e-Curriculum.....	161
Figura 12 - 1ª. Capa oficial da Revista e-Curriculum.....	165
Figura 13 - Capa atual da Revista e-Curriculum.....	167
Figura 14 - Inclusão de <i>sublinks</i> no <i>link</i> Submissão de trabalhos.....	168
Figura 15 - Abertura da Página do autor para captura do modelo que deve ser enviado aos pareceristas.....	169

TABELA

Tabela 1 – Periódicos Eletrônicos Avaliados pela ANPED em 2007.....	110
---	-----

INTRODUÇÃO

Este estudo situa-se na linha de pesquisa Novas Tecnologias em Educação. Tem sua gênese a partir da necessidade de se materializar a produção de uma Publicação¹ Eletrônica Científica (PCE) no curso de pós-graduação Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

Justifica-se a escolha da expressão publicação científica eletrônica (PCE), que é entendida como qualquer tecnologia de distribuição de informação para ser acessada e visualizada pelo computador, que utiliza recursos digitais para armazenar, disponibilizar e transmitir informação de um computador para outro.

Por uma questão de escolha normativa, utilizar-se-á a expressão “periódico” e revista “científica eletrônica” (SABATTINI, 2002) e não revista ou periódico digital, tendo como pano de fundo uma revista eletrônica com acesso à Internet.

A expansão da rede de computadores, com acesso à Internet, torna cada vez mais necessário discutir e entender o principal meio ou instrumento utilizado no processo de comunicação científica: os periódicos científicos.

Este estudo traz a descrição e análise da realização de um periódico que se constrói nos bancos acadêmicos, por um grupo de alunos do

¹ Lederberg (1996) nos remete a idéia de que uma publicação acadêmica consiste em uma “afirmação sob juramento”. Inserir em seu estudo que uma publicação científica e tão responsável que mentir em uma publicação consistiria em uma forma de “perjúrio”, passível de sanções legais.

doutorado em Educação: Currículo da PUC-SP, que ingressaram no ano de 2004.

A principal característica do periódico eletrônico é o fato de ser formato eletronicamente desde sua editoração à sua distribuição.

Um periódico eletrônico pode estar disponível em várias plataformas, como CD-ROM ou fita magnética. O presente trabalho discute apenas a construção de um periódico eletrônico que se disponibilizou na Internet, utilizando recursos da *Word Wide Web*, doravante denominado *Web*.

A *Web* permite agregar novas funções e valores às informações disponibilizadas, posto que é possível usar protocolos e características técnicas que permitem ao usuário em sua navegação o acesso a *links* que, por sua vez, ligam-se a bancos de dados que guardam as principais pesquisas no mundo.

O objetivo maior desta pesquisa é descrever e responder como se construiu uma revista por alunos de uma pós-graduação. Este exercício poderá levar a extrapolar para novas situações concretas na área da Educação, nas pesquisas necessárias que se hão de realizar ainda em análises de publicações científicas eletrônicas em Educação e no próprio estudo das dimensões existentes na construção de um currículo para a vida.

O objetivo secundário é propiciar dados, informações, vivências e reflexões para aqueles que realizam investigações em publicações científicas eletrônicas tenham condições de perceber as dificuldades e soluções encontradas; visa também mostrar a importância do diálogo permanente em um planejamento; e permitir a extrapolação possível na realização de novas revistas eletrônicas em Educação.

Esta pesquisa fez-se num ambiente acadêmico, com sujeitos autores desta narrativa, que geraram a busca por uma metodologia qualitativa de ação-participativa (BARBIER, 2004). A pesquisa de campo buscou subsídios na construção de um diário itinerante (BARBIER, 2004) da pesquisadora, além de ampliar a proposta de André (1995, 2006) e Lüdke e André (1986) para o uso de tecnologias de informação e comunicação como

em troca de *e-mails*, em criação de lista de discussão, em arquivos virtuais disponíveis para o grupo e comunidade participante. Dispôs também do uso de MSN e *Skype*² escrito e com viva-voz, ou como se denominará nesta pesquisa por *voice*.

A realização de uma revista científica em Educação nasceu de questões que são trazidas na pesquisa, que gerou uma questão maior à pesquisadora: **como produzir um periódico científico eletrônico para o Programa de Pós-graduação Educação: Currículo, com a intenção de disponibilizar trabalhos inéditos e integralmente em acesso aberto (*open access*) para a comunidade acadêmica e sociedade que interfiram na qualidade social da formação do educador?**

Este estudo se divide em 6 capítulos. O primeiro contextualiza a ação-pesquisa, traz a busca teórica para a construção da narrativa curricular deste projeto, incluindo a narrativa de vida da pesquisadora.

O segundo capítulo traz, pela necessidade deste estudo, a metodologia que orientou o apreender e o aprender desta tese. Aponta o método escolhido, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e os sujeitos-autores que permitiram a presente narrativa realizar-se.

Destarte, forma-se o terceiro capítulo deste estudo. Realiza-se a busca histórica do que são revistas científicas. Dá as respostas às questões que se apontavam ao grupo formador da revista. Traz a viagem da pesquisadora ao Rio de Janeiro com a finalidade de conhecer a Revista Nacional de Educação feita por Roquette-Pinto em 1930.

O quarto capítulo aborda as publicações eletrônicas. Passa pela necessidade de justificar o que é o meio em que se divulgará a ciência, a evolução do impresso ao eletrônico. Determina os princípios que regem as publicações científicas independente do meio em que se divulguem para a realização da revista e-Curriculum.

² MSN e *Skype* são programas gratuitos de envio de mensagens pela *Web*. Programas estes que se baixam no computador do usuário por meio de download, pode-se usar como simples *chat* (bate-papo escrito), com sistema de viva-voz, ou *voice* e com *webcam* - vê-se o interlocutor. Ambos são utilizados em tempo real, ou seja, sincronicamente.

O quinto capítulo deste estudo traz luz à discussão necessária sobre o acesso livre, conhecido como *Open Access*, iniciando um olhar ao *design* da leitura e do texto virtual em revistas eletrônicas.

O sexto capítulo compõe a experiência vivida pelos sujeitos-autores e outros membros da comunidade educacional que auxiliaram na realização do produto que se apresentou em dezembro de 2005: a Revista e-Curriculum.

Por fim, traz-se a conclusão deste estudo seguida da bibliografia utilizada e dos anexos que contribuem para a compreensão desta tese.

CAPÍTULO I

*Um rio precisa de muita água em fios
Para que todos os poços se enfrasem:
Se reatando, de um para outro poço,
Em frases curtas, então frase a frase,
Até a sentença-rio do discurso único
Em que se tem voz a seca ele combate.*

João Cabral de Melo Neto

1 O CAMINHO: AS ORIGENS DA PESQUISADORA AO ENCONTRO DO PROBLEMA

Aprendi a língua portuguesa, que não é minha língua materna, copiando poemas de Fernando Pessoa, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Castro Alves. Não porque os tivesse escolhido, mas porque meus pais haviam ganhado os livros de amigos, também estrangeiros. Na ingenuidade e carinho de trazer menos dor a uma criança, meu pai passava suas mãos sobre minha cabeça e dizia-me: *els vers son curts i podres, fen't'he còpies, memorirtza'l'hos més sencillent l'escritura. Vinga, bona fé!*³

³ Tradução do catalão para o português: "Os versos são curtos e poderás, copiando-os, memorizar com mais sensibilidade a escrita das palavras. Vamos lá, tenha esperança!".

O copiar inicial acresceu-se à significação quando ganhei um dicionário de língua portuguesa em meu aniversário de 8 anos. Era uma época dura econômica e politicamente; eram os idos 1969, que fechavam portas e janelas de diálogo. Eu, criança estrangeira, descobria que mais que memorizar como se escrevia uma palavra tinha de entender o sentido dicionário e o sentido de vida das palavras que ainda me eram mudas.

Quando descobri que ao ato de escrever podia-se sentir o mundo nas diferentes nuances - estar e ser o mundo - iniciei-me em um caminho sem fim.

Estudei Processamento de Dados em 1980, mas nunca me permiti ser processadora. Bacharelei e licencieme em 1985 em Letras _ na época a chamada Licenciatura Plena. Dedicava-me muito aos estudos. Por três anos fui monitora da Língua Portuguesa e Literatura na Universidade Mackenzie, o que não poderia ter sido diferente, para quem as letras permitiam o encantamento do mundo.

Durante muitos anos vivi em linearidade plena com minha profissão. Em 1986, mudei para uma pequena cidade do estado de São Paulo, Ibitinga, que não dispunha de livrarias, nenhuma Biblioteca atualizada e, na época apenas uma escola de Ensino Médio público para 45.000 habitantes.

Sentia-me prisioneira da crueldade da distância de 400 km de pólos culturais, de livrarias e bibliotecas públicas ou universitárias e, por dez anos, *a apartheid* cultural fez-se presente em minha vida. Até que, em 1996, surgia a possibilidade de conectar-me ao mundo. Iniciava a Internet, discada ainda, abrindo janelas à informação, mesmo que a um custo financeiro altíssimo.

Com ancestralidade fenícia, diria que singrar o ciberespaço não foi difícil. Tempestades ocorreram em mim, participando de listas internacionais de lingüística, aprendendo outras línguas em outros mares que não meus.

Em 1999, fui convidada pela Universitat De Les Illes Balears, Universidade de Malhorca na Espanha, para dar um curso sobre Literatura

Brasileira. Fazia minha pós-graduação em Leitura Crítica da Literatura, na UNESP de Araraquara, percorria a escrita concretista-imagética de Joan Brossa, pupilo de João Cabral de Mello Neto, com orientação da Profa. Dra. Guacira M. M. Leite.

No Brasil, não encontrava fontes de pesquisa sobre Joan Brossa, mas nas navegações por meio do acesso à Internet, encontrei pesquisadores com os quais trocávamos *e-mails*. Encontrei Bibliotecas *online* que iniciavam a digitalização de obras, revistas eletrônicas e a boa vontade de pesquisadores de universidades em enviar-me, por meio de arquivos anexos aos correios eletrônicos, documentos importantes de pesquisa.

E foi no ano de 1999, com a experiência de três anos aprendendo a distância virtual, que tomei a decisão - já há anos dentro de mim - pesquisar as possibilidades do ensino superior ser a distância.

Havia convivido com a educação virtual na Espanha, e isto acabou por gerar o trabalho de mestrado em 2002, com o título "Educação a Distância em Realidades Virtuais: a postura do professor de ensino superior ante as novas tecnologias facilitadoras de formação continuada", na PUC-Campinas.

O passo seguinte fora desenvolver um projeto a partir das questões que surgiram com a dissertação e iniciar o doutorado.

Ao iniciá-lo em 2004, perseguia a meta de entender no processo de ensino-aprendizagem quais fatores eram motivacionais para alunos adultos permanecerem em ambientes virtuais a distância sentindo-se sujeitos da ação educacional.

Tinha um orientador, projeto, objetivos, referencial teórico, metodologia e até iniciava a coleta de dados para futura análise. Tudo corria como um "Rio Em Discurso perfeito", como perpetuaria em versos João Cabral de Melo Neto. Numa gestão exemplar, como diria o mestre-orientador Prof. Dr. Fernando José de Almeida. Porém, a monotonia da vida cotidiana cortou o "discurso Rio" e descobri que a vida reserva surpresa para aprendermos. Por isso, podemos estar em situação poço e não rio.

Em março de 2004, na disciplina de Epistemologia e Educação, dialogávamos sobre a necessidade crucial que é darmos luz às pesquisas e de nosso diálogo com o mundo acadêmico por meio de publicações.

Propusemos então, de forma ingênua, a criação de uma página na Internet, no programa de Pós-graduação, que desse acesso e oportunidade de publicarmos pesquisas realizadas, lermos e sermos lidos. Estranhamente, naquele tempo não falávamos em ser citados e citarmos, ser lido e entendido pela sociedade.

Minhas investigações, desde o Mestrado em Educação, circundam pelo eixo temático em pesquisar o uso da Tecnologia de Informação e Comunicação na Educação e Formação de Professores do Ensino Superior em Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Como sou “das tecnologias em educação” e havia criado, para os professores e alunos do doutorado de 2004, uma lista de discussão e uma simples página com os textos de leitura, em linguagem HTML, do professor Dr. Antonio Chizzotti; não foi estranho o olhar do professor e coordenador do programa de Pós voltar-se para mim e a palavra duvidosa dizer-me: “Você teria possibilidade de fazer um projeto neste sentido?” A vontade de poder realizar algo se uniu ingenuamente ao “sim!”.

Em março de 2004 iniciava a minha inserção em vários projetos de revistas acadêmicas, conversava com muitas pessoas que estavam envolvidas em periódicos, trocava muitas idéias e questões fundamentais da existência de uma revista com as colegas de doutorado Martha Maria Prata-Linhares, Maria do Socorro Coelho, Eneila Almeida dos Santos, Heloísa Gomes, Leonir Pessate, Cláudia Hardhag e Nilbo Ribeiro Nogueira. Resolvemos marcar um encontro com a professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida, do programa de Pós-graduação Educação: Currículo, que perguntou ao grupo:

“Que sentido tem esta revista para vocês? Que sentido tem criar uma revista científica no programa? Qual o sentido da revista?”.

“O sentido?” Era impossível responder naquele momento, pois pertenceria ao Programa, e naquele dado momento, acreditei que a resposta não estivesse em nós somente.

O grupo formador⁴ buscava entender partes correspondentes de uma revista, como o que era indexação e padrões de qualidade para periódicos, ISSN, QUALIS, SciELO, ISI etc.

Sem ter, naquela época, a consciência do que representaria "o sentido" na concepção, implementação e implantação da Revista e-Curriculum - nome escolhido por votação em maio de 2004 - aprofundei-me de fato no tentar entender o conceito de qualidade editorial, principalmente porque o colegiado do Programa havia aprovado a criação da revista.

Empolgava-me a idéia de participar deste projeto entre os discentes. Procurava soluções às dúvidas e problemas que surgiam e, disto, ocorreu que me passaram a responsabilidade de organizar os conhecimentos em informação para todos que faziam parte do programa de pós-graduação.

Meu percurso curricular unia-se, sem que eu percebesse imediatamente, à realização da revista e-Curriculum com o andamento de minhas dúvidas de pesquisa.

O planejamento do periódico do Programa de Pós-Graduação Educação: Currículo levou-me a querer entender como um periódico científico que circunda um conhecimento específico e necessário - Currículo - era construído.

⁴ O grupo formador, como será relatado nos capítulos seguintes, era composto por alunos do doutorado do programa e inicialmente 4 professores.

1.1 O início da descoberta

Deste modo, iniciava-se o entender a necessidade de transferência de conhecimento científico em meios eletrônicos e as possibilidades destes meios no impacto social (SABATTINI, 1999).

A necessidade, advinda da própria busca metodológica deste trabalho, levou-me ao percorrer a história da leitura de periódicos, iniciando-se pela parisiense do *Journal des Sçavans* de 1665 (MUELLER, 1999).

A tarefa levou-me também a complexa análise histórica da necessidade de “formalização do processo de comunicação”, o canal formal do registro e da transmissão de conhecimento “de forma durável e acessível” (MEADOWS, 1999, p. 9) como bem intelectual a ser legado à sociedade.

Houve a busca do entender a ética e a ciência sob o prisma das publicações de periódicos científicos (*AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION*, 1999), no *Guidelines for Scientific Publishing* (1999) e os Critérios Editoriais de avaliação científica (PESSANHA, 1998).

O campo de avaliação de periódicos científicos é relativamente novo no Brasil. Em Krzyzanowski e Ferreira (1998), encontra-se que é na década de 1960 que se demonstra a necessidade de se definir parâmetros mensuráveis, que pudessem refletir a qualidade da informação registrada em periódicos científicos e técnicos.

Em 1982, Braga e Oberhofer apresentaram proposta modificando o modelo da UNESCO para ser utilizada na avaliação de periódicos brasileiros científicos e técnicos.

Vemos o movimento de busca sobre a avaliação de periódicos em Educação, nos trabalhos de Chizzotti (1993) e nos trabalhos de Fávero, Amado e Garcia (1993, 2000).

O que chama a atenção é ter em 2002, conforme os dados da *International Periodicals Directory*, aproximadamente, 15 mil periódicos

ativos e com pareceristas no mundo e 12 mil já estavam disponíveis em versão *online*.

Sendo que na última avaliação de periódicos científicos feita pela QUALIS⁵, a ANPED⁶ registra ter recebido para avaliação, em maio de 2007, apenas 11 periódicos eletrônicos no Brasil na área de Educação, sendo que dois, destes 11 periódicos, têm versão impressa também, um com acesso restrito até outubro de 2007 e outros dois não configuram como periódicos, mas como Caderno de Pesquisa e Anais de Encontros e Congresso, como se verá no Capítulo 4.

Ainda é um campo novo discutir na Educação a importância do conhecimento científico disponível na Internet, na qualidade de um periódico científico eletrônico. Como também as dificuldades vivenciadas por aqueles que disponibilizam periódicos eletrônicos nas páginas da *Web* na área de Educação.

Esta pesquisa traz uma nova preocupação, que nasceu em 2004, a partir da realização de uma revista acadêmica científica e eletrônica por um grupo de alunos e professores do programa de pós-graduação Educação: Currículo da PUC-SP. Por não encontrar, inicialmente, respostas a alguns questionamentos, traz-se à luz o diálogo com sujeitos que dão e darão vida à investigação, às publicações, à própria ciência.

1.2 Justificativa e relevância do problema

Dada a necessidade de divulgar e transferir democraticamente as descobertas, estudos e pesquisas na Ciência da Educação realizou-se um estudo, de 2004 a 2007, que viabilizasse a materialização de uma revista acadêmica. Com a intenção de publicar trabalhos originais em torno da

⁵ QUALIS “é o resultado do processo de classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos”. Para maiores informações deve-se consultar o diretório de acesso QUALIS em : <http://www.qualis.capes.gov.br/webqualis/>

⁶ ANPED é a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação responsável também pela avaliação dos periódicos nacionais e internacionais que a ela se submetem. Para maiores informações e leitura dos relatórios de avaliação dos periódicos pode-se acessar: http://www.anped.org.br/t_qualis.htm.

discussão sobre currículo nas políticas públicas, na avaliação ou na cultura, ou em torno da formação docente, das tecnologias de comunicação e informação, da interdisciplinaridade ou de outros campos novos de investigação abertos pelas pesquisas.

Segundo Chizzotti (2005), a revista eletrônica, realizada por uma necessidade educacional, deve ser entendida como resultado de:

[...] uma decisão coletiva para promover a difusão da produção científica de pesquisadores por meio de um instrumento ágil de comunicação a um custo viável.

Os apelos em favor de um periódico desse tipo surgiram de avaliações sobre as dificuldades e contingências que cercam um volume significativo de trabalhos e estudos sobre temáticas específicas, deixadas fora do circuito de divulgação, dentre as quais, a evidência de que um grande volume de produções científicas relevantes acaba permanecendo confinado a um estreito círculo de leitores em razão dos processos morosos de editoração.

A edição de um periódico com tais objetivos nasce de um compromisso de professores e alunos em viabilizar a produção científica, políticas públicas de currículo e de formação docente. Para isso, procura-se lançar mãos de meios virtuais de comunicação para multiplicar as possibilidades de debates sobre temas educacionais de atualidade; quer dar, também, oportunidade de agilizar a difusão de pesquisas e estudos que incrementem a reflexão e a prática educacional, na área de currículo. (Idem, *ibid*, editorial explicativo –

<http://www.pucsp.br/ecurriculum/editor.htm> – 15/05/2005).

Esta pesquisa apresentará o contrato estabelecido em uma sala de aula, com 40 alunos e um docente, na construção de uma revista científica que concretiza uma idéia utópica inicial em um produto gerado num fazer curricular em um programa de pós-graduação *stricto sensu*.

Neste ponto, retoma-se a pergunta feita quando se iniciava o projeto da Revista e-Curriculum: “qual era o sentido desta revista?”.

Em 1995, o filósofo Neil Postman publicou o livro *The end of education* que se constitui numa réplica ao “Fim da História” de Fukuyama, mas lhe acrescentou o segundo significado do termo: *fim*, não apenas como “conclusão”, mas também como “finalidade” ou “sentido”.

Postman (1995) interrogou-se sobre a crise da escola. Sua preocupação residia nas *novas narrativas* que poderiam dar sentido à intenção de educar. Ao fazê-lo, rejeitou vários *deuses* que procuram reorganizar o projeto escolar – os *deuses* da utilidade econômica, do consumismo, da tecnologia, do separatismo étnico ou cultural – e argumentava que a educação depende da adoção de narrativas partilhadas e da recusa de narrativas que conduziram à alienação ou à separação:

O que torna públicas as escolas [...] não é tanto o facto de terem objectivos comuns, mas o facto de os seus alunos terem objectivos comuns. A razão é simples: a educação pública não serve um público; ela *cria* um público. [...] A questão essencial não se encontra nos computadores, nos exames, na avaliação dos professores, no tamanho das turmas ou noutros aspectos da gestão das escolas. A questão reside em dois pontos, e apenas em dois: a existência de narrativas partilhadas e a capacidade destas narrativas para darem um sentido inspirador à educação (1995, p. 18).

E os dois pontos de Postman (1995) uniam-se e iniciavam um percurso que se tentava firmar como o percurso do sentido condutor deste projeto de pesquisa. Era claro que os mesmos objetivos uniam alunos e professores na intenção de construir um objeto comum: uma revista científica para o Programa de Pós-graduação Educação: Currículo.

Encontrava-se em Nóvoa (2002), entre várias definições, que é viável “a renovação da educação como espaço público”, quando se entende “A escola como realidade multipolar”(Idem, 2002, p.15).

Segundo o autor, é histórico o fato de os sistemas de ensino serem organizados a partir do “topo”, adotando estruturas burocráticas, corporativas e disciplinares que foram dissolvendo modos locais, familiares e tradicionais de promover a educação.

A escola foi substituindo estes processos “informais” e assumindo o monopólio do ensino. Aos professores coube a responsabilidade pública pela formação de seus alunos.

Hoje, sabemos que este modelo escolar – espaços físicos fechados, estruturas curriculares rígidas, formas arcaicas de organização do trabalho – está fatalmente condenado. A escola terá de se definir como um espaço público, democrático e participado, que funciona em ligação com redes de comunicação e de cultura, de arte e de ciência. (...) Mas uma extrema prudência é necessária: os movimentos sociais estabelecem-se num voluntarismo de curta duração, enquanto o trabalho escolar se define num tempo necessariamente longo. Em Portugal, com raríssimas exceções, as estruturas sociais ou associativas de suporte à educação são de uma enorme fragilidade. É essencial reforçá-las e dar-lhes maior consistência. Delas depende, em grande parte, a renovação do espaço público da educação (Idem, *ibid*, p. 16. Grifo Nosso).

No Brasil, não se está distante desta concepção distorcida de espaço público, esquecendo-se desta escola como espaço educacional. Há falta da discussão do “novo espaço de conhecimento” (Idem, *ibid*, p.16), da rigidez curricular, como também da organização hierarquicamente fechada em que se vive.

Como bem alerta Nóvoa (2002, p. 17), é na escola que se explica, que se “revela a evolução histórica” do conhecimento, preparando - aqueles que dela fazem parte - à “apreensão crítica”, com a finalidade de se evitar o reducionismo das formas clássicas do conhecimento e a exclusão da contemporaneidade.

A oportunidade da escola ser um novo espaço de conhecimento pode:

[...] contrariar tendências de desvalorização do conhecimento; a pedagogia está indissociavelmente ligada aos conteúdos de ensino.[...] admitir novas formas de relação ao saber; a realidade actual do mundo da ciência e da arte define-se por uma complexidade e uma imprevisibilidade que a escola não pode continuar a ignorar.[...] compreender o impacto das tecnologias da informação e da comunicação, que transportam formas novas de conhecer e de aprender. Estas tensões não são recentes, mas têm novos contornos numa sociedade que se diz “do conhecimento” (NÓVOA, 2002, p. 17).

Concorda-se com o autor quando diz que a atualização e o agir sobre os novos conhecimentos é condição *sine qua non* para a comunidade acadêmica, para a própria produção de suas pesquisas, para o seu atuar profissional em sala de aula. Por esta razão, entender os caminhos atuais

das publicações científicas que servem ao público em geral - e neste caso o público específico que lida com a educação - é uma necessidade a qual não se pode mais fechar os olhos, até mesmo porque se põe e se impõe no fazer curricular.

É importante salientar que o grupo formador assumiu-se como uma equipe de trabalho no percorrer do currículo prescrito das disciplinas Epistemologia e Educação e Metodologia da Pesquisa. Disciplinas que deveriam incluir em seu escopo não apenas as buscas individuais para um projeto de doutoramento, mas o debate aberto ao que é ciência e quais os instrumentos que a legitimam e são legítimos (MUELLER,2006)⁷ para que pesquisadores possam publicar seus resultados de pesquisa.

A abertura dada, principalmente, pelo professor de Epistemologia e Educação, garantia a possibilidade de ir além do entendimento de uma forma de currículo, como definido por Goodson (2003, p.117):

Por “currículo”, entendemos, [...] o curso aparente ou oficial de estudos, caracteristicamente constituído em nossa era por uma série de documentos que cobrem variados assuntos e diversos níveis, junto com a formulação de tudo – “metas e objetivos”, conjuntos e roteiros – que, por assim dizer, constitui as normas, regulamentos e princípios que orientam o que deve ser lecionado.

Descrever os caminhos percorridos, numa narrativa curricular, dentro do espaço público do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo, na construção da Revista e-Curriculum, inspira-se na idéia de Goodson (2007)⁸, apoiada por Bauman (2001, apud, 2007, p.241), na qual “aprender a

⁷ Em Mueller (2006) encontra-se uma atual discussão a cerca do preconceito na própria acadêmica da legitimidade e legitimação dos periódicos eletrônicos, que não são discutidos com grupos que detém o interesse em publicações impressas. Sugere que a discussão sobre a comunicação científica seja feita pela comunidade acadêmica que necessita publicar e a ela se volta o interesse de um número cada vez maior de periódicos com qualidade e relevância.

⁸ De 15 a 18 de outubro de 2006 a pesquisadora apresentava na 29ª. Reunião Anual da ANPED, trabalho referente à realização da Revista e-Curriculum, tendo a oportunidade de assistir à comunicação na sessão

quebrar a regularidade, reorganizar as experiências fragmentadas” faz com que a aprendizagem se entenda num processo não viciado, que rompa “com as prescrições predeterminadas do currículo, a voltar-se para a definição, apropriação e narrativa contínua de seu próprio currículo” (GOODSON, 2007, p. 241).

Neste sentido, o trabalho apóia-se também na recente pesquisa do autor, que parte do entendimento da “aprendizagem narrativa”(idem, p. 248), com o sentido de uma aprendizagem da identidade, ou seja, aquela da qual emergem motivos como “o trajeto, a busca e o sonho – todos eles motivos centrais para a contínua elaboração de uma missão de vida”⁹. (idem, p 248).

Portanto, entender a aprendizagem a partir das histórias de vida daqueles que fazem o espaço escolar - e, nesta pesquisa, daqueles que fizeram parte do grupo formador - dá a possibilidade de adentrar no que se chama de engajamento social com a aprendizagem de um grupo. A aprendizagem não pode ser vista ou entendida como “uma tarefa formal que não se relaciona com as necessidades e interesses dos alunos”(idem, p. 250).

[...] uma vez que muito do planejamento curricular se baseia nas definições prescritivas sobre o que se deve aprender, sem nenhuma compreensão da situação de vida dos alunos. Como resultado, um grande número de planejamentos curriculares fracassa, porque o aluno simplesmente não se sente atraído ou engajado [...] ver a aprendizagem como algo ligado à história de vida é entender que ela está situada em um contexto, e que também tem história – tanto em termos de história de vida dos indivíduos e histórias e trajetórias das instituições que oferecem oportunidades formais de aprendizagem, como de

especial de “Currículo e História: entrelaçamentos metodológicos”, em que se apresentou o pesquisador Ivor Goodson.

⁹ Goodson (2003, 2005, 2007) em pesquisa e trabalho fundamenta que o currículo educacional é fruto de um lento processo de fabricação social, em que estiveram [presentes conflitos, rupturas e ambigüidades. O autor dialoga no sentido de que o currículo manifesta-se com o interesse e o poder pré-estabelecido. Porém a “grade” curricular não necessariamente nega a (re)criação, permitindo que se perceba que o conhecimento de uma disciplina extrapole os limites das paredes da sala.

histórias de comunidades e situações em que a aprendizagem informal se desenvolve.

Neste sentido, a construção da revista e-Curriculum por um grupo de alunos, jovens pesquisadores do doutorado de 2004, dá a voz da esperança comprometida com “as missões, paixões e propósitos que as pessoas articulam em suas vidas”(GOODSON, 2007, p. 251).

Compreender que a discussão com jovens pesquisadores sobre a necessidade e o que é publicar tornou-se um tema que compôs o cenário dos créditos de doutoramento no seu percorrer. Destarte, concorda-se com o autor, já que criar a oportunidade de entender-se um currículo para o “empoderamento e entença¹⁰”(Idem, ibidem) cumpri a promessa de ajudar a mudar o futuro social dos alunos e das próprias instituições de ensino como resposta social de sua missão.

1.3 Redes eletrônicas, produção científica e acesso à rede

Alonso e Fernandez-Juridic na revista *Nature* (2002) analisam o impacto internacional de periódicos científicos que disponibilizam artigos completos. Os autores concluem que as revistas brasileiras indexadas pelo *Institute for Scientific Information* (ISI) cresceram com o advento da Internet¹¹ mais de 130%.

O alerta que os autores tecem ao Brasil é que as Universidades carecem de investimentos para criação e coordenação de redes eletrônicas de comunicação científica, o que leva ao prejuízo da disseminação e projeção do Brasil quanto à Ciência e desenvolvimento.

¹⁰ O Vocábulo “entraça” tem o significado de entrar e iniciar-se.

¹¹ É importante salientar que o impacto de crescimento das publicações eletrônicas na Internet podem ser medidos pela inclusão na *Scientific Electronic Library Online* - SciELO , que disponibiliza gratuitamente textos completos de uma seleção de revistas científicas não só do Brasil como do mundo, em diferentes áreas do conhecimento, visando à sua disseminação e à realização de base bibliográfica nacional para pesquisas bibliométricas e de impacto de citações, todas as informações, no Brasil, podem ser vistas em <http://www.scielo.br>

Os dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil¹² (CGI.br) trazem que, entre setembro de 2005 e setembro de 2006, 9,39% da população brasileira teve acesso à Internet¹³. Desta população, 42,84% tem nível universitário completo.

As faixas etárias que mais acessam à Internet é de 16 a 24 anos (14,54%); de 25 a 34 anos (10,30%); de 35 a 44 anos (9,38%); de 45 a 59 anos (7,54%); de 60 ou mais anos (3,32%).

A mesma pesquisa do Comitê Gestor revela que, dos 8.540 domicílios pesquisados em 2005, a população que acessa a Internet tem a habilidade de fazer buscas em sítios de pesquisa para adquirir informações, num percentual de 80,70% dos jovens universitários e 81,84% de egressos.

Observa-se que entre 2005 e 2006 há pequena variação do uso da Internet, mesmo assim, nota-se que ainda é tímida a inserção, já que 66,68% da população brasileira nunca a acessou, e 54,35% da população brasileira nunca usou um computador (CGI.br, janeiro de 2007).

Tais dados revelam que 42,84% dos egressos que utilizam a Internet, a maioria (80,70%) tem habilidade de busca de informação em sítios.

A pesquisa do CGI.br¹⁴ não deixa claro se os 20% restantes têm maior habilidade no uso da Internet ou menor.

Observa-se (Gráfico 1) que possuir ou ter a oportunidade de manipular um computador com acesso à Internet não, necessariamente, tem a ver com o uso, ou o dar significado as potencialidades que o computador pode gerar aos usuários, com acesso à Internet.

¹² Os dados de pesquisa do CGI.br foram cruzados com os dados recolhidos em 2005 e 2006, numa amostra de população de 8.540 entrevistados em 2005 e 10.510 entrevistas em 2006. Sobre penetração e uso da Internet na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD 2005. Toda a pesquisa pode ser vista em: <http://www.cgi.br/indicadores>, último acesso em 17/01/2007.

¹³ Embora esta pesquisa utilize os dados do C.GI.br, pois se atem às intenções de uso daqueles que acessam a rede; tem-se pelos dados do Ibope (<http://www.ibope.com.br>) que o total de usuários em qualquer ambiente (casa, trabalho, escolas, universidades e outros locais) era de 39 milhões em set/2007.

¹⁴ Na pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil, deixou-se muito claro que a preocupação maior não estava apenas no acesso por acaso, mas no acesso e uso constante, que só pode ser caracterizado por aqueles que no mínimo usam as ferramentas durante três meses consecutivos.

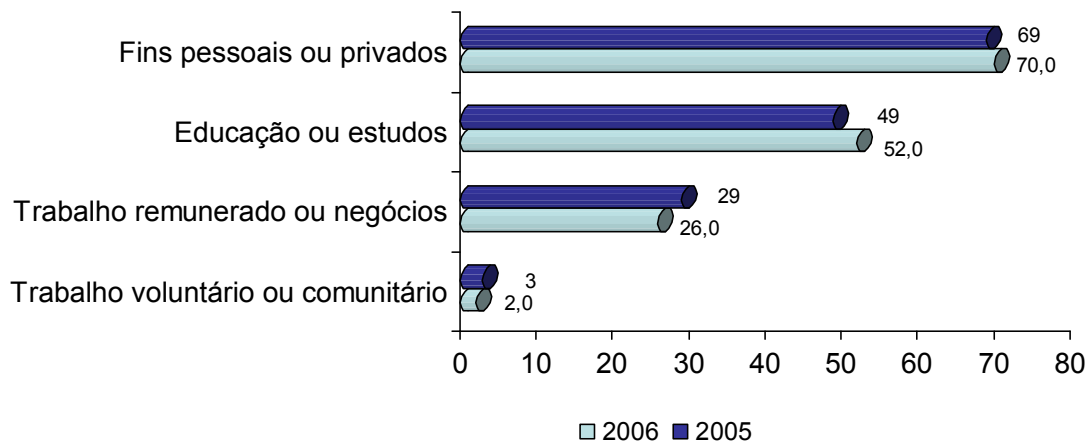
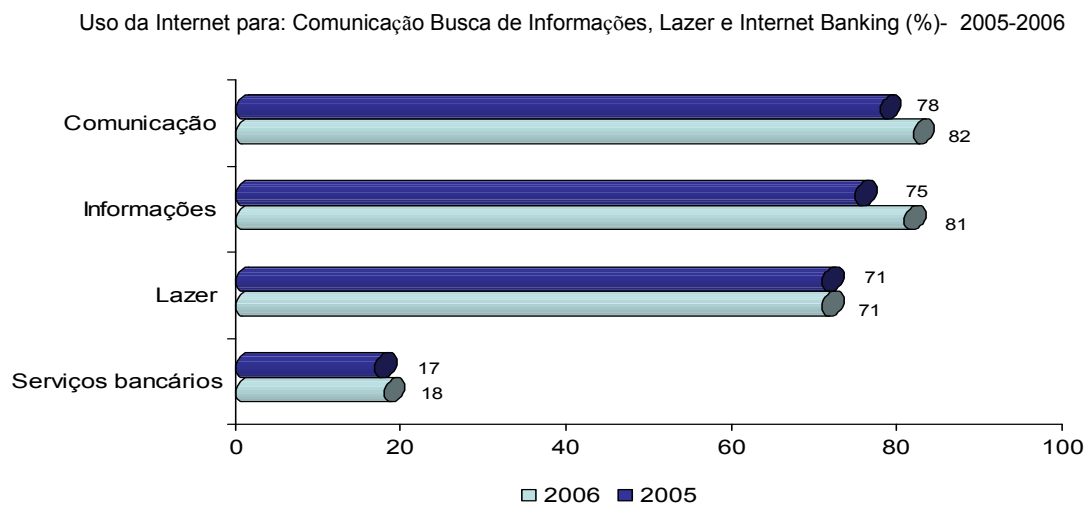


Gráfico 1 – Internet: Propósitos de Uso (%) 2005- 2006

Fonte: Comitê Gestor da Internet

Base 2006: 2.924 entrevistados que utilizaram a Internet nos últimos três meses.

Base 2005: 2.085 entrevistados que utilizaram a Internet nos últimos três meses.



Base 2006: 2.924 entrevistados que utilizaram a internet nos últimos três meses

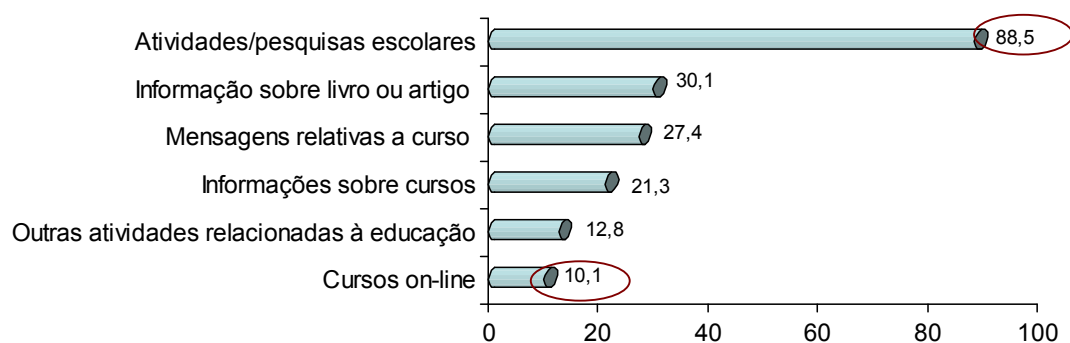
Base 2005: 2.085 entrevistados que utilizaram a internet nos últimos três meses

Gráfico 2 – Uso da Internet – 2005 – 2006

Fonte: Comitê Gestor da Internet no Brasil

O Gráfico 2 respalda as pesquisas encontradas com o fito de confirmar o crescimento do uso da Internet para a comunicação, como o uso de *e-mail*, fóruns e *chat*, assim como para encontrar informações de toda a natureza, entre elas a prática de acessar sítios de revistas eletrônicas, páginas de universidades que disponibilizam suas teses e dissertações, fóruns de discussão temática, anais de trabalhos apresentados em congressos, encontros e simpósios, entre outros.

No Gráfico 3, tem-se que da população pesquisada, 88,5 %, a grande maioria, usa o acesso às páginas da Internet para realizar atividades de pesquisa em educação.



* Base total: 1.981 entrevistados que já utilizaram Internet para fins de treinamento e educação, projeção populacional = 28,838,535

Gráfico 3 – Internet: uso ligado à Educação e Treinamento – 2006

Fonte: Comitê Gestor da Internet, 17/01/2007. Acessado em [Http://www.cgi.br](http://www.cgi.br)

Tais dados revelam que há uso dos sistemas de busca na rede. Há, teoricamente, espaço para leitura por parte daqueles que são interessados em teses, periódicos científicos, anais de congresso etc.

Em Meis, Velloso, Lannes e Carmo (2003), constata-se que as universidades são as pioneiras e grandes beneficiárias no uso das tecnologias de redes eletrônicas e que 91,3% da produção científica do país insere-se nas páginas da Internet.

1.4 Do antigo impresso à convivência com o novo eletrônico: local de partida

A ciência, no século XXI, chega à maturidade de entender-se enquanto processo de desenvolvimento, de buscar meios de disseminação legítimos e legitimados (MUELLER, 2006, p.27) para sua disponibilização e discussão, não só com pares culturais, mas com a sociedade.

Diante disto, é necessária uma mudança no pensar a Educação pautada, na maior parte das vezes, em métodos tradicionais de ensino, com currículos enclausurados que pouco incentivam a pesquisa, o registro, o debate em sala de aula, o uso das tecnologias e ferramentas digitais que propiciam a existência de periódicos eletrônicos indexados e de *open access*¹⁵ de altíssima qualidade.

A publicação científica é considerada produto indispensável, natural e real da atividade científica e tecnológica; tanto em sua disseminação e divulgação, quanto em sua promoção e democratização do saber a outros cientistas, às comunidades nacionais e internacionais de pesquisa acadêmica e social. Como lembra Schwartzman (1984):

A pesquisa tecnológica pode resultar em técnicas e processos que são mantidos em segredo ou protegidos por patentes; a pesquisa orientada para o ensino pode resultar, simplesmente, em boas aulas e na formação de bons profissionais. A pesquisa propriamente científica, no entanto, ou é publicada, ou não existe. Daí o esforço de todos os cientistas para publicarem seus trabalhos; daí a necessidade de acesso a publicações, daí a necessidade de uma política governamental

¹⁵ O termo *open access* será abordado no Capítulo 5. Refere-se nesta investigação às páginas acessadas por meio da Internet com trabalhos científicos disponibilizados gratuitamente aos usuários. No caso de revistas indexadas, são garantidas pela arbitragem como trabalhos de relevância.

explicitamente voltada para esta questão (Idem, 1984, p. 25. Grifo Nosso).

Complementando-se a idéia de Schwartzman, torna-se necessária uma mudança profunda no modo de fazer Educação, no sentido de incentivo à aprendizagem, de criação de ambientes que propiciem não só ao cientista, mas aos alunos e professores a possibilidade da pesquisa confiável em meios eletrônicos e digitais.

Estas mudanças implicam em alterações curriculares: postura e papel do professor em relação às novas metodologias de se fazer aula; postura e papel do aluno no aproveitamento consciente dessas tecnologias como o computador com acesso à Internet.

É neste cenário, novo ainda, que se faz a construção desta pesquisa. Entendendo-se o lugar comum que é dado à sociedade do conhecimento, em que o aluno não precisa mais estar no espaço escola para ter acesso à informação. Porém, o uso da informação adquirida pelo aluno fora do espaço escola, precisa ser elaborado, organizado, sistematizado numa ação educativa.

Almeida, F. (2005) afirma que encontrar meios que dêem significado de uso às tecnologias é um benefício social e não apenas individual. No caso específico desta pesquisa, o recurso usado são as páginas que se construíram para disseminar comunicações científicas. Torna-se necessário entender as possibilidades de uso, de construção, de leitura e da própria disseminação para potencializar a significação futura de seus usuários na construção do conhecimento.

Desta forma, foi fundamental pesquisar o que eram publicações científicas desde a sua história inicial, o uso da leitura digital, verificar as revistas em educação que usassem as páginas da Internet, na busca de se desenvolver e implementar uma revista científica eletrônica de acesso aberto disseminada pelas páginas da Internet.

A criação de um ambiente virtual - com todas as suas potencialidades instituídas pelas diversas formas de comunicação existente na mídia digital

- poderá beneficiar o aluno e o professor, permitindo acesso à informação confiável e favorecendo a construção do conhecimento.

Outro benefício reside no fato de propiciar aos países em desenvolvimento a possibilidade de acesso às informações científicas para a construção de novos conhecimentos de modo a potencializar futuras gerações ao desenvolvimento social, intelectual e cultural.

Deste modo, justifica-se a realização da pesquisa atual e da produção de uma revista eletrônica científica no programa de Pós-graduação Educação: Currículo, sendo que a finalidade desta é trazer a descrição de como fora idealizada e implementada por alunos do doutorado de 2004 e professores do mesmo programa para a promoção social e da própria formação do educador.

1.5 Definição do problema

Como produzir um periódico científico eletrônico para o programa de pós-graduação Educação: Currículo, com a intenção de disponibilizar trabalhos inéditos e em acesso aberto (*open access*) para a comunidade acadêmica e sociedade que interfiram na qualidade social da formação do educador?

1.6 Delimitação do problema

Neste momento torna-se necessário mostrar os passos da pesquisadora em relação ao objeto de pesquisa, de maneira que se possam caracterizar as questões que motivam o seu percurso.

A Revista e-Curriculum germinou, como já foi anteriormente explicado, numa aula de doutorado de Epistemologia e Educação, quando alunos questionaram o professor o porquê do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo não ter uma página na Internet com as produções científicas dos alunos, ex-alunos e professores.

Dada a necessidade de conhecer as pesquisas realizadas no próprio programa por alunos e pelos professores, dado o fato de o programa ter um laboratório de informática, com um técnico em informática e estudante, dois estagiários, por ter uma linha de pesquisa - Novas Tecnologias em Educação - e, finalmente, pelo fato de os discentes não conhecerem o que ocorria em nível de pesquisa entre os participantes do programa, era necessário que se fizesse uma página de comunicação do programa na Internet.

Teve-se como resposta que:

algumas tentativas por parte de professores de viabilização de uma revista, na própria página do programa, foram feitas. Porém nenhuma das tentativas (...) foi realizada concretamente (...). (Professor Dr. Antonio Chizzotti, dialogo do professor em aula, em março de 2004).

Com a resposta dada, a doutoranda Heloísa Gomes, pronunciou-se levantando a possibilidade de se aproveitar o corpo discente, que tinha “intimidade” com as tecnologias, para poder desenvolver uma página adicionada à página do programa que contivesse trabalhos internos dos alunos, grupos de pesquisa e professores.

Desta forma, todos os alunos e professores poderiam disponibilizar suas pesquisas, mantendo-se assim um diálogo permanente daquilo que o programa produzia, visto que os discentes, muitas vezes, não tinham conhecimento nem mesmo da produção e pesquisa internas ao programa.

A resposta imediata do prof. Dr. Chizzotti fora que desde 2002 fazia-se o Encontro de Pesquisadores, justamente para se manter este diálogo interno do programa. Neste Encontro de Pesquisadores, egressos, grupos de pesquisa e discentes apresentavam seus trabalhos. O que propiciava trocas importantes de conhecimento, segundo o prof. Chizzotti, em março de 2004.

Tentou-se mostrar ao professor e coordenador do programa de pós-graduação, que somente este “Encontro” não era o suficiente. Dava-se a entender a insatisfação dos jovens pesquisadores de não possuir algo maior que possibilitasse visibilidade e importância do próprio programa.

Com base nesta discussão iniciada, o professor e coordenador do Programa Antonio Chizzotti disse à sala que estava aberto a realizações maiores, desde que fossem responsáveis na fundamentação, necessidade e comprovação daquilo que a sala solicitava.

Questionou, naquela aula, quais alunos colaborariam com um projeto de divulgação científica do programa de pós-graduação Educação: Currículo.

Inicialmente, 32 alunos, dos 40 matriculados na disciplina, aceitaram compor um grupo para produzir um projeto e levá-lo ao Colegiado para apresentação. Na semana em que circulou a lista para assinarem e informarem dados pessoais para a composição do grupo, 23 alunos do Doutorado de 2004 manifestaram interesse em participar da equipe de realização do projeto da revista eletrônica, que se batizou, em votação *online*¹⁶ como e-Curriculum.

A partir de abril de 2004, iniciou-se a realização de um pré-projeto de revista eletrônica, que foi lido em encontro presencial e enviado a todos os alunos e os membros da revista, com a disponibilização de uma lista de discussão criada na plataforma Yahoogrupos, em 21 de maio de 2004. Nesta lista adicionaram-se os 23 alunos e 4 professores¹⁷.

A partir do ajuste do grupo de realização da revista, iniciaram-se as pesquisas a caminho de sua concretização e apresentação ao colegiado para aprovação final, feita em 24 de maio de 2004.

¹⁶ Como se descreverá no próximo capítulo, a pesquisadora criou duas listas de discussão, uma para os 40 alunos de doutorado e outra para aqueles que faziam parte da realização da revista e-Curriculum.

¹⁷ Toda a composição feita para a revista e-Curriculum será explicada no próximo capítulo que se insere a metodologia desta pesquisa.

Ao passo que se pensava na divulgação das produções internas ao programa, tomava-se consciência de que as publicações científicas são essenciais para a pesquisa.

O imperativo *Publish or Perish*¹⁸ levou o grupo formador da revista à questão: como produzir um periódico científico eletrônico para o programa?

Tomando-se por base a pesquisa realizada por dois elementos do Grupo Formador, observou-se que era possível a realização de um periódico científico na área de Educação voltado para formação de professores e currículo. Isso dada a falta de periódicos em educação *online*, no Brasil, e, tendo como pressuposto norteador a constatação de Schwartzman (1984), necessita-se publicar para existir e dar a oportunidade de leitura àqueles que mais precisam de nosso olhar: os professores, licenciandos e sociedade.

Para Schwartzman (1984, p. 25) "a pesquisa orientada para o ensino pode resultar, simplesmente, em boas aulas e na formação de bons profissionais". Esta afirmação unia-se à premissa do grupo formador.

Disto surgia a necessidade fundada em entender o que era uma publicação científica, quais características têm uma publicação científica, como desenvolver uma revista científica em meio digital, iniciavam-se assim os caminhos desta investigação.

Na busca de responder a questão maior, ou seja, como produzir uma revista eletrônica para o programa de Pós-graduação, baseando-se nos princípios e pressupostos norteadores, encaminharam-se os estudos e análises pelas questões a seguir, que se fizeram presentes nas discussões com o grupo formador.

- O que é publicação científica historicamente?

¹⁸ Em março de 2004 Mohamed Gad-el-Hak publicava na *phisjcs today*, no artigo "Publish or Perish--An Ailing Enterprise?", uma crítica contundente ao que ele chamava de "mantra" ao 'publique ou pereça', mostrando que medir impacto não é medir o número quantitativo de trabalhos publicados por um pesquisador, mas a quantidade de citações que o trabalho teve em dois anos de sua publicação. Denunciava a falta de ética, que alguns justificavam economicamente, do fato de publicar repetições com nomes e parágrafos diferentes em mais de uma revista, sem se mudar o conteúdo próprio do trabalho. Este "mantra" não pensado e discutido por pesquisadores dentro da própria academia geraria a falta de qualidade nas pesquisas. <http://www.physicstoday.org/vol-57/iss-3/p61.html>

- Quais mudanças ocorreram desde a prensa de Gutenberg até a construção das páginas *Web* de Tim Berners Lee?
- Como produzir uma revista acadêmica eletrônica?
- Que elementos são necessários para sua produção e manutenção?
- O que é qualidade em revistas acadêmicas eletrônicas?
- O que é acesso aberto (*open access*)?
- O que se sabe sobre leituras em meios digitais?
- Como um grupo de alunos do doutorado significa estas vivências na construção da revista?

Diante destas questões, a investigação foi realizada no programa de Pós-graduação Educação: Currículo, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em trabalho de campo de abril de 2004 a agosto de 2007.

1.7 Objetivos da pesquisa

Os objetivos desta pesquisa são:

1. descrever como se realizou a construção da revista e-Curriculum no Programa de Pós-graduação Educação: Currículo da PUC-SP;
2. analisar a história desde as revistas impressas até a evolução dos meios eletrônicos para a realização da revista e-Curriculum;
3. refletir as possibilidades da construção da revista na prática curricular.

Para tanto, desenvolveu-se uma proposta de trabalho em conjunto com alunos do doutorado de 2004.

No desvelar desta pesquisa, a investigação de campo buscou entender o processo histórico da publicação científica, a construção de um ambiente de recolha de dados eletrônicos, a construção metodológica de todo o estudo aqui apresentado e a publicação da revista e-Curriculum.

Em todos os momentos houve a participação direta ou indireta dos elementos do universo de pesquisa.

- Na fase de entender o processo histórico, na construção de um ambiente eletrônico e na publicação da revista, a pesquisa se motivou por questões plantadas pelos alunos e professores do Programa Educação: Currículo, na necessidade de levar respostas aos questionamentos feitos à pesquisadora, e na necessidade de realizar um produto a partir das pesquisas feitas.
- Na fase de construção metodológica contou-se com a colaboração dos sujeitos envolvidos nela.

Devido às dificuldades tecnológicas encontradas para a realização da revista eletrônica foi necessário envolver a participação do técnico responsável pelo Laboratório de Informática do programa Educação: Currículo, que se comprometeu e se tornou co-responsável pelo resultado do trabalho desenvolvido no dia-a-dia de fazer um periódico.

Desta forma, inicia-se este estudo, apresentando a construção metodológica de sua realização no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

Navegar é preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso".

*Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:*

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,

*ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha
desse fogo.*

Só quero torná-la de toda a humanidade;

ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.

*Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.*

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Fernando Pessoa, 1980.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O ciberespaço abre-se como um novo oceano a se conhecer, a se descobrir e explorar. Se dantes o poeta afirmava que a navegação era de precisão condicional; hoje os navegadores do ciberespaço não hão de dizer o mesmo e, talvez, o medo e receio se façam maior num dos mares nunca dantes navegados, como é o caso dos vastos oceanos, alguns ainda não denominados e dominados nas páginas de acesso à Internet.

Não há estrelas ao céu que guiem os novos navegadores, as bússolas ainda não se criaram com exata precisão. Não persistem lógicas de

navegabilidade que dêem rumos necessários ainda àqueles que singram o ciberespaço.

A topografia e as correntes deste oceano de *bits* de informações, ainda merecem cuidados. Mas nada se torna impossível quando munidos de eletricidade, computadores conectados à banda larga, sistematizadores do processo ou, até mesmo, ambiciosos exploradores de outros mares não o possam vencer: o ciberespaço.

2.1 A Construção metodológica: o método

As palavras de René Char (*apud* BARBIER, 2004, p. 119), “a cada desmoronamento das provas, o pesquisador responde com uma salva ao futuro”, traziam à pesquisadora a certeza de que o caminho de construção desta pesquisa deveria ser criteriosamente sistematizado, posto que observar e participar de uma pesquisa é trabalho de enfrentamento.

Córdoba (1998) em apresentação ao livro de René Barbier dizia que “estamos no mundo não apenas para conhecer o que é, mas, sobretudo, para fazer ser o que não é”(Idem, s.p.). Retomando os princípios de Cornelius Castodiadis, instigava o leitor a entender que o mundo não está acabado, está por fazer-se, e assim o diz: “por-ser”.

O encontrar as palavras dos autores acima, trouxe à pesquisadora a coerência de um caminho a se percorrer, e ao explorá-lo a certeza de que aprendemos com a prática.

2.2 Delineando o caminho metodológico da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa ou naturalista, caracterizada por ter um ambiente natural como fonte direta de coleta de dados. A pesquisadora teve contato direto e prolongado com o ambiente e a situação que se pesquisou, o que determinou a recolha de dados descritivos por meio

do contato direto realizado (LÜDKE; ANDRE, 1986; ANDRÉ, 1995; ANDRÉ, 2006).

2.3 O Caminho percorrido pela pesquisadora

A pesquisadora participou ao longo de três anos e quatro meses do ambiente e o universo de pesquisa, em trabalho intensivo de campo, tendo como percurso o espaço em cujos dados foram obtidos.

- Encontros realizados semanalmente, no percorrer de um ano e sete meses com o grupo formador.
- Viagem da pesquisadora ao Rio de Janeiro para investigar o Museu Nacional e a publicação da revista de Roquette-Pinto.
- Encontros com o grupo da BIREME¹⁹, responsável hoje pela indexação SciELO no Brasil.
- Explicação e acompanhamento de todo o processo de implementação e implantação do periódico eletrônico e-Curriculum com o técnico de informática, responsável pelo Laboratório de Informática do programa de pós-graduação Educação: Currículo.
- Entrevistas não diretivas, diálogos abertos e permanentes apontados em pauta de reuniões, diário itinerante da pesquisadora, registros da lista de discussão criada para os componentes da revista e-Curriculum no suporte eletrônico Yahoogrupos, além de fotos e gravações em vídeo feitas em diferentes momentos desta pesquisa.

A pesquisadora acumulou descrições pessoais, interações, fatos e formas de linguagem entre outros, que permitiram estruturar a realidade

¹⁹ A BIREME tem como objetivo, além daqueles que lhe são atribuídos através da resolução dos Corpos Diretivos da Organização Pan-Americana da Saúde (denominada OPAS), a promoção da cooperação técnica em informação científico-técnico em saúde, com os países e entre os países da América Latina e do Caribe (denominada REGIÃO), com o intuito de desenvolver os meios e as capacidades para proporcionar acesso equitativo à informação científico-técnico em saúde, relevante e atualizada e de forma rápida, eficiente e com custos adequados. Para maiores informações acerca da BIREME acessar o sítio: <http://www.bireme.br>.

estudada, em função da qual se pode analisar e interpretar a construção de uma revista eletrônica.

Adotou-se como método de procedimento o de ser sujeito observador e ativo presencial e virtual de um grupo formado por alunos da Pós-graduação, doutorandos em Educação, que pertenciam à mesma turma do ano de 2004.

Este procedimento ampliou a concepção definida por Lüdke e André (1986, p. 28-29), do observador total e participante presencial, para o observador total da ação participativa presencial e virtual (HINE, 2000).

Com a intenção de trazer questionamentos e atitudes realizadas na concepção das características da virtualidade, de forma síncrona (*Chats*) e assíncrona (lista de discussão e *e-mails* privados), sem o encontro físico-geográfico dos sujeitos, professores e alunos; propõe-se uma nova forma de olhar a pesquisa em modalidades que se assumem em ambientes virtuais e presenciais para a coleta de dados da pesquisadora.

Traz, na metodologia, o pensamento de Norbert Wiener, pai da cibernética, que em 1998 escreveu que "*el pensamiento de cada época se refleja en su técnica*" (p. 64). Para ele não seria nada estranho buscar novas formas e possibilidades técnicas de estudar um fenômeno, como o que se propõe nesta pesquisa. Para o autor, a mensagem postada em ambientes virtuais representa o DNA da cibersociedade e, nesta pesquisa, a mensagem escrita em ambiente virtual assume relevância.

A coleta de dados traz como instrumentos utilizados:

- identificação e caracterização do que são publicações científicas impressas;

- identificação e caracterização de publicações científicas em sistema digital-eletrônico;

- opção pela técnica de sujeito observador ativo presencial e virtual do fenômeno pesquisado, dando o conhecimento integral daquilo que se fazia;

- análise de documentos que se tornaram necessários para compreender e realizar a revista e-Curriculum;

- diálogos em *Chat* e *e-mails* com os sujeitos participantes da realização da revista;

- diálogos presenciais mantidos durante toda realização da revista e-Curriculum com o grupo formador, de março de 2004 a junho de 2006;

- descrições das ocorrências em processo de seus sujeitos *in loco*, já que as variáveis do comportamento dos colaboradores não foram controladas, justamente, para poder checar as dificuldades e a importância da realização de uma publicação acadêmica disponibilizada em páginas com acesso pela Internet.

Pelo fato de o problema ter nascido em um contexto preciso de um grupo, o papel da pesquisadora fora ajudar o coletivo a determinar todos os detalhes ligados ao problema; pela tomada de consciência dos sujeitos do problema numa ação coletiva. Portanto, entende-se que esta pesquisa assume a perspectiva da pesquisa-ação participante.

A pesquisa-ação tem como finalidade a mudança de atitudes, de práticas, de situações, de condições, de produtos, de discursos, partindo de um projeto alvo (BARBIER, 2004); com a tentativa de exprimir uma filosofia de vida, individual e coletiva, que se supõe melhor do que a que preside à ordem estabelecida.

Seguindo Barbier (2004), a pesquisa aqui relatada seguirá os sete aspectos de uma pesquisa participativa, sendo assim, caracterizar-se-á como pesquisa-ação de orientação política e integral (idem, *ibid*, p. 60-61-78-79).

1) O problema nasce na comunidade que o define, o analisa e o resolve.

O problema que a pesquisadora traz como questão maior, nasceu a partir do diálogo, em sala de aula, entre alunos e professores, portanto justifica-se no postulado em Barbier (2004).

2) A meta da pesquisa é a transformação da realidade social e a melhoria de vida das pessoas nela envolvidas. Os beneficiários iniciais da pesquisa são, portanto, os próprios membros da comunidade educacional em questão.

Descrever-se-á a necessidade de se divulgar, realizar, disseminar trabalhos de pesquisa em uma revista que pertencesse ao próprio programa. A observação do que se produziu para se concretizar uma revista eletrônica é o que se trará nesta investigação.

3) A pesquisa participativa exige a presença ativa, plena e total da comunidade ou grupo durante o seu processo.

Até a realização da revista e-Curriculum e sua primeira publicação houve sempre a disposição de participação plena do grupo formador quanto da comunidade acadêmica constituinte do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo da PUC-SP.

4) Em Barbier (2004) tem-se que a pesquisa participativa envolve todo um leque de grupos de pessoas que não possuem o poder: explorados, pobres, oprimidos, marginais. Nesta pesquisa entende-se que os envolvidos nela indiretamente “não possuem o poder”, posto que hierarquicamente são alunos a desenvolverem uma revista, mesmo com o apoio de alguns dos docentes.

5) O procedimento da pesquisa participativa pode suscitar nos participantes uma melhor conscientização de seus próprios recursos e mobilizá-los de maneira a prepará-los para um desenvolvimento endógeno.

Observar-se-á, no percorrer deste trabalho, que a evolução da consciência tanto da pesquisadora, quanto daqueles que dela fizeram parte, foi transformadora da vida acadêmica dos pós-graduandos.

6) Trata-se de um método de pesquisa científico, já que a participação da comunidade facilita uma análise precisa e autêntica da realidade social.

7) A pesquisadora é aqui uma participante engajada. Enquanto formadora do grupo de alunos, ela aprende durante a pesquisa. A estes se somam dois outros aspectos que determinam, assim, a pesquisa:

8) O objeto final da pesquisa-ação está na mudança de atitude do sujeito (indivíduo ou grupo) em relação à realidade que se impõe.

Neste sentido, produziu-se uma revista científica eletrônica que acabou por mudar a visão endógena do grupo formador. Quando apenas se

pensava nas produções internas do programa, ampliou-se o olhar por meio de diálogos promovidos entre o grupo.

Entendeu-se que algo maior como a publicação de uma revista eletrônica poderia servir a toda a comunidade Educacional que dela fizesse uso, ampliando-se, portanto, a perspectiva endógena de apenas publicar trabalhos internos ao programa.

9) O contrato para pesquisa realizou-se por meio de diálogo. Visto que o diálogo liberta, disto o pesquisador profissional torna-se ele mesmo ator. Como a pesquisadora fora eleita pelos participantes como mediadora do processo de construção por meio de diálogo, houve um contrato entre o grupo, entre os docentes e a pesquisadora de forma que se registra neste estudo toda realização.

Nas ciências humanas, o que se chamaria de objeto de estudo é o homem que se expressa e tem voz. O ato de pesquisar não mais se limita ao contemplar, mas expande no agir como sujeito, posto que ambos têm voz, estabelecendo, assim, um diálogo. Como lembra Chizzotti (1998, p.7), “o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta fenômenos, atribuindo-lhes um significado”.

Portanto, entende-se que a pesquisa extrai-se da ação, orientando-se à solução de um problema para chegar a lições práticas. Nas palavras de Morin (1992, p.45), “Não se negocia a verdade, mas sim o ponto de aprofundamento de nossos conhecimentos práticos” que se constroem em diálogos.

O ponto de aprofundamento do conhecimento prático, dito por Morin (1992, p. 45), e o entendimento do diálogo (FREIRE, 1977, p. 77) atingiam a pesquisa. Revelava que entender uma publicação científica exigia além dos dados analisados, além da busca nos fatos históricos relativos à produção e divulgação do conhecimento, um passo a mais na pesquisa, e que não perdesse em nenhum momento a perspectiva científica deste trabalho.

Tal fato demonstra-se na coleta de dados quando se une à pesquisa a ação. A pesquisadora encontrou apóio metodológico em um "relato-depoimento", solicitado aos cinco membros do grupo formador da revista. Buscou-se uma verdade não negociada, mas dados comprobatórios daquele trabalho desenvolvido no percurso curricular do grupo formador. Como se descreve nos próximos subtópicos, quando se explica o processo de ação da pesquisa e no Capítulo 6, quando se traz a experiência de construção pelo grupo formador.

Cabe salientar que esta pesquisa não tem pretensão de oferecer um modelo para os pesquisadores desejosos de viabilizar publicações eletrônicas em seus programas de pesquisa. Cada programa e cada Instituição de Ensino e Pesquisa têm seu contexto, particularidades e especificidades diferentes que devem ser sempre respeitadas.

Buscou-se desvelar o "como fazer". O como se significa na prática educacional de um grupo de alunos que procuraram disseminar a ciência por meio do uso do computador com acesso à Internet.

Descrevem-se os passos desenvolvidos na construção da revista e-Curriculum, com a intenção de que outras pessoas possam, futuramente, perceber os diferentes momentos pelos quais se passaram no processo de aprendizagem deste novo saber.

2.3.1 Coleta de dados ou processo de ação da pesquisadora

Encontrando respaldo em Barbier (2004, p. 132-133-134), na orientação da concepção do conhecer, conceberam-se como instrumentos de coletas dos dados utilizados.

A) Criação, desde 2004, de um diário de itinerância²⁰, no qual, encontram-se os apontamentos do grupo formador da revista e-Curriculum,

²⁰ O diário de itinerância foi feito em cadernos, durante toda a pesquisa fizeram-se três. Neles iniciava-se com a data, hora, e as anotações daquilo que se fazia em grupo, nas reuniões presenciais, as cópias das atas feitas, as pautas de reunião, os sentimentos, enfim tudo que era feito anotava-se nestes cadernos.

as pautas e atas dos encontros presenciais realizados para a concepção e formatação da revista.

No percorrer desta pesquisa, manteve-se um diário de itinerância que foi compartilhado com o grupo formador. Nele ocorreu a transcrição das dúvidas surgidas pelo grupo, das dúvidas da pesquisadora e a re-escritura constante de todo o processo e diálogos dos encontros presenciais, assim como dos diálogos estabelecidos virtualmente (*chats e e-mails*).

Este diário foi sistematicamente se construindo. Iniciou-se nas primeiras aulas de Epistemologia, desde o dia 17 de março de 2004, em que se discutiu a possibilidade de inserir na página do programa um *link* com os trabalhos internos do mesmo. Portanto, acredita-se que toda a construção do pensamento que se conduziu para se obterem os dados necessários para esta pesquisa foram sistematizados desde o início da realização da revista e-Curriculum.

Os sujeitos participantes da realização da revista e-Curriculum serão nomeados ora por sua designação completa ora pelas iniciais dos nomes dos membros.

B) Criação de uma lista de discussão na interface do *Yahoo* (<http://br.groups.yahoo.com/group/revistapucsp/>). Em 21 de maio de 2004, criou-se uma lista de participação inicialmente com 23 alunos e 4 professores do programa de pós-graduação Educação: Currículo.

A lista sempre foi restrita aos participantes e a comunicação assíncrona, de um para todos os integrantes, fez-se pelo endereço eletrônico revistapucsp@yahoogrupos.com.br. Foram trocadas 1.274 mensagens do período de 21 de maio de 2004 a 22 de agosto de 2007.

Registrou-se, o que cada participante sentiu, pensou, meditou, poetizou, reteve como teoria, conversas paralelas e o que se construiu nesta lista para dar sentido à existência da revista e-Curriculum.

A pesquisadora, mesmo não apresentando todos os dados, sentimentos, contradições existentes durante os 15 meses, expõe tensões

que ocorreram e que foram necessárias para a própria construção da identidade do grupo formador da revista.

A análise de documentos e pessoas²¹ que pudessem explicar ou auxiliar a realização do projeto-alvo emergiu da pesquisa-ação, quando se elege um pesquisador para a solução.

2.4 Traçando o mapa metodológico

Lembrando Fernando Pessoa, poder-se-ia afirmar que pesquisar é preciso e, com tal lógica, traçou-se o processo de investigação. A primeira etapa fora realizar discussões teóricas em torno de publicações científicas, longos diálogos e encontros com pesquisadores experientes no ramo de divulgação científica, normas e disseminação da ciência.

Os discursos destes sujeitos foram de enorme valia, posto que mostraram que toda rota advém de um passado histórico a ser respeitado, mas que pode ser mudado sempre.

Livros, revistas científicas, interlocução com alguns pesquisadores da área, vídeos, entrevistas, *e-mails*, *chats* gravados, fotos, páginas da *Web*, viagens a museus foram outros recursos utilizados para a rota desta pesquisadora.

A questão central deste trabalho de pesquisa era saber: “como produzir um periódico científico eletrônico para o programa de pós-graduação Educação: Currículo, com a intenção de disponibilizar trabalhos inéditos em acesso aberto (*open access*) para a comunidade acadêmica e sociedade que interfiram na qualidade social da formação do educador?” O que exigiu, inicialmente, o levantamento bibliográfico de teóricos que discutiam publicações científicas, independentes de serem impressas ou eletrônicas.

²¹ Refere-se às conversas com os componentes de BIREME, os diálogos com o grupo de jornalismo científico da ECA-USP, entre outros que auxiliaram no entendimento das necessidades das normas para a realização da Revista e-Curriculum.

Muito embora, as publicações científicas hoje assumam relevância nacional e internacional para a disseminação da ciência e reconhecimento da autoria intelectual dos pesquisadores, a discussão acadêmica sobre periódicos científicos eletrônicos na área da Educação ainda é recente, tanto no âmbito internacional, quanto no Nacional.

No Brasil, a pequena produção de trabalhos que articulam as publicações científicas eletrônicas em educação acabou por mobilizar o desejo da pesquisadora de pensar, ler, investigar e escrever sobre a temática.

Inicialmente, acessaram-se páginas da *Web* nacionais e internacionais sobre publicações científicas, teses em biblioteconomia. Buscou-se dialogar com pesquisadores de jornalismo científico de Minas Gerais, destaque o professor Mestre Jorge Meira²², da Faculdade de Jornalismo de Belo Horizonte – Minas Gerais; de São Paulo os *e-mails* trocados com o grupo de pesquisa da ECA-USP de jornalismo científico que indicou leituras e orientou sistematizações para esta pesquisa.

Como também a interação, por meio de *e-mails*, com o professor Dr. Simão Pedro Marinho Pinto (PUC-Minas) sobre publicações *online* em Educação e Tecnologias, levaram a pesquisadora em novos ambientes criados para revistas internacionais na área de Educação. Buscou-se também a mediação de autores que subsidiaram a construção metodológica desta pesquisa.

Pode-se afirmar que este processo se constituiu no momento mais difícil desta pesquisa. Foi necessário observar que se saía do nada para se estabelecer uma rota navegável num céu sem estrelas, para depois traçar o percurso e a rota que efetivariam alguma descoberta de novas terras em novos mares.

²² É importante salientar que todos os diálogos realizados com o prof. Ms. Jorge Meira foram feitos no metaverso *Second Life*, no espaço da Universidade de Aveiro, Portugal. A nova forma de se observar a leitura e o texto virtual, foram debates realizados algumas vezes com a presença do pesquisador, prof. Ms Coord. Responsável pelo Mestrado em Multimídias e Educação da mesma Universidade de Aveiro, Carlos Silva (avatar Carlos Luka), que gentilmente gravava os diálogos e os enviava para o *e-mail* da pesquisadora (avatar Debby Gregg).

Partiu-se da intenção da pesquisa qualitativa que tem como característica o ambiente natural como coleta de dados e o pesquisador como instrumento chave (CHIZZOTTI, 1998). Portanto, além dos encontros presenciais, consideraram-se também como ambiente natural desta pesquisa as possibilidades de comunicação e interação mediadas por computadores conectados à rede mundial.

Por este motivo, os dados coletados, em sua maioria, são em essência descritivos, em que o processo assume total relevância, tendo como análise o “significado” que emerge a partir da construção da revista e-Curriculum e o envolvimento dos sujeitos naquela construção (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50).

Esta pesquisa realizou-se no ambiente em que os sujeitos viviam e não em situações simuladas. A pesquisadora participou de todas as etapas do processo: a vivência da sala de aula, as idas aos restaurantes em que o grupo se reunia, semanalmente, para trocar idéias e conhecimento individual maior de cada participante; as idas ao laboratório de informática do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo, a sala de professores, os corredores da universidade, as lista de discussão, os *chat* individuais e coletivos, as trocas de *e-mails* individuais e todo o lócus que fosse necessário para se acompanhar e participar da interação dos sujeitos participantes.

Os dados colhidos foram transcritos no diário itinerante da pesquisadora, registrados manualmente, lidos e transcritos, na maioria das vezes, ao grupo que participou pela lista de discussão criada para os componentes da revista (revistapucsp@yahoo.com.br).

Algumas participações foram filmadas e utilizadas para verificação e constatação dos apontamentos desta pesquisa, além de que se encontram todas nos arquivos históricos da revista e-Curriculum, na secretaria do Programa Educação: Currículo.

Verificou-se o CD-ROM com o material de construção da revista, com os Logotipos, cores, *layout* das páginas originais, doado pelo aluno-

pesquisador Nilbo R. Nogueira, como também fotos com o objetivo de registrar as ocorrências do grupo na construção da revista.

A análise dos dados foi feita ao longo do trabalho de campo, ao se considerarem os fatos e suas ressignificações conforme novas questões, dúvidas e soluções aos problemas encontrados surgiam ao grupo, e aqui se trazem.

Finalmente, a construção metodológica desta pesquisa traz a constituição de uma narrativa curricular de um grupo de alunos e professores que, mesmo convivendo num currículo prescritivo, consegue – enquanto grupo - encontrar a identidade e a autonomia para transformar aquilo que vive e inserir-se num processo histórico.

Neste sentido, a pesquisadora tomou como apoio a idéia de ao estar-se “frente ao novo, devemos imergir, distanciar-se e apropriar-se” (BABIN; KOULOUMJIAN, 1989, p. 30). O que deu a garantia da pesquisadora, em seus passos metodológicos, de participar de toda a ação num contrato verbal entre todos os envolvidos. Certificá-lo, no registro integral na lista de discussão do mesmo grupo, de modo que não houvesse dúvidas quanto à pesquisa ação participativa que se fazia (CHIZZOTTI, 1998).

Aos cinco sujeitos que atuaram diretamente no processo da construção da revista e-Curriculum, além de uma convivência maior pela necessidade de conhecer, ver, escutar e distanciar-se; destinou-se um *e-mail* privado em que registrassem um diálogo escrito acerca das experiências que haviam vivenciado durante a realização da revista (BOGDAN; BIBKLEN, 1994, p. 52).

A solicitação do *e-mail* visou a organização do tema que se pesquisava. Tinha a intenção de incentivar os sujeitos-autores escreverem com liberdade sobre os desdobramentos que envolvem o próprio tema, afirmando assim tanto Macedo (2000, p. 165); quanto Alves (2004, p. 113), na riqueza e pertinência deste recurso metodológico para compreender os sentidos e significados da realidade vivida pelos sujeitos pesquisados.

Os *e-mails* trocados com os cinco sujeitos tiveram como objetivo as informações sobre os seguintes pontos:

1. identificação do sujeito;
2. nível de interação com o meio digital, o conhecimento e uso de publicações eletrônicas em Educação ou área específica de sua formação;
3. possibilidades de aprendizagem com a construção da revista eletrônica, em específico abordando a construção curricular que encontraram em todas as atividades da construção da revista de abril de 2004 a abril de 2006.

2.5 A carta de navegação

As questões que se apresentaram aos cinco sujeitos surgiram a partir das leituras insistentes do diário itinerante e das mensagens trocadas da lista de discussão do *Yahoogrupos*. Além dos diálogos feitos com o professor Dr. Antonio Chizzotti, eleito pelo grupo como o editor da revista, com o orientador da pesquisadora, e coordenador editorial da revista professor Dr. Fernando José de Almeida e com a professora Doutora Maria Elizabeth B. de Almeida, corpo científico da revista *e-Curriculum*²³.

A intenção de ter uma rota a ser seguida era pela necessidade de segurança da própria pesquisadora, que tinha como desafio descrever o que um grupo, ao qual pertencia, havia feito nos ambientes educativos de um programa, além de descrever conjuntamente a concepção da mesma revista.

Disto surgiu que a primeira questão plantada pela professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida: “qual o sentido?” Essa pergunta havia calado fundo nos nortes da pesquisadora, fazendo com que se tentasse descobrir como cada participante sentira ou dava sentido a mesma questão.

²³ Na construção desta narrativa curricular é relevante informar que os professores Fernando J. de Almeida e Mara Elizabeth B. de Almeida não eram responsáveis pelos créditos obrigatórios e, portanto, não participaram na construção em aula como fora com o professor Antonio Chizzotti. Porém, tornaram-se fundamentais na construção da revista desde o momento que foram solicitados para auxiliarem. A eles deve-se também esta narrativa curricular e o encontro da identidade do grupo.

Lógico está que haveria de se trazer uma rota para que todos os cinco sujeitos pudessem escrever livremente sobre o mesmo tema específico. Ao se enviar o *e-mail*, solicitou-se que escrevessem sobre:

1. Por que construir uma revista científica era e é importante para você e para o nosso programa de pós? Qual o sentido desta revista eletrônica?
2. Quais foram as maiores dificuldades e facilidades que você encontrou neste percurso até a constituição da revista eletrônica?
3. Vocês fizeram parte do grupo de normalização dos artigos e trabalhos enviados, podem falar sobre esta etapa, ou seja, sobre os artigos, sem pensar em conteúdo, se apresentavam problemas, não apresentavam problemas, se fazer as correções normalizadoras auxiliou a pensar melhor nos seus trabalhos, etc. além do fato de tudo ser feito praticamente por meios eletrônicos nesta fase... Discorram aquilo que desejarem.

Ao técnico de informática do laboratório eliminou-se a 3ª questão da rota e substituiu-se pela realização técnica. Fato importante destacar, pois da realização técnica apenas participaram o técnico do laboratório, a pesquisadora e o professor Dr. Antonio Chizzotti.

É importante destacar, concordando-se com Couto (2000, p. 259), que as intervenções criadas com os sujeitos participantes devem em uma pesquisa qualitativa “revelar as múltiplas ‘vozes’ que compõem posicionamentos e perspectivas variadas sobre o tema estudado”.

Como afirma Alves (2004, p. 116), ao se revelarem as dimensões dos sujeitos envolvidos, revela-se também o pesquisador, que faz a mediação pelas interlocuções e inferências, e pode apontar a emergência da rede de relações “entre os discursos dos sujeitos”, delineando desta forma, “uma sintonia no olhar, no pensar e no sentir” dos alunos-pesquisadores que atuaram na construção da revista.

Histórias singulares que a partir de um processo comunitário, em alguns momentos, apontaram o caminho que se percorreria nesta rota que se navegou.

A linha que se buscou navegar foi no sentido de não se preocupar com apresentar resultados, como bem determina Couto (2000), deve-se estar atento aos novos paradigmas, em que novos critérios de validade de pesquisa se modificam e determinam um novo caminho.

Desta forma:

[...] a preocupação não deve ser a de apresentar resultados, as tradicionais conclusões redondas, mas fazer inferências, apontar novas inquietações, abrir espaços para outras discussões e possíveis pesquisas. É preciso dar versatilidade e capacidade de adaptação a essa constituição das idéias e saberes que não se completam e, por isso mesmo, sempre estão a nos motivar. É na força dessa dinâmica que a pesquisa deve encontrar a sua validade (COUTO, 2000, p. 261).

Não se buscou entrevistar os sujeitos, mas construir a pesquisa a partir das questões que surgiam, tanto nos encontros presenciais quanto nos virtuais, que eram registrados e divulgados aos participantes atuantes ou não. Encontrou-se como opção a troca de *e-mail* individual e privado com os cinco sujeitos, pois se solicitou uma carta em que pudessem registrar suas ansiedades e “dizer” aquilo que talvez tivessem receio de expor publicamente, partindo do roteiro já exposto.

Uma carta, como Lima (2006, p. 139) lembra, pode trazer “naquele contexto, um clima de confiança e intimidade, que os preserva de julgamentos perante a sala”. No caso específico dos cinco sujeitos ativos que participaram da realização da revista, o escrever, garantindo-se a ética de uma pesquisa, permitiu à investigadora ler a palavra sem interferências outras, buscando a essência do investigado.

A pesquisadora sentia a possibilidade de ter na carta escrita uma fonte fiável, visto que uma revista científica, seja ela eletrônica, seja ela impressa, tem de mais importante a palavra escrita, também.

A leitura de Lima (2006) trazia a certeza de que se estava no caminho certo da rota, posto que “é devolvendo o direito à palavra - em nosso caso, a palavra escrita - ‘que talvez possamos um dia ler a história contida, e não contada, da grande maioria que ocupa os bancos da escola” (Idem, *ibid*, p.139).

Como os cinco sujeitos tinham acesso à tecnologia utilizada, computador com caixa de correio eletrônico e sistema de comunicação síncrona, no caso todos usaram MSN, era possível dar a palavra e ler a palavra dos sujeitos. Com o técnico de informática usou-se o sistema *Skype* e *voice*.

O que remeteu a pesquisadora a Vygotsky (1989), quando delimita o fato da linguagem estabelecer mediações entre os sujeitos e o conhecimento, ante a situação na qual o conhecimento foi produzido, e as formas com as quais colocará em prática este conhecimento produzido.

Em Vygotsky (*idem*), tem-se que é pela linguagem que se cria a consciência de si mesmo, enquanto sujeito que praticará ou pratica uma ação a partir de um conhecimento mediado.

Este fato reforçou o uso do *e-mail* como carta, na possibilidade de entender as ocorrências individuais de todo o processo de formação da revista e-Curriculum, alicerçado ao embasamento de Lima (2006, p.140) que afirma que a função da carta, neste caso o *e-mail*, serve para o pesquisador como uma fonte para “esclarecer conceitos, rever conteúdos, promover esclarecimentos, em suma, fazer a interlocução [...]” entre os realizadores, ou sujeitos de uma ação.

O processo de análise do material colhido foi verificado com o diário itinerante da pesquisadora que continha as “falas” dos sujeitos participantes, com os *e-mails* (carta) recebidos dos sujeitos ativos da revista, a lista de discussão da revista, com as filmagens realizadas para a revista, com o CD-ROM com todo o percurso técnico da revista²⁴. Permitiu,

²⁴ As filmagens e o CD-ROM com todos os percursos técnicos da revista foram realizados pelo aluno pesquisador Nilbo Nogueira do programa de pós Educação: Currículo, doados à pesquisadora que posterior

desta forma, considerar-se além da dialética existente nos diferentes tipos de registro, ou seja, escrito, imagético, digital e oral, possibilitar os percursos desta pesquisa na busca de soluções para a realização de uma revista científica eletrônica no Programa de Pós-graduação Educação: Currículo.

A classificação e a organização dos dados, tomados enquanto pertinência ao tema, relevância para o processo de realização da revista, delimitaram as categorias emergentes: publicações científicas impressas; publicações científicas eletrônicas em Educação e o fazer currículo.

Nesta pesquisa foram selecionados fragmentos das vozes dos sujeitos, que mantêm relação com o objeto de pesquisa, relacionados com as categorias citadas acima que serão tratados no Capítulo 6.

Foi também necessário conhecer com maior profundidade outras revistas digitais. Neste sentido, o sujeito-autor Martha Maria Prata-Linhares, que fazia parte de uma revista em Arte e Educação, auxiliou com documentos, prontamente disponibilizados pela editora da Revista Art& Digital²⁵.

O contato como assinante do *Innovate - Journal Innovate online Education*, a partir de junho de 2004, motivaram a análise da realização de um periódico eletrônico, mostrando as possibilidades de aproveitamento dos recursos de interação, trazendo assim as buscas da pesquisadora tanto no que tange ao marco teórico de construção de uma revista digital, como o reconhecer a partir da comparação daquilo que não se fez na revista e-Curriculum, no tocante às possibilidades do uso da *Web*, na questão da distribuição da informação ao usuário (Capítulo 5).

Em outubro de 2004, para entender a história da publicação científica e o que já se havia feito no Brasil, a pesquisadora viajou ao Rio de Janeiro,

uso para esta investigação encaminhou ao arquivo histórico da revista, que se encontra na secretaria do mesmo programa para que possa ser usado por outros pesquisadores.

²⁵ Este fato e contato mais íntimo com a revista que tratava de Arte e Educação acabou por fazer a investigadora aceitar o convite de participar como Editora de Relações Acadêmicas na Revista Art& Digital, em 2005 até a presente data. Pode-se, assim, conviver com uma revista totalmente digital, com experiência de realização, o que trouxe alguma luz na realização da revista e-Curriculum, também.

com destino ao Museu Nacional, conhecendo de perto a história da Revista Nacional de Educação e o uso das mídias na época de Roquette-Pinto (Capítulo 3).

A partir do diálogo realizado com a professora Doutora Maria Elizabeth B. de Almeida e os demais participantes da revista, firmaram, em maio de 2005, que a pesquisadora assumiria a Coordenação Editorial Discente da Revista. Determinando, assim, a responsabilidade pela compilação e sistematização dos dados, dos diálogos, soluções de problemas, como também a mediadora entre o *webmaster* (técnico) e o grupo formador. Trouxe a oportunidade e a posição de pesquisadora observadora ativa de estar atenta às vozes, aos olhares e aos desejos diferentes que coabitavam no espaço acadêmico.

A postura da pesquisadora no processo foi de estar aberta para:

Ver, escutar, deixar mobilizar-se por processos pessoais que possam emergir nessas circunstâncias e que estão, assumidamente, relacionadas aos movimentos esboçados no esforço da investigação. O desafio é deixar-se levar, atentamente, pelo rumo dos acontecimentos e, nesse fluxo, construir territórios de sentidos. O pesquisador é um eterno viajante que está sempre conectado e conectando vários mundos culturais. Ao sair de casa e adentrar outras esferas da vida social, ele investe energia e a recebe na mesma proporção. Ele se modifica e modifica o mundo (DIÓGENES, 1998, p. 18).

Nestes 15 meses, houve momentos de calma, houve momentos de tempestades que se suportaram pelas forças da vela tecida com fios novos. Houve momentos em que se venceu a força do mar com vários braços, para que se pudesse traçar a rota para um novo mundo que ainda deverá ser explorado por muitos outros pesquisadores.

Por isto, neste momento faz-se necessário conhecer a tripulação que esteve a bordo nesta descoberta.

2.6 Os sujeitos construtores: a tripulação

A presente pesquisa não tem pesquisandos, mas co-autores, autores e sujeitos de um processo de investigação. São partes integrantes do fato social pesquisado. O que permitiu que durante o processo produzissem conhecimento, metodologias e suas próprias lógicas de mundo.

Isto levou à pesquisadora a auxiliar a sistematização e a reflexão coletiva do grupo neste processo. A pesquisadora provocava o grupo, observando assim as reações e atitudes, coordenando-o de maneira a alcançar o objetivo traçado, que era publicar uma revista científica em dezembro de 2005, totalmente aberta e disponível nas páginas *Web*.

2.6.1 A formação do grupo: seleção da tripulação

O grupo se formou com o diálogo entre 40 alunos da turma de 2004 do Doutorado de Educação: Currículo da PUC-SP. Assumiram participar da realização da revista 19 alunos do doutorado, posteriormente, em agosto de 2004, ingressaram três alunos do mestrado.

Dos 19 alunos participantes, que foram inseridos na lista de discussão criada no *Yahoogrupos*, como se pode constatar no endereço <http://br.groups.yahoo.com/group/revistapucsp/>²⁷, permaneceram no grupo, recebendo os *e-mails* trocados, dez alunos do doutorado. Um dos alunos de mestrado abandonou a realização da revista sem maiores explicações ao grupo e à pesquisadora, assim que iniciou o doutorado no mesmo programa.

²⁷ A Lista criada e hospedada no sistema de grupos de discussão do *Yahoo* foi fundada em 21 de maio de 2004 e existe até a presente data. Com o falecimento de um dos componentes do grupo, tomou-se a iniciativa de se passar a mais de um membro do grupo da lista a sua administração, de modo a garantir que a lista pudesse sempre estar aberta a outros pesquisadores que desejassem investigar o trabalho realizado pelo grupo da revista e-Curriculum.

Iniciaram o grupo, e foram inscritos na lista de discussão do *Yahoogrupos*, juntamente com os alunos, quatro professores do programa. Constando professor Dr. Antonio Chizzotti (editor da revista), professor Dr. Fernando José de Almeida (Conselho Editorial), professor Dr. Marcos Masetto (solicitou afastamento oficial do grupo em junho de 2004, desvinculado-se da criação da revista e retirando-se da lista em 2005) e a professora Dr. Maria Elizabeth B. de Almeida (Conselho Científico).

Em agosto de 2004, procurou-se o apoio de outros professores do programa, para que o projeto da revista fosse aprovado pelo colegiado. Sendo assim, os alunos do doutorado ficaram encarregados de levar aos seus orientadores o projeto da revista feito pelo grupo.

Cinco professores-orientadores do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo aceitaram colaborar e apoiar o processo, constando para o Conselho Científico: professora Dr. Ana Maria Saul, professor Dr. Alípio Casali, professora. Dr. Ivani Fazenda; professora Dra. Marina G. Feldmann e a professora Dra. Branca Jurema Ponce. Além do *webmaster*, Felipe Casaburi Ferreira e da secretária, Rita de Cássia Dias Miyagui que também foram adicionados à lista de discussão.

A totalização do grupo seria de 33 participantes e integrantes de realização da revista. Com o passar dos meses, alguns participantes desistiram da idéia da revista, excluindo-se voluntariamente da lista, assim como dos encontros semanais que se realizavam.

Desta forma, pode-se constatar na base de dados que apenas restaram no grupo formador desde outubro de 2005, 18 sujeitos, sendo nove alunos do doutorado, dois eram do mestrado, seis professores, o *webmaster* e a secretária do programa.

A lista de discussão foi usada pelos 18 sujeitos, ora com questionamentos relativos à revista, ora com conversas que não estavam diretamente relacionadas à revista, mas que marcaram o carinho, a identidade de um grupo que se constituía com voz, sentimentos, afeição necessários para a realização e cumplicidade para o processo.

Observa-se, no histórico da base de dados, que na lista de discussão foram trocadas 1.285 mensagens até 2 de novembro de 2007, subdivididas por mês e ano, tem-se que a atividade de diálogo entre grupo era efetiva pelo número de mensagens gravadas no sistema:

Quadro 1 - Histórico de mensagens

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2007			18	3				2	1	10		
2006	11	1		26	6	13	1	13		4		2
2005	7		116	103	45	37	51	17	20	27	22	9
2004					73	180	2	206	105	85	18	51

Fonte: Lista de discussão acessível em:

<http://br.groups.yahoo.com/group/revistapucsp/>

O grupo da revista realizava seus encontros presenciais às terças-feiras à tarde, e na última quarta-feira de cada mês, marcava um almoço. Escolheu-se a quarta-feira pelo fato de todos os alunos participantes cursarem as disciplinas obrigatórias do programa de Doutorado. Nestes almoços todos os alunos e professores eram convidados, independente de fazerem parte do grupo formador. Constituía-se em uma reunião aberta em que se discutiam os assuntos da revista, assim como se conhecia melhor os colegas de classe (ANEXO B).

2.7 Os timoneiros

É importante salientar a escolha das expressões “timoneiros” e carta de navegação. Em 2005, em aula, o prof. Dr. Armado J. Valente, juntamente com o prof. Dr. Fernando José de Almeida e a profa. Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida, dizia aos jovens pesquisadores da importância crucial de “ao se traçar a cartografia das possibilidades virtuais em educação, não se pode esquecer da importância dos timoneiros, compreendidos como aqueles que tomarão os rumos dos novos mares [...]”. Das palavras em aula do prof. Dr. Armando J. Valente, ressoaram as metáforas trazidas na concepção metodológica desta tese.

A realização desta revista científica fundamentou-se na observação e análise das categorias que cada um dos cinco participantes ativos entregou à pesquisadora. As categorias levantadas conduziram à realização dos capítulos, enfrentando as tempestades e calmarias dos mares desconhecidos que surgiam ante o olhar atento da pesquisadora.

2.8 Apresentação dos sujeitos navegantes

Os cinco sujeitos que nortearão os capítulos que se seguem nesta pesquisa dividem-se em quatro alunas do doutorado de Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o técnico do Laboratório de Pesquisa do Programa, funcionário da PUC-SP.

As quatro alunas de doutorado e a pesquisadora conheceram-se em 2004, quando ingressaram na mesma turma e participaram dos créditos obrigatórios do programa do doutorado da PUC-SP. Como todos têm a mesma importância, escolheu-se descrevê-los por ordem alfabética.

2.8.1 Eneila Almeida dos Santos

Esta timoneira, doravante chamada pela sigla EADS, traz em seu caminho a história da Amazônia. Por este motivo talvez, as cores, os sons, as fantasias, a história oral lhe sejam de total importância.

Jovem, casada, mãe de dois meninos, formada em Artes – Teatro e Pedagogia, Mestre pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Em todos os encontros com este sujeito de longos cabelos castanhos e olhos verdes, sempre surgia a oportunidade de ouvir de sua voz, com timbre forte, as palavras: “o professor precisa ser ouvido, ninguém olha para o que realmente é um professor”. Bolsista do CNPq é professora “concursada de colégio” do Estado de São Paulo, estando, porém, afastada para a pesquisa de doutorado.

Desde o primeiro momento em que se pensou fazer um trabalho ainda ingênuo no sentido de ter-se uma página, ou como todos denominavam um “*site*” do programa com as pesquisas e trabalhos acadêmicos realizados internamente como uma forma de socialização das atividades desenvolvidas, ela estava presente, opinando que não sabia nada “desses negócios de Internet”, mas que podiam contar com ela.

Eneila sempre surpreendeu com a habilidade demonstrada em meios digitais, para quem dizia não dominar tais ferramentas de comunicação. Seu marido sempre auxiliou imensamente nas gravações dos encontros da revista e-Curriculum.

EADS, em 2006, participou de bolsa sanduíche de doutorado na Universidade de Aveiro, em Portugal. Comunicava-se com a pesquisadora toda a semana pelo *MSN* e levava ao conhecimento dos colegas de lá, a divulgação da revista.

2.8.2 Felipe Casaburi Ferreira

Jovem, casado, funcionário da PUC-SP. Na época da realização da revista era estudante de graduação na própria PUC-SP e assumia diferentes tarefas no laboratório de informática do programa de pós-graduação Educação: Currículo.

Felipe, doravante chamado pela sigla FCF, sempre foi um jovem silencioso, porém muito sorridente. Pronto para qualquer realização ou solicitação da pesquisadora.

Durante um período, que se compreendeu de setembro de 2004 ao mês de abril de 2005, os participantes da revista, muitas vezes, pela própria ansiedade e cobrança de pessoas que não participavam da sua realização, acabavam sobrecarregando FCF. Sem observarem que ele, assim como o restante do grupo, era subordinado a ordens maiores e que a autonomia pertencia às discussões de realização, de pensamentos, mas não em relação ao sistema em que se encontravam.

O fato de ele ser funcionário do laboratório e os demais meros alunos de um programa gerou um pequeno desacordo do grupo com ele.

Este ocorrido, que foi levado ao conhecimento dos professores Dr. Antonio Chizzotti e da professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida, acabou por gerar o grande propulsor desta pesquisa, pois em abril de 2005, fez-se uma reunião em que todos os participantes foram convocados inicialmente, na última terça-feira do mês, na secretaria do programa, às 12h15min.

Apenas compareceram a professora referida, Felipe e a pesquisadora, aluna também do programa de doutorado. Nesta reunião, a professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida, determinou e nomeou as funções da revista entre os alunos e o técnico.

Felipe comentou suas dificuldades de entender o que “todos falavam”, não sabendo a quem obedecer e para quem fazer; “entre outros fatores”, que não esclareceu na reunião.

Como a implantação da revista se daria integralmente pela criação da página *Web*, haveria de se pensar naquilo que o programa tinha em *softwares* disponíveis e o que se poderia desenvolver dignamente em uma revista cujo trabalho seria sem verbas.

A pesquisadora observava e compreendia que para o técnico estava distante o entendimento do que era e o que se precisava para se disponibilizar uma revista científica.

Solicitou-se, na ocasião, poder explicar ao técnico - sempre que necessário o fosse - as informações sobre o que era uma revista *online* científica em todo o seu percurso.

Neste ponto, a professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida determinou que tudo que se referia, daquele dia em diante, a respeito da realização técnica da revista seria feito apenas pelo o FCF e pela pesquisadora.

Esta experiência que flui entre o técnico e a pesquisadora é trazida a esta pesquisa (Capítulo 6), pois colaborou integralmente na certeza dos caminhos gerados na construção dos capítulos aqui presentes.

2.8.3 Heloísa Gomes

Doravante denominada pela sigla HG, também jovem, moradora de Santo André, professora de faculdade e coordenadora de um colégio privado. Pedagoga, mestre e doutoranda em Educação: Currículo pela PUC-SP, demonstrava sua alegria sempre em uma vasta gargalhada ante os problemas.

Mãe e jovem avô, como se denominava, esteve presente nas reuniões do grupo, nos *chats*, além de ser representante da sala ante o colegiado até novembro de 2005. Poder-se-ia dizer que HG era muito diplomática e

contida na fala, enquanto representante de classe. Deve-se a ela também a brilhante apresentação do projeto da revista para a aprovação ao colegiado.

Nunca demonstrou dificuldades quanto ao uso do computador com acesso à Internet. Tinha facilidade de se comunicar *online* de forma assíncrona (listas e *e-mails* privados) e síncrona (*chats*). Demonstrava imensa vontade de fazer algo, que fosse o novo, nunca antes feito, para melhorar aquilo que já existia.

Costumava brincar com os colegas nos almoços e corredores, quando se tratava da realização da revista e as dificuldades ocorridas, que “a senzala se levanta e ninguém pode segurar”. É crítica eminente ao sistema acadêmico que, por alguns, ainda considera o aluno-pesquisador de doutorado um não sujeito instituído, devido ao fato de estar no caminho do rito da passagem de um mestre a um doutor, lembrando Demo (1999, 2002).

Normalmente, todos riam muito ao lado dela. Até dezembro de 2005, foi uma grande companheira da revista. Em março de 2006, soubesse oficialmente que havia trancado a matrícula do doutorado por motivos particulares, solicitando seu afastamento oficial da Revista e-Curriculum. Porém, colocou-se sempre em total disposição da pesquisadora e do grupo formador da revista.

2.8.4 Maria do Socorro da Costa Coelho

A Socorrinho, como gostava de ser chamada. Natural do Pará, exatamente de Belém. Assim como a EADS, a oralidade era uma de suas marcas registradas. Todo discurso era percorrido sempre de forma prolixa, inteligente e determinada.

Um olhar penetrante e sério marcava sua responsabilidade em todos os momentos. Esta autora-sujeito foi um dos elementos que muito aprendeu e colaborou no que se refere ao uso das Tecnologias com a realização da revista.

Quando iniciou o doutorado, a pesquisadora lembra-se que seu maior domínio estava no uso de *e-mail*. Com a necessidade de comunicação intensificada pela revista e como, juntamente com HG, era representante de sala, destinou-se um tempo de ambientação com o meio digital para que ela pudesse dialogar com o grupo via lista e *MSN*.

Mestre pela Universidade Metodista, professora de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, sempre trazia um olhar embasado nas necessidades profundas de educação de seu estado e instituição.

Participou ativamente dos momentos de concepção da revista e de sua continuidade. Mesmo em Portugal, em sua bolsa sanduíche de doutorado na Universidade do Minho, comunicava-se constantemente por *e-mail*, em busca de melhorias para a revista.

2.8.5 Marta Maria Prata-Linhares

Também doutoranda do programa, mestre em Educação: Currículo pela própria PUC-SP. Moradora de Uberaba, professora da UNIUBE, casada, mãe de duas jovens estudantes. Entendia e utilizava as tecnologias de informação e comunicação com grande habilidade.

Característica marcante era sua amizade, que se estampava em um sorriso repleto de otimismo em todos os momentos mais cruciais da execução da revista e que fortaleciam o grupo sempre, com a expressão “vai dar tudo certo”.

Desde o início da proposta da Revista e-Curriculum colocou-se ao lado da idéia, trabalhando em todos os sentidos para que a mesma desse certo. Participou da execução do projeto, da criação da lista do grupo, pesquisando, registrando em atas digitais os encontros os diálogos e resoluções do grupo formador para que todos os pontos estivessem claros a todos os alunos e professores.

No lançamento da revista não esteve presente, pois se encontrava no Canadá, em bolsa sanduíche de doutorado. Porém, mesmo à grande distância

geográfica, colocou-se em contato permanente por meio de *e-mails* e MSN no auxílio ao seu lançamento.

Doravante esta autora-sujeito será chamada de MMPL.

Abre-se o próximo capítulo, com a intenção de significar ao leitor deste estudo, a necessidade da pesquisadora de entender e responder aos sujeitos do que é uma publicação científica.

CAPÍTULO III

Para desvendar o obscuro pensamento de Hamlet muitos de nós adoraria saber qual volume em pergaminho o jovem príncipe lê no Ato II, Cena II [...], quando oferece uma resposta evasiva a Polônio, o mordomo, que faz a pergunta, “O que lê, meu senhor?”, obtendo a sarcástica resposta “Palavras, palavras, palavras”. É claro que o livro nunca poderá ser identificado, já que é a própria leitura que importa: a riqueza de informações que exige de todo indivíduo maduro o exercício diário da escolha racional, da análise e da compreensão.[...] A principal lição que fica com essa cena é que, de fato, há uma forma de transcender as palavras individuais, a cacofonia de dados. Transformando informações em conhecimento (a destilação fundamentada da experiência) é possível conhecer, compreender e enriquecer o futuro [...] alcançar a merecida maioria...e evitar o destino do jovem Hamlet.

FISCHER, 2006, p. 279.

3 FUNDAMENTOS PARA CONCEPÇÃO DA REVISTA e-CURRICULUM

Este capítulo fundamenta o que se entende por publicações científicas. Nos primeiros meses de diálogo com o grupo formador. A questão do que seria uma revista científica eletrônica em Educação fazia-se presente entre o grupo.

Neste sentido, tornou-se necessário à pesquisadora entender as origens das comunicações científicas, a forma como se divulgava a informação para se sustentar gerada pelo grupo para a realização da revista e-Curriculum.

3.1 Justificando a escolha da origem

O grupo formador instigou a pesquisadora a entender a necessidade de conhecer o que foi feito, em suas origens, para se produzir à atualidade.

O diálogo com a história foi o caminho que se escolheu para fundamentar uma revista eletrônica e entender as possibilidades atuais de uso das publicações científicas o dialogo com a história.

Parte-se da produção do século XIV até nossos dias, perpassando pela Universidade e seus problemas quanto à construção do conhecimento científico, em especial o sentido da informação que pode ser levado a todos a partir do acesso aberto em meios eletrônicos digitais.

Antes de escrever sobre periódicos científicos eletrônicos (PCE) e o que representam na cultura acadêmica, é conveniente retomar a história e o sentido de uma publicação científica.

Caracterizar-se-á, neste capítulo, uma publicação ou comunicação científica independente do meio ou suporte pelo qual é distribuído, para adentrar na compreensão dos periódicos científicos na Educação, especificamente na área da Educação em meios eletrônicos.

Esta necessidade de caracterizar um periódico científico advém da própria metodologia desenvolvida para esta pesquisa, quando se postulam a emergência das dúvidas dos sujeitos participantes e a reconstrução do conhecimento para desenvolver o argumento necessário para a realização da revista e-Curriculum.

3.2 Caracterização de publicação científica

A ciência, a partir do século XIV, teve seu início com a aceitação do “método científico” proposta por Francis Bacon e a criação das sociedades e academias científicas.

Tais associações e sociedades (SABATTINI, 1999), ou, como preferem alguns pesquisadores, Academias (MEADOWS, 1999; MUELLER, 1994; BIOJONE, 2003), são datadas de 1600 a 1630 – *Academia dei Lincei*, em Roma; em 1622 a *Royal Society*, em Londres; de 1651 a 1657 temos a *Acadêmica Del Cimento*, em Florença e, por fim, a academia que iniciou, informalmente, em 1666, na França, *Royale des Sciences*, posteriormente conhecida como *Academie des Sciences*.

A finalidade destas academias era reunir pessoas com o mesmo interesse, via de regra com patrocínio de universidades, para “facilitar a comunicação e a discussão dos novos conhecimentos de uma forma mais direta do que permitiam os livros” (SABATTINI, 1999, p. 40). A relevância histórica reside no fato de terem institucionalizado a comunicação científica.

Considera-se que o primeiro periódico oficial data de janeiro de 1665, em Paris, com o trabalho de Denis de Sallo, que compilava informações por meio de cartas trocadas por cientistas.

Deste trabalho resultou o *Journal des Sçavans*, que semanalmente publicava as notícias europeias da “República das Letras²⁸”, divulgava catálogos de livros, “necrológicos, notícias sobre novas descobertas nas ciências e nas artes, informações sobre química e física, sentenças dos tribunais seculares e eclesiásticos” (BARRADAS, 2005, p. 13). Iniciando-se, assim, uma nova ferramenta de informação.

Na literatura científica, encontra-se que o periódico do Reino Unido, editado em março de 1695, *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, tinha como secretário Henry Oldenburg, responsável pela manutenção, atualização e busca em outros países e sociedades de temas que se propunha. Fora o primeiro periódico considerado científico, por ter inaugurado o processo de avaliação dos trabalhos que divulgava. Tal processo é conhecido e feito até hoje pelos *peers reviews*. (FERREIRA; TARGINO, 2005).

A denominação *referee system* ou *peer review*, em inglês, tem em português o entendimento de arbitragem, ou seja, avaliação de originais enviados a um editor científico de uma revista que destinara, via de regra, a

²⁸ Em Burke (2003, p. 25-26-27) encontra-se referência ao termo “ ‘homens do saber’ (*docti, eruditi, savants, Gelehrten*), ou “homens de letras” (*Literati, hommes letres*). Neste contexto, *lettres* quer dizer cultura e não literatura[...]. Do séc. XV ao XVIII, os acadêmicos se referiam regularmente a si mesmos como cidadãos da ‘República das Letras’ (*Respublica litteraria*), afirmação que expressa a sensação de pertencerem a uma comunidade que transcendia as fronteiras nacionais. Tratava-se essencialmente de uma comunidade imaginária, mas que desenvolvia costumes próprios, como a troca de cartas, livros e visitas[...](p.26).

dois membros da comunidade pertencente ao Comitê Científico da revista para aceitação ou não do trabalho.

Em Stumpt (2005, p.107), tem-se a confirmação de que os avaliadores (*peers reviews*) assessoram o editor de uma publicação na aceitação de um manuscrito submetido à publicação, também conferem à publicação seriedade e mérito de cientificidade, já que estes avaliadores, são reconhecidos na comunidade científica por seu grau de conhecimento e respeito na área que avaliam.

A iniciativa francesa e a inglesa acabam por gerar em outros países a necessidade de criar revistas científicas. Os periódicos de caráter científicos surgem na metade do século XVII. Até o século XIX, podiam-se contar mais de 500 títulos de revistas científicas no mundo.

O crescimento de publicações, nos séculos passados, é fruto de diferentes motivos, desde econômicos, políticos até fruto da necessidade da abertura de comunicação entre a ciência e aqueles que pudessem usufruir dela, como se observa em Meadows:

[...] devido a várias razões, algumas específicas, como a obtenção de lucros por parte dos editores, outras gerais, como a crença de que para fazer novos descobrimentos era preciso que houvesse um debate coletivo. Mas o objetivo principal seria a necessidade de comunicação, do modo mais eficiente possível, e com uma clientela crescente interessada em novas realizações” (MEADOWS, 1999, p. 7).

Estes periódicos impressos surgem do esforço incalculável da busca pelas informações, que acabavam por gerar registros imensos. Isso levou a produzir um material impresso que se limitava a divulgar e distribuir as informações.

Meadows (1999, p. 9), deixa muito claro que a materialização das informações coletadas e passadas para os periódicos significou a formalização do processo de comunicação por meio de um registro que fosse “de forma durável e acessível” e servisse à transmissão do conhecimento adquirido.

Deve-se entender que, numa atitude semelhante ao do século XVII europeu, quando surge o termo "pesquisa" como sinônimo de "busca" (GOHN, 2006, p. 266), o processo de conhecimento deixa de ser mera contemplação e se compreende a curiosidade humana sobre a natureza por meios de sistematizações mais elaboradas, de modo que fosse útil e cooperativo.

Os cidadãos da "República das Letras", também chamados de homens do saber, já tinham consciência da necessidade de passar da curiosidade da busca à atitude investigativa de pesquisa, porém isso era feito distante do espaço acadêmico.

Os pesquisadores trabalhavam em espaços que se chamariam hoje de alternativos, já que desde a Idade Média, em parte do Renascimento²⁹, a maioria das universidades opunha-se à pesquisa científica, porque a finalidade maior da educação era entendida como a de transmitir um saber já existente.

É a partir do século XIX que o artigo científico passa a ter a estrutura tal qual a conhecemos. Foi fruto de revisões, organização sistematizada dos experimentos, metodologias e dos resultados de pesquisa.

Na década de 60, do século XX, que se observa um aumento mundial de pesquisadores e por consequência direta, o aumento de registro científico.

A década de 60 é o período da "explosão da informação e da especialização do conhecimento" (BIOJONE, 2003, p.21). Com isto as sociedades científicas também se constituem em número maior, proporcionando aumento de periódicos para agilizar o processo de informação especializada.

Mueller (2000), em sua análise histórica, comenta que a evolução do termo "Revista" ao "Periódico" é o reflexo da quantidade de informações

²⁹No Renascimento, Vittorino da Feltre, Erasmo de Roterdam, Joan Lluís Vives, Rabelais e Montaigne demonstram uma nova concepção da educação, contra os princípios da educação medieval. Montaigne e Vives trazem a preocupação reconhecida da importância da observação dos fatos e ação como meio de aprendizagem.

que se compilavam e estavam disponíveis às sociedades científicas. Está quantidade de informações levou a evolução do termo “Revista a *Journal*, de *Journal* a *Magazine*, e de *magazine* a *Periodical*”. Essa evolução veio acompanhada de problemas “que se agravavam com o desenvolvimento da tecnologia e se modificavam os meios de comunicação científica” (idem, 2000, p. 76).

A evolução dos periódicos trouxe também o entendimento do que significava umas comunicações científicas, que na sua complexidade, é descrita por Miranda (1996, p. 375) como:

o conjunto de atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma idéia para pesquisar, até que a informação acerca dos resultados seja aceita como constituinte do conhecimento científico (GARVEY, apud MIRANDA, 1996, p.375).

Em Maltrás Barba (1996), tem-se a concepção de comunicação científica como o resultado de um complexo sistema formado por um conjunto de elementos e registros que sustentam, regulam e perpetuam o processo pelo qual os pesquisadores tornam acessíveis de forma oficial, para o resto da comunidade científica, sua produção de conhecimento.

Para este processo complexo de uma comunicação científica existir para a sociedade, há um outro processo complexo, como Pohl (2003) aborda:

[...] a complexidade do sistema de publicação na ciência reside nos elementos heterogêneos que a constituem, assim desde o momento que um pesquisador apresenta para a publicação de um trabalho escrito que informa sobre os resultados que alcançou, entra em funcionamento um preciso mecanismo no qual intervêm diversos elementos, organizados ante um conjunto de regras estabelecidas. Este mecanismo inclui uma série de etapas de revisão por parte do comitê editorial da publicação, e quando finaliza o dito processo está determinado se o artigo conta com a qualidade, objetividade e rigorosidade científica necessária para que se alcance o estado público por meio das coleções de publicações

periódicas, as quais constituem o núcleo do sistema institucional oficial de comunicação da ciência. (POHL, 2003, p. 13, tradução da pesquisadora).

O autor aborda, dentre as passagens anteriores à publicação e divulgação de um trabalho científico, todo o processo de revisão, avaliação e discussão de um trabalho por pessoas conhecedoras e dignas de confiança numa sociedade científica, observando que o parecer ou arbitragem científica é tão antigo quanto os periódicos e um não vive sem o outro.

Toda revista científica ou acadêmica deve prezar por sua reputação, já que ter um artigo publicado em uma determinada revista, indica ser aceito por um grupo seleto de autores lidos e citados. Segundo Barradas (2004), 70% dos trabalhos publicados em periódicos jamais serão lidos ou citados.

Este fato é surpreendente, em particular se pensado em países pobres, nos quais estudantes carecem de informação relevante e, sobretudo, se pensado que uma revista científica com acesso aberto³⁰ disponibilizada na Internet pode ser lida, servir como fundamento teórico, levar informação em todos os cantões do país, ou como muito bem lembra Santaella (2004, p. 33) as páginas da Internet repletas de informações reportam ao sonho borgiano da Biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual que rompe fronteiras físicas, culturais, políticas e econômicas.

Uma comunicação científica caracteriza-se como o coração da ciência. Reflete, portanto, a legitimidade e credibilidade da produção científica. Nos anos de 1960, circulavam mais de 30 mil revistas científicas impressas pelo mundo e, publicavam-se, aproximadamente, mais de um milhão de artigos por ano (AMARAL, 1997).

Shelp (2004) e Fisher (2006) estimam que há mais de um milhão de revistas acadêmicas pelo mundo. Além da necessidade atual de pesquisa

³⁰ *Open Access* ou Acesso Aberto significa a disponibilização livre na Internet de literatura de caráter acadêmico ou científico (em particular dos artigos de revistas científicas com revisão pelos pares), permitindo a qualquer usuário ler, descarregar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar e referenciar o texto. A Declaração de Berlim, em 2004, é seguida por todos os países da Comunidade Comum Européia no *Open Access*: <http://oa.mpg.de/openaccess-berlin/berlindeclaration.html>
<http://www.swissinfo.org/eng/swissinfo.html?siteSect=511&sid=6445776&cKey=1139306438000%20>.

nesta área para contribuir com qualidade para a sociedade (Le COADIC, 1999), revela-se a importância da existência das publicações *online* em acesso aberto.

Os alertas que Meadows (1999) e, recentemente, Adami e Marchiori (2005, p. 74) apontam que os pesquisadores e cientistas brasileiros são praticamente docentes de universidades públicas e que “difícilmente voltam o olhar para si mesmo enquanto atores de um complexo processo de comunicação”.

Meadows (1999, p. 95) declarava o seu estranhamento quanto ao fato do autor-pesquisador ter estabelecido que “o entendimento das normas da comunidade científica (e de quando e como podem ser violadas), em geral se aprende pelo exemplo e não pela discussão”.

Neste sentido, compete aos bancos acadêmicos as discussões a respeito da formação endógena e perigosa de uma revista, no sentido de tentar-se não publicar apenas trabalhos internos dos programas promotores das revistas, criar critérios rigorosos para a participação dos pareceristas, aqueles que lerão e qualificarão os trabalhos, de trazer aos grupos acadêmicos discussões atuais e necessárias sobre fator de impacto que é uma cultura recente no Brasil.

O fator de impacto começou a ser considerado como uma maneira de avaliar as revistas científicas, a partir da década 60 do século XX, quando Eugene Garfield (1994, 1996), diretor do *Institute of Scientific Information* (ISI) e criador da base de dados bibliográfica *Science Citation Index* (SCI), elegeu esse instrumento, que determina a frequência com que um artigo é citado, como forma de classificar e avaliar as revistas incluídas na referida base de dados.

O valor do fator de impacto é obtido dividindo-se o número total de citações dos artigos, acumulados nos últimos dois anos, pelo total acumulado de artigos publicados pela revista no referido período.

Somente os periódicos indexados no ISI são considerados para o cálculo do fator de impacto internacional. Para que um periódico seja

contemplado a ingressar nesta base de dados ele deve reunir requisitos como pontualidade de publicação e cumprimento das normas internacionais de editoração (título informativo, correção das referências citadas, informações completas dos autores, pelo menos conter título, resumo e descritores em inglês e processo de revisão dos artigos a serem publicados por pares, $\frac{3}{4}$ no mínimo pelo *peer review*).

O critério de seleção adotado é rigoroso. Uma vez que o ISI tem o compromisso de oferecer cobertura completa dos periódicos mais importantes e influentes do mundo para atualização de informações e entende que a cobertura completa deve ser feita não pela quantidade e sim pela qualidade que os trabalhos representam (ISI, 2002). A referida base de dados é seletiva e considera que a maior parte dos trabalhos científicos mais importantes é publicada em relativamente poucos periódicos.

O ISI possui mais de 8.600 revistas internacionais nas áreas de ciências biológicas e exatas, sociais e humanas. Essas áreas estão incluídas em três bases de dados:

- *Arts and Humanities Citation Index* (A&HCI) informações de artigos procedentes de cerca de 1.120 revistas relacionadas com arte e humanidades. Incluem também artigos relevantes procedentes de outras 7.000 revistas de ciência e tecnologia;
- *Science Citation Index* (SCI) abarca todas as áreas científicas, tanto básicas como aplicadas. Inclui aproximadamente 3.500 publicações;
- *Social Sciences Citation Index* (SSCI) contempla todas as disciplinas do campo das ciências sociais procedentes de 1.755 revistas. Também incluem artigos procedentes de outras 3.300 revistas. Esta base de dados é composta por 56 áreas temáticas, sendo algumas delas: Sociologia, Antropologia, Geografia, História, Ciências da Comunicação, Ciências Políticas, Psicologia e Enfermagem.

Anualmente elabora o *Journal Citation Report* (JCR), *Social Sciences Editions* e *Sciences Editions*, contendo os indicadores bibliométricos de repercussão das revistas (fator de impacto o índice de imediaticidade

determina a rapidez com que um artigo é lido e citado, vida média das citações e a classificação no *ranking* mundial).

Dados referenciais e estatísticos de uso de citações, inclusive o fator de impacto, começaram a ser calculados e utilizados para avaliação da produção científica publicada na América Latina e Caribe. Desde 1999 a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO³¹), que agrega em sua coleção um conjunto de periódicos científicos de diferentes áreas do saber, é responsável por este fator no Brasil.

Um dos objetivos das sociedades científicas era, e ainda é, comunicar o que há de novo, transmitindo entre os pares os resultados e os métodos que se utilizam nas novas experiências. O outro é levar estas comunicações para a divulgação do conhecimento em revistas científicas impressas e *online* com a responsabilidade da qualidade editorial.

O que leva a esclarecer que um periódico científico é um canal formal que se utiliza para a comunicação científica, com trabalhos nele disponibilizados, com formatações próprias, que incluam os resultados de uma pesquisa original, que deverá ser lida e citada pela comunidade científica e acadêmica.

Eça, editora da Revista IMAGINAR, em Arte e Educação (2006, anais de congresso III CONGRESSO *online* Cibersociedade -CD-ROM) ao responder à questão feita pela pesquisadora: "*¿Hasta que punto los profesores están haciendo uso de estas informaciones y cómo hacen ese uso en Portugal?*", remete os problemas que ocorrem atualmente:

Existem menos revistas sobre educação do que no Brasil, mas existem algumas, as instituições do ensino superior têm acesso à maioria delas, por vezes a divulgação das revistas é problemática, nem todas estão à venda nas livrarias, algumas pertencem a Associações de professores como é o caso da IMAGINAR, revista de arte educação publicada pela APECV, outras pertencem a grupos de investigação de universidades ou Politécnicos e não têm circulação fora dos circuitos onde

³¹ Para o ingresso na Coleção SciELO o periódico passa por um processo seletivo que contempla os requisitos das normas internacionais de editoração e a indexação do periódico em bases de dados internacionais.

são produzidas. Mas com a Internet, estas questões deixaram de ter importância, o acesso é fácil e muitas vezes gratuito. No entanto parece-me que a grande maioria dos professores universitários em Portugal não lêem muito, sobretudo revistas em Português, preferindo revistas em papel e on-line em Língua inglesa, os que dominam a língua inglesa claro. Quanto aos futuros professores, aí ainda é pior. Parece-me que neste momento o grande público de revistas de educação *on-line* são os alunos de pós-graduação e mestrado, e espero que eles vão influenciar os seus colegas de profissão, porque é uma pena que os professores não se interessem pelo que os outros fazem, experimentam e investigam, sobretudo os professores do ensino médio que estão tão sozinhos (idem, dezembro de 2006).

A realidade brasileira não se encontra tão distante da portuguesa. Mas saber que é possível ter publicações do mais alto nível com acesso gratuito a todos aqueles que mais precisam, no caso futuros professores e professores já formados é uma garantia de possibilidades que está diretamente ligada aos fins da educação superior. Já que é notório o fato de que

[...]em poucos anos toda a gente terá acesso à INTERNET, neste momento em Portugal a Internet ainda é um luxo, existe nas escolas, mas não há tempo nas escolas para estar a ler revistas científicas (isso é um problema também, o acesso à informação existe, mas a profissão é tão exaustiva que não deixa que os profissionais se actualizem). Isto para dizer que se está a fazer muito pouco uso das revistas.

[...] Quem me dera que mais gente tivesse acesso (e, sobretudo tempo) para ler o que se publica, tenho a certeza que a prática pedagógica se modificaria em muito pouco tempo, e que os professores teriam mais confiança neles e poderiam ser mais críticos em relação a medidas governamentais que se impõem neste momento em Portugal[...].

[...] O ensino no meu país caminharia melhor se houvesse mais professores críticos em relação às medidas do governo, se os professores lessem mais sobre teorias da educação em revistas *online* do tipo da brasileira Art@³², teriam mais

³² A Revista Art& Digital, é um periódico digital que trata do eixo temático arte-educação, semestral dissemina pesquisas nesta área faz 4 anos. A pesquisadora é editora de Coordenação de Divulgação e Relações Acadêmicas, desde o ano de 2006, por convite dos Editores. Faz-se importante ressaltar que a

argumentos para combater essas medidas que tendem a implementar um ensino de massas medíocre (idem, *ibid*).

Vive-se, no Brasil, um momento muito semelhante ao exposto por Eça (2006) em Portugal, em que há tamanha gama de informações que muitas vezes o professor diz perder-se no ciberespaço e não encontrar aquilo que procurava.

Outras vezes, coloca como ponto de partida a credibilidade da impressão sobre o *online* e justifica, assim, sua resistência, comodismo ou desconfiança ao uso de uma nova tecnologia e ferramenta, como as páginas da Internet, porque já está acostumado com o impresso.

Porém, assim como em Portugal, o acesso ao meio impresso também não é fácil aos professores. As revistas ou periódicos científicos impressos destinam-se às bibliotecas das Universidades e, praticamente, somente têm acesso a elas os alunos das pós-graduações que se educam na direção exata da pesquisa.

Para haver citação, é regra que pesquisadores busquem divulgar suas pesquisas em periódicos de suas áreas de conhecimento e, principalmente, nos periódicos que têm prestígio nacional e internacional. Tidos como aqueles que publicam a mais alta qualidade da ciência.

Estes periódicos já existem há um bom tempo, com periodicidade definida e pontual³³, com um editor representante e reconhecido pela comunidade científica, que adotam o processo de *peer review* (parecerismo).

Por um esclarecimento maior das comunidades científicas nacionais, também se buscam periódicos que façam parte de bases indexadoras internacionais, como é o caso do ISI, do Latindex, LILACs, SciELO, DOAJ, Redalyc entre outros. Em Educação, especificamente no Brasil, buscam-se

mesma revista não publicou se último número por falta de verbas e disponibilidade voluntária dos que até hoje nela trabalham.

³³ A periodicidade será explicada e analisada em capítulo posterior, mesmo assim vale lembrar que todos periódicos científicos, independentes da área do saber que circundam, têm como pré-requisito para sua avaliação a pontualidade de sua periodicidade.

os periódicos com avaliação QUALIS, estes indexadores serão explicados no próximo capítulo.

Para entender o estágio atual de publicações científicas faz-se necessário percorrer alguns séculos e a transformação tecnológica que se sucedeu.

3.3 Tudo começou com Gutenberg em Mainz

Deve-se lembrar que a invenção da prensa³⁴ deu-se no ano de 1450. O aparecimento da tipografia fez crescer o alcance e a presença da palavra enquanto signo lingüístico escrito.

Entende-se que a partir da impressão de páginas com tipo móvel de metal, na cidade de Mainz, Alemanha, em 1450, a considerada Era do Pergaminho (FISHER, 2006, p.187) curvava-se ante a nova era do papel impresso.

Johann Gensfleisch zum Gutenberg inventou sua prensa de parafusos, e a partir disto, a cultura da "leitura medieval", como explica Fisher (2006), que era representada pelo ler-e-escutar comunitário, "dogmático, bidimensional"(p.187), continuou a existir até o século XVII no continente europeu.

A partir de Gutenberg os materiais, os temas, a linguagem e a própria prática da leitura iniciaram uma nova concepção de leitura, como também iniciaram uma das maiores rupturas intelectuais e sócias da história da humanidade.

A primeira mudança é que até o final do século XV,

[...] a hierarquia 'autor>comentador>bispo>mestre>discípulo' foi, mais ou menos, mantida em todos os lugares, com o leitor passivo escutando, na ordem de cima para baixo, não só o que

³⁴ Não se pode deixar de lembrar o comentário de Anastasiou (2001, p. 69) sobre a impressão de livros: “os raros livros existentes representavam o esforço e o trabalho dos copistas. Embora a extensão dos campos de conhecimento fosse muito menor que o atual”.

ler, mas também como interpretar cada texto, seguindo uma ortodoxia predeterminada. Contudo, a segunda metade do século XV presenciou leitores cada vez mais responsáveis por aquilo que liam: eles, pouco a pouco, tornaram-se leitores *ativos*. Com o prolongamento das listas de títulos proporcionado pela impressão, um crescente público lia o que lhe agradava. E, em silêncio e reclusão, esse público também passava a avaliar e interpretar o tema escolhido da leitura segundo critérios pessoais, embora ainda enraizados na educação cristã de caráter clássico (FISHER, 2006, p. 188).

A outra mudança estava no fato de que um manuscrito em pergaminho evocava admiração e respeito, pois até o início dos Quatrocentos, a palavra escrita era rara. O que levava a valorização, também, pelo fato de na maior parte das vezes, um manuscrito ter apenas cópia única e era caro, exceto para aristocratas, bispos ou patrícios.

Tem-se consciência de que se levaram muitos séculos para a palavra escrita ser um direito comum à sociedade, mesmo que muitas sociedades ainda vivam iletradas; a palavra impressa de Gutenberg tornou-se muito mais barata e acessível a um grande número de pessoas em pouco tempo:

A inovação causou um impacto muito mais imediato do que em geral se imaginava. Em 1450, apenas uma prensa estava em operação em toda a Europa. Em 1500, cerca de 1.700 prensas em mais de 250 centros de impressão já haviam publicado por volta de 27 mil títulos em mais de *dez milhões* de cópias. Em apenas duas gerações, o número de leitores na Europa passou de dezenas de milhares para centenas de milhares (FISHER, 2006, p. 191).

Entende-se, portanto, que a mudança gradual do mundo da oralidade para a sociedade da escrita, nos últimos quinhentos anos, teve a maior contribuição dada pela prensa de Gutenberg.

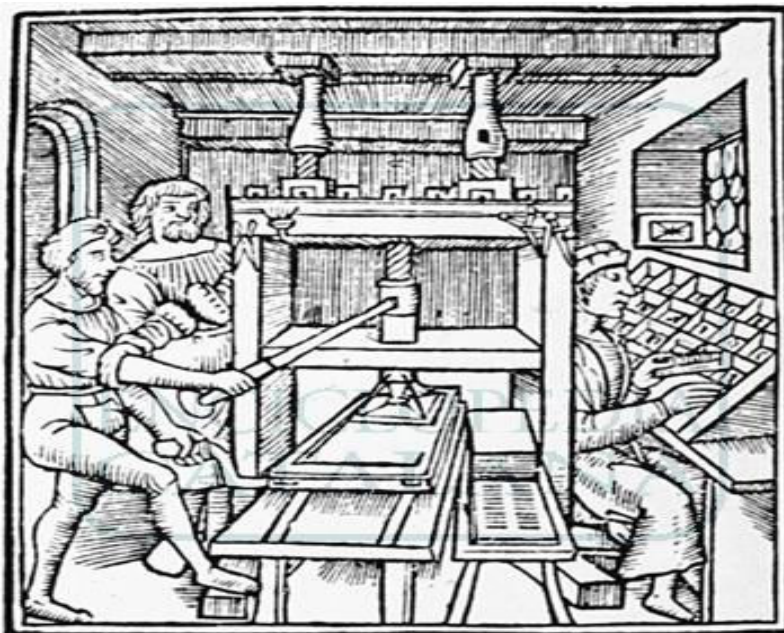


Figura 1 - Xilogravura de Hans Burgkmair (1530) ilustra a prensa na Alemanha.

Fonte: Gravura copiada da enciclopédia Mediatica-

<http://www.grec.com/fototeca/> Acessado em: 9 de março de 2007.

A modernidade traz inovações tecnológicas desenvolvidas pela própria necessidade histórico-econômica do homem, como da pena à caneta; do pergaminho ao papel impresso; à máquina de escrever manual à elétrica e o computador; sistema postal mais rápido passa do mensageiro ao antigo telégrafo e ao fax, atualmente às mensagens eletrônicas, conhecidas popularmente por *e-mail*, hoje já temos os *e-mails voice system*, gravação de voz e envio eletrônico.

Os periódicos, por sua vez, refletem as transformações tecnológicas e econômicas que existem no processo social das comunicações e, como é de se esperar, influenciam a forma de divulgar a produção acadêmica.

Para entender a comunicação científica no Brasil, necessário se faz voltarmos à História das primeiras sociedades científicas brasileiras e da editoração voltada a educação no Brasil.

3.4 Das primeiras sociedades científicas às revistas impressas no Brasil

O século XIX é marcado pela Independência política do Brasil, entendida como um país que se formava brasileiro e isso gerava a necessidade de historiografá-lo.

Em 1883, nasce no Brasil, seguindo o modelo francês, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), cuja função era dar ao país a sua História, partindo de coleta de dados e publicação de documentos. Era composto por sócios da sociedade brasileira imperial. Os principais trabalhos faziam referências a biografias de notáveis e discussões que versavam sobre a política do Império.

O marco principal desta sociedade foi a publicação da Revista do IHGB, que segundo pesquisadores da História, representou “um dos melhores veículos de publicação de trabalhos historiográficos no país até a década de 1920”(VASCONCELOS, 2004, p. 61).

Encontraram-se algumas controvérsias quanto às datas e história das primeiras revistas editadas no Brasil e sociedades de pesquisa. Verificou-se material afirmando que em 1811 surge o jornal a *Idade d'Ouro do Brasil* editada na Bahia. Em 1812, surge a revista *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*. (editada na Bahia). Em 1813 surge a primeira revista brasileira *O Patriota*. (Biografia de D. João VI).

Em Dietrich (1996), encontrara-se que a fundação da Biblioteca do Museu Nacional data de 1863 e a “primeira revista científica brasileira de certa projeção, os Arquivos do Museu Imperial a ser editada em 1876” (p.4).

A autora faz referência de que, no final do século XIX e início do século XX, foram criados os primeiros Institutos de Pesquisa com a finalidade de buscar soluções para problemas de Agricultura (1887- Instituto Agrônômico), ou para problemas da Saúde (1889 – Inst. de

Manguinhos, hoje Oswaldo Cruz), não constatando nenhuma referência a sociedades e publicações em Educação.

Em Rosa e Barros (2004), em pesquisa realizada para a Universidade Federal da Bahia, afirmam que a primeira revista publicada no Brasil, foi feito pelo português Serva, extra-oficialmente em 1818, porém não consta o nome ou dados maiores sobre tal publicação.

No acervo do Museu Nacional Brasileiro do Rio de Janeiro, encontrou-se a Revista Nacional de Educação - RNE. Sob a direção de Roquette-Pinto, chegava aos lares, professores, escolas, prefeituras e associações culturais e de classe. Em outubro de 1932 tinha a tiragem nacional de 12.500 exemplares, totalmente financiados pelo Ministério da Educação e Saúde Pública.

Observou-se que no Brasil, em pleno século XX, seguiam-se a concepção e a tradição histórica européia das sociedades de pesquisadores independentes das academias. A pesquisa e o desenvolvimento da circulação científica não eram feitos dentro dos muros acadêmicos, mas nos Museus e Institutos de Pesquisa.

Os dados encontrados pela pesquisadora, no Museu Nacional Brasileiro, em outubro de 2005 no Rio de Janeiro, foram importantes para a realização da Revista e-Curriculum, permitindo um resgate no diálogo com a história e a resistência com as inovações.

Visto que a revista do Programa seria eletrônica e até aquele momento era uma inovação pensar-se publicar sem investimentos, distribuindo seu acesso a todo território nacional e internacional³⁵, pelo acesso aberto e democrático da informação científica.

O encontro com a publicação de Roquette-Pinto trouxe luz ao que se pretendia com a revista e-Curriculum. Como também, pode-se entender que, historicamente, no Brasil, outros já haviam buscado levar ao público a

³⁵ A revista e-Curriculum utilizou o contador de acessos *webstatus4* que é um medidor do acesso diário. Gratuito. Na página de acesso da revista, clicando-se sobre o *link* “Estatística de Acesso”, tem-se todas as informações desde fevereiro de 2006 até a presente data.

informação e o registro científico aos estudantes, e a possibilidade de fazer pensar por meio das mídias existentes na época.

3.5 1932 – Revista Nacional de Educação (RNE): vanguarda multimidiática

Duarte (2004) confirma que o Museu Nacional do Rio de Janeiro já tinha tradição na publicação científica desde 1876. Com as publicações dos “Arquivos do Museu Nacional com artigos de zoologia, botânica, fisiologia experimental, geologia, paleontologia, antropologia e arqueologia”(p. 13).

Segundo a própria autora, com a transcrição das palavras de Roquette-Pinto:

Na capa do primeiro número, o leitor agraciado com um exemplar poderia observar uma figura feminina altiva e delicada tocando um imenso foco de luz. Seria uma representação de Minerva, divindade protetora de todas as atividades intelectuais, principalmente as escolares. Nesse caso, faltar-lhe-iam a lança e o escudo característicos (apud Grimal, 1984, pp. 61, 359), esquecimento deveras providencial na revista de um governo que acenava, dentre outras coisas, com a pacificação social. Seria a nação brasileira? Os reflexos luminosos se espalhavam por uma paisagem algo indefinida, mas na qual se distinguem traços de habitações e montanhas, em um cenário que tanto podia ser urbano como rural. À direita, o título, a indicação do Ministério, seguidos da epígrafe que acompanhou a publicação até seu desaparecimento, em meados de 1934: "em todos os lares do Brasil, o conforto moral da Ciência e da Arte." (idem, *idid.*, p. 34)



Figura 1 – Acima, a capa da primeira revista publicada. Ao lado, as capas em homenagem a Euclides da Cunha e Alberto Torres.

Figura 2 – Capas da Revista Nacional de Educação (1932-1934)

Fonte: DUARTE, Regina Horta. "In all homes, the moral comfort of science and of art": the *Revista Nacional de Educação* and scientific dissemination in Brazil (1932-34). *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Jan./Apr. 2004, vol.11, no.1, p.33-56. ISSN 0104-5970. p.49

As capas representam um dos ideais de revistas científicas impressas³⁶. O primeiro número da RNE trazia uma capa diferenciada, durante os dois anos seguintes (Figura 2), mensalmente publicou-se o mesmo projeto de capa. Como variação incluía-se um desenho de personalidade distinta para a cultura nacional. A manutenção do projeto de capa de revistas impressas científicas é exigência de padrão de qualidade para indexação.

³⁶ A pesquisadora, em agosto de 2005, apresentou trabalho no II Encontro Nacional de Editores e Autores Científicos da ABEC, nas palestras apresentadas neste encontro registrou-se continuamente a importância de ter a mesma capa nas edições, incluindo o padrão da cor impressa. Não se tinha posição alguma para periódicos digitais eletrônicos, não havia uma posição por aqueles que trabalham com avaliação de periódicos o que seria padrão no Brasil para revistas eletrônicas científicas.

A intenção da pesquisadora em trazer ao conhecimento a Revista Nacional de Educação - RNE - é mais pela visão de unir tecnologias a serviço da ciência, que Roquette-Pinto já trazia na revista, em 1932, de forma democrática e de publicar com intenção educativa.

Como aponta De Luca (1999, p. 232), na visão antropológica cultural do editor, negavam-se as teorias da época representada pelo controle eugênico da população do grupo de Renato Kehl, opondo-se à tese do

ambiente sobre a hereditariedade, negava as teorias da existência das raças inferiores e afirmava que o problema nacional não era transformar os mestiços em brancos, nem substituir os homens, mas educar todos, claros, pardos e escuros" (DUARTE, 2004, p. 35, grifo nosso),

aproveitando todos os aparatos técnicos e tecnológicos existentes naquela época para este fim: educar.

Do Decreto 21.240 (BRASIL 1933), regulamentando as exposições cinematográficas no Brasil, surge a RNE. Segundo o decreto: o cinema era "meio de diversão de que o público já não prescinde" desde que "convenientemente regulamentado" (DECRETO 21.240, 1933, s.p.).

Este decreto permitia destinar uma quantia em dinheiro, vinda do pagamento das entradas de cinema, destinando uma parcela que financiava o projeto de Roquette-Pinto. Com isso, iniciou-se a revista, contemplou a melhoria do acervo de filmes educativos do Museu Nacional. Assim como, facilitava a entrada de filmes virgens, possibilitando a produção nacional de documentários educativos e explorados educativamente pelo Museu Nacional, de forma gratuita aos jovens estudantes e professores da época.

Além de surgir ligada ao cinema, a RNE também se constituiu na intersecção com o rádio. Roquette-Pinto³⁷ possuía uma intensa atividade

³⁷ Em Gouvêa Filho (Gouvêa Filho, Pedro. E. 1955 'Roquette-Pinto — antropólogo e educador'. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 24(59), jul./set., p. 31-57.) Encontrou-se material particular sobre a personalidade Roquette-Pinto que se torna um apaixonado por rádio difusão como meio de comunicação de massas no ano de 1922, precisamente setembro, quando o rádio foi apresentado no Brasil, na Exposição Comemorativa do Centenário da Independência, afirmando aos seus contemporâneos que assistir à aurora do rádio trazia a mesma emoção e esperança daqueles que tinham conseguido possuir e ler os

ligada à radiofonia, desde o início dos anos 1920. Com programas de divulgação científica, incluindo aqui que alguns destes programas acabaram sendo transcritos na íntegra para a Revista Nacional de Educação, como se constatou no Museu Nacional no Rio de Janeiro, em outubro de 2004.

Em seu sonho, Roquette-Pinto teve apoio de outros cientistas, como Anísio Teixeira, em 1930, da PRD-5, prefixo dado ao rádio-escola que contava com aparelhagem moderna e potente para a época, montada no Instituto de Educação.

Segundo Duarte (2004):

No discurso de inauguração, Anísio Teixeira apontava o rádio como o meio que desencadeava a ruína das limitações do passado, suprimindo a falta de escolas, a serviço da educação dirigida: o microfone era a "cátedra para espectadores em milhões". Na mesma ocasião, Lourenço Filho apontava como o rádio e o cinema podiam ser fonte de corrupção, mas, como o fogo e a água, podiam fecundar a sociedade transpondo distâncias, devassando as paredes, insinuando-se por toda parte, levando "o esclarecimento e o conselho, a dúvida que estimula e a palavra de conforto"(p. 47).

A visão do pesquisador e professor Roquette-Pinto, na distribuição gratuita de exemplares compostos pela ciência e pela arte, constituía-se, em suas próprias palavras, "o primeiro gesto rigorosamente popular praticado pela República" (Roquette-Pinto, fev. 1933, p. 8) para a Educação.

A RNE aproveitava na divulgação impressa a oportunidade de veicular a palavra às imagens em preto e branco de altíssima qualidade, além da qualidade dos trabalhos científicos que pesquisadores, em linguagem acessível levavam ao público, como professores, outros pesquisadores e associações culturais.

primeiros livros. Passou a estudar radioeletricidade, obtendo em um laboratório uma pequena fonte de ondas contínuas. Criando um primeiro equipamento, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em breve PRA-2, surpreendido e feliz por constatar que "aquela caranguejola, feita com bambu, alguns metros de fios de cobre, uma bobina de papelão e um fone de aparelho comum" funcionasse maravilhosamente. A primeira emissão ocorreu a 20 de abril de 1923. Lutou contra a legislação que proibia a propriedade particular de rádios receptores, obtendo sua extinção. Durante os anos 1920 era o *speaker* do Jornal da Manhã (Gouvêa Filho, 1996, p. 50).

Concorda-se com Gomes (1999, p. 19) que a RNE poderia representar, já naquela época, referências compartilhadas, na esperança de encontrar agentes multiplicadores daquela ação. Tornava-se um projeto político-pedagógico de levar a informação da melhor qualidade ao alcance da população, com a possibilidade de ter o mesmo material via rádio difusão e partilhar conhecimento no Museu Nacional, com os mesmos pesquisadores que publicavam seus estudos na Revista, e enviavam suas vozes por todo território nacional.

A RNE unia rádio difusão, impressão e cinema num projeto de popularização do saber produzido. Desta forma, pretendia-se divulgar num exemplo multimidiadisciplinar:

[...] o conhecimento de todas as formas possíveis, ensinar as massas a lerem o grande livro da Natureza, sem o que nunca aprenderiam a compreender o 'ABC da Vida', era considerado 'a mais necessária das alfabetizações e a mais difícil delas'(ROQUETTE-PINTO apud DUARTE, 2004, p. 42).

Cientistas da época levavam mensalmente conhecimentos desde a Flora brasileira, a Agricultura, Climatologia, História, Matemática, Arqueologia com a intenção dos leitores irem ao Museu Nacional e entenderem aquilo que viam; Antropogeografia, Fotografia científica e artística, Desenho, Biografias, Partituras e Literatura, atuando no sentido de unir o saber científico e da arte.

Sem abandonar a sangria do analfabetismo, trazia em alguns números cartazes de alfabetização e o desafio lançado no próprio cartaz: "O sr. É brasileiro? É Estrangeiro amigo do Brasil? – Não abandone a sua sorte os analfabetos – Trabalhe pelo Brasil" (RNE, nov. 1932, p. 80).

Impressos, ondas sonoras e imagens projetadas. No sonho daqueles homens, todos os meios de comunicação de massa seriam empregados na educação, transpondo distâncias, integrando o vasto território, retirando o povo da ignorância que lhe era atribuída, informando "cada vez mais o Brasil aos brasileiros", criando o futuro da nação (Roquette-Pinto, 1927, apontamentos feito no Museu Nacional).

Em 1927, Roquette-Pinto sonhava com a possibilidade de usar todos os meios de comunicação para a Educação com qualidade e balizada pela ciência e a arte.

Algumas décadas foram necessárias para a academia brasileira iniciar-se na pesquisa. Especialmente, na divulgação da mesma, sem conseguir até hoje de forma significativa e gratuita levar o conhecimento adquirido pela academia ao alcance de todos.

Como também, dar sentido às tecnologias que informam e comunicam. Como dialoga Silva (2006), o trabalho de dar sentido às tecnologias deve ser maior do que apenas a inclusão digital, é preciso dar sentido à inclusão do ciberespaço. O que falta hoje, entre muitos outros fatores, é inclusão na cibercultura. Há até tentativas de inclusão digital, mas não há inclusão na cibercultura.

Em Silva (2005), Lemos (2002) e Lévy (1999) encontra-se que cibercultura significa o modo de vida e dos comportamentos que se assimilam e são transmitidos na "vivência histórica e cotidiana marcada pelas tecnologias informáticas" (SILVA, 2005, p. 63).

Ressaltando que a mediação da comunicação e da informação via Internet é diferente da centralização da emissão tanto comunicacional quanto da informação, como se tem nos media tradicionais (rádio, televisão, livros, revistas impressas). No que se denomina ciberespaço coexiste a lógica da emissão e da recepção porque supõe hipertexto, interatividade, virtualidade entre outros.

É, neste sentido, que se deve observar a história da leitura e escrita de massas, iniciada pela prensa de Gutenberg, trazendo uma primeira evolução das possibilidades de uso da palavra escrita.

Hoje, ao se pensar na evolução tecnológica e a disseminação do conhecimento pelas páginas da *Web*, entende-se que na escola o professor deverá incluir seu aluno na cibercultura e torná-lo capaz de refletir na cibersociedade. Para isto é necessário prepará-lo num aprendizado prévio, fazê-lo compreender que apenas acessar um sítio não mudará em nada um

sistema educacional e muito menos se poderá considerar inovação educacional ou, até mesmo uma nova forma de ler.

E disto pode-se questionar: o que é estar incluído na cibercultura? É antes de tudo ter consciência crítica de sua existência cidadã no ciberespaço, na cibersociedade com acesso às interfaces e dispositivos *online* entendidos como disponibilidades de informação e de comunicação todos-todos.

A formação para essa consciência crítica é demanda da própria cibercultura. As escolas e universidades estão profundamente despreparadas para tal, ainda. Vale a pena verificar, constatando Silva (2006), sabe-se que aquelas que investem em informática podem estar fazendo no máximo inclusão digital, sem estarem educando para a inclusão na cibersociedade e, portanto, não promovendo as possibilidades encontradas no ciberespaço.

Neste aspecto, compete hoje ao sistema educacional, voltar-se a dois pontos muito importantes em seu currículo, entender as potencialidades disponíveis no ciberespaço para o aproveitamento do conhecimento nele disponibilizado pelo *open access*. E aqui se teria o segundo aspecto que deveria ser ensinado no processo de educação do ensino superior, o que é afinal uma comunicação científica disponível em meios eletrônicos como páginas da *Web*?

Nesta intenção, inicia-se o próximo capítulo desta pesquisa, partindo do entendimento de que a publicação de um periódico eletrônico, de acesso livre nas páginas da Internet, não significa que será lido ou até mesmo que se compreenderá aquilo que tal periódico disponibiliza em suas páginas. Como Valente (2002, p. 132) afirma "a presença da Internet, ou do computador em si, não é garantia para que o aluno construa conhecimento".

Se a presença do computador não é garantia para o aluno aprender, já que se implanta dentro de um planejamento que signifique e contextualize a educação com o uso das tecnologias, ter uma revista *open access* eletrônica, semestral, em educação, tampouco é garantia de uso pela comunidade

científica e acadêmica, caso não se contextualiza e signifique para o aluno e pesquisador o uso das TIC para seu desenvolvimento.

O meio de tornar-se disponível uma informação na *Web* é pelas páginas da mesma, sendo assim, um questionamento fez-se necessário para o grupo formador: tem-se ciência do que seja uma comunicação científica eletrônica?

CAPÍTULO IV

*É como se o livro dos tempos pudesse
Ser lido trás para frente, frente para trás.
Vem a história, escreve um capítulo
Cujo título pode ser “Nunca Mais”
Vem o tempo e elege outra história, que escreve
Outra parte, que se chama “Nunca É Demais”
“Nunca Mais”, “Nunca É Demais”, “Nunca Mais”
“Nunca É Demais”, e assim por diante, tanto faz
Indiferente se o livro é lido
De trás para frente ou de frente para trás
Gilberto Gil*

4 A NOVA ERA DA PUBLICAÇÃO: A ERA DA MÍDIA DIGITAL

Este capítulo abordará a publicação na era da mídia digital de modo a conceber as buscas da pesquisadora para a realização da revista e-Curriculum em formato eletrônico. Parte das experiências vivenciadas em grupo, das questões apontadas no fim do Capítulo 3, que surgiam enquanto se idealizava a resolução dos problemas conforme se apresentavam ao grupo e à pesquisadora na realização da revista.

4. 1 Comunicação científica em meios eletrônicos: o mundo digital a partir de Tim Berners Lee

Os periódicos científicos impressos, como os vistos no capítulo anterior, são um dos instrumentos confiáveis mais usados no processo de comunicação científica até nossos dias.

Apesar de as revistas impressas representarem o meio de divulgação e de validação³⁸ do conhecimento mais estável e reconhecido, um novo formato vem, desde 1960, sendo pensado.

Em virtude dos avanços tecnológicos eletrônicos, como também da necessidade de agilizar as publicações científicas, e com os altos preços das editoras, gerando a chamada “crise mundial dos periódicos científicos, em 1980” (MUELLER, 2006, p. 31) o olhar volta-se a procurar novas alternativas para as publicações.

Com o rápido desenvolvimento da Internet, discute-se e vivencia-se a comunicação científica em mídia digital. Desde 1994, a evolução técnica vem modificando o acesso à informação no Brasil e no mundo. As discussões giram em torno de propostas que visam passar de um sistema de comunicação científica impressa tradicional para um sistema eletrônico e com possibilidade de acesso aberto a todos os leitores.

Stevan Harnard (1991) apregoava que no futuro próximo, chamado de “Era Pós-Galaxia de Gutenberg” as palavras se escreveriam nos céus, em que todos poderiam ver e acrescentar seus comentários, cunhando a expressão *skywrittig*.

Levacov (1997) afirmava que o avanço da tecnologia nos colocaria à frente de uma revolução, comparada à invenção dos tipos móveis por Gutenberg. Sendo assim, a *Word Wide Web* e seu acesso pela Internet exerceriam papel fundamental neste sentido, reafirmando Harnad (idem).

³⁸ Em Mueller (2006), encontra-se toda uma discussão em torno da importância enquanto cientistas não entendermos o processo de validação, legitimação e legitimidade das publicações, mas entende-se que passa por um processo de preconceitos e interesses diversos e diferentes para legitimar e validar os periódicos científicos eletrônicos.

A passagem do suporte impresso para o eletrônico modificou a maneira de acessar, ler e assimilar as informações. Para refletir sobre a comunicação científica na Internet, torna-se fundamental que se reporte ao início do uso do computador como disseminador da informação entre pesquisadores.

A Internet tem origem no início de 1969, conforme informa Smith e Gibbs (1996), pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPANet), criada pelo Departamento de Defesa do governo dos EUA. Esse projeto permitiu que se pudessem conectar, pela primeira vez, quatro universidades americanas - *Stanford Research Institute*, UCLA, UC Santa Bárbara e a Universidade de Utah, além dos centros de pesquisa militar.

Em 1970, no auge do sucesso da *ArpaNet*, pesquisadores e alunos de universidades norte-americanas já podiam desfrutar os recursos de *e-mail*. Aos poucos, os recursos, até então destinados ao uso militar, incorporaram-se a outros tipos de serviços de comunicação a distância, tornando-se disponíveis a todos.

Na mesma década de 70, a rede foi utilizada amplamente com fins científicos e acadêmicos. De acordo com Stumpf (1996), com o avanço da tecnologia, a editoração eletrônica possibilitou a qualidade e a agilidade na produção de revistas.

O conceito de EPC - Centros de Processamento Editorial - iniciou nos anos 70, sob o patrocínio da *National Science Foundation*. Constituiu-se em um empreendimento cooperativo entre aqueles que publicavam, com a finalidade de oferecer suporte automatizado para todas as etapas envolvidas na produção das revistas, visando ao barateamento dos custos. Essas etapas vão desde a submissão do trabalho pelo autor e a avaliação pelos pares, até a editoração, impressão e administração da revista.

As dificuldades encontradas para a viabilização desses centros foram referentes à compatibilização dos equipamentos e processamentos de texto dos autores e dos árbitros (*referees*). Hoje, grande parte desses problemas já

se encontra solucionada e quase todas as revistas americanas encontram-se totalmente automatizadas (STUMPF, 1996).

O projeto *Birtingham and Loughborough Electronic Network Development* (BLEND) foi desenvolvido, na década de 80, pelas universidades dessas duas cidades. Na tentativa de avançar um pouco mais na produção das revistas. Além de automatizar todas as etapas do processo, o BLEND, financiado pela *British Library*, constitui-se em uma alternativa de substituição total da publicação impressa pela armazenagem eletrônica dos artigos e, conseqüentemente, seu acesso.

As dificuldades encontradas para a viabilização do programa foram referentes, também, a compatibilização dos equipamentos e programas, apresentando ainda como limitação os altos custos envolvidos. Como não obteve aceitação total dos participantes, a avaliação final conclui que as revistas em papel ainda iriam perdurar por algum tempo (STUMPF, 1996).

Em 1978, é lançado o primeiro sistema de troca de mensagens, possibilitando que usuários individuais se comunicassem via *modem*. A *Usenet* - 1979, cujo objetivo de distribuir informações ao usuário do sistema Unix, tornou-se o mais abrangente e popular provedor mundial de conferências eletrônicas e grupos de discussão (CAMAS, 2002).

A década de 80, segundo Camas, marca a propagação da *ArpaNet*, visto que já não estava sob o poder do uso militarista. O programa *Transmission Control Protocol* (TCT) é responsável por reorganizar a informação e o *Internet Protocol* (IP), por endereçar e transmitir os dados interligando computadores e permitindo a comunicação em rede.

Encontra-se em Camas (2002) que o que temos na atualidade é decorrente de 1989, quando o Centro Europeu de pesquisa Nuclear (CERN) com o trabalho da equipe de Tim Berners Lee, desenvolve os fundamentos daquilo que conhecemos hoje como a *World Wide Web* (WWW ou *Web*).

No mundo já havia um processo tecnológico e filosófico, voltado ao entendimento das possibilidades de disponibilização nas páginas criadas na Internet. Em 1991, abre-se a primeira conexão do Brasil com a Internet, por

meio da FAPESP e, finalmente, a Fundação Nacional de Ciências dos EUA libera a Internet para uso comercial³⁹.

Em 1993, as publicações tornam-se visíveis em meio digital⁴⁰, trazendo novas perspectivas e projetos de uso *online*. Neste contexto, surgem propostas de oferecer periódicos científicos eletrônicos. Com o intuito de facilitar o acesso, a disseminação e a divulgação da pesquisa, permitir a recuperação da informação de modo ágil, oferecer largo alcance, diminuir os custos com impressão e postagem, oferecendo fluxo contínuo de artigos científicos.

É interessante notar que no estudo realizado por Kling, Spector e Mckim (2002) foram encontrados cinco tipos de publicações científicas eletrônicas, a saber:

- 1) repositórios de *e-prints*⁴¹;
- 2) literatura revisada por pares com acesso aberto;
- 3) revistas revisadas por pares somente eletrônicas;
- 4) revistas híbridas, impressas e *online* e,
- 5) divulgação dos autores em sítios pessoais.

Os autores afirmam que o tipo 4 é o mais comum e encontrado em todas as áreas. A Revista e-Curriculum está categorizada como tipo 2 e 3, enquadra-se no modelo de revista científica eletrônica de livre acesso para o autor e leitor, resultado de uma iniciativa não comercial, com o suporte de uma instituição e programa, no caso Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo.

Desta forma a revista utiliza o endereço eletrônico da *Web* da PUC-SP

³⁹ Em termos de Brasil, a Internet esteve confinada aos acadêmicos, na conhecida Rede nacional de Pesquisa (RPN) até meados de 1995, quando o governo cria o Grupo Gestor da Internet Brasil (CAMAS, 2002, p. 44).

⁴⁰ A maioria dos autores pesquisados reporta a data de 1993 como fundante das publicações digitais, porém encontrou-se em Umpleby (1982) que a *National Science Foundation* e o *New Jersey Institute of Technology* americanos, fizeram as primeiras experiências em publicações eletrônicas, usaram na época o *Electronic Information Exchange Systems (EIES)*, nos anos de 1978 a 1980.

⁴¹ Consideram-se *e-prints* e *pré-prints* publicações de circulação restrita, destinadas a recebimentos de críticas e comentários, tendo em vista possível circulação mais ampla (FÁVERO; AMADO; GARCIA, 2000). Os *pré-prints* tem seu início em 1991, por Ginsparg, em Los Alamos, Novo México, fora sistematizado pelo autor na publicação da revista *Nature* em 2002. Atualmente, o *pré-print* de Ginsparg foi instalado e acampado e instalado na Universidade do Michigan, nos Estados Unidos, e é aceito pela comunidade científica.

(<http://www.pucsp.br/ecurriculum>). Publica, semestralmente, trabalhos revisados pelos pareceristas que fazem parte do comitê científico entre alguns outros, específicos pela necessidade da área, que são convidados para aquele número.

Há uma discussão atual que se traz a conhecimento sem a pretensão de adentrar, pois fugiria aqui do tema desta tese, mas que se faz necessária como observação. Atualmente tem-se a preocupação e mistificação do usuário das tecnologias digitais, de migrar as revistas eletrônicas para *softwares* únicos, pagos ou livres, como é o caso do SEER (livre) ou do ESPERE (pago) entre outros que trariam, segundo o pensamento de alguns, o controle e visibilidade transparente da publicação.

Se, em épocas de impressão, competia aos órgãos indexadores verificarem *in loco* as revistas científicas, a autora acredita que a competência dos órgãos indexadores não deva mudar, só pela migração ou publicação digital.

As revistas científicas que desejam indexação, independentes de serem eletrônicas ou impressas, continuarão com o objetivo de qualidade na publicação, mantendo a busca pela identidade de suas áreas⁴². A competência de tais órgãos deve ser a de conhecer estas novas formas de publicar e divulgar, aprender a identidade local e global, sem desejar amarrar as rédeas como controle, em nome de uma imaginável “qualidade”, já que um simples *software* não garante jamais qualidade do conteúdo de uma publicação.

⁴²Mensagem editada em portal da CAPES que deve ser pensada e discutida por editores de revistas científicas: “NOTA - ORIENTAÇÃO SOBRE PERIÓDICOS NACIONAIS: Ao analisar os periódicos nacionais disponíveis em formato eletrônico avaliados pelo QUALIS com A ou B para inclusão no Portal, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC) - responsável pelo Portal de Periódicos - verificou uma grande diversidade nas formas de apresentação das informações em suas respectivas páginas”(…)“Reconhecemos que essa diversidade é criativa, mas também tem de ser levado em consideração que as informações básicas para o acesso devem estar claras na página principal, dado que os usuários consultam diretamente os periódicos. Tendo em vista os requisitos básicos usados internacionalmente no projeto e desenvolvimento das páginas de periódicos eletrônicos, a Capes recomenda aos editores de periódicos nacionais que entrem em contato com sistemas de informatização estabelecidos para qualificar ainda mais seus periódicos. As páginas podem ser projetadas e desenvolvidas por qualquer sociedade ou instituição, mas devem estar de acordo com as práticas e normas internacionais disponíveis nos sítios dos principais editores acadêmicos.” <http://www.capes.org.br/editais>.

Quando se pensava inicialmente na produção da revista, questionou-se da existência de “regras” que se devessem seguir. Neste sentido, na visita à BIREME, a pesquisadora dialogou com a Mestre Mariana Rocha Biojone que lhe indicou alguns princípios descritos abaixo.

4.2 Princípios regentes das publicações científicas

Ortega, Fávero e Garcia (2000) chamam a atenção ao “amadorismo” das novas publicações científicas. Para a SciELO⁴³ isto pode ser caracterizado por não se seguir os princípios normativos (regentes) necessários em revistas científicas. Deste modo, recomenda-se ter:

1) Registro no ISSN: Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas (*International Standard Serial Number* ou ISSN) é o identificador aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação seriada, tornando-o único e definitivo. Seu uso é definido pela norma técnica internacional da *International Standards Organization* ISO 3297.

O ISSN é operacionalizado por uma rede internacional, e no Brasil o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) atua como Centro Nacional dessa rede.

O ISSN identifica o título de uma publicação seriada em circulação, futura (pré-publicação) e encerrada, em qualquer idioma ou suporte físico utilizado (impresso, *online*, CD-ROM etc).

Uma publicação, em qualquer tipo de suporte, que vai sendo editada em fascículos ou volumes sucessivos, tendo usualmente designação numérica ou cronológica, durante um período não limitado à partida.

⁴³ Nestes encontros realizados em novembro de 2004, abril, maio e outubro de 2005, intermediados pelo Prof. Dr. Jorge Marinho Scarpi, pode-se dialogar com Mariana Rocha Biojone, Dra. Maria Mércia Barradas, Presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), entre outros que muito auxiliaram ao encontro das fontes aqui trazidas.

O ISSN aplica-se a todas as publicações em série, publicadas no passado ou no presente, ou a publicar num futuro previsível, em qualquer tipo de suporte. As publicações em série compreendem as revistas, os jornais, as publicações anuais (como relatórios, anuários, directórios, etc.), as séries monográficas, as memórias, as actas de sociedades, etc. (<http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/sp-issn.html>, visitado em 08/2004).

O ISSN é composto por oito dígitos, incluindo o dígito verificador. Representa-se em dois grupos de quatro dígitos cada um, ligado por hífen, precedido sempre por um espaço e a sigla ISSN. No caso da revista e-Curriculum, obteve-se o ISSN 1809 – 3876.

No Brasil, até dezembro de 2005, os procedimentos para registrar uma publicação periódica eletrônica eram de preencher um formulário descrevendo o periódico; pagar uma taxa obrigatória; tirar uma cópia colorida, em caso de periódicos eletrônicos, da capa, da apresentação, corpo editorial, das edições existentes e das normas editoriais da revista. Tendo as cópias em mão devia-se enviar ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, em Brasília por correio postal, via Sedex.

A revista e-Curriculum fez todos os procedimentos acima e recebeu seu registro ISSN, após correções solicitadas por tal órgão na normalização da página de Submissão de Trabalhos. Corrigiram-se as informações que lá existiam e que poderiam gerar dúvidas, tais como a aceitação dos trabalhos por impressão ou por *e-mail* da própria revista e separar as normas de trabalhos das explicações demais da revista.

Fez-se o procedimento requerido pelo ISSN, em 31 de janeiro de 2006, a revista e-Curriculum já possuía seu registro no ISSN. Inserido na primeira página da revista no campo superior da mesma, como é solicitado (Figura 3).

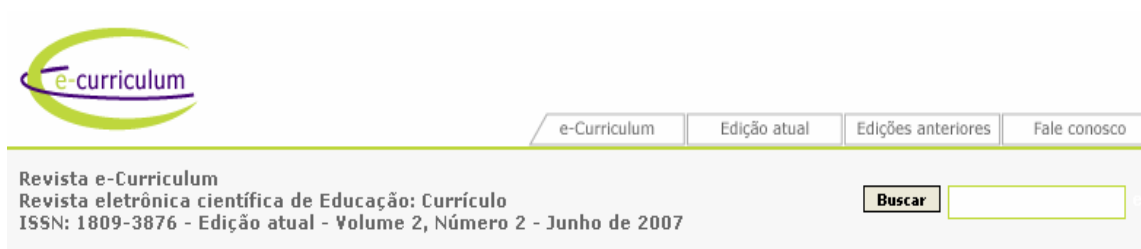


Figura 3 - Número ISSN

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

2) Conselho Editorial, ou equivalente, composto por membros da instituição e membros externos: Neste critério, a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) apresentou os princípios para se compor o Conselho Editorial, determinando que é preciso:

- ter composição pública;
- ser formado por especialistas reconhecidos da área temática do periódico;
- não possuir concentração acima de 40% em uma mesma instituição e de 50% em um mesmo estado e
- ter membros de origem internacional.

A própria SciELO reconhece que, em determinadas áreas do conhecimento, é viável ter um conselho editorial concentrado de 50% de pesquisadores reconhecidos de um mesmo estado, estabelecendo assim uma margem superior ou inferior de acordo com cada área do conhecimento.

O Conselho Editorial⁴⁴ tem como função auxiliar o Editor da Revista no primor pela qualidade da publicação; auxiliar na avaliação pelos pares e na composição da revista; ajudar na disseminação e divulgação para as comunidades científicas e sociedade.

Deve ser composto por especialistas na área de conhecimento temático da revista, além de representatividade e titulação na comunidade científica em que atua.

⁴⁴ A expressão Conselho Editorial também aparece como Corpo Editorial o Conselho Científico nas revistas. Todas elas são aceitas.

Fez-se a carta convite e a carta resposta (ANEXO C), como o auxílio de uma colega da turma do doutorado, Beatriz Nadal, que não fazia parte do grupo formador da Revista e-Curriculum, e era Editora da Revista Olhar de Professor, da Universidade do Paraná, mas colaborou prontamente no auxílio ao grupo.

O grupo formador solicitou ao Conselho Editorial que participasse do envio do currículo resumido, do endereço do Currículo Lattes (no caso de pesquisadores brasileiros) e de uma foto digital, pois a intenção inicial era disponibilizar na página da revista o endereço eletrônico, o breve currículo, a foto e o endereço do currículo acessível a todos.

Como nem todos os consultores apoiaram tal idéia, acabou-se disponibilizando na página da revista apenas o currículo resumido do Conselho e o endereço eletrônico do mesmo, em formato *Portable Document Format* (PDF).

No segundo número, seguindo às solicitações do próprio conselho, retirou-se o endereço eletrônico dos mesmos e disponibilizou-se apenas o nome completo e a instituição a qual pertenciam (Figura 4).

The screenshot displays the website for 'Revista e-Curriculum'. At the top left is the logo 'e-curriculum'. Navigation tabs include 'e-Curriculum', 'Edição atual', 'Edições anteriores', and 'Fale conosco'. The main header identifies the journal as 'Revista e-Curriculum', a scientific journal of education, with ISSN 1809-3876, Volume 2, Number 2, June 2007. A search bar is present. A left sidebar contains a menu with items like 'Principal', 'Corpo editorial', 'Edição atual', etc. The main content area is titled 'Conselho Científico' and lists 18 members with their names and affiliations.

Revista e-Curriculum
 Revista eletrônica científica de Educação: Currículo
 ISSN: 1809-3876 - Edição atual - Volume 2, Número 2 - Junho de 2007

Conselho Científico

- Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani (USP-BRASIL)
- Prof. Dr. Alípio Casali (PUCSP - BRASIL)
- Profa. Dra. Ana Maria Saul (PUCSP - BRASIL)
- Prof. Dr. Arão Paranaguá de Santana (UFMA - BRASIL)
- Profa. Dra. Branca Jurema Ponce (PUCSP - BRASIL)
- Prof. Dr. David Cavallo (MIT - EUA)
- Profa. Dra. Ecleide Furlaneto (UNICID - BRASIL)
- Profa. Dra. Edith Ackermann (MIT - EUA)
- Profa. Dra. Hildizina Inária Pereira Norberto Dias (Universidade Pedagógica de Moçambique)
- Profa. Dra. Ivani Fazenda (PUCSP - BRASIL)
- Prof. Dr. Larry O'Farrell (Queen's University -Kingston, Canadá)
- Profa. Dra. Léa das Graças Camargo Anastasiou (UFPR - UNOESC - BRASIL)
- Profa. Dra. Mara Regina Lemes de Sordi (PUC-Campinas - UNICAMP - BRASIL)
- Profa. Dra. Maria Elizabeth. B. Almeida (PUCSP - BRASIL)
- Profa. Dra. Maria Eugênia Castanho (PUC-Campinas - BRASIL)
- Profa. Dra. Marina G. Feldmann (PUCSP - BRASIL)
- Prof. Dr. Michael Apple (University Wisconsin- Madison - EUA)
- Prof. Dr. Orlando Nobre de Souza (UFPA - BRASIL)
- Prof. Dr. Ricardo Fasti de Sousa (FGV - BRASIL)
- Prof. Dr. Simão Pedro P. Marinho (PUC-MG - BRASIL)
- Prof. Dr. Yves Lenoir (Université de Sherbrooke - AMSE - WAER - CANADA)
- Profa. Dra. Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo (Universidade Tuiuti do Paraná - BRASIL)
- Prof. Dr. Pere Marquês Graells (Universitat Autònoma de Barcelona UAB - Espanha)
- Prof. Dr. Almerindo Janela Afonso (Universidade do Minho - Portugal)
- Prof. Dr. Licínio Lima (Universidade do Minho - Portugal)

Figura 4 - Corpo Editorial da Revista e-Curriculum

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

3) Periodicidade regular: A periodicidade regular é marcada pela pontualidade que uma publicação impressa tem de seus fascículos. É feita a partir de uma regra básica por número de trabalhos inéditos⁴⁵ que um periódico deve ter em sua área de conhecimento. A SciELO recomenda um

⁴⁵ Os periódicos devem publicar predominantemente artigos originais resultantes de pesquisa científica e/ou significativas para a área específica do periódico. Os periódicos podem incluir outros tipos de contribuições, como artigos de revisão, comunicações, resenhas e estudos de caso, que não serão consideradas como artigos originais.

número mínimo de periódicos e trabalhos por ano, como pode ser verificado no quadro 2:

Quadro 2 - Periodicidade mínima desejada - número mínimo desejado de artigos por ano

Área temática	Periodicidade		Número de artigos por ano	
	mínima	Desejada	mínimo	desejado
Agrárias e Exatas	trimestral	bimestral	40	48
Biológicas	trimestral	bimestral	60	72
Humanas	semestral	quadrimestral	18	24

Fonte: Critérios de Avaliação de Periódicos Scielo Brasil, coletado em encontro com Mariana R. Biojone - http://www.scielo.br/criteria/scielo_brasil_pt.html

A Revista e-Curriculum apresentou 13 trabalhos originais de pesquisa em Educação, em seu primeiro volume e número, em dezembro de 2005. No volume 1, número 2 de junho de 2006, publicou 8 trabalhos originais, frutos de pesquisa e 3 não originais (Comunicações). Já no Volume 2, número 1 de dezembro de 2006, 9 trabalhos inéditos frutos de pesquisa e apenas 1 resumo de dissertação foram publicados.

Desta forma, num primeiro ano de existência da Revista e-Curriculum, publicaram-se 30 trabalhos inéditos dos países Brasil, Espanha, Cuba, Moçambique, Argentina, Estados Unidos e Canadá. Todos aprovados para publicação por dois pareceristas em duplo cego⁴⁶. Em junho de 2007, no Volume 2, número 2, 9 trabalhos inéditos e uma entrevista foram publicados.

No mundo, as avaliações Internacionais como ISI, DOAJ, Latindex, Redalyc entre outras, permitem aos Editores e Comitês Científicos de periódicos eletrônicos a disponibilização dos trabalhos *online* no percorrer da periodicidade escolhida pela Revista.

⁴⁶ O duplo cego é o parecer feito por dois pesquisadores reconhecidos da área do trabalho enviado a uma revista científica. Os órgãos indexadores recomendam este tipo de arbitragem, em que não se sabe o autor do trabalho, como também, somente o editor e seu auxiliar sabem os árbitros. Em caso de dúvida na arbitragem, compete ao Editor analisar o trabalho, encaminhar ao conselho e assim realizar sua aprovação ou não.

A sugestão dos avaliadores internacionais para o Conselho Editorial sempre fora no sentido de se aproveitar plenamente das possibilidades da *Web*, incluindo na página da revista, fóruns temáticos, áudio, vídeo, cartas ao editor, entre outros.

Assim como, disponibilizar, conforme a avaliação dos pares, os trabalhos referentes àquele número, não precisando esperar a data estabelecida para a publicação. Esta é considerada uma das grandes vantagens, possibilidades e inovação no que tange ao aproveitamento dos meios eletrônicos em relação aos periódicos científicos.

Entendendo as dificuldades da comunidade científica brasileira que avalia os periódicos eletrônicos e por não existir normas estabelecidas para tais fins, optou-se por seguir o mesmo padrão estabelecido para as revistas impressas e apenas disponibilizar nas datas previstas, em julho e dezembro de cada ano.

A falta de um debate aberto entre avaliadores QUALIS, SciELO Brasil, Editores e Conselhos Editoriais de Revistas eletrônicas de modo que se possa conhecer as potencialidades que as Tecnologias de Informação e Comunicação possibilitam, traz, de certa forma, a insegurança de se produzir na *Web* as vantagens potenciais de uso e assim o próprio desenvolvimento da ciência, tecnologia e sociedade.

As mídias trazem características diferentes, não dar apoio financeiro, considerar de menor valor um periódico eletrônico, não dialogar com aqueles que disseminam nacional e internacionalmente os resultados de pesquisas em meio eletrônico é distanciar-se, de alguma forma, da sociedade de informação atual.

Em reunião com o grupo formador e o editor da revista, Prof. Dr. Antonio Chizzotti, acreditou-se por bem esperar a avaliação QUALIS e, a partir desta, realizar as “inovações” que uma revista eletrônica pode instituir no campo de publicações.

Além das normas indicadas pela SciELO, incluíram-se às três recomendações a partir das orientações de Ferreira e Targino (2005) quanto a norma de publicação.

4) Normas de Publicação: Para a composição das normas, a pesquisadora reviu, como fora solicitado pelo grupo formador da revista, algumas revistas impressas, classificadas pela QUALIS, com parecer A e Internacional, entre elas a Revista Brasileira de Educação, da ANPED.

Formatou-se e registrou-se na lista de discussão as normas possíveis que poderiam estar na revista e que não trariam problemas aos colaboradores e aos pareceristas, e, por sua vez, estariam disponíveis na versão eletrônica.

Martha Maria Prata-Linhares, em reunião presencial, discutiu a necessidade de se ter as normas em língua inglesa, assim autores de diferentes partes do mundo poderiam publicar na revista.

Combinou-se, então, que ela e seu colega Michael Shurtleef, que estudava Tradução na McGill University – Canadá, tomariam esta providência a partir do texto que a pesquisadora disponibilizou a todos os integrantes da equipe de formação das normas, por meio da lista, constando no arquivo *online* do grupo.

Realizado tal processo, buscou-se incluir, nas duas versões, os princípios regentes de um periódico científico. Sendo assim, todos os trabalhos publicados na revista devem seguir as normas de publicação, que podem ser acessadas na primeira página na revista *online*.

5) Ter resumo e palavras-chave: Redigidos em língua portuguesa, além de inglês e da língua original de envio que a revista aceitava (espanhol ou francês).

6) Seguir a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas): Foi o padrão normativo de origem nacional escolhido para a revista. Obrigatoriamente deveriam estar acessíveis, por meio de *link* também numa das páginas da revista.

Um longo trabalho de planejamento, desde a compilação das Normas ABNT à disponibilização de fácil acesso para o autor e pareceristas foi feito pela pesquisadora e pelo técnico responsável.

Das diversas tentativas realizadas, no número 2, volume 1 de dezembro de 2006, teve-se a versão definitiva do que se desejava. Como pode ser visto em detalhes ao acessar a página <http://www.pucsp.br/ecurriculum/normas.php>.

The screenshot shows the 'e-Curriculum' website interface. On the left is a navigation menu with links like 'Sobre a Revista', 'Principal', 'Corpo editorial', etc. The main content area is titled 'Apresentação da revista_' and contains text about the journal's scope and mission. Below this, there is a 'REALIZAÇÃO' section with the logo for 'Currículo Educação PUC-SP'. A dropdown menu is open over the 'Normas' link, listing various submission guidelines: Normas Editoriais e Gerais, Organização dos trabalhos, Normas para Apresentação dos Trabalhos, Referências, Revisão, Avaliação, and Direitos autorais.

Figura 5 - Página com o *link* de submissão de trabalhos

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum/normas.php>

Colocaram-se as normas de submissão de trabalho em inglês, numa única página, em que se apresentam as normas editoriais e gerais; a organização dos trabalhos; tipos de trabalhos; referências bibliográficas (ABNT); como se faz a revisão; a avaliação pelos pares e os respectivos direitos autorais. Assim como em língua portuguesa deixa-se claro que a responsabilidade pelo conteúdo é do autor.

Todos os trabalhos publicados na revista e-Curriculum abrem-se por meio de um *link* que se encontra ligado ao título do trabalho, nome do autor e sua filiação. Os trabalhos publicados na revista desde 2005 estão armazenados e podem ser acessados por qualquer leitor em qualquer parte do mundo. O armazenamento de arquivos *online* é um auxílio àqueles que pesquisam e à própria organização de uma revista que tem acessível todo o material que nela se registrou desde seu primeiro número.

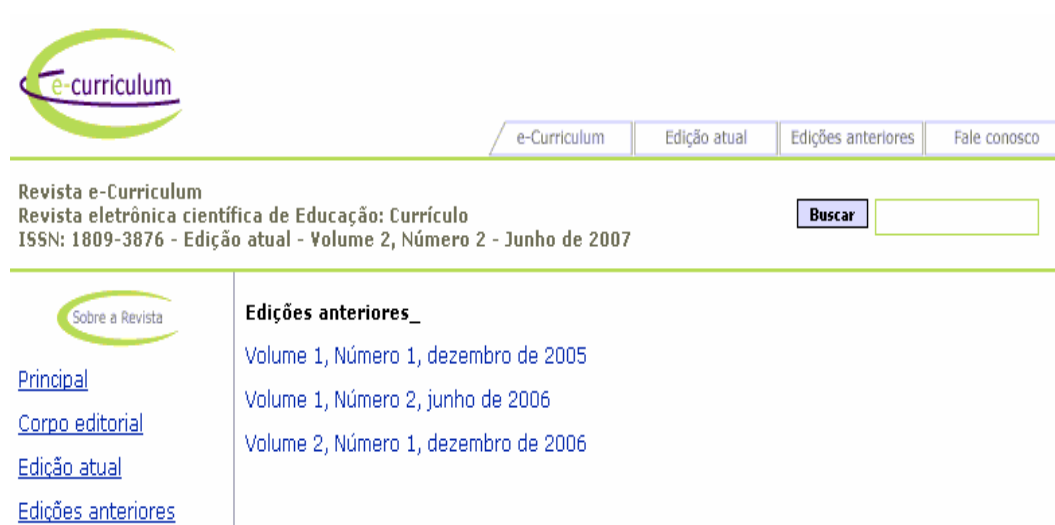


Figura 6 - Disponibilização de todos os trabalhos publicados

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

7) Fluxograma de Atividades: Representa ao leitor, autor e parecerista toda a atividade realizada a partir do ingresso de um trabalho nos bancos de dados da revista.

Para se garantir a transparência e a segurança aos autores, disponibiliza-se na página da revista o fluxograma:

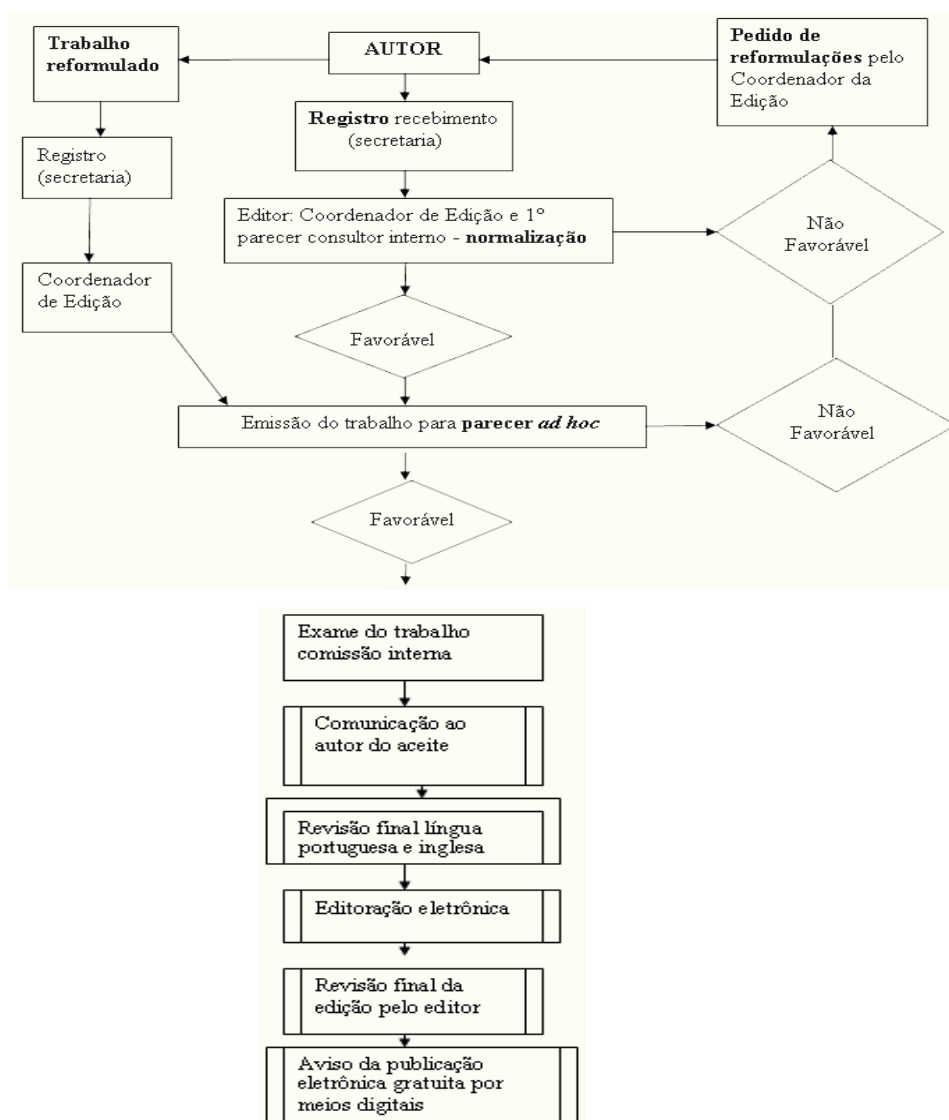


Figura 7 – Fluxograma de Atividades Internas

Fonte: http://www.pucsp.br/ecurriculum/fluxograma_de_atividades_internas.php

Os princípios regentes de um periódico científico trouxeram ao grupo formador a segurança de que se pode aprovar um trabalho de qualidade, como se poderá observar no Capítulo 6.

Ao mesmo tempo em que se pesquisavam os princípios regentes de uma revista científica, e se sistematizavam os passos, pesquisavam-se os periódicos produzidos no Brasil em Educação.

4.3 Os periódicos brasileiros de Educação: dos impressos aos eletrônicos

As primeiras buscas realizadas foram em Bibliotecas Nacionais e Universitárias (Biblioteca da PUC-SP e biblioteca da USP). Em catálogos de publicações científicas, encontraram-se nos registros, na área caracterizada como Educação – Ciências Sociais e Humanas, revistas de Física, Medicina e Saúde, Educação Física, Educação e Enfermagem, entre outras.

No Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN), organizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), deparou-se com um Catálogo *online* desatualizado. Um exemplo disto é o fato da revista e-Curriculum já estar registrada no índice do ISSN, desde fevereiro de 2006, e não aparecer nem mesmo *online* em tal Catálogo, em final de novembro de 2006.

Na página que se pesquisou pela Internet, http://www.latindex.unam.mx/pais.php?clave_pais=9&opcion=1, encontram-se registradas no Brasil 3.322 revistas, anais, boletins brasileiros. Ao se reduzir a pesquisa em "humanidades-ciências-sociais-educação", encontrou-se Educação nas Ciências Sociais subdividida em:

QUADRO 3 – Dados de Publicações Indexadas em Educação no Latindex

Educación	(874 Publicaciones)
Educación media o secundaria	(1 Publicaciones)
Educación preescolar	(0 Publicaciones)
Educación primaria	(0 Publicaciones)
Educación superior	(1 Publicaciones)

Fonte: http://www.latindex.unam.mx/index.html?opcion=1&T=G&nivel_tem a=5&renglon=6&X=, visitado em 12/04/2006.

Observou-se que mesmo dividindo e subdividindo, ao acessar o campo destinado ao reconhecimento das revistas registradas em Educação, encontraram-se revistas de Engenharia, Medicina entre outras áreas do saber, não encontrando o recorte dado a esta pesquisa: Pedagogia.

O que leva a declarar, mesmo não sendo da área específica de biblioteconomia, que há necessidade urgente de sistematizar por áreas definidas o registro das revistas e periódicos; primeiro pelo número crescente deste gênero de publicação, segundo pela própria necessidade científica de se localizar com facilidade as Revistas na área específica da temática Educação, para a pesquisa dos usuários.

Em 1993, Fávero, Amado e Garcia; e Chizzotti fizeram um levantamento, segundo a ótica de produção em Educação, encontrando 157 periódicos impressos, destes foram analisados 92 pelos autores.

Em 2000, os três primeiros autores arrolaram 230 periódicos, permanecendo para tal estudo 120. Levantaram-se 64 novos títulos relacionados à Educação, depois de 1992. Até 2000 não havia avaliação qualitativa dos periódicos impressos na área de educação.

Em pesquisa de Fávero, Amado e Garcia (2000), em que se analisaram periódicos brasileiros de educação, encontraram-se alguns pontos destacáveis para a realização desta investigação e que se concorda:

A -dificuldade em localizar periódicos da Educação, com recorte em pedagogia;

B -falta de pesquisas que percorram a importância e a utilização dos periódicos pelo público leitor;

C -falta de motivação de pesquisadores para a importância “desse veículo como instrumento de difusão do saber científico produzido nas universidades e nos centros e grupos de pesquisa” (idem, p. 2);

D –criação de novos títulos por necessidade de faculdades, centros, programas de pós-graduação e departamentos divulgarem seus trabalhos;

E -tendência na produção de periódicos e séries identificadas diretamente com grupos de pesquisa ou áreas temáticas, envolvendo a participação de diferentes instituições.

Chega-se à conclusão de que a criação de novos periódicos ocorre pela necessidade dos pesquisadores tornarem visíveis suas produções, atentando à necessária disseminação, divulgação e ao intercâmbio e ao fato de os periódicos existentes, não estarem comportando a demanda das produções existentes hoje, no Brasil. Neste aspecto, as Tecnologias de Informação e Comunicação auxiliam este investimento crescente.

O que chamava a atenção era a premissa levantada em Fávero, Amado e Garcia (2000, p. 2) de que a falta de motivação de pesquisadores para a importância “desse veículo como instrumento de difusão do saber científico produzido nas universidades e nos centros e grupos de pesquisa” (idem, p. 2), ocasionava a falta de uso deste importante instrumento de comunicação.

Esta falta de "importância" ou de entendimento daqueles que hoje vivem a pesquisa foi fator fundamental na criação da Revista e-Curriculum. Quando a pesquisadora se depara, mais de uma vez, na desistência de membros do grupo formador; nas dificuldades de se fazer entender os princípios que regem uma publicação científica; na falta e falha das informações, na falta de recursos financeiros e apoio de órgãos competentes e institucionais para a disseminação, com qualidade, dos resultados de pesquisas científicas, por meio de um periódico eletrônico.

Se a literatura científica se iniciou com o periódico do Reino Unido, editado em março de 1695, *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, observa-se que em 2007 ainda não se sabe usar, para ensino e pesquisa, os periódicos impressos e, menos ainda, os periódicos eletrônicos.

No tocante aos periódicos *online*, até dezembro de 2007, não se obtiveram respostas das bibliotecas dos procedimentos de registro dos periódicos em educação que fossem de acesso livre e eletrônico. Tampouco foram informadas as normas regulares, não de uso obrigatório de *software*,

mas dos procedimentos *online* que dessem visibilidade e garantia às publicações científicas no Brasil.

Fato este que se comprova na última avaliação de periódicos realizada pela ANPED-QUALIS, no período de fevereiro de 2007 ao mês de maio de 2007, em que os 11 únicos periódicos eletrônicos existentes nesta área, não foram avaliados, devido à falta de instrumentos da equipe avaliadora que reconhecessem as prioridades de uma revista eletrônica em detrimento das impressas. Este fato se comprova com o *e-mail* recebido pelo equipe editorial (ANEXO A).

Na página da ANPED (<http://www.andep.org.br>) encontrava-se a Avaliação dos Periódicos Nacionais e Internacionais que se dispuseram à organização. Há disponível um relatório descritivo das dificuldades de se avaliarem os 11 periódicos enviados, o que resultava num parecer inicial apenas dos periódicos impressos, solicitando um maior tempo para que os avaliadores pudessem fazer este trabalho em relação aos periódicos eletrônicos.

Os periódicos eletrônicos em Educação, que a ANPED recebeu para avaliação, foram encontrados pela pesquisadora em 2005, quando pesquisava a melhor forma de se visualizar uma revista pela *Web*. Selecionaram-se 180 periódicos brasileiros em educação registrados nas bases do Latindex. Cruzaram-se com os dados recebidos pela base de qualificação de periódicos QUALIS até 2006, escolhendo-se os que estivessem em disponibilização na Internet, com o recorde específico de Pedagogia - Educação, para esta pesquisa.

QUADRO 4 – Revistas Eletrônicas em Educação

No. E Classificação da Publicação	ISSN	NOME	ENDEREÇO ELTRÔNICO e observações da pesquisadora em 2005/2006
Arquivos Analíticos	1068-2341 (difícil acesso ao registro)	Arquivos Analíticos de Políticas Educativas	<p>http://epaa.asu.edu/epaa/ Em inglês e algumas partes em espanhol Não se compreende a periodicidade Cada artigo é publicado independente via <i>online</i> em PDF. Não há página com índice e não há tradução para o português.</p>
Caderno Seminário	1980-0045	CASEPEL Caderno Seminário Permanente de Estudos Literários	<p>http://www.dialogarts.uerj.br/casepelg.htm Indica semestralidade, porém somente há os números de junho de 2006 e dezembro de 2006, em agosto de 2007 ainda não estava disponível o número de junho. Os números são disponibilizados de forma integral em PDF, o leitor tem de baixar o número completo para saber o que há na revista eletrônica. Há seis trabalhos publicados no primeiro número, não tem resumo, palavras-chave; <i>abstract</i> e <i>keyword</i>.</p>
Revista	1554-6713	<i>Childhood & Philosophy</i>	<p>http://www.filoeduc.org/childphilo/n5/index_por.html Na primeira página há os links para a revista. Tem sumário, não tem editorial, apenas as boas-vindas dos editores desde 2005. São disponibilizados nove trabalhos com as indicações: autor, sobrenome e título, trabalhos em PDF. Título, Nome do autor sem vínculo acadêmico e e-mail, Resumo, palavras-chave <i>Abstract</i> e <i>keywords</i>, não segue a ABNT.</p>
Revista	1980-850X <i>online</i> e impressa	Ciência e Educação – UNESP – Bauru	<p>http://www.unesp.br/prope/revcientifica/CienciaEducacao/Historico.php http://www2.fc.unesp.br/cienciaeducacao/about.php Periódico Nível Internacional Qualis: tem como missão publicar artigos científicos sobre resultados de pesquisas empíricas ou teóricas</p>

			<p>e ensaios originais sobre temas relacionados à Educação Científica. Entende-se por pesquisa em Educação Científica as investigações que gerem conhecimentos, por exemplo, sobre o ensino e a aprendizagem de Ciências, Física, Química, Biologia, Geociências, Educação Ambiental, Matemática e áreas afins. A revista tem, ainda, como responsabilidade disseminar a pesquisadores, professores e alunos dos diversos níveis de ensino, bem como aos interessados em geral, a produção nacional e internacional nesta área de pesquisa.</p> <p>Na versão <i>online</i> apresenta: logotipo e as informações e links obrigatórios para o <i>open access</i>, Capa, equipe editorial, missão, normas, submissão <i>online</i>, processo de avaliação pelos pares, periodicidade (quadrimestral), estatística da revista, arquivamento, conselho consultivo nacional e internacional, patrocínio da revista, mapa do site e fluxograma do processo editorial. Utiliza o <i>software</i> SEER.</p>
Revista	1645-1384	Currículo sem Fronteiras	<p>http://www.curriculosemfronteiras.org/index.htm</p> <p>Apresenta página inicial-capa, contendo links de acesso ao: Principal, Artigos, Clássicos, Sobre a Revista, Envio de Artigos e outras páginas.</p> <p>Em agosto de 2007 publicava o número correspondente a dezembro de 2006. Configurava atraso na edição que é semestral. Indexada no Portal de Periódicos da Capes e Avaliação A da Qualis. Versão somente <i>online</i>.</p> <p>Os trabalhos em versão PDF não apresentavam resumo e palavras-chave, nem <i>abstract</i> e <i>keywords</i>, o título configura em português e inglês. Fato este que se modificou a partir de outubro de 2007.</p>
Revista	1676-2592	ETD – Educação Temática Digital - UNICAMP	<p>http://143.106.58.55/revista/index.php</p> <p>Versão completa em <i>open access</i>. Segue todas as normas indicadas para uma revista científica. Todos os trabalhos nela publicados são acessíveis em versão PDF. Utiliza o <i>software</i> SEER</p>

Revista	1808-6993	Revista Fafibe	http://www.fafibe.br/revistaonline/ Revista anual que publica trabalhos dos docentes da Instituição, caracterização endógena local. Por alguma falha na concepção eletrônica não se pode aceder aos trabalhos até dezembro de 2007 para verificar se seguiam às normas de revistas científicas.
Revista	1808-124X	Revista Gestão em Ação – UFBA	http://www.gestaoemacao.ufba.br/home1.html Revista em versão impressa e <i>online</i> . Última publicação data de dezembro de 2006, caracteriza-se nitidamente como produção trimestral. Todos os trabalhos são disponibilizados em PDF, com resumo e palavras-chave, sem a versão em inglês. Em outubro de 2007 tornou-se disponível <i>online integral</i> , trazendo os números anteriores não disponíveis em <i>open access</i> ainda.
Revista	1519-0919	Revista Profissão Docente	http://www.uniube.br/uniube/cursos/mestrado/revista/capa.htm A revista não se encontrava disponível no endereço indicado. A pesquisadora telefonou no departamento de publicação da revista (Mestrado) e soube que era uma publicação periódica semestral, com trabalhos internos do programa de mestrado da mesma instituição. Estava fora do ar por motivos técnicos.

Nota-se que nem todos se caracterizavam como periódicos, faziam parte referente à publicação de trabalhos científicos apresentados em congressos, como é o caso de Arquivos Analíticos e Caderno Seminário.

Assim como a Revista Gestão e Ação da Universidade Federal da Bahia, que mantinha a publicação impressa e *online*, esta última sem acesso aberto ao público leitor comum até outubro de 2007, era necessário pagar e ter registro para poder ler os trabalhos nela disseminados eletronicamente. Posterior outubro de 2007 a Revista Gestão e Ação iniciou-se no acesso aberto.

Portanto, partiu-se do olhar mais profundo em seis periódicos *online* para poder observar qual seria o melhor diálogo interface-leitor para a revista e-Curriculum.

Foi preciso buscar em sistemas de avaliação internacional, aquilo que se deveria fazer, para caracterizar um periódico nacional com qualidade próxima a Internacionais e Nacionais A.

Disto iniciou-se a busca destes parâmetros pelo indexador *La Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal* (Redalyc⁴⁷), que é um projeto desenvolvido e mantido pela *Universidad Autónoma de Estado de México* (UAEM), com o objetivo de difundir a atividade científica editorial produzida na América Latina, Portugal e Espanha.

O Diretório Americano de Periódicos de Acesso Aberto (*Directory of Open Access Journals* – DOAJ) fora outro instrumento de pesquisa utilizado para se realizar a Revista e-Curriculum. O DOAJ⁴⁸, assim como o *Redalyc*, é um órgão avaliador que indica aos periódicos os parâmetros necessários para atingirem qualidade de publicação científica de acesso aberto, baseados na máxima de que a ciência que não se vê não existe.

Nos diretórios Internacionais observava-se o que era necessário para se desenvolver um periódico científico de qualidade em termos de suporte digital eletrônico, assim como em termos de conteúdo a ser disposto.

Em ambos diretórios, assim como os demais indexadores, remeteram-se relatórios para apreciação da revista e-Curriculum, em busca das possíveis sugestões de melhoria na qualidade normativa do periódico.

Todos os relatórios internacionais são preenchidos *online*. As informações solicitadas são registradas *online* e espera-se o recebimento de mensagem do órgão em questão, fornecendo seus pareceres relativos à publicação ou à informação de que o periódico foi aceito ou não.

Tais diretórios levam em torno de seis meses para indicarem aos editores das revistas seus pareceres e a indexação ou não da mesma. No

⁴⁷ Todas as informações para esta pesquisa foram feitas no próprio sítio da Redalyc (<http://redalyc.uaemex.mx/>), como também por troca de e-mail com o responsável o professor Eduardo Aguado López, Diretor Geral do Projeto.

⁴⁸ Todas as informações pesquisadas para este trabalho foram encontradas em; <http://www.doaj.org/doaj?func=loadTempl&templ=about>, como também via e-mails trocados com Sonja Brage, Diretora de Inserção de Periódicos Científicos na base de dados.

caso da revista e-Curriculum, o *DOAJ* respondeu positivamente à indexação posterior oito meses de seu registro encaminhado pela página do *DOAJ*⁴⁹.

O *Redalyc* respondeu posterior seis meses. Forneceu um vasto relatório com sua aprovação no diretório de revistas científicas. Discriminaram as possibilidades e potencialidades do *open access*, assim como o uso da rede de computadores com acesso à Internet que poderia ainda ser desenvolvida (ANEXO D).

No final de 2006, a revista e-Curriculum já fazia parte dos diretórios internacionais com as avaliações de *Redalyc* e *DOAJ*. Em outubro de 2007, recebia-se a avaliação QUALIS - ANPED Nacional A.

No Brasil, ainda não havia parâmetros de qualidade a se seguir em periódicos *online*. Fato constatado que leva a ANPED - QUALIS publicar que os periódicos, em número de 11 eletrônicos, não receberiam a avaliação em data prevista, ou seja, em 7 maio de 2007, por não haver parâmetros de verificação de periódicos *online*, solicitando assim, compreensão aos editores destas.

Somente em 10 de outubro de 2007, a revista e-Curriculum recebia o comunicado de sua avaliação QUALIS Nacional A:

Os periódicos foram avaliados segundo um conjunto de exigências objetivas, sendo elas: **normalização, publicação, circulação, autoria e conteúdo e gestão editorial**. Além desses critérios relacionados aos aspectos técnico-administrativos, ao projeto editorial e de circulação dos periódicos, foram também utilizados na avaliação outros critérios, tais como: a **tradição do periódico** e sua **inserção na área**. Para tanto, foi valorizada a **política editorial**, que apresenta foco claramente direcionado para questões educacionais, evidenciado pela **tematização de questões**

⁴⁹ As informações passadas para estes avaliadores internacionais (*DOAJ*, *Redalyc*, *Latindex*, entre outros), não podem ser copiadas, pois são informações tidas como confidenciais e transmitidas por meio de *software* específico de cada instituição, emitidas *online*, por meio de um passaporte que tiveram acesso apenas a pesquisadora e o editor da revista e-Curriculum.

contemporâneas, que trazem contribuições inovadoras à pesquisa educacional por meio de artigos de interesse amplo, constituindo-se em material de relevância na área. Também foram considerados outros indicadores da qualidade do periódico, como a **diversificação qualificação dos autores, dos editores, dos pareceristas e conselheiros**.

A classificação final de cada periódico foi determinada assim, por duas dimensões da avaliação, ou seja, o cumprimento dos critérios de ordem técnica como a normalização e garantia de determinadas condições de edição, assim como circulação e inserção qualificada na área. Ao final, classificamos os periódicos avaliados em diferentes níveis, de acordo com os conceitos recebidos: Internacional Estrangeiro (A, B e C); Internacional (considerados aqui os periódicos nacionais A que apresentam padrão internacional); Nacional (A, B e C) e Local (A, B e C), conforme listados ao final deste relatório (RELATÓRIO- Comissão de Avaliação de Periódicos ANPED/2007, 09/10/2007 – Caxambu – MG)

Evidencia-se nesta mensagem que os periódicos eletrônicos foram avaliados pelos mesmos critérios usados nos periódicos impressos. Não se observa nenhum critério de aproveitar os meios tecnológicos de informação e comunicação que estão potentes no uso da rede como critério de evolução das comunicações disseminadas pelas TIC.

Os periódicos avaliados pela QUALIS-ANPED/2007 que receberam notas são:

Tabela 1 – Periódicos Eletrônicos Avaliados pela ANPED em 2007

PERIÓDICOS ELETRÔNICOS			
INTERNACIONAL			
Número	Periódico	ISSN	Classificação
01	Ciência e Educação	1516-7313	Internacional
02	Currículo sem Fronteiras	1645-1384	Internacional
NACIONAL A			
03	Educação Temática Digital	1676-2592	Nacional A
04	Revista e-Curriculum	1809-3876	Nacional A
05	Revista HISTEDBR	1676-2594	Nacional A
NACIONAL B			
06	Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa	1980-7686	Nacional B
07	Ciências e Cognição	1806-5821	Nacional B
NACIONAL C			
08	Atos de Pesquisa em Educação	1809-0354	Nacional C
09	Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental	1517-1256	Nacional C
LOCAL A			
10	Revista Profissão Docente	1519-0919	Local A

A tabela de avaliação da ANPED inclui novos periódicos eletrônicos que passaram pelo crivo avaliativo da Instituição. Para a avaliação de 2007, alguns periódicos não se submeteram ao processo, assim como:

Foram avaliados 7 novos periódicos impressos, 15 periódicos eletrônicos, sendo classificados 10 deles. Foram recebidos 37 recursos solicitando reconsideração da classificação obtida na

primeira chamada. Desses, 16 periódicos foram re-classificados. Outros 10 recursos foram encaminhados por periódicos que não puderam ser avaliados na primeira chamada por não apresentarem a documentação necessária ou por não corresponderem às exigências de caracterização de um periódico científico-acadêmico de Educação. Desses, 5 foram reconsiderados e os periódicos avaliados (RELATÓRIO- Comissão de Avaliação de Periódicos ANPEd/2007, 09/10/2007 – Caxambu – MG).

Observa-se nitidamente que a avaliação QUALIS - ANPED seguiu os princípios e normas regentes dos periódicos impressos, pelo simples fato de no Relatório enviado não haver nenhuma menção ou diferenciação entre os impressos e os eletrônicos.

É imprescindível um avanço neste sentido, posto a própria necessidade de publicar e a rapidez dos meios tecnológicos de informação e comunicação proporcionada aos pesquisadores. A possibilidade de terem os resultados de pesquisa em tempo real disponibilizados, com a mesma garantia de qualidade das revistas impressas, é uma conquista. Além de estas tecnologias poderem absorver outras inovações sem perderem os princípios de uma publicação científica (Capítulo 5).

Para garantir o entendimento das potencialidades de uma publicação eletrônica no campo da ciência, abre-se o próximo capítulo com a discussão do que é o acesso aberto (*open access*) e das possibilidades de leitura via *Web*, como questões que surgiam ao grupo na realização da revista.

CAPÍTULO V

Um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em constatação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas em seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia, ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito.

BARTHES, 1998, p. 70

5 DO ACESSO LIVRE DO CONHECIMENTO AO DESIGN DA LEITURA DE REVISTAS ELETRÔNICAS

Este capítulo traz a busca do grupo formador e da pesquisadora no que se refere ao entendimento do acesso aberto, também conhecido como *open access*, e a leitura em mídias digitais que recebe o nome de designer da leitura.

Durante o levantamento e análise dos dados de pesquisa, observou-se que desde o primeiro movimento na realização da revista e-Curriculum um dos pontos tratados nas reuniões era: “quem lerá a revista?”, referindo-se ao acesso aberto do periódico.

Na época não se dialogava no sentido *stricto* do significado da expressão *open access*, porém as expressões espontâneas surgiam no diálogo com o grupo formador:

leitura aberta do texto virtual (MMPL, outubro de 2004, diário itinerante, lista de discussão Yahoogrupos mensagem);

esse negócio, texto virtual?... assim, vai ficar disponível na Internet, vai sair para todos lerem?(EADS, diário itinerante, novembro de 2004);

tem algum nome específico todos os textos virtuais estarem disponíveis? (EADS, Diário itinerante, setembro de 2004);

Quem lerá todos os artigos da revista? (HG, Diário itinerante, agosto de 2004).

As questões apontadas acima levavam a entender o processo daquilo que se traz neste capítulo. As categorias que emergiram, espontaneamente, entre o grupo formador, geraram as buscas para a realização da revista e-Curriculum.

Deste modo, este capítulo abordará o acesso aberto e a compreensão leitora observada no percurso da realização da revista e-Curriculum.

5.1 Comunicação científica e o acesso livre ao conhecimento: *open access*

O *open access*, numa tradução literal é o acesso aberto ou livre ao conhecimento científico. A idéia real de sua necessidade começou a surgir na década de 1990.

O movimento do acesso aberto tem como filosofia o fato de que a ciência depende da circulação livre de idéias e resultados para se realizar plenamente (DOAJ, 2004).

Em geral, as publicações em acesso livre são semelhantes em aparência e apresentação dos tradicionais impressos. A diferença fundamental não está no conteúdo ou na disponibilização de normas, encontra-se no acesso por meio eletrônico, sem o usuário ter de pagar pela informação científica disponível ao mundo.

Suber (2007) traz a discussão das possibilidades do acesso aberto, baseado no Tratado de *Budapest Open Access*⁵⁰, sem a preocupação de discutir ou culpar a economia das editoras responsáveis pelas publicações científicas. O acesso livre ao conhecimento não deve ser visto como

⁵⁰ *Budapest Open Access Initiative*, tratado assinado em fevereiro de 2002, tem como finalidade acelerar os progressos no esforço internacional para fazer investigação de artigos em todas as áreas acadêmicas disponíveis gratuitamente na Internet. Os participantes deste processo representam muitos pontos de vista, muitas disciplinas acadêmicas, e muitas nações. São pesquisadores com experiência em muitas das iniciativas em curso que formam o acesso livre à circulação da informação, ou como alguns dizem ao conhecimento científico. Em Budapeste eles exploraram as distintas iniciativas de como poderiam trabalhar juntos para alcançar mais ampla, mais profunda e mais rapidamente o sucesso no projeto que se iniciava. Exploraram as estratégias mais eficazes e acessíveis para servir os interesses da investigação, investigadores e as instituições e as sociedades que apóiam a investigação. Finalmente, investigaram como poderiam utilizar os recursos mais produtivamente para ajudar a transição para o acesso aberto, tornando-o auto-sustentável. O resultado foi a *Budapest Open Access Initiative*. Trata - se de uma só vez uma declaração de princípio, uma declaração de estratégia, bem como uma declaração de compromisso com a qualidade e legitimação dos periódicos *online*. A iniciativa foi assinada pelos participantes do Tratado de Budapeste e um crescente número de indivíduos e organizações ao redor do mundo, que representam pesquisadores, universidades, laboratórios, bibliotecas, fundações, revistas, editoras se uniram para abrir um novo campo de acesso a iniciativas que levem as informações a todos em todos os lugares per meio da Internet (BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE, 2002).

“negócio”, mas servir aos interesses de diversos grupos aos quais pode ajudar a abertura da possibilidade de leitura integral das comunicações, trabalhos, resultados, relatórios e ensaios de pesquisas acadêmicas.

Para Suber (2007) o acesso aberto presta-se aos seguintes grupos:

- *aos autores*: pelo fato de conferir um público mundial maior do que a de qualquer subscrição impressa, não importando o quão prestigioso ou popular seja o periódico, aumentando, provavelmente, a visibilidade e o impacto do trabalho publicado pelo autor;
- *aos leitores*: por dar o livre acesso à literatura de que necessitam para a investigação; não constrangidos pelos orçamentos das bibliotecas onde podem ter acesso apenas os privilegiados. Ter a literatura científica *online* grátis, facilita obter dados, busca, indexação, resenhas, traduções, questionamentos, ligando, recomendando, alertando, *mash-up*⁵¹ e outras formas de tratamento e análise de dados;
- *aos professores e alunos*: por colocar ricos e pobres em pé de igualdade, eliminando a necessidade de permissão do autor ou editora para reproduzir e distribuir conteúdo;
- *às bibliotecas e bibliotecários*: Pelo fato de resolver a crise dos preços para periódicos acadêmicos. Também resolve o que se chamou pelo autor de “crise da permissão”, ou seja, com repertórios *online* gratuitos, a referência ao autor e àqueles que o publicaram (revistas) é garantida com maior eficiência, posto que se espera educar-se para a garantia da autoria e não dá cópia. Os bibliotecários querem ajudar os usuários a encontrar a informação de que necessitam, independentemente do orçamento da Universidade; sentem-se atados

⁵¹ O termo *mash-up* não tem tradução para a língua portuguesa, pode-se entender como *Web* híbrida, ou suprimida. Em tecnologia, um *mash-up* é uma aplicação *Web* que combina dados de mais de uma fonte em um único instrumento integrado, um exemplo é a utilização de dados cartográficos do *Google Maps* para adicionar informações à localização de imóveis em uma rua, criando assim um novo serviço *Web* que não estava originalmente fornecido por qualquer fonte (KARCH, 2007). O termo *mash-up* inicialmente referiu-se à prática de música pop (nomeadamente *hip-hop*), de produzir uma nova canção através da mistura de duas ou mais peças existentes.

aos limites impostos ao orçamento da biblioteca na compra das diferentes coleções. Além disto, é notório que os bibliotecários querem ajudar a faculdade a aumentar a sua audiência e o impacto e, assim, ajudar a aumentar o perfil da investigação universitária.

- *às Universidades*: Por aumentar a visibilidade do corpo docente e da instituição. Reduz as despesas com periódicos, e auxilia em sua missão de compartilhar o conhecimento;
- *aos periódicos e editores*: Pelo fato de tornar os artigos mais visíveis, detectáveis, recuperáveis e úteis. Se um periódico é de acesso aberto, ele pode usar esta superior visibilidade para atrair financiamento e publicidade, para não falar dos leitores e citações. Se um periódico prevê acesso aberto para alguns dos seus conteúdos (por exemplo, artigos selecionados em cada questão, todas as edições anteriores, após certo período de tempo), ele pode usar a sua maior visibilidade para atrair todos os mesmos benefícios acrescidos em suas subscrições. Se um periódico permite acesso aberto por meio *postprint* arquivamento, então ele tem uma vantagem em atrair autores sobre revistas que não permitem *postprint* arquivamento;
- *ao Financiamento das agências*: Pelo fato de aumentar o retorno do seu investimento em pesquisas, tornando os resultados da investigação financiada amplamente disponível, detectável, recuperável e mais útil à sociedade. O acesso aberto dá notoriedade social às agências públicas, que financiam as pesquisas e pesquisadores, pois ao proporcionar o acesso público aos resultados da investigação, financiada com fundos públicos, garante à sociedade o investimento que se fez com os cofres públicos;
- *aos governos*: Por serem financiadores das pesquisas, os governos podem se beneficiar do acesso aberto de todas as formas, pois comprovam seus gastos, além de obter visibilidade de investimentos em pesquisas para o mundo. O acesso aberto também promove a

democracia através da partilha governo – informações – sociedade local e mundo o mais rápido e amplamente possível;

- *aos cidadãos*: Pelo fato de dar acesso ao parecer – revisto de uma investigação, já que a maioria das revistas científicas não está disponível em bibliotecas públicas. Dá o acesso à pesquisa para o qual os cidadãos já pagaram por meio dos seus impostos. Também ajudam indiretamente os médicos, fabricantes, técnicos, e outros, que fazem uso das pesquisas em seu benefício.

O autor (SUBER, 2007) também menciona que, historicamente, os periódicos científicos não pagavam os seus autores, e não o fizeram, segundo Guédon (2001, p. 35) “desde os primeiros jornais lançados em Londres e Paris, em 1665”.

No mundo desenvolvido tem-se a rapidez das publicações dos periódicos científicos *online*. Observa-se que as revistas eletrônicas, na área de Educação⁵², mesmo seguindo a periodicidade (Capítulo 4), entendem que se pode publicar, assim que dá o parecer dos trabalhos aprovados. Isto agiliza a divulgação das pesquisas, além de proporcionar o aproveitamento do meio no qual é publicada, a conhecida semântica da *Web*.

O uso das potencialidades e o desenvolvimento técnico da *Web* permitem a apropriação de diferentes linguagens tecnológicas que incrementam as páginas da mesma, trazendo ao leitor diferentes níveis e formas de leitura de um único trabalho disponibilizado.

A evolução diária da rede e a sua rápida adaptação ao usuário final faz o futuro estar cada vez mais ligado a ela. A ágil comunicação, a fácil troca de informações e a coleta de dados são vantagens significativas do desenvolvimento da *Web* para a comunidade científica.

⁵² Dois exemplos de revistas científicas eletrônicas que utilizam o acesso aberto e aproveitam as possibilidades do meio no qual disponibilizam seus trabalhos são a catalana RUSC – *Revista de Universidad y Sociedad Del Conocimiento* e a *Innovate*, revista americana de educação digital, que publicam semanalmente, em acesso aberto, os trabalhos aprovados pelos pares.

5. 2 *Web* semântica: a evolução da linguagem tecnológica

Berners Lee (1999, 2000) aproximou-se do que já se vive em 2007, ao definir que a *Web* estaria cada vez mais sincronizada com aquilo que o usuário final necessita. Para o autor, o desenvolvimento da *Web* caminharia para o compartilhamento e facilitação da recepção da informação o mais completa possível, e que levariam as fontes possíveis de todas as informações compartilhadas ao usuário final.

A *Web* Semântica é o compartilhar de dados que nas palavras do autor significam:

[...] colocar dados na *Web* de maneira que as máquinas entendam ou realizem naturalmente a conversão dos dados. Isto cria o que eu chamo de *Web* Semântica – uma rede de dados que pode ser processada direta ou indiretamente pelas máquinas⁵³(idem, 1999, p. 177).

Esta *Web* Semântica que origina motores de busca, índices, localiza documentos, ainda por palavras sem análise de conteúdo, vai se construindo e convive amigavelmente tanto com usuários da *Web*, como com os dados até hoje nela disponibilizados.

A tendência do *mash-up* (KARCH, 2007), ou seja, do hibridismo da rede, influencia e influenciará o desenvolvimento das comunicações científicas disponibilizadas na *Web*. Possivelmente deixarão de ser os portais lineares e seus simples *links* de acesso às páginas - como é o caso das revistas brasileiras eletrônicas em educação pesquisadas até novembro

⁵³ Fez-se a tradução da fonte: “[...] the first step is putting data on the *Web* in a form that machines can naturally understand, or converting it to that form. This creates what I call *Semantic Web* – a *Web* of data that can be processed directly or indirectly by machines” (BERNERS LEE, 1999, p. 177).

de 2007- úteis para o real aproveitamento do desenvolvimento tecnológico que já existe.

A união do uso de voz, listas de discussões integradas aos artigos publicados, o envio de mensagens dialogadas em viva-voz, o envio de mensagens em viva-voz com imagens ainda se iniciam. A potencialização e a convergência da ciência para as aplicabilidades da *Web* são cada vez mais relevantes devido a pesquisadores e pesquisas na área de informática e biblioteconomia.

A *Web* Semântica deve ser entendida como uma *Web* inteligente, capaz de conceder significado e sentido real às unidades lingüísticas e de suas combinações (daí o termo semântico), a um arquivo que será disponibilizado para outros usuários, ou seja, que será uma fonte de pesquisa que se encontra por meio de metadados.

A importância dos metadados para a *Web* Semântica está basicamente ligada à facilidade de recuperação dos dados, uma vez que terão um significado e um valor bem definidos. Por isso, todos os documentos publicados na *Web* devem ser catalogados em bases de dados.

A ficha catalográfica de uma obra tecnologicamente são os metadados acrescentados digitalmente. É um registro eletrônico que contém descrições da obra. Estas descrições permitem saber do que se trata sem ter que ler ou ouvir todo o seu conteúdo.

Em outras palavras, dir-se-ia que o registro seria uma representação da obra. As bases em que se catalogam os dados semânticos seguem regras como uso de palavras-chave, pela separação entre as palavras-chave por ponto e vírgula, entre outras indicadas pelas bases de catalogação de obras digitais.

Alguns dados históricos, que possibilitaram e deram avanço à *Web* Semântica, iniciaram-se com a maneira de se sistematizar um trabalho de pesquisa. Os acadêmicos-pesquisadores faziam seus arquivos HTML para disponibilizar na Internet (BIJONE, 2003). Nos cabeçalhos dos arquivos colocavam algumas informações de identificação – Autor, data, filiação

acadêmica, assunto, resumo, palavras-chave etc. Algumas informações eram mais comuns e apareciam em grande parte dos trabalhos. Porém, não havia qualquer padronização.

Em 1995, um grupo da *Library of Congress*, conjuntamente com pesquisadores de algumas universidades e empresas de TIC liderados pela *Online Computer Library Center*⁵⁴ – OCLC - reuniram-se na cidade de Dublin, em Ohio, com a finalidade de propor uma padronização para estas informações dos arquivos digitais.

O grupo chegou a um conjunto mínimo de elementos para a identificação dos objetos digitais. O conjunto ficou conhecido como Dublin Core⁵⁵ (DC) e é mantido pela *Dublin Core Metadata Initiative*. Em 2003, o DC tornou-se o padrão ISO 15836.

O DC não especifica onde devem ficar os metadados. Por isso, existem duas alternativas: junto ao objeto digital, como por exemplo, no cabeçalho ou em bancos de dados (METADATAGROUP, 1998), esta é a solução usada nos projetos de teses e dissertações *online*, em revistas eletrônicas e em muitas bibliotecas digitais, incluindo aqui a revista e-Curriculum.

O DC não é o único conjunto de metadados, existem outros como os o *Instructional Management System Project (IMS Project)*; *Learning Object Metadata* do IEEE LTSC (LOM); *PREservation Metadata: Implementation Strategies* (PREMIS); *Interoperability Metadata Standard for Electronic*

⁵⁴ Segundo consta em sua história: “Fundada em 1967, a OCLC *Online Computer Library Center* define-se como uma organização sem fins lucrativos, composta de membros, dedicada a prestar serviços bibliotecários computadorizados e de pesquisa, com o propósito público de facilitar o acesso à informação mundial e reduzir os custos associados. Mais de 53.548 bibliotecas em 96 países e territórios em todo mundo utilizam os serviços da OCLC para localizar, adquirir, catalogar, compartilhar e preservar material bibliotecário” (OCLC, <http://www.oclc.org/americalatina/en/global/portuguese/about.htm>, 2007).

⁵⁵ É um esquema de metadados que visa descrever objetos digitais, tais como, vídeos, sons, imagens, textos e sites na *Web*. Uma implementação do Dublin Core é o atual XML e o RDF (*Resource Description Framework*). A *Dublin Core Metadata Initiative* (DCMI) (*Iniciativa Dublin Core Metadata*) é uma organização dedicada a promover a adoção de padrões de interoperabilidade de metadados e desenvolver vocabulários especializados para descrever fontes que tornem mais inteligentes sistemas de descobrimento de informações. (<http://dublincore.org/about/>)

Theses and Dissertations (ETD-ms) e o Padrão Brasileiro de Metadados para Teses e Dissertações (MTD-BR).

As revistas científicas eletrônicas seguem, devido a metodologia do Projeto SciELO, o padrão DC (BIOJONE, 2003) e atual *eXtensible Markup Language* (XML), que é uma recomendação de um grupo de empresas e organizações que se autodenominou *World Wide Web Consortium* (W3C).

A linguagem de marcação em informática é um conjunto de códigos aplicados a um texto ou a dados, com o fim de adicionar informações particulares sobre um texto ou dado, ou sobre trechos específicos de um registro.

Linguagens de marcação são usadas, por exemplo, na indústria editorial para indicar a formatação (exibição gráfica) de páginas. Se o código de marcação for padronizado, ou puder ser processado por um programa de computador, garante-se o intercâmbio de uma publicação complexa entre autores, editores e impressoras.

Uma linguagem de marcação amplamente usada para elaborar texto digital é o conhecido HTML. Ele vem perdendo espaço para a sua evolução, o XHTML, por conta de este ser mais eficiente na separação entre a estrutura e o conteúdo de uma página de forma mais organizada para a base de dados (VAN DE SOMPEL; LAGOZE, 2000).

Já a marcação de dados, conceito recente (BIOJONE, 2003), envolve a codificação simples de seqüências de dados em um arquivo de computador no formato texto-puro, ou seja, capaz de ser lido tanto por pessoas quanto por máquinas. Para esse fim a linguagem mais utilizada atualmente é a XML e suas variantes, como é o caso marcação de dados usada pela e-Curriculum.

Há preocupação de diversas instituições, organizações e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, incluindo aqui a Educação, que desenvolvem pesquisas para garantir, cada vez mais, o acesso à informação certificada e com qualidade para o desenvolvimento científico e tecnológico.

5.3 Da linguagem tecnológico-científica ao processo de leitura do usuário

A evolução das linguagens e sua referente pesquisa para o acesso e uso da rede acabam por existir de acordo com as exigências e preferências dos usuários.

Para leitores de periódicos, em pesquisa feita por Suber (2007), tem-se que se preferem ler os periódicos impressos e os periódicos eletrônicos que os livros. Os eletrônicos têm preferência dos usuários pela rapidez de acesso à informação.

Para o autor a disponibilização de periódicos eletrônicos é melhor que livros e periódicos impressos, pois há partilha rápida com o resto do mundo e, sobretudo, para estabelecer prioridade sobre outros cientistas trabalhando no mesmo problema ou tema.

A vantagem encontrada pelo autor, na mesma pesquisa, indica que para o investigador a recompensa e o benefício estão diretamente ligados ao bem imaterial que é o reconhecimento de trabalho daquele que pesquisa e tem sua investigação publicada.

Os autores pesquisadores aceitam o fato dos periódicos não poderem pagar, ou como o autor menciona “se dar ao luxo” (idem, s.p.) de alguma retribuição financeira, entendida e assumida como uma tradição histórica⁵⁶. Com a disseminação eletrônica, escrever artigos de impacto é uma questão de prestígio e não de dinheiro.

Para professores, estudantes e universidades a grande vantagem está nas possibilidades de uso na educação em diferentes vertentes científicas da

⁵⁶ A revista e-Curriculum desde sua primeira publicação comprova as palavras do autor, já que nunca recebeu nenhuma solicitação de recompensa financeira por parte dos pesquisadores que nela publicaram suas investigações.

inevitável conquista do conhecimento, aprimoramento e desenvolvimento esperado para o século XXI.

O acesso aberto é uma forma democrática de se disseminar a informação para a transformação em conhecimento. Independente de usarem o *mash-up* ou os portais tradicionais, os usuários da *Web*, sejam autores, professores, alunos, sociedade em geral, beneficiam-se da informação que pode ser gerada por um único texto publicado *online*.

5.4 O uso da *Web*: um olhar entre duas revistas eletrônicas

Neste momento é interessante tecer uma análise de uso da *Web* entre a revista *Innovate* da *Fischler School of Education and Human Services at Southeastern University*, que é feita e pesquisada pelo grupo de estudos em Educação e Inovação Tecnológica da mesma universidade, com a revista e-Curriculum do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que foi feita por um grupo de alunos, com o apoio dos professores do Programa.

A revista *Innovate* (Figura 8), que publicou seu primeiro volume em outubro de 2004, disponibiliza aos leitores cadastrados as possibilidades das TIC em trabalhos científicos. Dispõe ao usuário o trabalho aprovado pelos pareceristas em PDF e em HTML. Todos os trabalhos podem ter uma lista de discussão, e os usuários cadastrados recebem por *e-mail* as informações sobre a participação nesta lista. Além dos *e-mails* do autor ou autores, currículos resumidos, foto e *links* de acesso a outros trabalhos do autor ou autores do trabalho.

An official publication of the Fischler School
innovate
 journal of online education

Volume 4, Issue 2
 December 2007/January 2008

account log out about contribute issues special board conferences innovate-live webcasts rss contact us search

Next-Generation Bibliographic Manager

An Interview with Trevor Owens

[James L. Morrison](#) and [Trevor Owens](#)

One of the most exciting sessions at the [2007 Educause](#) meeting this past October was a session describing [Zotero](#), an open-source bibliographic database that can be used by individual faculty members, students, and independent scholars. The next version, scheduled for release in early 2008, will allow any defined group to use and contribute to the database. It is indeed the next generation of bibliographic management software packages pioneered by such companies as [Endnote](#), [Refworks](#), and [Procite](#). In essence, Zotero takes advantage of what has gone before and makes gigantic leaps forward in flexibility, ease of use, and certainly in cost to the educational community.

Zotero is a project of George Mason University's [Center for History and New Media](#); Trevor Owens, who made the presentation, is the Center's technology evangelist. He has been involved in development and outreach on the Zotero project for the last year, and, as an active historian, he uses Zotero to manage his research projects on a daily basis.

James Morrison (JM): Perhaps we should begin with some discussion of the origins of the Zotero project. How did this project get off the ground?

more »

synopsis
« article
discuss
e-mail
print:html
print:pdf
webcast
related articles
also in this issue

FIGURA 8 - Possibilidades tecnológicas desenvolvidas para os leitores da *Web*.

Fonte: *Innovate* (<http://www.innovateonline.info/>) Morrison, J., and T. Owens. 2007.

Next-generation bibliographic manager: An interview with Trevor Owens.

Innovate 4 (2).

<http://www.innovateonline.info/index.php?view=article&id=540>. Acessado em 27 de dezembro de 2007.

Todos os trabalhos publicados, assim que recebem parecer favorável naquela periodicidade, têm a possibilidade de usar a discussão em *voice* por meio da *webcast*⁵⁷ *Breeze* de *Chat-voice* – escrito. Os autores dos são convidados para comunicarem a pesquisa com data e hora marcada. Podem compartilhar arquivos, *sites*, fotos, gráficos animados entre outras possibilidades.

⁵⁷ *Webcast* é um termo em inglês que pode ser entendido como difusão pela *Web*. É uma tecnologia que permite distribuição de conteúdos audiovisuais através da rede pela Internet. Na revista *Innovate* usa-se o *software Breeze da Microsoft*

Os usuários do *webcast* podem utilizar câmeras *web* e viva voz. Toda a troca feita neste sistema fica gravada e pode ser acessada por qualquer usuário da revista, independente de ter participado do encontro virtual síncrono realizado em outra data e dia.

Por meio de banco de dados internos, a revista *Innovate* estabelece *hiperlinks* e hipertextos com todos os trabalhos. O usuário pode verificar a publicação outros trabalhos que tenham palavras-chave relativas ao trabalho que lê.

A revista e-Curriculum ainda não utiliza as possibilidades do *mash-up*. Somente disponibiliza os trabalhos aprovados em PDF (Figura 9). Várias foram as tentativas de disponibilizar listas, filmes e o próprio hipertexto, porém sem verbas e pesquisadores que acompanhem esta iniciativa, tal desenvolvimento é difícil.

A revista *Innovate* recebe recursos de órgãos governamentais americanos, além de anualmente ser filiada a uma organização privada. Desde 2006 a *Microsoft* auxilia a publicação, investindo tecnologia de apoio à pesquisa e divulgação da ciência.

A revista e-Curriculum solicitou subsídio financeiro ao CNPq, **Edital MCT/CNPq nº 36/2006 - Programa de Apoio a Publicações Científicas - 2006**, de vinte mil reais, divididos em doze meses e foi negado (ANEXO A). Estes recursos serviriam para melhorias da revista, como tradutores, revisores de língua portuguesa e compra de *software*. Até a presente data a revista e-Curriculum permanece existindo pelo trabalho voluntário de pesquisadores na área de Educação.

The screenshot shows the website for 'Revista e-Curriculum'. At the top left is the logo 'e-curriculum'. A navigation bar contains links for 'e-Curriculum', 'Edição atual', 'Edições anteriores', and 'Fale conosco'. Below this, the journal's name and ISSN are displayed, along with a search box. A left sidebar lists various site functions like 'Principal', 'Corpo editorial', and 'Edição atual'. The main content area is titled 'Edições anteriores v. 1, n. 2, junho 2006.' and features a 'SUMÁRIO' section for the current issue, listing articles such as 'Editorial', 'Trabalhos Científicos', and 'Formação docente' with links to PDF versions.

FIGURA 9 - Página de acesso aos trabalhos da revista e-Curriculum.

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum> Acessado em 27 de dezembro de 2007.

Em 2007, sabe-se que o acesso aberto, assim como a publicação de trabalhos científicos, entendidos como teses, artigos, ensaios, comunicações, pesquisas em andamento em rede com acesso à Internet, mudaram não a questão de custos financeiros de uma publicação⁵⁸, mas a possibilidade de distribuição confiável do conhecimento produzido nacional e internacionalmente sem custos para os leitores.

⁵⁸ Especificamente, na revista e-Curriculum, não se processaram os custos da mesma, fora desde o início um trabalho voluntário de bolsistas CNPq e CAPES, além de se aproveitar o suporte técnico contratado do próprio programa. Porém, como se descreverá e analisará no próximo capítulo, as melhorias e o aproveitamento potencial da *Web* para a publicação não foi possível devido à falta de verbas e de financiamento ou patrocínio, como ocorre internacionalmente.

Entende-se, também, que o movimento do acesso aberto ao conhecimento preocupar-se-ia com a proteção dos direitos intelectuais do autor, que sempre fora um dos pontos nevrálgicos das publicações abertas e disponibilizadas na Internet, assim como uma das preocupações do grupo formador da revista.

5.5 A utilização da informação: direitos autorais e indexadores

O mau uso, entendido como o temor pelo plágio dos resultados dos trabalhos publicados na rede, hoje recebem a garantia de que os arquivos abertos dispõem de mecanismos, já chamados de naturais (PROJECT INDEX, 2005) para a proteção tanto dos direitos dos autores, quanto das revistas e das Instituições quando a elas se subordinam.

Há algumas alternativas viáveis para proteger a autoria do trabalho. Uma delas foi a de submeter a revista aos olhos críticos das indexações internacionais como *DOAJ* e *Redalyc* (Capítulo 4), que se comprometem, sem custos aos editores, de arquivarem os trabalhos completos, referenciando-os e incluindo as datas de recepção e publicação dos trabalhos das revistas eletrônicas que a eles se submeterem à avaliação⁵⁹. Utilizam as metabases e os metadados DC e XML em *mash-up* do impacto dos trabalhos e autores e das publicações.

Outra forma conhecida mundialmente é o projeto *Creative Commons*⁶⁰ (CC). Projeto sem fins lucrativos que disponibiliza licenças para obras intelectuais. No Brasil, a Instituição responsável pelo Projeto CC é a Fundação Getúlio Vargas, e podem ser encontradas todas as informações em: <http://creativecommons.org.br/>. O uso do CC ainda é novo. Em dezembro de 2007, completava cinco anos de existência.

⁵⁹ Compete aqui uma justificativa de não se ter submetido a apreciação da SciELO Brasil. O fato é que tal organização, no Brasil, não admite avaliar periódicos com menos de 4 anos de vida e que não sejam, preferencialmente, avaliados pela QUALIS. A revista e-Curriculum passou pela primeira avaliação, como já fora explicado no capítulo anterior, em outubro de 2007, recebendo Nacional A.

⁶⁰ Também é conhecido pelo ícone nas páginas  ALGUNS DIREITOS RESERVADOS.

A Revista e-Curriculum, até a presente data, não adota o CC como alternativa de garantia de *open source*, expressão inglesa que historicamente se confunde com as origens da Internet (SERRANO; PRATS, 2005, s.p.) e da cultura "hacker".

Os defensores do movimento *Open Source* sustentam que não se trata de algo anticapitalista ou anarquista, mas de uma alternativa ao modelo de negócio para a indústria de *software*. Esta alternativa não gira em torno de regras econômicas ortodoxas, vai além e questiona princípios, inclusive dos modelos econômicos ortodoxos aplicados à esfera virtual.

O que interessa para esta pesquisa é o modelo colaborativo de produção e autoria intelectual visto como um novo paradigma para o direito autoral.

A grande força do *software* livre está no potencial de cooperação para depuração coletiva, capaz de neutralizar pressões mercadológicas, políticas e melhor dominar complexidades, como lembram Hitchcock (2002, s.p.) e Duart (2005, s.p.), que analisam este processo nas bases da educação, como um paradigma a ser superado.

Os críticos ao movimento alegam que é um desestímulo para o desenvolvimento de novas tecnologias, por não levar em conta a propriedade intelectual do criador. Por não ser tema de pesquisa, apenas se trouxe ao conhecimento uma longa discussão que está também ligada às revistas eletrônicas e, muitas vezes, pela falta destas informações criam-se barreiras quanto às publicações eletrônicas.

Acredita-se que com o uso cada vez maior de trabalhos disponibilizados na rede e a formação de novos leitores educados para a referência bibliográfica dos dados que utilizam, em poucos anos a tendência será diminuir a resistência às publicações científicas eletrônicas.

Com os investimentos e esclarecimentos feitos em *open source* e *open access*, já se pode entender e superar as angústias de grupos científicos detratores, que eram reticentes quanto às publicações eletrônicas e os direitos autorais de suas publicações.

Cabe um olhar nas pesquisas realizadas por Duart e Lara Navarra (2005) que ao investigarem a sociedade do conhecimento e os caminhos educacionais, apontam o Tratado de Bolonha e suas solicitações para o desenvolvimento conjunto das tecnologias de informação e comunicação a serviço da comunidade acadêmica entendida por alunos, professores e pesquisadores.

5.5.1 O acesso aberto ao conhecimento e à educação

Na Europa, há um movimento no ensino superior e nas pesquisas feitas em relação ao uso das TIC e do acesso aberto aos conteúdos disponibilizados na rede.

Este movimento, liderado pelas instituições de ensino superior, remete à importância de políticas públicas de apoio e incentivo ao desenvolvimento dos acadêmicos (professores, investigadores e alunos) no entendimento, uso e desenvolvimento da informação gerada e disponibilizada nas páginas com acesso à Internet.

Duart (2005) e Navarro Lara (2005) deixam claro que o acesso aberto à informação deve ser tratado metodologicamente pelos professores. Para isto, é necessário educar e formar os professores de nível superior ao uso das TIC para que possam formar os futuros profissionais no melhor uso de objetos, teses, monografias, trabalhos de pesquisa disponibilizados nas páginas da *Web*.

Para os autores é necessário preocupar-se, inicial e conjuntamente, com a formação dos formadores, nas áreas específicas das licenciaturas, para que os futuros professores saibam aproveitar os conteúdos disponibilizados hoje com acesso aberto.

Partem da análise da Declaração de Bolonha, que visa a tomada de ações conjuntas para com o ensino superior dos países pertencentes à União Européia (UE), com o objetivo principal de:

[...] elevar a competitividade internacional do sistema europeu do ensino superior. Para assegurar que o sistema europeu do ensino superior consiga adquirir um grau de atração mundial semelhante ao das suas extraordinárias tradições cultural e científica (LARA NAVRRA, 2005, p. 3)⁶¹.

As universidades desenvolveram estratégias de posicionamento a partir da introdução e uso das TIC, dispondo de um espaço comum ao ensino superior em toda EU.

Delinearam-se os seguintes objetivos a serem atingidos, na primeira década do terceiro milênio, a partir da redefinição do marco universitário europeu que se concretizam em políticas do uso das TIC e criação de infra-estruturas para a inovação dos serviços acadêmicos, de modo que se destacam:

- o desenvolvimento de Intranet de serviços para a comunidade universitária, com a instalação de redes sem cabos, ou seja, “inalâmbricas” (termo ainda não cunhado nos dicionários de língua portuguesa) ou *wireless* para o uso de computadores portáteis (*laptop* e *notebook*) em todos os campos universitários;

- a melhoria dos catálogos das bibliotecas universitárias, incrementado as coleções, os recursos e a pesquisa multidisciplinar das publicações eletrônicas e das pesquisas em todos os âmbitos destas;

- as políticas de inovação docente, mediante desenvolvimento e aquisição de campus virtual para a oferta de disciplinas de graduação e pesquisa em pós-graduação em todas as áreas temáticas;

- o incentivo ao professorado à docência semipresencial;

⁶¹ O Decreto de Bolonha abre-se com: “The European process, thanks to the extraordinary achievements of the last few years, has become an increasingly concrete and relevant reality for the Union and its citizens. Enlargement prospects together with deepening relations with other European countries provide even wider dimensions to that reality. Meanwhile, we are witnessing a growing awareness in large parts of the political and academic world and in public opinion of the need to establish a more complete and far-reaching Europe, in particular building upon and strengthening its intellectual, cultural, social and scientific and technological dimensions” (BOLONHA DECLARATION, 1999, p. 1).

- a mobilidade dos estudantes entre universidades por meio de plataformas virtuais (DUART, 2005, p. 4).

Para os autores todo o movimento que se tem feito, atualmente, para o uso das TIC, principalmente no que diz respeito aos conteúdos que nela se encontram, sejam conteúdos temáticos de aula, sejam trabalhos científicos publicados, teses, monografias devem perpassar, primeiro, pela educação dos professores de ensino superior, que deverão estar em contato e significarem o uso das TIC no fazer suas aulas.

Com a troca de experiências, pesquisas, formação de metodologias de uso pedagógico dos conteúdos *online*, políticas educacionais que sustentem e desenvolvam o uso significativo das TIC, acreditam que se superara a relação entre a universidade e os novos modelos de aprendizagem.

Os autores abordam que o uso dos trabalhos em Educação pode gerar bons exemplos para as aulas dos professores do ensino superior. Além disto, com a rápida transformação das necessidades sociais, entender o acesso ao suporte eletrônico de toda a produção científica nesta área será condição de competitividade e a resposta da universidade à sociedade.

Deste modo, dever-se-á entender e aprofundar-se cada vez mais no que se refere à compreensão leitora do usuário da *Web*. Trar-se-á, portanto, no próximo tópico, a abordagem da compreensão leitora de trabalhos científicos disponibilizados em revistas eletrônicas.

5.6 A compreensão leitora e a rede: o texto virtual

No passado dos anos 90, a comunicação pela rede era lenta e às vezes imperfeita. Restringia-se a poucos e era cara. Hoje ela é instantânea para aqueles que têm acesso aos serviços, é fiável no sentido da facilidade de se encontrar as fontes, é irrestrita e, de certa forma barata, para a comunidade acadêmica dos países desenvolvidos e mesmo em desenvolvimento.

No espaço de tempo dos últimos 250 anos, em 1750, nos Estados Unidos, circulavam dez periódicos científicos, técnicos e especializados em

diferentes áreas. Em 1800, somavam-se vinte periódicos, cinquenta anos depois, dez vezes mais. Em 1950, cem mil títulos eram disponibilizados ao público leitor. Fisher (2006, p. 280), justifica o crescimento das publicações pelas necessidades atuais do leitor moderno e suas facilidades, pois:

[...] até 2000, o crescimento (de periódicos científicos) quintuplicou, chegando a um total de meio milhão de títulos norte-americanos. Hoje, os jornais on-line multiplicam-se exponencialmente, tornando-se disponíveis a um público global a um simples clique de mouse (idem, ibidem, p. 280).

O historiador e pesquisador de leitura afirma que os usuários de computadores pessoais acessam o mundo de suas casas, trabalhos e escolas, “fazendo algum tipo de uso de leitura e de escrita” (p. 281), diariamente.

Porém, não se pode ignorar que a leitura individual requer seleção, análise e compreensão, concordando-se com Fisher (2006) e Martin (1994) de que a abundância de informações cada vez maior é um dos desafios da civilização moderna, por isto, deve-se preparar e instruir as gerações atuais.

Há indícios de que um padrão virtual de leitura começa a existir, porém ainda não se tem definição “em nenhum local específico, mas é seguido de modo intuitivo [...]”. Atualmente têm-se certeza e comprovação de que “A transformação é inevitável e intrínseca ao sistema” (FISHER, 2006, p. 283).

Deve-se, portanto, estar-se aberto à resposta de novas pesquisas no que diz respeito à “leitura informativa (pesquisas, instruções, treinamento, objetos de aprendizagem, entre outros) que agora acontece, com frequência, nas telas e equipamentos eletrônicos, bem como nas folhas impressas pelo computador” (FISHER, 2006, p. 283) que exploram a palavra escrita, tomando conta dos espaços midiáticos.

Segundo Pattison (1982), o aprendizado por meio da leitura será o expoente maior do século XXI. Antevisto e denominado por Pattison de

“cultura da leitura”, remete ao fato de que o aprender por meio da leitura será condição básica para viver no mundo.

Esta cultura leitora deve ser significada ainda, segundo o autor, pela maioria dos africanos, boa parte da América do Sul e Central, incluindo o Brasil⁶², entre outros, que precisam desenvolver esta cultura.

Para Gough (1968, *apud* FISHER, 2006, p. 284), já era claro que a alfabetização é, sobretudo, “um fator *capacitador* que possibilita a organização em grande escala, o acúmulo, o armazenamento e a recuperação criteriosos do conhecimento, o uso sistemático da lógica, a atividade científica e a elaboração das artes”. Entendendo-se que “aqueles que não compreendem essa necessidade ignoram as forças contidas no ato de ler... e, desse modo, são incapazes de assegurar seu lugar na competição” (*idem*, *ibidem*) local e mundial.

É fato constatado que um número imenso de adolescentes está conectado ao texto virtual, seja por meio de correios eletrônicos (*e-mail*), por mensageiros instantâneos (*Messenger MSN, Skype* etc.), ou por meio do envio dos “torpedos”, mensagens escritas que são enviadas pelos leitores de telefones celulares.

Estes jovens serão adultos em poucos anos com habilidades tecnológicas, determinando qual o futuro da leitura, por enquanto, tenta-se uma aproximação, com bases históricas às teorias e pesquisas na área de leitura, leitor e compreensão de textos.

⁶² “Em 2006, 14,9 milhões de brasileiros com mais de 10 anos de idade eram analfabetos 4,2% a menos que em 2005. A taxa de analfabetismo para esse grupo caiu de 10,2% em 2005 para 9,6% no ano passado. Para as pessoas de 15 anos ou mais, a taxa de analfabetismo em 2006 era de 10,4%, 0,7 ponto percentual inferior à de 2005. A taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais era de 18,9% no Nordeste e de 10,3% na região Norte. No Sul e no Sudeste, os valores eram de 5,2% e 5,5%. A taxa de analfabetismo dos homens com mais de 10 anos de idade foi de 9,9%, enquanto a das mulheres foi de 9,3%. Em todas as regiões, havia mais analfabetos entre as mulheres do que entre os homens, exceto no Centro-Oeste, onde a taxa de analfabetismo foi a mesma para os dois sexos: 7,4%. Em todas as regiões, de 2005 para 2006, houve decréscimo dessa taxa, sendo mais forte no Norte (de 29,7% para 28,5%) e Nordeste (de 37,5% para 35,5%)” (Globo online, 14/09/2007, <http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2007/09/14/297725164.asp>).

Quando se discutia com o grupo formador a respeito do leitor, da leitura e do texto disponibilizado virtualmente observava-se que tal campo ainda é novo e merece profundos estudos.

A primeira definição dada pelo grupo formador fora que um texto virtual é aquele disponibilizado, independente das linguagens técnicas (HTML, XTML, entre outras) em uma tela de um computador e que pode ser lido por qualquer pessoa no mundo, independente da distância geográfica, fuso horário e nacionalidade.

A vantagem da disponibilização virtual é vista com a hipertextualidade. A linguagem do hipertexto surge para simplificar o acesso às informações que, até então, somente eram visíveis mediante uma série de comandos digitados na tela.

O Hipertexto é um texto suporte que acopla outros textos em sua superfície, cujo acesso se dá através dos *links*⁶³ que têm a função de conectar a construção de sentido, estendendo ou complementando o texto principal.

Lemos (1996, s. p.) afirma que o texto escrito é um hipertexto, no qual

o leitor se engaja num processo também hipermidiáticos, ou seja, a leitura é feita a partir de interconexões, à memória do leitor, às referências do texto, aos índices e ao índice que remetem o leitor para fora da linearidade do texto.

Hipertexto é um conceito que diz respeito ao modo de ler e escrever. Este termo, criado por Theodor Nelson em 1965, define o novo modo de produzir textos, permitido pelos avanços tecnológicos sintetizados na telemática.

Nelson (1973) criou também o projeto *Xanadu* entendido "uma imensa rede acessível em tempo real, contendo todos os tesouros literários e

⁶³ Em computação, hipertexto é um sistema para a visualização de informação cujos documentos contêm referências internas para outros documentos (chamadas de *hiperlinks* ou, simplesmente, *links*), e para a fácil publicação, atualização e pesquisa de informação.

científicos do mundo" (1973, p.24). Iniciavam os novos processos de registro, transporte e distribuição das informações, profetizados por Vannevar Bush⁶⁴.

A idéia de hipertexto não nasce com a Internet, nem com a *Web*. De acordo com Burke (2003), Chartier (2002) e Fischer (2006) as primeiras manifestações hipertextuais ocorrem nos séculos XVI e XVII através de manuscritos e *marginalia*. Os primeiros sofriam alterações quando eram transcritos pelos copistas e assim caracterizavam uma espécie de escrita coletiva. Os segundos eram anotações realizadas pelos leitores nas margens das páginas dos livros antigos, permitindo assim uma leitura não-linear do texto. Essas *marginalia* eram posteriormente transferidas para cadernos de lugares-comuns para que pudessem ser consultadas por outros leitores.

O hipertexto é muito apropriado para a representação de informações no computador por dois motivos: permite subdividir um texto em trechos coerentes e relativamente curtos, facilitando a sua organização e compreensão; permite fácil referência a outras partes do texto ou a outros textos, totalmente independentes, muitas vezes armazenados em locais distantes. Isto cria uma característica própria de leitura da informação que, após um curto processo de adaptação, passa a ser intuitivo para o usuário, que se refere a esta leitura como "navegação" (LEMOS, 1996; LÉVY, 2004).

5.7 A leitura, o leitor e os caminhos do texto virtual em revistas Científicas

⁶⁴ Vannevar Bush (1945) publicou na *The Atlantic Monthly*, "As We May Think", um ensaio no qual descrevia o dispositivo *Memex*. Neste artigo, a principal crítica de Bush era aos sistemas de armazenamento de informações da época, que funcionavam através de ordenações lineares, hierárquicas, fazendo com que o indivíduo que quisesse recuperar uma informação tivesse que percorrer catálogos ordenados alfabética ou numericamente ou, então, através de classes e subclasses. De acordo com Bush, o pensamento humano não funciona de maneira linear, mas sim através de associações e era assim que ele propunha o funcionamento do *Memex*. O dispositivo nunca chegou a ser construído, mas hoje é tido como um dos precursores da atual web. Não se pode deixar de citar outro personagem de grande importância histórica que é Douglas Engelbart diretor do *Augmentation Research Center (ARC)* do *Stanford Research Institute*, centro de pesquisa onde foram testados pela primeira vez a tela com múltiplas janelas de trabalho (LEMOS, 1996, s.p.).

Os caminhos da leitura de textos e conteúdos virtuais são estudados atualmente no enfoque da Educação a Distância e em diferentes áreas do conhecimento no Brasil e no mundo. Estas diversas áreas voltam seus olhares neste sentido. Projetos nacionais e internacionais⁶⁵ buscam criar, desenvolver e responder aos conteúdos e objetos pedagógicos *online*.

O olhar pedagógico é parte essencial deste trabalho. Por este motivo, busca entender, explorar e identificar o texto virtual que será lido por pesquisadores e alunos em páginas *Web*. Este tópico abordará as possibilidades ainda não realizadas pela revista e-Curriculum.

Pierre Lévy (2004, p. 35-50), ao explorar a virtualização do texto, dispõe que desde suas origens o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico ou meio (livro, jornal, revista, impressos, eletrônicos, páginas de acesso à Internet). É virtual porque tem a capacidade de ser atualizado de múltiplas formas, em diferentes versões, traduções, edições, etc.

Segundo o autor, o virtual é um contexto problemático, pois representa um conjunto de forças e tendências que acompanham uma determinada situação que possibilita certa quantidade de escolhas e de caminhos a tomar com a intenção de se atualizar.

De acordo com Lévy (idem, p. 35), interpretar um texto é levar adiante essa "cascata" de atualizações. Cada leitura é uma atualização de um texto. Um exemplo da atualização é o percurso que um pesquisador faz ao procurar entender melhor um determinado autor, buscando os autores que embasam o pensamento deste e recorram às mesmas fontes a que este recorreu.

⁶⁵ Dentre os projetos mais conhecidos, destacam-se o projeto *Educational Object Economy* – EOE (<http://www.eoe.org>), o projeto *Training and Resources for Assembling Intentional Learning Systems* – TRAILS – (<http://www.trailsproject.org>), o projeto *Educational Software Components for Tomorrow* – ESCOT (<http://www.escot.org>). No Brasil, o projeto do Laboratório Didático Virtual da Escola do Futuro da USP (<http://www.labvirt.futuro.usp.br>) e o projeto – Rede Internacional Virtual de Educação – RIVED (<http://www.rived.org>), entre outros.

No entanto, ao buscar tais referências depara-se com outros autores citados e busca estes autores e, assim, o faz sucessivamente. Entende-se que é um processo sem fim, que é impossível ir às bases do pensamento do autor que se lê.

Tal exemplo mostra que a atualização é sempre provisória e sempre renovada. A cada nova leitura incorporam-se novos repertórios, novos autores e, conseqüentemente, novos sentidos.

Quando Maria do Socorro Coelho, membro do grupo formador, questionou à pesquisadora:

o que significa ter acesso à leitura virtual? (Diário Itinerante, 23/4/2005).

foi necessário entender que a leitura, independe do meio e acesso, não necessariamente significa uso, análise, síntese de uma informação para ser transformada em conhecimento (ALMEIDA; ALMEIDA; VALENTE, 2005).

Como também, ler o mesmo autor não significa ter acesso às mesmas idéias e pensar da mesma forma. Um repertório ou o conjunto de experiências, leituras e vivências, que cada leitor tem, são diferentes e fazem o ato de ler e ver o mundo de formas diferentes, lembrando aqui Barthes (1998) e Freire (2002).

Quando se lê, atualiza-se o texto de algum modo, seguindo ou não o caminho traçado pelo autor. O espaço do sentido não existe antes que a leitura se realize, ele é fabricado pelo leitor, que o atualiza constantemente, relacionando-o a outros textos, discursos, imagens, afetos e vivências anteriores ao texto.

Para Fiske (1987) que analisa a relação do sujeito receptor das mensagens da TV; Stuart Hall (1980) que ressalta o fato de que os receptores não são obrigados a aceitar a mensagem das mídias como são enviadas; assim como para Lévy (2004), o que está em jogo na leitura não é a unidade do texto, mas a construção em si, sempre refeita, sempre inacabada, sempre re-elaborada pelo leitor-receptor.

Lévy (idem) e Hall (1980) ao falarem de texto e de leitura, mostram que a atividade do leitor independe do suporte. Ele, leitor, constrói interpretações em diferentes textos impressos, em textos fílmicos, em textos da rede, em textos da TV, em textos das obras de arte. A leitura é algo que é sempre recortado pela subjetividade do leitor. O fundamental é que o texto passa a ser suporte para a atualização da mente daquele que lê.

Para o autor o conceito de texto é entendido no sentido geral de um discurso elaborado. Ressalta-se que essa análise é aplicável a qualquer outro tipo de mensagem que não a necessariamente alfabética, ou seja, os ideogramas, mapas, esquemas, mensagens fílmicos. Enfim, todos estes são textos.

Chartier (1999), ao falar sobre o texto virtual, inserido em páginas *Web*, defende que:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antigüidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1999, p. 12-13).

No entanto, o leitor da tela de computador de hoje se assemelha ao leitor da Antigüidade. Tanto o texto em rolo quanto o texto na tela fluem diante de si. Talvez, o avanço esteja no fato de o leitor da tela ser mais livre, pois o texto eletrônico lhe permite um maior distanciamento com

relação ao escrito e a possibilidade de *links* que o reportem, sem ter de sair do mesmo local, a outros textos e autores.

Por esta razão pensar em design de revistas científicas *online* implica pensar no ato da leitura em si. O ato da leitura pressupõe o preenchimento de lacunas pela inteligência (MACHADO, 2002 a, 2002b, MARINA, 1995) ou criatividade do leitor. Sem a participação ativa do leitor, o texto se configura apenas como o somatório de marcas negras sobre a página (ISER, 1999).

Somente quando elementos retirados de uma realidade de referência do leitor dão sentido aos elementos de referência potencializados pelo autor, a convergência entre leitor e texto se concretiza. O texto não pode ser fixado isoladamente à reação do autor ao mundo. Ele existe pela expressão e conhecimento de seu autor e se perpetua pela expressão e conhecimento de seu leitor.

O texto é um processo integral que abrange todos estes aspectos, desde a reação do autor ao mundo até sua experiência (ISER, 1999, p. 13) e vivência pelo leitor.

O texto eletrônico possibilita materialmente o estabelecer *links* diretos com outros textos, imagens e sons, propiciando uma leitura hipertextual por meio dos movimentos do *mouse* que abrem páginas a partir de uma ação realizada pelo leitor.

Na leitura impressa, ocorre o mesmo sentido não-linear da leitura virtual. Porém, a materialização se dá pela ação de que ler engendra conexões mentais entre as diversas passagens lidas e conhecimentos anteriores ao leitor. Deste modo, a própria associação de pensamentos acontece, de certa forma, em rede e não de maneira linear (BRIGGS; BURKE, 2002; BURKE, 2003).

O texto eletrônico, aqui chamado também de virtual, deixa claro o que no impresso parecia oculto. O texto não é apenas aquilo que o autor elabora, mas as construções, as decisões e as estruturas que o leitor traz e

cria por meio deste e que se encontram disponíveis por meio de mecanismos de elos da rede.

Torna-se imprescindível a relação entre interlocutores, conteúdo e suporte na configuração do sentido discursivo. Mais do que isso, tais papéis se confundem na definição da autoria do discurso, na medida em que o texto eletrônico viabiliza um grande aporte interativo do leitor na sua montagem. A isto se agrega, certamente, a pluralidade de sentidos que se pode obter de uma mesma base discursiva.

Lévy (2004, p.41) afirma que “A tela informática é uma nova máquina de ler. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular”, que pode levar o leitor a caminhos imagináveis na construção dos sentidos do texto.

Independente de todos os avanços técnicos existentes que tornem mais acessível, mais atraente, com grande facilidade de buscar novas fontes, toda leitura estará diretamente ligada e dependente à capacidade analítica do leitor.

Quanto ao design⁶⁶ de revistas eletrônicas científicas, requer-se um designer com consciência de seu papel de autoria, considerando que ele atua de maneira interdisciplinar na elaboração dos elementos não-verbais que compartilham com os elementos verbais a condução do conteúdo disponibilizado. Além disto, é necessário que o designer tenha conhecimento das bases de metadados que garantam a qualidade de pesquisa dos dados existentes em um trabalho científico.

A construção de uma revista (impressa ou eletrônica) é um trabalho realizado por numerosas mãos e, ainda que a textualidade eletrônica possa

⁶⁶ É importante ressaltar a discussão do grupo de pesquisa da PUC-RJ, que atua na área de compreensão leitora de textos impressos e inicia-se desde 2007 em textos virtuais, que segundo trabalho inédito apresentado no curso de Planejamento de Ambientes virtuais na Educação, do SENAC, em novembro de 2007, pelo professor Dr. Alexandre Farbiarz, afirmou que: “O uso da palavra *design* como elemento caracterizador do terno talvez possa ser inscrito em uma rede de usos indevidos da mesma. Sendo uma palavra origem norte-americana, seu uso tem agregado status a diversos empreendimentos, produtos e mesmo disciplinas acadêmicas. Enquanto não se consegue delimitar um campo de atuação claro e definido para o Design e o designer, o próprio termo ganha uma liberdade de “senso comum” em seu uso. Todavia, a discussão sobre esta adequação ou não, no caso específico do *design didático*, inclusive, engendra um campo fértil para outros textos que não este” (p. 3).

fundir alguns papéis, exige o empenho das seguintes atividades: autoria, edição, revisão, projeto visual, produção, impressão, implementação e implantação do projeto eletrônico para a distribuição e disseminação.

É importante ressaltar e abordar a diferença entre a mídia impressa e a mídia eletrônica. Enquanto os autores e os agentes envolvidos na produção de revistas eletrônicas se mantiverem atrelados à estrutura linear da redação e formatação do conteúdo, as especificidades inerentes a essa tecnologia informacional serão subtilizadas, limitando a potencialidade da relação entre os usuários e o discurso no suporte eletrônico.

O usuário tece um percurso que será definido pelas ligações que vierem a estabelecer entre os conteúdos localizados a partir das possibilidades apresentadas nos artigos, ensaios, comunicações e entrevistas apresentadas nas revistas.

Este sistema valoriza a inteligência do leitor, que é livre para produzir sentido na leitura a partir do “encontro entre o repertório que possui e o que constrói durante a leitura” (FABIARZ, 2007, p. 9) da revista ou do trabalho.

Deve-se atentar para o não aproveitamento da multilinearidade de uma página com publicação de textos virtuais, já que não faz sentido algum continuar a produzir o que já se faz em impresso (CHARTIER, 1999; FARBIARZ, 2007). Dar a oportunidade ao usuário de compor a sua linearidade narrativa a partir da multilinearidade das revistas eletrônicas é aproveitar as potencialidades e possibilidades do uso da *Web* no tocante às pesquisas e avanços que se realizam, como se observou neste capítulo.

O designer dispõe de diferentes recursos hipermediáticos (BELLEI, 2002, p. 76) para extrair e fazer exercer o potencial do texto. Enquanto alguns destes recursos oferecem a sensação de uma navegação interativa e participativa, outros, na verdade, não permitem ao leitor desenvolver a sua potência de co-autoria no texto, a exploração e a própria atualização deste leitor.

Para Farbiarz (2007, p. 10) está claro que:

Os recursos adotados não se prestam apenas à comunicação do um conteúdo, mas compõe uma linguagem em si. Portanto, os recursos hipertextuais e multimidiáticos de que o designer tem em mãos e pode fazer uso auxiliarão o leitor numa exploração de qualidade de informações e acesso a rede de conhecimento mundial.

Quando se aproveitam os recursos multimidiáticos existentes, o usuário-leitor tem a possibilidade de fazer a imersão virtual por meio dos elementos gráficos que compõem o sistema de navegação e ambientação de uma revista, que em última instância compõe o design de leitura.

O uso de hipertextos, que propiciem a exploração e a construção, concomitante ao uso do trabalho disponibilizado, revela o ambiente criado para uma revista eletrônica. Possibilita ao leitor a busca por outras fontes de qualidade, aprofundando-se em dados, se assim o desejar. Isto deveria ser pensado não apenas no sentido de um pesquisador, mas no sentido de abrir possibilidades multiparticipativas, já disponíveis nos ambientes digitais, aos leitores em geral.

O que se observou, até novembro de 2007, é que as revistas eletrônicas avaliadas pela QUALIS (Capítulo 4), incluindo a revista e-Curriculum, apresentam e disponibilizam os trabalhos de forma linear e tradicional ao impresso, em PDF, com a presença de alguns *links* disponíveis nas referências bibliográficas, na maior parte das vezes.

A estrutura linear da linguagem, entendida pela necessidade da qualidade da publicação avaliada pelos pares, poderá também evoluir com a utilização de recursos não-lineares, como disponibilização de *links*, menus, imagens em movimento, sons, inclusão de filmes, músicas, vozes de pesquisa, *chats*, entre outras possibilidades sem afetar necessariamente a qualidade que será avaliada.

A preocupação dos pesquisadores brasileiros Farbiarz (2007) e Farbiarz e Farbiarz (2004) volta-se aos livros didáticos impressos e aos

conteúdos didáticos impressos e virtuais. Concorde-se com os autores no sentido de que “Enquanto o conteúdo for a tônica e servir como base para a concepção da forma” (2004, p. 13), “os recursos não-lineares parecerão adornar uma estrutura linear de pensamento e construção de conhecimento, criando um forte paralelo com o livro didático impresso” (2007, s.p), ou com as revistas científicas impressas, com as quais acostumaram-se a conviver e folhear.

Para um pesquisador é hábito cultural ler trabalhos científicos na forma tal qual se conhece e se repete em sua confecção. Estudos recentes, na Europa, demonstram que há revitalização e alguma mudança na concepção do “grande livro virtual” como dispositivo capaz de pôr em funcionamento as operações do conhecimento (POMBO, 2006, p. 8).

Como observa Olga Pombo (2006), “a rede faz mais do que reunir e conservar a informação. O seu objetivo é também a indexação e a organização de todo o conhecimento mundial” (p. 23). Assim, do acesso à informação por meio das redes, acrescenta-se também um “segundo nível” das próprias redes, cujo objetivo é selecionar e reorganizar a informação para as utilizações específicas de cada usuário.

Recupera-se, desse modo, com o uso da rede e a disponibilização de trabalhos científicos, o espírito da *Encyclopédie*⁶⁷ que tinha como princípio apontar a ordem e os encadeamentos do conhecimento. As redes formam um compêndio do conhecimento que, entretanto, está longe de ser unívoco ou “fechado” (idem, ibidem, p. 23):

⁶⁷ Em trabalho recente, publicado *online* pelo Centro de Estudos em Educação, do Programa de pós-graduação da Universidade de Lisboa, Olga Pombo (2006, p.1), na pesquisa sobre o tema dos avanços atuais que o hipertexto traz às publicações que enfatizam o conhecimento historicamente, faz entender que “A partir do século XX, as enciclopédias passam efectivamente a fazer um enorme esforço de actualização. As enciclopédias mais importantes contam com equipas que visam uma actualização constante, publicando diversos tipos de suplementos, livros anuais com informação actualizada relativamente a novas descobertas e teorias científicas, a acontecimentos recentes, a figuras públicas, etc. Sobre o mecanismo de ‘actualização contínua’ da *Encyclopaedia Britannica*, veja-se Prefácio à sua 15ª edição (1973-1974, vol. I: XII). A este propósito, refira-se ainda uma curiosa tentativa de actualização constante da enciclopédia, surgida logo no início do século XX: a *Nelson's Encyclopaedia* ou *Perpetual Loose-leaf Encyclopaedia* que Thomas Nelson começou a publicar em 1907, constituída por 12 volumes em formato de cadernos que podiam ser facilmente abertos e fechados e nos quais deveriam ir sendo incluídas novas páginas publicadas duas vezes por ano”.

Mais que um guia imensamente permissivo que articula cada um a todos os outros, a rede apela para um jogo infinito de combinatórias, para a participação ativa - interativa - do navegador. Ela permite, por isso, não apenas “viajar” nos mundos já conhecidos, como “navegar” nos mundos por descobrir. Digamos que, como toda enciclopédia, ela é um lugar de cruzamento entre a *ars mnemonica* e a *ars inveniendi*. [...] De *memória*, na medida em que a imensidade dos conteúdos para que remete foi já, de alguma maneira, previamente estabelecida. [...] De *invenção*, porque, incontornável, nela se produz a expansão infinita dos saberes. (POMBO, 2006, p. 23-24).

O uso da rede não é novo. Há diversos avanços nas possibilidades de levar informação de qualidade aos usuários da rede. Mesmo com todos os estudos e progressos tecnológicos e metodológicos, não se garante que qualquer usuário saberá ler e encontrar aquilo que busca nas páginas da *Web*.

Acredita-se que uma revista científica eletrônica deva seguir critérios rigorosos no encadeamento de informações, ou seja, nas possibilidades de estabelecer *links*, hipertextos e as hiperlinks em geral.

Deste modo, não se encerra uma discussão vasta e rica que é o caminho do texto virtual e suas leituras. Abre-se, com este capítulo, a necessidade de voltar-se o olhar profundo às possibilidades de criar novas redes num mesmo tema que seria a Educação e a Comunicação.

De maneira a trazer para esta pesquisa a realização dos sujeitos-autores e dos colaboradores na realização da revista e-Curriculum, como também as necessidades que geraram o que até aqui se descreveu e analisou, o próximo capítulo trará a experiência vivida que originou este estudo.

CAPÍTULO VI

*Isto não é um livro,
Quem o toca, toca um homem,
(Já é noite? Estamos sós aqui?)
Sou eu quem você tem em mãos, e que o tem em mãos.
Lanço-me das páginas para seus braços...
Walt Whitman*

6 A Revista e-Curriculum

Neste capítulo narrar-se-á a experiência vivida pelos sujeitos realizadores do periódico. Trar-se-ão os dados, *chats*, *e-mails*, diário itinerante, diálogos realizados e coletados que possibilitaram esta pesquisa com o grupo formador (sujeitos-autores), os colegas de sala que colaboravam, professores e funcionários da PUC-SP.

6.1 Narrativa que se construiu: os meios eletrônicos e o grupo Formador

No Capítulo 1 relata-se a gênese da Revista e-Curriculum. O questionamento de se ter:

um *link* na página do programa com acesso aos trabalhos dos grupos de pesquisa, teses, dissertações, ensaios, resenhas de leituras atuais dos alunos e professores do programa (Heloisa Gomes, diário itinerante, março de 2004).

A idéia inicial, debatida em sala de aula, com a presença do professor Dr. Antonio Chizzotti, fora levada para outra disciplina, com a presença do professor Dr. Marcos T. Masetto.

Iniciava-se, assim, o que hoje temos: Revista e-Curriculum, disponível ao público leitor no endereço eletrônico <http://www.pucsp.br/ecurriculum>, desde novembro de 2005.

Criou-se uma lista no <http://br.groups.yahoo.com/group/revistapucsp> (Capítulo 2) em 19 de maio de 2004, assim como se fizeram encontros com os sujeitos-autores, durante 15 meses, no percorrer de dois anos.

Todos os arquivos como o projeto, atas de reuniões, cores e logos para a revista, cartas para comissão científica, entre outros estão disponibilizados nos arquivos virtuais da página do grupo, <http://br.groups.yahoo.com/group/revistapucsp/files/>. Encontram-se impressos e em CD-ROM no arquivo histórico criado para estudos desta revista que está na secretaria do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo da PUC-SP (ANEXO A, ANEXO B E ANEXO C).

As ações realizadas em equipe dos diálogos, dúvidas, escritas e re-escritas destacam a metodologia da pesquisa ação participativa, na qual a pesquisadora se torna um sujeito engajado no problema surgido em grupo e com ele o tenta resolver como membro ativo.

Acredita-se que o uso de meios de comunicação em rede, como o caso da lista de discussão Yahoogrupos, arquivos virtuais, *MSN*, *Skype*, *e-mails* privados permitiram aos membros do grupo terem a oportunidade de analisarem os dados com maior clareza, propiciando o envolvimento necessário para que uma pesquisa se realize com maior discernimento ao pesquisador.

Deste modo (Quadro 5), a disponibilização virtual feita pelos membros do grupo e pela pesquisadora das atas, das dúvidas, dos trabalhos realizados para a Revista, do próprio diário de itinerância que se re-escrevia na lista de discussão, constroem um diário coletivo virtual da “inteligência”

do grupo (BARBIER, 2004, p. 143) em direção à realização da Revista e-Curriculum.

QUADRO 5 - Arquivo Virtual da Realização de Revista e-Curriculum

Nome e descrição	Tamanho	Enviado por	Data	Ações
Chamada de trabalhos		marthamprata		Editar
 Documentos relativos à chamada de trabalhos: cartas de e-mail com a logo, etc.		marthamprata	26 de Jun de 2005	Excluir Cortar
Documentos em Inglês		marthamprata		Editar
 Carta convite, normas de publicação e outros documentos da e-curriculum que foram traduzidos para o Inglês		marthamprata	26 de Jun de 2005	Excluir Cortar
Encontros presenciais da equip		marthamprata		Editar
 Resumo dos encontros presenciais da nossa equipe		marthamprata	26 de Mar de 2005	Excluir Cortar
 Comissões da revista-chizzotti.doc	74 KB	nuriaponsv	8 de Dez de 2004	Editar Excluir Cortar
Anexo à comissão externa a ser convidada				
cores de logo para vota-09-2004.doc		marthamprata		Editar
 Logos com diferentes cores, cridos pelo Nilbo, que foram colocados na lista para votação	98 KB	marthamprata	25 de Set de 2004	Excluir Cortar
Normas para os Colaboradores.doc		marthamprata		Editar
 sugestões de normas para a revista. Enviadas por Núria em 09-06-2004	39 KB	marthamprata	10 de Jun de 2004	Excluir Cortar
Normas para os Colaboradores2005.doc		nuriaponsv		Editar
 Seguem as normas de publicação a partir da ABNT, APA, VANCOUVER	50 KB	nuriaponsv	26 de Mar de 2005	Excluir Cortar
Pareceristas		nuriaponsv		Editar
 Normas e indicadores aos pareceristas	3 KB	nuriaponsv	26 de Mar de 2005	Excluir Cortar
ProjetoRevista-150604-comNovosNomes.doc		marthamprata		Editar
 Pré projeto da Revista Digital com a inclusão de novos nomes de membros 15/06/04	291 KB	marthamprata	15 de Jun de 2004	Excluir Cortar
projetoRevista-21-05.doc		marthamprata		Editar
 Pré projeto da revista-21-05	48 KB	marthamprata	30 de Mai de 2004	Excluir Cortar
ProjetoRevista14-06-2004encColegiado.doc		marthamprata		Editar
 Pré projeto da Revista Digital apresentado no colegiado em 14-06-2004	596 KB	marthamprata	14 de Jun de 2004	Excluir Cortar
São_Paulo1.doc		nuriaponsv		Editar
 Carta Convite e carta Aceite para a comissão externa	106 KB	nuriaponsv	8 de Dez de 2004	Excluir Cortar

Fonte: <http://br.groups.yahoo.com/group/revistapucsp/files/>

Tanto nos encontros escritos (registrados por meio de *e-mails e chats* escritos), quanto nos encontros presenciais realizados (registrados por meio de diário itinerante, gravações, fotos e filmagens), as discussões e dúvidas

geradas foram sistematizadas de modo que pudessem ser respondidas. Muitas vezes, as dúvidas surgiram conjuntas e o trabalho de pesquisa também se faz neste sentido.

A necessidade didática de sistematização e registro de uma pesquisa pode dar a idéia aparente, mas não real, da fragmentação de construção ao se realizar uma revista científica por um grupo de alunos e sua pesquisadora. Ressalta-se que as dúvidas e as soluções para alguns procedimentos, muitas vezes, ocorreram ao mesmo tempo. Aqui se separarão por capítulos, tópicos e subtópicos.

Um exemplo disto é a construção da página inicial da revista, as cores, os símbolos que se realizavam ao mesmo tempo em que se sistematizava a pesquisa do que era necessário ter, em termos de normas, capa, *links* em uma revista científica. Isto significa que um fio puxa outro, e a construção desta investigação não se fez de forma linear.

Como pode ser comprovado em mensagem postada na lista:

From: heloisagomes
 To: revistapucsp
 Sent: Sunday, May 23, 2004 5:49 PM
 Subject: [revistapucsp] Reunião do colegiado, colaboração

Querida amiga

Primeiro parabéns pelo seu empenho...recebi o e-mail sobre o SciElo... mas acredito que neste primeiro momento da reunião vamos primeiro discutir a idéia da revista...o que vc e os outros pensam?...caso seja realmente aprovado por todos no colegiado a revista...poderíamos marcar uma reunião entre nós do grupo (alunos) com o grupo de professores que estarão envolvidos na elaboração da revista...para tratarmos dos detalhes...entre eles a questão da indexação, editor, conselho e etc....o que Vocês acham?...há também mais alguma questão importante para ser levada ao colegiado?...estou aguardando...eu a Socorrinho e a Márcia lógico...

Esta mensagem demonstra o primeiro movimento de formação de um grupo, quando HG se dirige à pesquisadora “querida amiga”, “o que vc e os

outros pensam?”, ao chamar “os outros” que faziam parte da lista, solicitando a opinião e o diálogo necessário para a realização da revista.

Em resposta a este *e-mail*, a pesquisadora se refere ao problema gerado quando se realizava o logo e a capa da revista. A necessidade de, ao se apresentar ao colegiado, HG e MSC poderem dispor dos dados de pesquisa realizados.

Desta maneira, demonstrariam a seriedade dos membros do grupo formador para a realização desta e não o alerta indicado por Fávero, Amado e Garcia (2000), quanto ao perigo do amadorismo daqueles que realizam revistas científicas:

-----Mensagem original-----

De: revistapucsp@yahoogrupos.com.br

Data: 05/23/04 18:40:54

Para: revistapucsp@yahoogrupos.com.br

Assunto: Re:[revistapucsp]Reunião do colegiado, colaboração

Heloisa, querida! (Leia inteiro).

Na terça-feira, discutimos isso, a Martha levou, eu levei o que havíamos achado para o grupo, incluindo ISSN e SciELO. Lógico que a REVISTA será discutida entre todos o TUDO dela, principalmente os professores que a representarão! Porém temos de aproveitar a oportunidade que estamos recebendo. Para isso, devemos mostrar que nosso interesse, pelo menos o que discutimos, não é pura e simplesmente uma "revistinha sem fins lucrativos, estilo: dá quem pode, cara!", desejamos, até onde eu entendi e participo, termos uma REVISTA de PESQUISA, que como discutimos, na terça-feira, talvez só seja indexada por uma Scielo quando estivermos saindo da PUCSP, mas para ser indexada daqui a dois anos, ela precisa começar direito hoje, sem LIBELU, com seriedade nossa também, e acho que nos sobra :-)

Você deve estar se perguntando, por que estou insistindo nisso? ;-) Imagine-se na situação de qualquer pessoa do colegiado questionar- se/nos sobre para que desejamos fazer uma revista de pesquisa acadêmica, se sabemos quais procedimentos etc etc.????? (uma pessoa nos questionou sobre isso, lembra???:-))))))
Por isso, Helô, vocês que irão no colegiado devem estar munidas, documentadas e mostrando que é um trabalho sério, que estamos pesquisando aquilo que temos acesso e nos cercando de todos os "complicadores" para descobrirmos o que é viável ou não. Mas que também será um trabalho de tempo:-)))))). Helô, Socorrinho e irmã kay (que eu acho que não vai ler isso :- (((((, levem os papéis, coloquem em pauta, como o sugerido pelo Prof. Fernando agora, tá bom, Helô????? Responda para dizer o que acha? Não fique nervosa, nem irritada, por favor:-))))). É só uma sugestão para termos mais chances.

Como se observa, nos *e-mails* da lista de discussão, a subdivisão de trabalho de pesquisa se fazia concomitante à discussão da apresentação do projeto da revista.

Assim como o fortalecimento do grupo formador, o aparecer dos problemas que fizeram com que a pesquisadora se aprofundasse no encontro dos princípios regentes e normativos de uma revista científica voltada à área de Educação (Capítulo 4).

A lista virtual assume para o grupo formador o que se traduz nas palavras de um dos membros o “fazer junto, em grupo” (MMPL, carta-depoimento, abril de 2006), que se concretiza quando as palavras se encontram em ideais, em realizações em uma lista de discussão:

Não era meu ideal construir uma revista, nem tampouco importante. Eu nem pensava nisso quando a lista começou. Mas o grupo foi tomando forma e a idéia da revista também e foi assim que me vi envolvida nesse projeto. (*e-mail* depoimento, MMPL, abril de 2006).

O grupo se formou pela participação de seus membros, pelos ideais comuns que acabavam fortalecendo a realização da própria revista *e-Curriculum*, superando-se os obstáculos que se apresentavam, juntamente com a pesquisa que se realizava para entender o que era e o que representava aquele projeto de revista.

O grupo formador discutia, nos encontros presenciais que:

[...] se a revista é pela Internet a gente deve usar esse meio, não é? (Diário Itinerante, MSC, 17/05/2004).

A busca pelo uso da rede de comunicação digital dava certeza ao grupo de que é viável e possível ter comunicação perfeita, de alta qualidade e fiável no campo científico.

Mesmo aqueles que não estavam acostumados, como é o caso de MSC, tiveram a disposição daqueles que dominavam os meios de comunicação para a aprendizagem e perfeita comunicação com o grupo:

Eu pessoalmente cheguei no programa e nem sabia o que era MSN e, de repente, a Núria me envia a revista integral em um momento de bate papo para eu avaliar, eu ficava desesperada! Tinha medo de deletar, não sabia corrigir na tela, tudo isso eu aprendi. Quando voltar tudo de meus alunos vou receber na medida do possível desta forma, principalmente os que residem no interior. Hoje tenho clareza de que nossa turma foi uma marco no programa Educação: Currículo. Foi a única que presenteou o programa em seus 30 anos com um trabalho de utilidade pública para a ciência, a e-Curriculum. (MSC, *e-mail* depoimento, maio de 2006).

Houve a preocupação de inserir o grupo formador na aprendizagem dos meios utilizados que seriam utilizados pela revista e-Curriculum. MSC absorve tal aprendizado para levá-lo aos seus alunos.

6.2 A organização e concepção da revista pelo grupo

Todos os passos dados pelo grupo formador sempre tiveram a participação dos professores que faziam parte do Conselho Científico, assim como do Colegiado, que era informado de tudo o que se fazia para a aprovação final do projeto.

Neste sentido, pode-se afirmar que o trabalho envolveu sempre organização e sistematização dos dados. Em mensagem enviada à lista do grupo formador, observa-se a organização que seria necessária ao grupo:

Entendendo que devemos dividir frentes de trabalho e aqui vejo que já iniciaremos a primeira seleção natural das coisas:

Todos: Votar o nome da revista, especificar a finalidade da mesma.

1. Um grupo para realização do projeto (praticamente feito, só falta colocar os dados corretos e concretos)(idéia do prof. Fernando);
2. Um grupo para as planilhas de gastos (já temos dois, Ricardo e Marcos, trarão na terça-feira) (idéia do prof. Masetto);
3. Um grupo que busque patrocínio (levando o projeto e a página piloto on-line da revista, eu tenho um espaço on-line comprado, posso emprestar enquanto não temos um da própria revista, seria apenas para mostrar ao futuro patrocinador e pagar o ISSN); já que se pede um projeto visível on-line(idéia do prof. Fernando);
4. Um grupo responsável pelos convites e cartas ao Conselho Editorial (Idéia do prof. Chizzotti);
5. Um grupo (professores) que elaborem as normas editoriais para passarem ao grupo do projeto e ao do site (idéia da profa. Beth).

Tudo isso, praticamente, deverá correr conjuntamente, pois uma parte depende da outra.

Por isso, vejo importante a reunião da terça-feira, pois já se colocaria e dividiriam as tarefas de quem realmente vai participar da revista.
- Núria" (mensagem enviada à lista de discussão, em 30 de maio de 2004).

A reunião de 1º de junho de 2004 foi na sala do programa de pós-graduação, às 14h. Compareceram, como de costume Martha Maria Prata-Linhares, Maria do Socorro da Costa Coelho, Eneila A. dos Santos, Heloísa Gomes, Leonir Pessati, Prof. Antonio Chizzotti, Prof. Fernando José de Almeida, Cláudia Hardhag, Nilbo R. Nogueira e a Pesquisadora.

Avisou-se formalmente que o nome a ser usado na revista seria o votado pela lista da revista e pela lista de discussão do doutorado 2004, já que por acordo com o grupo formador, os nomes que se escolheram deveriam ser votados por todos os alunos que de alguma forma haviam participado.

Soube-se, nesta reunião, da desistência de permanência da formação da Revista, do Prof. Dr. Marcos Masetto, que alegou ao Prof. Dr. Antonio Chizzotti (Editor), não ter tempo disponível para tal empreitada e desejou:

muita sorte para todos (Diário itinerante, 1 de junho de 2004).

Declarou-se que não se teriam verbas para a realização da revista. Houve um choque inicial, uma perda importante para o grupo e a confirmação que todos já sabiam.

Esta reunião começara conturbada, vozes altas, falatórios e anotações que acabavam por se perder devido às interrupções constantes e lamentações. Havia quase que uma névoa sobre os que lá estavam presentes.

A desistência da realização era quase certa, quando um dos colegas num tom de voz mais forte que os demais, fez-se ouvir:

Chegamos até aqui, isso nunca aconteceu na história de nosso programa. A união de alunos, mesmo que só tenha sobrado a gente aqui, a pesquisa e o trabalho que a Núria, o Nilbo e a Martha estão fazendo (...) (Diário Itinerante e ata de encontro, fala de HG ao grupo, 01/06/2004).

HG, sentindo-se ouvida, continuou:

O tempo que a gente perdeu até agora, não podemos jogar isso fora. Eu tinha que ficar quieta (...) não faço nada (tempo sem fala). Agüento outros dizendo que a gente é louco. Professor dizendo que a gente não vai ter emprego por conta disso, o que a gente pensa que é?(...)(idem, 2004).

Até a apresentação da revista em novembro de 2005, muitos foram os comentários feitos para o grupo formador, como se observa em “Professor dizendo que a gente não vai ter emprego (...)”, porém todo o envolvimento, pesquisa e conhecimento que se construía, fortalecia o mesmo grupo e outros alunos do programa:

O Nilbo tomando dura desnecessária de professor que não tá fazendo nada, que nunca vai fazer nada pelo programa. [...] e quer ensinar sobre currículo, é piada! Minha orientadora quer me matar por causa desta revista. Nada

importa, se a gente desiste aqui porque tem problemas, vão dizer ‘está vendo, eu não disse que aluno não faz nada!’ [...] eu quero terminar de fazer (...) (HG, 01/06/2004, transcrição em ata, mostrada ao autor para esta publicação).

Posterior ao discurso da colega, que um ano mais tarde trancaria sua matrícula no programa de doutorado, seguiu-se o silêncio e o respeito de decisão ao grupo dado pelos dois professores.

O prof. Dr. Fernando José de Almeida levantou-se para tomar água. Deixando a decisão para o grupo. O prof. Dr. Antonio Chizzotti permaneceu sentado, tirou seus óculos, esfregou suas mãos sobre seus olhos, colocou novamente seus óculos, levantou-se da mesa em que se encontravam os alunos e guiou-se a sua mesa de coordenação⁶⁸, permaneceu lá ora olhando papéis, ora olhando e mexendo em seu computador.

Ano que vem o Programa comemora 30 anos de existência. Temos um ano e meio, dá tempo para gente ter ela pronta? Com todos os artigos, com toda a formatação, com tudo bonitinho nela? Mas tem de ser bem feitinho, que você acha, Núria? (MMPL, diário itinerante, 01/06/2004).

Se a gente dividir e assumir as atividades, dá sim!(Núria, 01/06/2004).

Definiu-se que até outubro de 2004, todas as normas deveriam estar prontas e traduzidas; todas as cartas convites para Consultores Científicos

⁶⁸ O professor Dr. Antonio Chizzotti, na época da construção da revista e-Curriculum, era Coordenador do programa de Pós-Graduação Educação: Currículo e o professor Dr. Fernando José de Almeida o seu vice.

deveriam ser enviadas via *e-mail* e arquivadas até novembro de 2004 e a página piloto deveria estar pronta até novembro de 2004. Tudo seria apresentado no Encontro de Pesquisadores de 2004⁶⁹, publicamente.

Em novembro de 2004 enviava-se a todos os Programas de Pós-graduação do país, assim como a vários Programas de Pós-graduação do mundo, a chamada de trabalhos (ANEXO C) para o primeiro volume e número da revista *e-Curriculum*.

Também se faziam as cartas convites e aceites para o Conselho Científico. Vários colegas da sala de doutorado colaboraram na realização da carta convite e da chamada de trabalhos. A aluna Beatriz Nadal trouxe as cartas convite e aceite do comitê científico da revista “Olhar de Professor”, da qual ela fazia parte, para que o grupo formador pudesse ter uma referência.

Martha Maria Prata-Linhares, Cláudia Hardhag e a pesquisadora trabalharam na tradução para o espanhol e o inglês da carta definitiva que se fez e fora lida a todos os alunos presentes em reunião. Ao serem aprovadas, solicitaram que fosse enviado por *e-mail* ao Comitê Científico. Foram disponibilizadas nos arquivos virtuais, como também impressas e fazem parte do arquivo histórico da Revista *e-Curriculum*.

Paralelamente, o doutorando Nilbo R. Nogueira⁷⁰ e a pesquisadora trabalhavam virtualmente (por meio de *Chat* no MSN), na criação do que se denominou “piloto virtual da revista eletrônica”. O doutorando Nilbo R. Nogueira também criou o logo da revista *e-Curriculum* (ANEXO C)

Até maio de 2005, hospedou-se o piloto da revista na página do aluno Nilbo R. Nogueira.

⁶⁹ O Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-graduação Educação: Currículo é uma realização de trocas de experiências e pesquisas que existe desde 2002. Em novembro de 2004, na abertura feita pelo coordenador do programa, prof. Chizzotti, posterior a fala dos convidados, a pesquisadora apresentou o piloto da revista para todos. Tal apresentação foi gravada pela doutoranda Eneila A. dos Santos e uma cópia foi doada para o Programa de pós, de modo que compõe a história gravada da revista.

⁷⁰ O aluno Nilbo R. Nogueira e a aluna Cláudia Hardhag não fizeram parte do grupo formador, ou como era chamado nos bastidores do programa, Núcleo Forte, pois informaram que não teriam tempo para tal atividade extra, porém sempre auxiliaram o grupo, fosse na escuta, fosse no trabalho indispensável que tiveram durante a formação inicial da revista.

Em Abril de 2005, a Revista e-Curriculum recebeu 36 trabalhos, 4 trabalhos da Argentina, 3 de Moçambique, 2 da Espanha, 4 de Cuba, os 23 restantes eram do Brasil. Destes, 15 trabalhos foram aprovados pelos pareceristas em duplo cego, até outubro de 2005.

O duplo cego é representado pelo envio dos trabalhos recebidos por uma publicação a dois especialistas da área escolhidos pelo Editor e Conselho Científico da revista. É denominado de duplo cego pelo fato do autor (ou autores) não saber quem emite o parecer de seu trabalho, assim como o parecer (duplo cego) tampouco tem as informações de quem é o autor, qual sua filiação acadêmica.

Estabeleceu-se, assim, a norma mais antiga das revistas científicas, a aprovação dos resultados dos trabalhos inéditos por outros pesquisadores, o *peer review*.

O grupo formador, em abril de 2005, era composto por Martha Maria Prata-Linhares, Maria do Socorro da Costa Coelho, Eneila A. dos Santos, Heloisa Gomes, Íris de Sousa⁷¹ e Núria Pons Vilardell Camas, entendiam a necessidade de um modelo de gestão, com as devidas atividades definidas.

Sendo assim, o editor responsável, prof. Dr. Antonio Chizzotti, solicitou à pesquisadora que fosse feito um breve planejamento das atividades e discutido com o grupo.

Desta forma, a pesquisadora, a partir da investigação de outras revistas, impressas e eletrônicas, observou que havia necessidade da construção de um Fluxograma de atividades (Figura 7).

O Fluxograma de Atividades Internas agregou uma organização e sistematização visível de todo o processo. Para os autores, trouxe a transparência do processo interno da publicação, proporcionando confiança e entendimento dos caminhos que seguiam os trabalhos enviados, além de também representar para novas revistas eletrônicas um exemplo que poderia ser seguido, como se relata abaixo:

⁷¹ O aluno Íris de Sousa solicitou ao grupo formador seu afastamento ao entrar no doutorado em 2005. Justificou sua saída do grupo devido a diversas atividades que teria de realizar.

Núria, achei mais claro assim. O fluxo é complicadinho até a gente olhar direito, não podia ser mais colorido? Sei lá...mais está bom, dá visibilidade para todos. (MMPL- comissão interna- 2005, aluna do doutorado 2004).

Prezada Núria, agradeço a explicação dada sobre todos os procedimentos que há até o momento da publicação, este fluxograma indicado, foi muito próprio para as perguntas que havia solicitado esclarecimento.[...] (Autora de trabalho – envio de mensagem em 02-02-2006).

Prof. Dr. Antônio Chizzotti, No evento em Maringá pudemos contemplar a edição de um parecer bem formulado por sua equipe de auxílio, como também conversando informalmente com a profa. Núria, mostrou-me o fluxograma interno, e acertamos dela me mandar. Até o momento não o recebi, poderia enviar tanto o parecer quanto o fluxograma para nossa apreciação[...]. (Mensagem enviada pelo EDITOR da Revista Educação e Ecologia, em 22-12-2006).

Agora dá para a gente mostrar como é feito todo o trabalho que temos. (MSC, mensagem de chat MSN em 2/10/2005)

Eu não sabia que era assim que se fazia. Agora ficou mais claro, quando chegar em casa vou olhar direito. Nossa! Quanta coisa a gente não sabe sobre aquilo que dependemos.[MA, aluna do doutorado CED de 2004, em conversa com a pesquisadora depois da apresentação da revista e-Curriculum em 21/11/2005, transcrição).

Acredita-se que o planejamento da Revista e-Curriculum, mesmo sendo realizada por elementos que não haviam participado de projetos em periódicos científicos, alicerçou-se na visão de pesquisadores engajados no processo e preocupados com a publicação e divulgação científicas na área que se propôs.

Perpassou pelo caminho de entender o que era uma publicação científica, quais as normas que regem uma publicação e quais as diferenças entre uma publicação impressa e uma eletrônica, além da necessidade dos pareceristas em duplo cego conforme se solicita para indexação.

A preocupação de Fávero, Amado e Garcia (2000), sobre o amadorismo das novas publicações, superou-se pela pesquisa e entendimento daqueles que organizaram a mesma.

Com o passar dos meses a pesquisadora acabou sendo convidada pela Professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida, Prof. Dr. Antonio Chizzotti e Prof. Dr. Fernando José de Almeida a assumir a Coordenação Editorial Discente, com o propósito de deter oficialmente a responsabilidade de toda a pesquisa que já se realizava e, por fim, ser o elemento do grupo que dialogasse com aquele que nos auxiliaria na transposição das idéias que estavam no papel para as páginas *Web*, ou seja, com o técnico responsável pelo Laboratório de Tecnologias do Programa.

Determinou-se neste encontro com os professores, que a pesquisadora teria um *e-mail* da revista da PUC-SP, *ecurriculum@pucsp.br*, e que a partir da data de 05/06/2005, todas as mensagens da Revista somente seriam recebidas e enviadas pelo endereço eletrônico criado a partir do *WEBMAIL* da própria PUC-SP.

Teriam acesso ao endereço e senha de correspondência a pesquisadora, o *Webmaster*, a secretária e o editor da Revista. Este fato em muito auxiliou, posto que a partir desta data, todos os registros com os autores, com os avaliadores *online*, com o editor e leitores passarem a ser feitos e registrados nos bancos de dados da própria PUC-SP. Propiciou a garantia das trocas e diálogos num espaço exclusivo da revista

Além disto, a professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida e o professor Dr. Antonio Chizzotti solicitaram investigação a respeito das revistas eletrônicas existentes, como dito pelo editor (junho de 2005):

Um olhar mais profundo para nos situarmos melhor naquilo que podemos fazer.

Pedi-se um prazo necessário para se poder acessar e observar as revistas eletrônicas disponíveis (Capítulo 4 e Capítulo 5), reconhecendo aquilo que melhor poderia identificar a revista do programa, como também, passar todas as informações ao grupo formador da revista.

6.3 A concepção da página da revista: olhar o geral para voltar ao local

Com o auxílio de Nilbo Ribeiro Nogueira realizou-se o logotipo para a revista (ANEXO C) e a composição de uma página, chamada de piloto, proporcionando visibilidade a todos: grupo formador, colegiado e alunos de mestrado e doutorado do programa, daquilo que se estava fazendo.

Durante uma semana, todas as noites a pesquisadora se encontrava com Nilbo, no MSN. Dialogavam sobre as possíveis formas, cores que a revista e o logo poderiam ter. Convidaram-se todos os participantes. Por diferentes motivos somente Nilbo e a pesquisadora estavam presentes no horário determinado.

Em uma semana, Nilbo desenvolveu diferentes logotipos. A pesquisadora disponibilizou na lista da revista e na lista da turma de doutorado⁷² para votação, com a carta do próprio criador indicando sua escolha de cores e o que elas representavam (ANEXO C).

Determinou-se uma semana de prazo para a votação realizada nas próprias listas (revistapucsp@yahoogrupos.com.br e doutoradocedpucsp@yahoogupos.com.br). Na semana seguinte à votação *online*, deu-se início ao trabalho de visualização da página, assim dar-se-ia novamente vida ao projeto.

Votou-se, em lista, pelo Logo e cores que mais agradaram, não houve outra escolha a não ser a abaixo apresentada:

⁷² Além da lista criada para a revista, a pesquisadora criou também uma lista para os 40 alunos e dois professores. Fosse o grupo formador ou a pesquisadora sempre se levavam aos demais alunos o que ocorria na organização da revista. Assim como as votações de nome da revista, logo, cores também se procederam nas duas listas.



FIGURA 10 – Logo Revista

Enquanto Nilbo trabalhava na página piloto da Revista, a pesquisadora conhecia as revistas eletrônicas de Educação que existiam no Brasil. Este fato levou a pesquisa iniciar um olhar às revistas avaliadas pela QUALIS.

Deste modo, pode-se - com o doutorando Nilbo - iniciar o projeto de capa que constituiria a Revista. Este projeto de capa foi apresentado em reunião convocada e pública para todos os alunos, ex-alunos e professores do Programa em setembro de 2005. Dois meses antes do lançamento oficial da Revista, tinha-se a seguinte página:

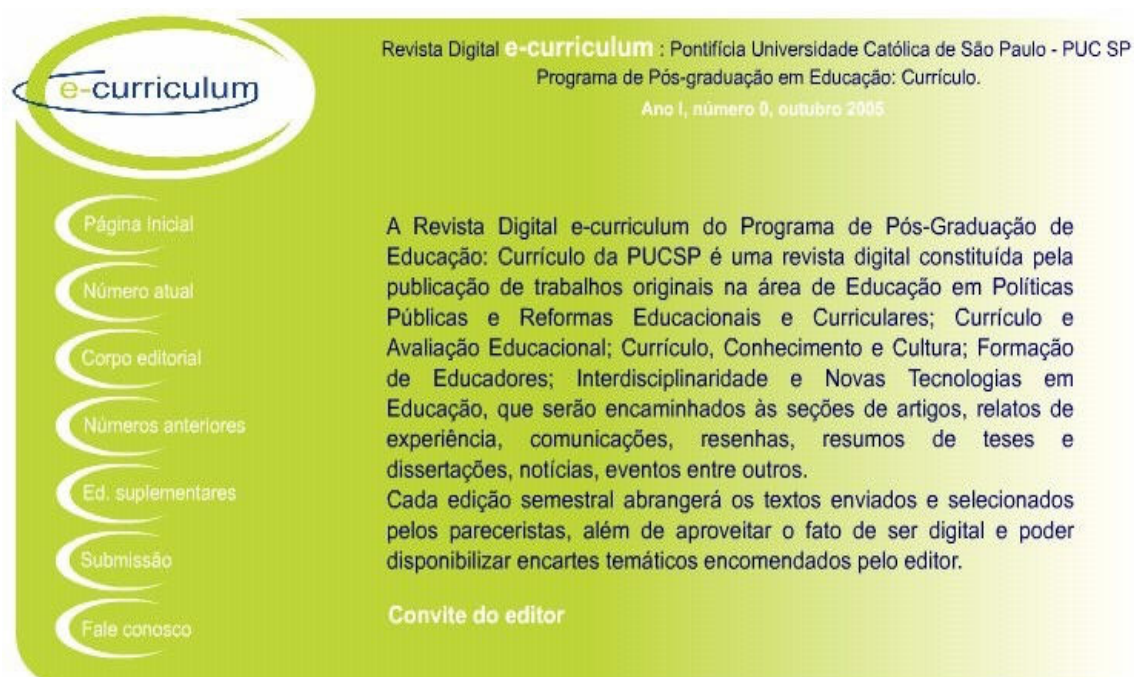


FIGURA 11 – 1ª. Capa da revista e-Curriculum

Iniciava-se o primeiro problema técnico que a revista enfrentaria. O *software* que o aluno Nilbo utilizava, não existia no programa de pós-graduação. Seria necessário comprá-lo para que a equipe técnica, Felipe Casaburi e estagiário Sérgio Iesca Rodrigues pudessem manipular no laboratório, inserir os trabalhos, atualizar as páginas etc.

O grupo formador sentia grande dificuldade e falta de auxílio da equipe técnica que, naquela época não entendia o que se desejava fazer. Por este motivo pouco auxiliava o grupo formador, no sentido de sempre dar prioridade às solicitações dos professores em suas atividades relacionadas ao programa e não à revista e-Curriculum.

O doutorando Nilbo assumia desde o início que seu auxílio na revista era com aquilo que sabia fazer, não teria tempo para maiores atividades. Deixava claro que sem verbas para se poder comprar e desenvolver o projeto digital, o designer da revista, dificilmente se poderia realizar um trabalho de qualidade.

O grupo formador concordava que a falta de verbas e apoio financeiro atrasava e prejudicava a possibilidade de realização da revista, porém a responsabilidade assumida pelo grupo tornava-se prioridade.

Sentindo-se o problema de que o piloto da página não poderia ser disponibilizado, marcou-se uma reunião com o grupo formador e a professora Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida, como também se solicitou a presença de Felipe Casaburi (*Webmaster* e técnico do laboratório do Programa) e do estagiário Sérgio Iesca.

No dia 21 de setembro de 2005, a reunião iniciada às 12h30min traria aos técnicos o entendimento de suas responsabilidades. Somente compareceram a esta reunião a profa. Dra. Maria Elizabeth B. de Almeida, Felipe Casaburi e a pesquisadora. Acordou-se que a pesquisadora estaria lado a lado com a equipe técnica, trabalhando na construção da página, que deveria ser hospedada no endereço da PUC-SP (<http://www.pucsp.br>).

Utilizar-se-iam os *softwares* que a PUC-SP tinha e que fossem compatíveis com a identidade criada para a revista. Sendo assim, respeitar-se-iam Logo, cores, caracterizações obrigatórias com os *links* disponíveis para a revista, feita por meio de pesquisa, apresentação e votação de todos.

Iniciava-se um diálogo pedagógico - técnico. Era necessário fazer saber o que representava tecnicamente disponibilizar em uma página *Web*. Reconhecer quais as possibilidades técnicas disponíveis, no laboratório, para a concepção e designer da revista e-Curriculum.

A primeira iniciativa fora enviar por *e-mail* a Felipe e Sérgio algumas páginas de revistas eletrônicas, em diferentes áreas do saber, para que eles olhassem e iniciassem o entendimento daquilo que se pretendia construir.

O grupo formador havia concebido a revista, porém para os técnicos a vivência não era a mesma, pois eles não haviam significado ainda o que era uma Revista Científica Eletrônica.

O tempo passava, faltavam dois meses para a Revista ser lançada publicamente no Evento de Comemoração dos 30 anos do programa de Pós-graduação, era necessário agilizar.

Sergio Iesca já havia passado todos os trabalhos enviados e aprovados pelos pareceristas em PDF. Já se havia criado a página para o *download* trabalhos, o editorial estava pronto, somente faltava a página de abertura da revista que carregaria em *links* todo o material já pronto.

O grupo formador cobrava de Felipe e da pesquisadora a visualização da página. A pesquisadora entendeu que uma ação era necessária, olhar pelos olhos de alguém que nunca houvera vivido aquela situação e mostrar-lhe o que era obrigatório ter e o porquê, foi o que se fez.

O segundo passo fora mostrar ao FC a responsabilidade de criação de uma página que deveria conter obrigatoriamente os *links* necessários que compõem uma revista, para poder-se registrar primeiro no ISSN, sendo que sem aquelas determinações, não se receberia o registro e não se configuraria como Revista Científica Eletrônica para o mundo.

A pesquisadora sentou-se ao lado do Felipe e abriu a página da revista Rever (<http://www.pucsp.br/rever/>) mostrou-a, comprovando todos os passos obrigatórios para uma revista existir em registro ISSN e futuramente ser avaliada e indexada por órgãos nacionais e internacionais.

Somente neste momento que o corpo técnico entendeu e iniciou a significação de uma revista científica, não como um *link* a mais na página do próprio Programa, como ele imaginava.

Em depoimento sobre a revista, Felipe Casaburi relatou:

Quando a revista eletrônica e-Curriculum foi lançada em Dezembro de 2005, não havia compreendido muito bem o que viria a ser este novo “site” que estava desenvolvendo.

Em um primeiro momento, não enfrentei muitas dificuldades, pois estava encarando este novo trabalho como um simples site, ou um link a mais na própria página do programa, mas ao serem apresentadas as normas exigidas pelo **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – ISSN** que são muito rigorosas e detalhistas, comecei a compreender o quão complexo era o desenvolvimento de uma revista eletrônica científica.

Com o novo número, o acesso cada vez mais elevado e as diversas indexações pelo mundo a fora, a sua relevância começou a suscitar.

A aluna Núria, responsável pelo desenvolvimento, divulgação e documentação da revista é a figura mais importante para que este trabalho se consolidasse como um trabalho efetivo/acadêmico do programa de Pós-Graduação em Educação Currículo. Confesso que em cada etapa do desenvolvimento tecnológico da revista, ela procurou orientar e frisar a importância de cada trabalho que estava se agregando a revista (*e-mail* depoimento, enviado a pesquisadora com o relato do técnico, junho de 2006).

O trabalho de envolvimento do técnico fora gratificante, no sentido de percorrer novamente e buscar novas soluções quanto às necessidades de diálogo entre o leitor, o pesquisador, as normas técnicas e administrativas obrigatórias em uma revista eletrônica científica.

Este trabalho de diálogo e envolvimento na revista e-Curriculum foi feito todos os meses até outubro de 2007.

Em dezembro de 2005, disponibilizou-se a primeira capa oficial:

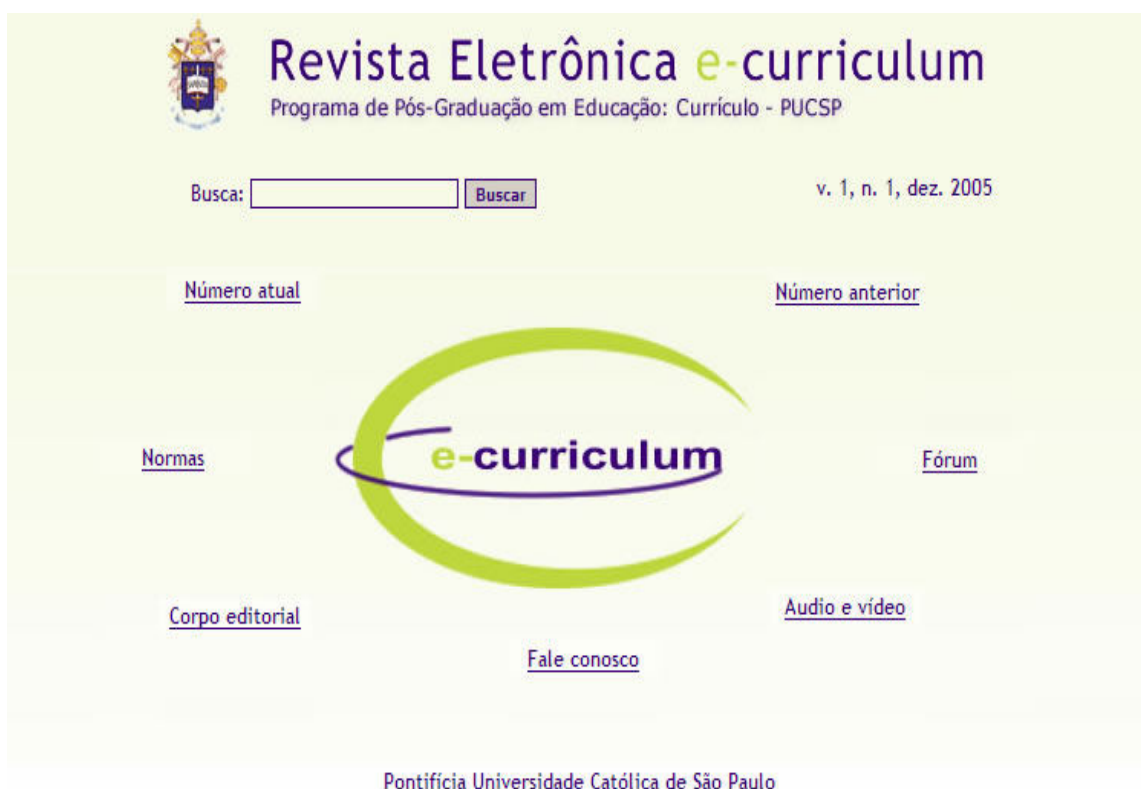


Figura 12 - 1ª. Capa oficial da Revista e-Curriculum

Fonte: Arquivos da Revista e-Curriculum

Em 2006, num destes diálogos com Felipe Casaburi, devido a problemas que se apresentavam com os *e-mails* recebidos dos leitores, reformulou-se novamente a página da revista, sem perder nenhuma característica inicial Logo, cores, *links* obrigatórios.

Incluiu-se, nas Normas de Submissão de trabalhos à Revista, o arquivo que os autores devem baixar, em *Word*, para enviarem seus trabalhos, seguindo a formatação obrigatória e indicada pela revista e-Curriculum.

Observava-se que a organização da 1ª. Capa Oficial (Figura 12) precisava ser re-elaborada. De modo que esclarecesse ao leitor-usuário qual a missão da revista. A falta desta informação na primeira página acabava por gerar muitos *e-mails* solicitando empregos, envio de modelos de

currículos. Era necessário organizar o ambiente virtual da revista de forma urgente para ser entendida, assim que acessada pelo leitor.

Em um ano, dos 1.042 *e-mails* arquivados pela revista, 531 deles solicitavam empregos e modelos de currículo profissional. Tanto para a pesquisadora, quanto para o técnico estava claro que havia algum problema de comunicação e que este se encontrava na primeira página da revista. Refez-se a capa, introduzindo-se na página de abertura a missão da revista. (Figura 13)

O grupo formador não se encontrava no Brasil, devido às bolsas de pesquisa, cada membro desenvolvia seus trabalhos e não havia como se encontrar. Sentiu-se o problema de fuso horário ao tentar-se um encontro síncrono com o grupo formador. Acordou-se que se fariam as mudanças e cada membro proporia mudanças ou aceites por *e-mails*.

A primeira solução encontrada fora inserir a obrigatoriedade de enviar por *e-mail* os trabalhos dos autores. Para isto se disponibilizou um arquivo para ser baixado pelos autores com a formatação obrigatória de envio de trabalhos, seguindo as normas que se encontravam descritivamente disponíveis no sítio da revista (Figura 13 e Figura 14).

Por necessidade de melhorar e facilitar o uso da revista criou-se uma nova página que se disponibilizou em 15 de dezembro de 2006:

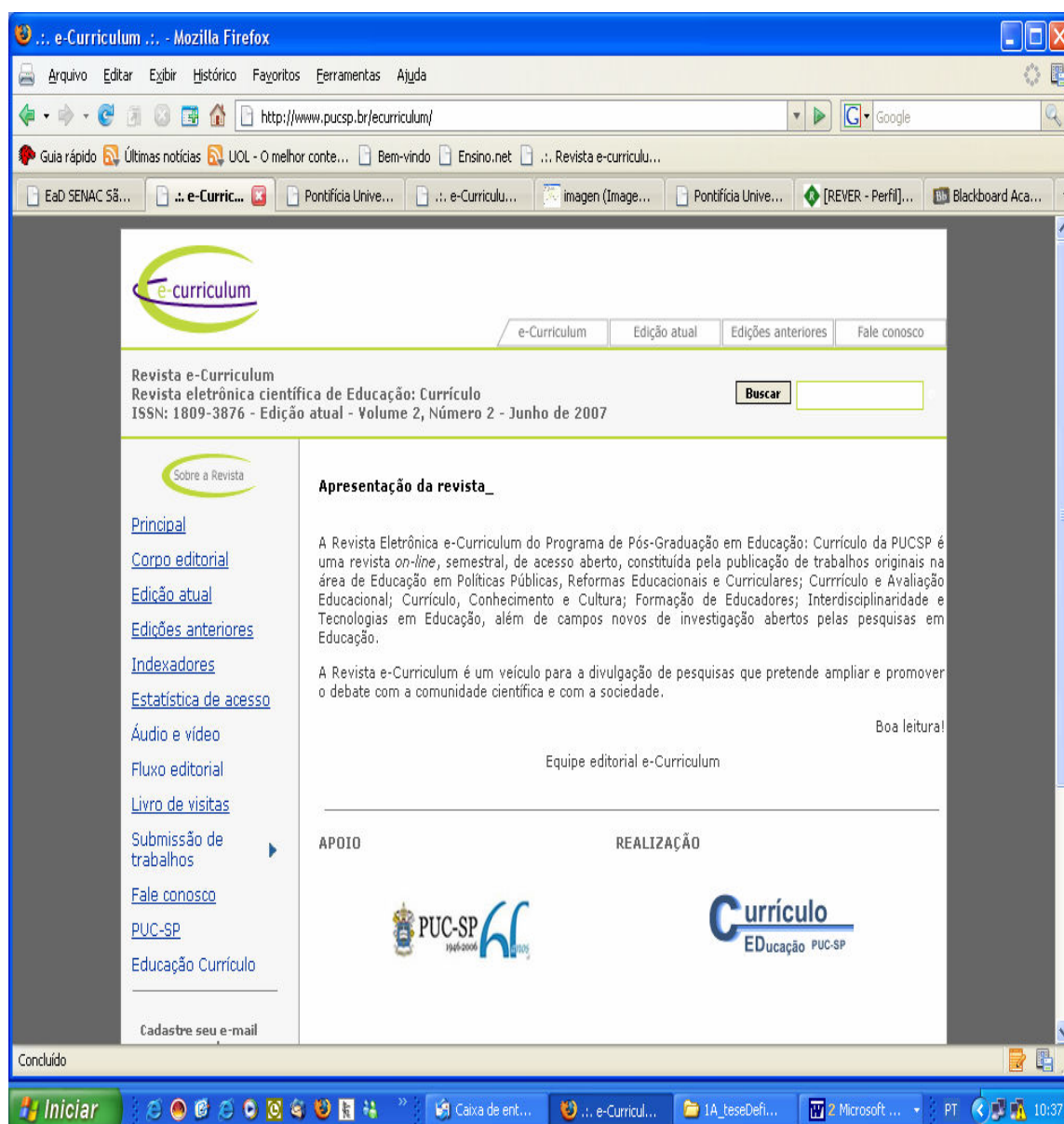


FIGURA 13 – Capa atual da Revista e-Curriculum vista na tela de um computador

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

[Sobre a Revista](#)

[Principal](#)

[Corpo editorial](#)

[Edição atual](#)

[Edições anteriores](#)

[Indexadores](#)

[Estatística de acesso](#)

[Áudio e vídeo](#)

[Fluxo editorial](#)

[Livro de visitas](#)

[Submissão de trabalhos](#)

[Fale conosco](#)

[PUC-SP](#)

[Educação Currículo](#)

Cadastre seu e-mail para receber informações

Apresentação da revista_

A Revista Eletrônica e-Curriculum do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUCSP é uma revista *on-line*, semestral, de acesso aberto, constituída pela publicação de trabalhos originais na área de Educação em Políticas Públicas, Reformas Educacionais e Curriculares; Currículo e Avaliação Educacional; Currículo, Conhecimento e Cultura; Formação de Educadores; Interdisciplinaridade e Tecnologias em Educação, além de campos novos de investigação abertos pelas pesquisas em Educação.

A Revista e-Curriculum é um veículo para a divulgação de pesquisas que pretende ampliar e promover o debate com a comunidade científica e com a sociedade.

Boa leitura!

Equipe editorial e-Curriculum

REALIZAÇÃO

Normas
Normas Editoriais e Gerais
Organização dos trabalhos
Normas para Apresentação dos Trabalhos
Referências
Revisão
Avaliação
Direitos autorais

REALIZAÇÃO





Figura 14 - Inclusão de *sublinks* no link Submissão de trabalhos

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

Sobre a Revista

[Principal](#)
[Corpo editorial](#)
[Edição atual](#)
[Edições anteriores](#)
[Indexadores](#)
[Estatística de acesso](#)
[Áudio e vídeo](#)
[Fluxo editorial](#)
[Livro de visitas](#)
[Submissão de trabalhos](#) ▶
[Fale conosco](#)
[PUC-SP](#)
[Educação Currículo](#)

Cadastre seu e-mail para receber informações



Organização dos trabalhos_

a) Página de identificação (não numerada), constando apenas numa das cópias do trabalho:
- título do trabalho, em nota de rodapé: se o trabalho foi financiado por algum órgão ou instituição, se já foi discutido em evento científico ou publicado em revista estrangeira;
- nome completo do(s) autor(es), abaixo do Título do lado direito, em nota de rodapé: formação profissional, titulação e / ou cargo atual, instituição a que pertencem e e-mail.
Ex.: (Sobrenome, Nome)

b) Manuscrito

Apresentar a seguinte estrutura:

- Título em português e inglês;
- * Os trabalhos enviados em espanhol e francês deverão ter Título em português e inglês.
- Resumo e Palavras-chave, Abstract e Key words, Resumo e Palavras-chave na língua original (espanhol e/ou francês);
- O texto propriamente dito;
- Referências.

[Clique aqui para ver um modelo em formato DOC](#)

Figura 15 - Abertura da Página do autor para captura do modelo que deve ser enviado aos pareceristas.

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

A realização desta nova página da revista foi feita integralmente *online*, por meio de *Skype*, em *voice* habilitado pelo Felipe e pela pesquisadora, apresentado e aprovado pelo Editor e grupo formador em outubro de 2006. Publicado oficialmente em 15 de dezembro de 2006 para os leitores. É o modelo usado até a presente data.

Observa-se que é necessário aprofundar-se no design de revistas científicas, justamente pela facilidade de acessar páginas na *Web*. Neste sentido, concorda-se com Farbiarz e Farbiarz (2004), Farbiarz (2007) e Chartier (1999) que é necessário adentrar-se no universo do usuário leitor, entender como se faz a leitura por meio de pesquisas de modo a poder cada

vez mais se melhorar as interfaces de comunicação ante a *Web* (POMBO, 2006) e as reais necessidades de buscas de seus leitores.

6.4 Teoria e prática: um encontro com a educação

No Capítulo 1, encontrou-se apoio nas palavras de Postman (1995), quando alertava que o sentido da escola residia nas narrativas compartilhadas e a capacidade que delas surgia na produção, que ele denominou de “sentido inspirador da escola”.

A prática é a oportunidade de dar um produto produzido e “pesquisado” por um grupo de investigadores que sentem, em seu dia-a-dia, o que Chizzotti (2005, s.p.) anuncia:

A edição de um periódico (...) nasce de um compromisso de professores e alunos em viabilizar a produção científica, políticas públicas de currículo e de formação docente. Para isso, procura-se lançar mãos de meios virtuais de comunicação para multiplicar as possibilidades de debates sobre temas educacionais de atualidade; quer dar, também, oportunidade de agilizar a difusão de pesquisas e estudos que incrementem a reflexão e a prática educacional, na área de currículo.

A discussão é pertinente e necessária, nos bancos acadêmicos, a respeito do que é publicar os resultados das pesquisas que se realizam, como fazê-lo, onde se publica, o que são normas, como ler uma revista científica, o que é qualidade em uma publicação e em um artigo. Finalmente, entender o que caracteriza uma publicação endógena, feita apenas por acadêmicos da própria Instituição promotora da publicação.

O alerta de Meadows (1999), Adami e Marchiori (2005, p. 74) foram debatidos entre o grupo (Capítulo 3). Firmaram a compreensão dos membros como no *e-mail* de MMPL revela:

Não era meu ideal construir uma revista, nem tampouco importante. (...) Mas o grupo foi tomando forma e a idéia da revista também e foi assim que me vi envolvida nesse projeto. Se a revista é importante para o programa? Realmente não sei. Penso que se eu fizesse parte do corpo docente do programa e da revista, tentaria tirar maior proveito disso, no sentido de formar um grupo de pesquisa e envolver mais alunos. Acho que ela poderia ter uma dimensão maior no programa. Por outro lado acho que isso ainda vai acontecer, pois estamos apenas começando. A cultura da publicação científica será mais debatida entre nós. Não sei. Deveria ser mais debatida, entendida, como nós fizemos em nosso grupo. Enquanto aluna é uma aprendizagem fazer parte da revista, é importante para a minha formação sim (*e-mail* depoimento, 2006).

O aprender a “cultura da publicação científica” se revela no projeto da revista como o entendimento da formação endógena, da necessidade dos pareceristas (*peer review*), do cumprimento dos princípios norteadores que devem seguir os trabalhos científicos, desde a complexidade de entender-se o impacto e compreender a normalização tão pouco discutida por aqueles que precisam publicar os resultados de suas pesquisas, e, ao mesmo tempo, são cobrados pelos resultados publicados:

Acho muito chata essa questão de normalização. Não gosto de conferir as normas da ABNT. Não li muitos artigos, mas os que li precisei ler mais uma vez quando me interessei pelo conteúdo, pois primeiramente lia para checar as normas e depois por gostar do conteúdo, lia novamente (MMPL, *e-mail* depoimento, *idem*).

Até mesmo, como EADS, relata em seu *e-mail* depoimento:

[...] lógico que quis morrer quando tive que rever todas as normas, as regras de publicação, não me dou bem com a burocracia, com a simetria das ações, sou desorganizada por formação mesmo (teatro) e adorei ter que rever minha prática, ser mais detalhista, me vi do outro lado dos bastidores, mas peça importante no espetáculo. Confesso

que agora tomo mais cuidado com as regras de publicações e até com a gramática, todos deveriam passar por essa experiência como grupo de pesquisa durante uma pós-graduação, nossos conceitos e medos de expor nossas idéias e descobertas diminuiriam bastante e nos valorizaríamos bem mais.

A experiência de aprender na prática o que se vivia teoricamente, é o que EADS remete em seu depoimento. Viver distanciado desta realidade que deveria ser obrigatória a um pesquisador, a ponto de gerar o sentimento de medo e até mesmo pouco valorizado por isto.

Confirma-se esta angústia e o pouco que se dialoga em situação acadêmica sobre a realização de trabalhos com resultados de pesquisa, também no *e-mail* depoimento de HG, quando:

Encontrei sim alguns problemas com a normalização e os textos (apesar das normas estarem claras e muito explicadas pela Núria) o que me leva a supor que são poucas as pessoas que estão acostumadas a escreverem artigos científicos para publicação (talvez pela insegurança de ver aprovado ou não seu texto), ou que encarregam outras pessoas especializadas para esta tarefa.

Aprendi muito com esta experiência e como professora de Metodologia Científica tenho usado muitos exemplos práticos, do que observei e discutimos em grupo, em minhas aulas.

Em MSC:

Este momento fez com que o grupo demonstrasse solidariedade na partilha dos trabalhos, compromisso, ética. Algumas não tinham experiência e aprendiam com quem tinha maturidade. As normas tinham que estar bem claras e foram altamente discutidas pelo grupo. E a responsabilidade em avaliar trabalhos de pessoas com nomes reconhecidos na área de educação e que apresentavam trabalhos fora das normas, parecia incrível, mas todos nós somos humanos e por isso falhamos.

Proporcionou aprendizado àquelas colegas que não tinham experiência de correção de texto científico. Algumas não entendiam que avaliação para seleção de textos é classificatória também, isto é, além da avaliação dos pareceristas. Mas entrávamos em contato com o autor

e solicitávamos atenção às normas. Para o próximo número já propúnhamos que aqueles textos em desacordo com as normas da revista deveriam de imediato ser eliminados. Porém isto se tornou impossível. O autor brasileiro parece não ter o hábito de publicar.

É preciso, abstraindo-se do depoimento de MMPL, construir uma “dimensão maior” para o convívio e envolvimento dos alunos do programa com as necessidades da revista. Há de se realizar um trabalho atual para a cultura das publicações científicas, já que “o autor brasileiro parece não ter o hábito de publicar”, como considera MSC.

Se a máxima é “publicar ou perecer”, o pesquisador necessita publicar e entender porque publica os resultados de suas pesquisas. Além disto, entender o processo do acesso aberto que é potencializado pelas revistas eletrônicas. É preciso educar-se para a “cultura de publicar” resultados de pesquisa para oportunizar a produção e impacto da ciência brasileira.

Entre os 243 trabalhos enviados à revista e-Curriculum até novembro de 2007, apenas 27 seguiram as normas e o padrão indicados na página de acesso à submissão de trabalhos, que se encontra na primeira página da revista.

Este fato por si só revela a necessidade de se entender que uma publicação segue normas rígidas e criteriosas para receber classificações como SciELO, ISI, QUALIS entre outras e que, para isto, necessita ter autores também conscientes pela realização daquilo que submetem ao corpo editorial de uma revista.

Tanto em revistas impressas, quanto em revistas eletrônicas as informações desde missão, normas internas, avaliação dos trabalhos, temas possíveis para as edições e as normas de envio de trabalho encontram-se nas páginas iniciais. Se a grande maioria dos autores, interessados em serem aprovados pelos pareceres, não lê o que a eles é destinado, pode-se entender os depoimentos do grupo.

Para o autor pesquisador é necessário um debate educativo e aberto que faça compreender sua responsabilidade para a ciência nacional e a importância do impacto internacional que se potencializa em publicações eletrônicas com acesso aberto e indexadas.

6.5 Do projeto da revista à construção curricular

A visão da aprendizagem como interesse e motivação de um grupo, que compartilha a história de vida, denota a aprendizagem que se fez ao se realizar, ao se compartilhar novas construções e, conseqüentemente, novos conhecimentos, como proposto por Goodson (2007).

Este realizar não é só aos membros que participam ativamente e por vontade própria de um projeto de publicação científica, mas a todos que cercam ou fazem parte de uma sala de aula de pós-graduação. Como também, a resposta social de levar pesquisas de qualidade à sociedade em geral, cumprindo assim, uma das missões da própria pós-graduação.

A responsabilidade assumida pelos membros do grupo formador demonstra a construção do conhecimento numa narrativa que não se seguia pelos interesses particulares, ou seja, aquilo que levou cada um ao programa de pós-graduação: sua própria pesquisa.

A oportunidade do aprender a fazer em grupo deu a garantia de uma aprendizagem real necessária a todos os pesquisadores. O caminho curricular destes membros muda a visão da possibilidade de se praticar a práxis da teoria à prática e da prática à teoria, construindo um caminho vivenciado de aprendizagem em grupo:

A convivência com minhas colegas de trabalho. Todas as que realmente dedicaram o tempo de suas vidas à construção da revista. Tínhamos afinidades de cunho pessoal, acredito que intelectual, compromisso com a ciência e com a educação de qualidade. Tenho certeza que de minha formação, os momentos mais significativos de meu aprendizado no doutorado foi o momento de construção desta revista, e isso não está no currículo do programa,

mas é currículo. É currículo na medida em que possibilitou aprendizado e possibilidade de trabalho semelhante em minha região, em meu grupo de estudo e pesquisa, na ampliação de meu universo cultural e na qualificação do *curriculum lattes* de inúmeras colegas de turma. (carta *e-mail* depoimento, MSC, 2006).

E a consciência de que o aprender não é apenas uma situação poça, como diria João Cabral de Melo Neto, mas o unir de gotas que se transformarão em rio e, enquanto rio, a seca ele combaterá:

[...] foi uma experiência acadêmica muito importante, entre vários fatores eu diria que:

Pessoalmente:

- temos falado muito do trabalho em grupo, mas poucas experiências têm sido vivenciadas na prática, a revista possibilitou esta experiência – enfrentamos juntos várias dificuldades e vencemos cada uma delas;
- em termos de conhecimento aprendemos muito com a revista, buscando informações e aprendendo uns com os outros;
- realizamos uma idéia, pois inicialmente apesar da descrença nós acreditamos que poderíamos fazer e fomos à luta - questão muito importante atualmente como profissionais e pesquisadores neste país;

Para o programa:

- a revista é uma forma de socializar conhecimento produzido dentro da PUC e por outros parceiros;
- no momento como este que estamos vivendo dentro da PUC, acredito que esta produção é muito relevante;
- importância para a avaliação do nosso programa junto a CAPES e outros órgãos.

O sentido dessa revista foi o de vitória e crença em uma idéia, neste sentido o esforço conjunto para sua realização.

Para EADS a construção da revista

“foi a construção de nosso currículo, currículo como caminho. Isso que fizemos, acompanhados pela pesquisa é currículo real, é produto histórico, é o que aprendemos mesmo” (*e-mail* depoimento, maio de 2006).

Para a pesquisadora fora importante o entender historicamente o que representava uma revista científica. Observar, pela pesquisa em leituras, as dificuldades e o entendimento histórico daquilo que até hoje se pratica: que é publicar os resultados, as teorias, as questões e as possíveis soluções encontradas às questões em periódicos científicos. Trouxe a possibilidade de diferentes diálogos com o grupo formador.

Diálogos estes que fizeram também a diferença na construção do conhecimento pessoal, assim como no auxílio à construção da história curricular do grupo e do próprio programa, na certeza de que a história aqui narrada poderá abrir novos rumos em diferentes escolas, em que haja pessoas desejosas de mudanças.

6. 6 Das questões de leitura e *open access*

Em 1860, a dedicatória autoral de Walt Whitman em "Folhas de Relva", escrito apenas com a coragem de uma terceira edição, era uma advertência ao seu leitor na primeira página. Praticamente, cem anos antes, questionou-se Goethe, em 1774, "Que tipo de leitor eu desejo?" (1964, p. 4), e com esta mesma pergunta, 232 anos passados, iniciava-se um novo processo de construção significativa para o grupo formador da Revista e-Curriculum.

Quando em reunião, em novembro de 2004, o grupo formador fez-se esta mesma pergunta, a primeira resposta dada por um dos componentes, fora:

A revista não será feita para nós? Então, nós somos os leitores que desejamos (EADS: resposta dada em almoço de

reunião de formação da revista, primeira quinzena de novembro de 2004, diário itinerante).

A reflexão das palavras acima levaram aos questionamentos, por lista de discussão:

Quem é este “nós”, seríamos o grupo formador, alunos da pós, talvez alguns professores? (...) Tudo o que fora feito: pesquisa, projeto de revista, provocações ao colegiado, selecionar de forma democrática um *layout*, busca de cores, capa, leitura de outras revistas, conversas com algumas pessoas, seria somente para termos um produto de qualidade para nós? (Pesquisadora: Pergunta feita em lista de discussão, novembro de 2004).

Algumas respostas surgiram:

Temos que fazer algo realmente sério para outros. Não vai ser virtual, então, (...). Tá (sic) aí, qualquer um pode acessar e ler, independente de quem seja! (HG: lista de discussão, novembro de 2004).

Era esta uma das respostas possíveis, pois com a disseminação eletrônica qualquer pessoa com acesso à Internet poderia ler, ou não, a revista e-Curriculum.

Como se pode constatar no sumário de Estatística de acesso à Revista, de 1º fevereiro de 2006 a agosto de 2007, tem-se:

QUADRO 6 – Número de Acessos à Revista e-Curriculum

	2006	2007	% diferença
Janeiro	-	3.942	-
Fevereiro	1.342	3.935	193,2 %
Março	1.233	4.449	260,8 %
Abril	1.353	3.317	145,2 %
Maiο	1.566	3.099	97,9 %
Junho	1.756	2.753	56,8 %
Julho	1.705	2.368	38,9 %
Agosto	2.512	1.055	-58,0 %
Setembro	1.799	-	-
Outubro	1.682	-	-
Novembro	1.945	-	-
Dezembro	2.453	-	-
Total	19.346	24.918	28,8 %

Fonte: <http://www.pucsp.br/ecurriculum> - Estatística de Acesso, 08/08/2007

Na visualização estatística, em um ano e meio de existência da revista, tem-se que uma das vantagens de acesso livre e da disponibilização em meios eletrônicos - neste caso em rede de computadores com acesso à Internet - é a potencialidade que dispõe este meio, dá o acesso a diversas pessoas independente do local que estejam ou vivam.

O valor quantitativo apresentado (Quadro 6) remete ao fato de que 43.742 mil pessoas, de quase todos os cantos do mundo, acessaram a revista e-Curriculum até agosto de 2007, porém jamais se poderá afirmar que tenha sido lida por todos que a acessaram. Um dos motivos é a falta de interação que a Revista e-Curriculum proporciona ao leitor, à coordenação e aos Autores dos trabalhos.

A única forma disponível, atualmente, de emissão e recepção que procriariam juntas uma nova mensagem, assumindo assim o conceito de interatividade e uso dos meios disponíveis entre o leitor e a coordenação da revista, ou entre autor e editor é por meio de correio eletrônico.

Em plena era tecnológica, em que o uso do computador pessoal tem-se afirmado como ferramenta indispensável ao trabalho e ensino, apenas 19,3%

da população brasileira possui um computador e, em 2006 somente 9,39% tinha acesso à Internet⁷³ (CGI.Br, 2006).

Não se pode afirmar que a Revista e-Curriculum propicie uma quebra de expectativas quanto à estrutura dos sítios com revistas eletrônicas. Há a reprodução das práticas das publicações impressas. Isto se dá à transposição, para um suporte com uma linguagem própria, de uma linguagem linear que não explora a potencialidade deste mesmo suporte, comprovando assim Chartier (1999) e Farbiarz (2007).

O que se percebe, pela navegação das revistas eletrônicas observadas na *Web*, é que a maioria apresenta uma estrutura linear de linguagem, própria das revistas impressas, mesmo quando utilizam diversos recursos não-lineares, como *links*, menus, imagens em movimento e sons.

O processo de leitura de textos científicos no suporte eletrônico pode evoluir de forma a desenvolver a capacidade do leitor de encontrar os elos nos dados que se disponibilizam na Internet.

O acesso aberto (*open access*) é um potencial instrumento para a pesquisa na educação, pois a partir de trabalhos publicados que passaram pelo crivo dos pareceristas e, portanto, estão em teoria em conformidade com os princípios normativos da ciência, podem representar, como diria Schwartzman (1984) em boas práticas educativas além de consolidar a existência daquela pesquisa e não perecer o que se produziu.

Se no campo do conteúdo é possível encontrar a presença do não-linear no suporte impresso, no campo da forma isto também é plausível. Primeiramente em obras não ficcionais, há a presença dos sumários, índices, citações e notas. Cada um, a seu modo, estabelece ligações entre partes de um mesmo texto ou entre textos, compondo uma trama intertextual (CHARTIER, 1999; LEVY, 2004; POMBO, 2006).

⁷³ Como se trouxe na Introdução deste trabalho, os dados seguidos para as necessidades deste estudo foram os verificados pelo estudo do Comitê Gestor da Internet no Brasil.

Eu vejo os links num artigo, numa tese, em trabalhos. Cada etapa do trabalho depende de uma anterior. (MMPL, *chat* em outubro de 2005).

Todo o movimento que fazemos ao ler um livro impresso, vai da nota de rodapé, para outra página, volta ao índice, procura as figuras, é feito com maior facilidade na Internet. (HG, atas de reunião em 23/07/2005).

Estes sujeitos-autores demonstram que, como trazido no Capítulo 5, a leitura de um texto pode não ser feita de forma linear, independente do trabalho estar impresso ou *online*. Um texto dependerá de seu leitor e daquilo que o meio lhe propicia para sua co-autoria.

CONCLUSÃO

De criança estrangeira passou ao estado de adulto estrangeiro. É assim que a pesquisadora se viu ante um mundo novo que se abria a sua frente. Talvez seja este o estado de um pesquisador ao imergir em um mundo que lhe deva ser novo, em princípio.

Era necessário averiguar como se construía um periódico científico em Educação, por um grupo de alunos que ingressavam no doutorado Educação: Currículo, de 2004 na PUC-SP.

A pesquisadora inicialmente estava munida com um bloco de notas, depois cadernos, que chamou de diário itinerante, máquina fotográfica, filmadora da colega Eneila A. dos Santos. Fizeram-se encontros presenciais durante 15 meses. Tudo isso mais o uso das TIC como o *e-mail*, listas de discussão e mensageiros como *MSN* e *Skype* possibilitaram o envolvimento necessário para o desenvolvimento deste percurso.

Esta pesquisa descreve a ação de um grupo que se uniu na direção de resolver um problema surgido em sala de aula. Este problema iniciou-se com a questão levantada pela colega de sala Heloísa Gomes do por que não tínhamos um *link* na página do programa com as produções docentes, discentes e de grupos de pesquisa.

A questão inicial acabou por gerar a união de um grupo formador, composto por cinco alunos e um técnico, que se manteve constante no percorrer de todo o processo de realização. Além de colegas de sala que se uniam com o propósito de colaborar.

O amadurecimento em grupo iniciava-se. Os diálogos da pesquisadora com os colegas de sala e o grupo formador a respeito do fato levantaram a questão de que mais importante do que um *link* interno à página do Programa, que divulgasse e disponibilizasse apenas os trabalhos de professores e alunos, era entender o propósito de uma revista eletrônica em Educação.

O sentido das produções acadêmicas deve ser levado não a um público interno apenas, como o inicialmente pensado, mas a toda sociedade acadêmica. Observou-se que aquilo que se tinha como intenção de se produzir - a revista - assumia relevância tanto para a ciência, quanto para a sociedade que nos deposita tal função. Isso porque um periódico científico eletrônico é entendido como um bem social e como fonte necessária para disseminação da Ciência da Educação.

Favorecer a construção do conhecimento, tendo como pano de fundo revistas científicas de acesso aberto na rede de computadores propicia, em países em desenvolvimento, o acesso às informações científicas para a construção de novos conhecimentos, de modo que futuras gerações participem do desenvolvimento intelectual, cultural e social.

Tal premissa permitiu entender o que eram publicações científicas em suas origens. Imergir na história permitiu conhecer a evolução da disseminação e divulgação da ciência: das cartas trocadas por cientistas - e compiladas por Denis de Sallo, que deram origem ao *Journal des Sçavans*, em 1665 - aos periódicos eletrônicos que usam a *Web* com acesso à Internet.

Para isto, partiu-se dos objetivos criados para o projeto de pesquisa: descrever e analisar a construção de uma revista eletrônica que contribuísse para a disseminação da informação de qualidade em acesso aberto - *Open Access* - usando o ambiente digital para a disponibilização da revista e-Curriculum.

Estes objetivos organizaram e dirigiram a imersão da pesquisadora em campo. No desvelar desta pesquisa, a investigação buscou entender o processo histórico da publicação científica, a construção de um ambiente de recolha de dados eletrônicos, a construção metodológica de todo o estudo aqui apresentado e a publicação da revista e-Curriculum. Em todos os momentos houve a participação direta ou indireta dos elementos do universo de pesquisa, ouvindo-lhes as vozes pode-se apreender e aprender.

O aprender a ouvir os cinco sujeitos - quatro deles jovens pesquisadores na área da Educação e o último, não menos importante, um

jovem técnico em informática - confirmava que, na perspectiva destes membros, autores conjuntos desta pesquisa, as revistas eletrônicas constituem-se hoje em espaços necessários para a aprendizagem.

Ter uma pesquisadora eleita pelo grupo formador como membro participativo da ação de pesquisa e sistematização deste processo, possibilitou afirmar que os jovens pesquisadores necessitavam discutir com seus pares, o que representam as publicações científicas e sua importância social.

O imperativo da América do Norte, “Publique ou Pereça”, deve ser entendido de forma lógica e coerente com a pesquisa e, conseqüentemente, com o mundo acadêmico.

O trabalho que se investiu demonstra que entender a necessidade histórica de pesquisadores publicarem os resultados de suas pesquisas é determinante no avanço da própria ciência, no sentido de evoluir nas pesquisas e desenvolver a sociedade.

A falta do conhecimento e vivência histórica pela qual passamos, no Brasil, na questão de publicarmos os resultados de nossas experiências, gera a tensão e o medo. Algumas vezes não revelado como tal, mas demonstrado, no número ainda reduzido de publicações em Educação; pela falta de um parâmetro transparente nas avaliações de revistas brasileiras, no caso específico desta investigação, as publicações eletrônicas.

Outra apreensão desta investigação é da falta da cultura de publicação dos pesquisadores que enviam seus trabalhos sem observarem atentamente as normas que cada revista estabelece para suas publicações, sem a discussão necessária e atual da importância de publicar os resultados das pesquisas.

O problema não se encontra na publicação eletrônica, já que no percorrer desta investigação aprendeu-se que o processo de modernização da comunicação científica cumpre o caminho socioeconômico de cada época, mas se encontra na falta de “cultura de publicação” que vivenciamos.

Com Gutenberg a Era do Pergaminho curvava-se a Era do Papel Impresso. Iniciava-se, em 1450, a possibilidade de disseminar a informação impressa; assim como uma nova concepção de leitura.

Foram necessários 215 anos de existência da prensa de parafusos para que, em 1665, o maior instrumento de disseminação para a ciência existisse: os periódicos impressos.

No Brasil, a Revista Nacional de Educação, em outubro de 1932, inicia o aproveitamento das tecnologias existentes. A RNE, um papel impresso, cinema, rádio na disseminação da ciência de forma gratuita. Nas palavras de Roquette-Pinto “levar conhecimento de todas as formas possíveis” (ROQUETTE-PINTO apud DUARTE, 2004, p. 42).

A evolução continuou. Com as tecnologias de informação e comunicação marcadas pelo avanço das redes com acesso à Internet surgem os periódicos científicos eletrônicos. Com Tim Berners Lee e o desenvolvimento da *Web* semântica a possibilidade do movimento do acesso aberto – *Open Access* – certificam que a ciência depende da circulação livre dos resultados e idéias dos pesquisadores àqueles que necessitam: outros pesquisadores e a sociedade.

A evolução para as tecnologias eletrônico-digitais trouxe, no mundo, e conquanto no Brasil, alterações no processo de comunicação científica, porém a função dos periódicos, independente dos meios utilizados, permanece a mesma desde 1665: disseminar a ciência.

O que mudou foi a forma de disseminação, que adotou redes de comunicação eletrônica, criaram-se bases de dados e metabases mundiais de artigos completos e arquivos de artigos em formato eletrônico que garantem ao patrimônio científico de qualidade estar na rede mundial de computadores.

O sonho de Roquette-Pinto de propiciar a informação a todos de todas as formas possíveis nunca esteve tão próximo dos pesquisadores com o desenvolvimento da *Web* que acaba por propiciar o acesso aberto (*open access*) à informação.

A possibilidade de passar de uma citação bibliográfica para um resumo (*abstract*) ou o texto completo de um artigo, e até mesmo a de tirar dúvidas ou discutir um trabalho diretamente com o seu autor ou autores, promove uma mudança considerável na forma de utilização da informação científica de publicação seriada.

Um periódico eletrônico diminui a solidez das fundações do sistema de publicação periódica impressa. Primeiro pela dificuldade de circular o saber impresso contido nos periódicos tradicionais; segundo pela própria e necessária evolução dos meios, do pergaminho ao papel impresso; das salas de audição, ao rádio e à televisão e, finalmente, à Internet.

A união de todas as possibilidades com o acesso à Internet - escrita, imagem e som em uma única página navegável - pode ser feita por todos aqueles desejosos de informações científicas com acesso à rede de computadores.

O ambiente virtual de uma revista científica pode ser aproveitado com a disponibilização de *links* em um mesmo trabalho, ou partes de um mesmo trabalho, ou ainda para outros trabalhos. A própria disponibilização de uma revista em seu conteúdo completo em bancos de dados, metabases, ou em bancos de dados de referências bibliográficas é uma vantagem - sem precedentes na história - que se oferece pelo ambiente do hipertexto.

A pesquisa deixa claro que as Tecnologias de Informação e Comunicação, com acesso à Internet, viabilizam o armazenamento em bases de dados, com os textos completos e têm a potencialidade de guardar e resgatar a memória científica com o clicar do *mouse* sobre um *link*.

As bases de dados como SciELO, ISI, Redalyc, *Open Access* entre outras têm metodologias de trabalho de estrema competência. Estas bases garantem segurança ao que se publica hoje em meios eletrônicos. As revistas que são indexadas por estas bases têm atuação comprovada dos *peer review*, ou também chamados de pareceristas.

Um periódico científico opera a partir de normas internacionais para garantir sua qualidade; as equipes que os planejam devem conhecer e lidar

com estes princípios regentes que indicam sua responsabilidade enquanto publicação científica.

O uso de correspondências eletrônicas com o envio de arquivo entre autor e editor, entre avaliadores e revisores agiliza todo o processo de comunicação convencional para a rapidez da própria publicação do trabalho.

Assim como as trocas possíveis sejam por *e-mail*, fóruns e até mesmo o uso de *chats* entre os pesquisadores e outros usuários das informações disponibilizadas em uma revista eletrônica, tendem a estimular a comunicação de maneira global na ciência como se observou na revista *Innovate*.

É necessário fazer com que jovens pesquisadores entendam que os periódicos científicos representam o principal instrumento de comunicação científica entre os investigadores.

Tal fato se compreende já que as publicações periódicas assumem diferentes funções como: memória e arquivo do conhecimento; formalização do conhecimento; reflexo da produção científica, instrumento de comunicação entre pesquisadores e, por fim, um instrumento que fornece àqueles que pesquisam a avaliação de todas as atividades, problemas e soluções encontradas pelas investigações individuais e na produção científica do país e do mundo.

Por isto, confirma-se que o grande problema não está nas publicações eletrônicas, mas nos pesquisadores que não dialogam sobre a necessidade de se publicar, de disseminar aquilo que se tem como respostas às pesquisas.

As dificuldades encontradas na realização do produto revista e-Curriculum vão além da falta de verbas. Elas insurgem no propósito de se entender que os periódicos impressos passam por um momento de crise pelas dificuldades em suprir as necessidades e as próprias expectativas da comunidade científica a que se destinam. É um meio lento de divulgação da informação. A circulação é baixa e tem altos os seus custos.

No caso de países em desenvolvimento, como o Brasil, carecem de baixa circulação em meios científicos internacionais. Acentuam-se assim a falta de visibilidade e o baixo impacto das pesquisas.

Outro ponto que se aprendeu nesta investigação foi a construção da narrativa curricular que se propiciou a partir da idéia de realizar a revista e-Curriculum. O caminho desta aprendizagem narrativa se cumpriu na elaboração e na manutenção contínua da narrativa vivida no percorrer da construção de um grupo de alunos.

Os motivos que emergiram, conforme a teoria goodsoniana, deram suporte ao trajeto representado pelo projeto da revista, à busca das respostas que se apresentavam continuamente e ao sonho realizado com a descoberta de que é possível aprender caminhos novos num currículo existente, mas não fechado ao novo.

Foi possível construir um olhar diferenciado sobre a possibilidade de jovens pesquisadores, com o apoio de seus professores e orientadores, construírem um instrumento de comunicação científica.

O processo aqui descrito e vivenciado serve como um roteiro a ser seguido por outros sujeitos que desejam fazer revistas científicas. Não pode ser entendido como fórmula rígida. Pessoas, tempos, condições outras criam necessidades de readaptação à história. A história é mutação e seus desafios são sempre novos. Buscamos-lhes os substratos.

A vivência e as necessidades que se apresentaram nesta pesquisa, que estão contadas num relato de história única, dificilmente se repetirão. Porém, a metodologia adotada dá conta de resolver o problema gerado e gerador fornecendo algumas pistas e métodos não só ao grupo, à comunidade com a qual conviveu este grupo, como, também, à sociedade.

Outra apreensão desta pesquisa reside no fato de compreender que uma publicação científica em educação é um espaço destinado à aprendizagem. Deve ele, portanto, ser explorado nos ambientes educacionais, na formação de professores, pois possibilitam respostas aos

problemas educacionais desde os locais à sua comparação com os problemas investigados no mundo.

Finalmente, pode-se aprender com os autores desta investigação que o sentido de uma revista científica eletrônica vai além de sua forma, além da aprendizagem de normas obrigatórias para qualquer pesquisador - independente da área do saber - e além da localidade de um Programa de pós-graduação.

E, por isso, à pergunta feita ao grupo de “qual é o sentido de uma revista?” responde-se também na participação da prática entendida por meio da teoria por alunos que, ao construírem suas narrativas curriculares, souberam ousar pensando na construção social da ciência disponível não só para um grupo restrito e a um Programa.

O sentido também reside no cumprimento da função social enquanto espaço Programa de pós-graduação e enquanto pesquisador individual que precisa publicar não apenas para não perecer, mas para poder comunicar a outros pesquisadores e à sociedade as soluções que se encontram aos problemas para possibilitar a evolução.

Sugerir novos caminhos, criar atalhos, iluminar a escuridão com a pesquisa, a discussão, a informação, a reflexão que é disseminada por publicações periódicas, é certamente a função social daqueles que pesquisam, dos programas de pós-graduação e das revistas que hoje podem ser eletrônicas.

Portanto, o sentido de se realizar uma revista eletrônica pelo grupo formador a partir de pesquisas e envolvimento com as normas da ciência vai além do imperativo “Publique ou Pereça”, deve assumir a necessidade real quando entendido em sua função maior ao de publicar, compreendido como Schwartzman (1984) como compromisso social da ciência. Uma pesquisa e a publicação de seus resultados devem trazer à sociedade a promoção e a democratização do saber construído pela academia. Por esta razão se publica e se precisa de espaço garantido por políticas governamentais explicitas neste sentido.

Esta mesma experiência vivida e aqui descrita, dificilmente acontecerá. Ela é irreplicável em sua totalidade. Porém, a partir desta construção aqui trazida, espera-se que outras pessoas possam construir outras “revistas”, outras histórias de vida curriculares em outros programas de maneira que se enriqueçam os currículos, propiciando a construção das práticas e das teorias.

Este é apenas o início de outras pesquisas que se abrem a partir da proposta aqui lançada. Acesso não significa uso. Leitura de páginas *Web* não significa leitor que aprende. Avaliar revistas eletrônicas em Educação deve prever mais do que os princípios regentes de publicações periódicas impressas. São temas que deverão ser tratados com grande profundidade em diferentes pesquisas que hão de se desenvolver. E esta pesquisa os acompanhará.

BIBLIOGRAFIA

ADAMI, A.; MARCHIORI, P. Z. A autoria e leitura de artigos por docentes pesquisadores: motivação e barreiras. In: FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. das G. (Org.), **Preparação de Revistas Científicas: Teoria e Prática**. São Paulo: Reicmann & Autores, 2005.

ALMEIDA, M. E. B. **Inclusão digital do professor: formação e prática pedagógica**. São Paulo: Editora Articulação Universidade Escola, 2004.

ALMEIDA, F. J. De; ALMEIDA, M. E. B. De. Avaliação em meio digital: novos espaços e outros tempos. In: ALMEIDA, F. J. De (Org.), **Avaliação educacional em debate: experiências no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez Editora e Editora PUCSPEDUC, 2005.

ALMEIDA, M.E.B.; ALMEIDA, F. J. De; VALENTE, J. A. Gestão do Conhecimento em Projetos em Educação a Distância e Pesquisa. Apontamentos de aula em 14/11/2005, **Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo**. Disciplina realizada na PUC-SP, segundo semestre de 2005.

ALONSO, W. J.; FERNANDEZ-JURICIC, E. Regional network raises profile of local journals. **Nature**, 2002, p. 471-2.

ALVES, L. R. G. **Game over: jogos eletrônicos e violência**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Tese de Doutorado, Comunicação e Educação, 2004

AMARAL, G. **A Internet e o compartilhamento da informação científica: o caso da Universidade de Brasília**. Brasília, 1997. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION. **Code of Ethics and Policies and Procedures of the ASA Committee on Professional Ethics**. Washington: ASA Publications, 1999.

ANASTASIOU, L. das G. C. Metodologia de ensino na Universidade Brasileira: elementos de uma trajetória. In: CASTANHO, S.; CASTANHO,

- M. E. (Orgs), **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus, 2001, p. 57-70.
- ANDRADE, P. F. **Programa Nacional de Informática Educativa. A utilização da Informática na escola pública brasileira (1996-2004)**. Brasília: MEC S.E.D., 1996. Disponível em: www.proinfo.gov.br/prf-historia.htm. Acesso em: 4 de abril de 2005.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **O Papel da Pesquisa na formação e na prática dos professores**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2006.
- ANPED – **Associação Nacional De Pós-graduação e Pesquisa em Educação**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/inicio.htm>. Acesso em: 5 de dezembro de 2007.
- AVALIAÇÃO QUALIS de Periódicos**, 2007. Disponível em : <http://www.anped.org.br> . Acesso em: 5 de dezembro de 2007.
- BABIN, P.; KOULOUMDJIAN M. F. **Os novos modos de compreender – a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- BAIRON, S. **Multimídia**. São Paulo: Global, 1995.
- BARBIER, R. **A Pesquisa Ação**. Série Pesquisa em Educação. Brasília: Ed. Plano, 1998.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.
- BALZAN, N. C. Indissociabilidade ensino-pesquisa como princípio metodológico. In: VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. (Orgs.). **Pedagogia universitária. A aula em foco**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 115-136.
- BAKHTIN, M. **Estética de la creación verbal**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1985.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- BARNES, B. **Sobre ciência**. Barcelona: Labor, 1987.
- BARRADAS, M. M. Prefácio. In: FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. das G. (Orgs.), **Preparação de Revistas Científicas: Teoria e Prática**. São Paulo: Reicmann & Autores, 2005.
- BARRETO, R. G. As novas tecnologias e implicações na formação do leitor-professor. In: MARINHO, M. (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil - ALB, 2001.
- BASTOS, C.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. (Org.), **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BAUMAN, Z. **The individualized society**. Cambridge: Polity Cambridge Press, 2001, p. 130-158.
- BEGLEY, S. Teaching minds to fly with discs and mice. **Newsweek**, m. 1994, p. 47.
- BEILLEROT, J. A Pesquisa: esboço de uma análise. In: ANDRÉ, M. (Org.), **O Papel da Pesquisa na formação e na prática dos professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006.
- BELLEI, S.L.P. **O Livro, a literatura e o computador**. SC: UFSC, 2002.
- BELLONI, M.L. **Professor coletivo: quem ensina a distância?** In: BELLONI, M.L.(Org.). **Educação a distância**. Campinas: Editora Autores Associados, 1999.
- BERNERS LEE, T. **Weaving the Web: the original design and ultimate destiny of the Word Wide Web by its inventor**. New York: Harper San Francisco, 1999.
- BERNERS LEE, T. **The Word Wide Web: past, present and future**. Disponível em: <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/1996/ppf.html>., 2000. Acessado em: 22 de abril de 2005.
- BIOJONE, M. R. **Os periódicos científicos na comunicação da ciência**. São Paulo: Educ; Fapesp, 2003.

BOLONHA DECLARATION. **The European Higher Education Area**. 1999. Declaração de Bolonha, Joint Declaration of the European Ministers of Education, Convened in Bologna on the 19th of June 1999. Disponível em: http://www.europa.eu.int/comm/education/bologna_en.html. Acesso em 21 de setembro de 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. C.; WILLIAMS, J. M. A. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAGA, G.M, OBHERHOFER, A. Diretrizes para a avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. **Rev. Lat.** , n. 1, p. 27-31, jun. 1982.

BRASIL 1933. **Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1932. Decreto 21.240**. Atos do Governo Provisório (abril a julho). V. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1933.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **DECRETO FEDERAL Nº 5.622/2005**. Brasília, 19 de dezembro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história Social da Mídia. De Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BRITO, E. V. (Org.). **PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE. Instituto Sociedad Abierta. Disponível em: <http://www.soros.org/openaccess/read.shtml>. Acessado em: 19 de outubro de 2005.

BURKE, Peter. **Uma história Social do Conhecimento. De Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BUSH, V. As We May Think. **The Atlantic online journal**, may 1954. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>. Acessado em: 6 de março de 2007.

- CAEIRO, C. M.; SERRA, D. R.; JORGE, J. D.; ANIELO, M. **Estudo sobre a Inteligência Artificial.** s.d. Disponível em: http://www.citi.pt/educacao_final/trab_final_inteligencia_artificial/index_c entro.html. Acessado em: 13 de dezembro de 2006.
- CALAZANS, M. J. C. A iniciação científica: um aprendizado do trabalho científico da realidade social. In: MOREIRA, A. F. (Org.), **Conhecimento educacional e formação do professor.** Campinas: Papirus, 1994. p. 61-70.
- CAMAS, N. P. V. **Educação a distância em realidades virtuais:** a postura do professor do ensino superior ante as novas tecnologias facilitadoras de formação continuada. Dissertação de Mestrado, 2002, Programa de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- CARDOSO, M. L. Universidade e estrutura de poder. **Cadernos de Cultura USU**, v. 3, n. 3, Rio de Janeiro, 1981, p. 30-43.
- CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. M. (Orgs.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior.** Campinas: Papirus, 2001.
- CASTELLS, M. **Network Society, the Information Age:** Economy, Society and Culture, Vol. I. Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell, 1996.
- CASTELLS, M. **The Internet Galaxy.** Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CGI.br – **Comitê Gestor da Internet no Brasil.** Disponível em: <http://www.cgi.br>. Dados de 2006. Acessado em: 21 de dezembro de 2006.
- CERQUEIRA, V. M. M. de C. **Mediação pedagógica e chats educacionais:** a tessitura entre colaborar, intermediar e co-mediare. São Paulo, 2005. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- CHIZZOTTI, A. Avaliação e perspectivas da pesquisa através das publicações em periódicos. In: **AVALIAÇÃO e perspectivas na área de educação 1983-1992.** Porto Alegre: ANPEd, 1993, p. 201-215.

- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- CHIZZOOTTI, A. Metodologia do Ensino Superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (Orgs.), **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus, 2001.
- CHIZZOTTI, A. Apresentação pública da Necessidade de se realizar a revista eletrônica. Texto encontrado no arquivo histórico do Programa de Pós-graduação: Educação: Currículo, 2005.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- COUTO, E. S. **O homem satélite – estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica**. Ijuí: Editora Ijuí, 2000.
- CÓRDOBA, R. de A. Prefácio. In: BARBIER, R. **A Pesquisa Ação**. Série Pesquisa em Educação, Brasília: Ed. Plano, 1998, p. 4-6.
- CASTODIADIS, C. **Suas Obras**. Serviço Biblioteca de Porto Alegre-Virtual, Disponível em: <http://caosmose.net/castoriadis/>. Acessado em: 6 de novembro de 2007.
- CUENCA, A. M. B.; TANAKA, A. C. d'A. The Internet influence on the academic-scientific public health community. **Rev. Saúde Pública**. [online]. 2005, v. 39, n. 5 [cited 2007-03-05], p. 840-846. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000500021&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 de junho de 2005.
- CUNHA, L. A. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, E. M. T. et al (Orgs.), **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-204.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1989.
- CUNHA, M. I. Ensino com Pesquisa: a prática reconstruída do professor universitário. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1995.

De LUCA, T. R. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa. Princípio científico e educativo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DEMO, P. **Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas : Autores Associados, 2002.

DIETRICH, S.M.C. **O Estado Atual e o Papel Futuro da Ciência e Tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV-MCT-BM, 1996.

DILLENBOURG, P. Introduction: What Do you Mean By Collaborative Learning. In: DILLENBOURG, P. (Org.), **Collaborative Learning: Cognitive and Computational Approaches**. Amsterdam: Pergamon, 1999, p. 1-19.

DUARTE, R. H. In all homes, the moral comfort of science and of art: the Revista Nacional de Educação and scientific dissemination in Brazil (1932-34). **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Jan./Apr. 2004, vol.11, n.1, p.33-56.

DOAJ - **DIRECTORY OF OPEN ACCESS JOURNALS**. Biblioteca da Universidade de Lund. Disponível em: <http://www.doaj.org/>. Acessado em: 19 de outubro de 2005.

DUART , J. M. Contenidos Digitales en la educación superior. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**, v. 2, n. 2, 2005. UOC. Disponível em: <http://www.uoc.edu/rusc/> Acessado em: 13 de fevereiro de 2006.

EÇA, D. Ciberespaço e construção do Conhecimento: possibilidades do uso de revistas acadêmicas na formação de professores. **Actes Digitals Del III III Congrés online de L'Observatori per a la CiberSocietat Cibersociedad**, CD-Rom, dezembro de 2006.

FARBIARZ, J. L.; FARBIARZ, A. **O designer como mediador na interação entre o livro e o leitor**. Texto apresentado pelo grupo de pesquisa da PUCRJ, do grupo de Designer da Leitura, 2004, texto em PDF.

FARBIARZ, A. **Designer da Leitura de Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Material de Curso Planejamento de Ambientes Virtuais de Aprendizagem, SENAC, São Paulo, 2007. Apresentação de trabalho final de conclusão de curso, dezembro de 2007.

FÁVERO, M. de L. de A. A universidade, espaço de pesquisa e criação do saber. **Educação e Filosofia**, v. 13, n. 25, jan./jun.de 1999, p. 249-259.

FÁVERO, M. de L. de A. Produção e apropriação do conhecimento da universidade. In: MOREIRA, A. F. (Org.), **Conhecimento educacional e formação do professor**. Campinas: Papyrus, 1994. p. 53-60.

FÁVERO, O.; AMADO, T.; GARCIA, W. Para uma avaliação dos periódicos brasileiros de educação. **AVALIAÇÃO e perspectivas na área de educação 1983-1992**. Porto Alegre: ANPEd, 1993. p. 201-215.

FÁVERO, O.; AMADO, T.; GARCIA, W. **Análise dos periódicos brasileiros de educação**. 2000. Disponível em:

http://www.inep.gov.br/download/comped/mapeamento_periodicos/Relatorio_final.doc. Acessado em 5 de abril de 2004.

FEENBERG, A. Network design: an operating manual for computer conferencing. **IEEE Transactions on Professional Communications**, PC 29, 1986, p. 2-7.

FEENBERG, A. Computer conferencing and the humanities. **Instructional Science**. n. 16, 1987, p. 169-186.

FERREIRA, S. M. S. P.; TARGINO, M. das G. (Org). **Preparação de Revistas Científicas: Teoria e Prática**. São Paulo: Reicmann & Autores, 2005.

FISCHER, S. R. **História da Leitura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

FISKE, J. **Television Culture**. London: Routledge, 1987.

FREIRE, A. M. A. (Org.). **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005a.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b.
- FREITAG, B. **A teoria crítica**: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FREITAS, M. T. A. Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, C.A. et al. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 165-187.
- FREITAS, M. T. A. A Escrita de adolescentes na Internet. **Psicologia Clínica**, v. 12 n.2, 2001, p.171-188.
- FREITAS, M. T. A. Escrita teclada, uma nova forma de escrever? **ANPED, Reunião Anual, 23: anais**. Anais Eletrônicos. MG: Caxambu, 2000.
- GARFIELD, E. The impact factor. **Current Coments** (print edition). v. 20; n. 25, junho de 1994, p. 3-8.
- GARFIELD, E. Fortnightly review: how can impact factors be improved? **Br Med**, June, n. 313, 1996, p. 411-413.
- GAD-EL-HAK, M. Publish or Perish--An Ailing Enterprise?. **phisjcs today**, v. 53, 2004, p.61. Disponível em: <http://www.physicstoday.org/vol-57/iss-3/p61.html>. Acessado em: 20 de novembro de 2006.
- GERALDI, J. W. Políticas de inclusão em estruturas de exclusão. **Anais do Simpósio internacional sobre a leitura e escrita na sociedade e na escola**, 1994, Brasília. Belo Horizonte. Fundação AMAE para Educação e Cultura, 1994. p. 65-78.
- GERALDI, J. W. **O texto em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- GERALDI, J. W. **A leitura na sala de aula**: as muitas faces de um leitor. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p079-084_c.pdf. Acesso em: 18 de março de 2006.
- GIL, G. O Fim da História. **Parabolicará**. Warner Music, 1992.
- GOERGEN, P. **Ensino superior e formação cidadã**: elementos para uma avaliação crítica. Palestra proferida na PUCCAMP, Campinas, 9 out. 2001. mimeo.

GLOBO ONLINE, **MATÉRIA**, Disponível em: <http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2007/09/14/297725164.asp>).

Acessado em 14 de setembro de 2007.

GOHN, M. Da G. M. A pesquisa na produção do conhecimento: questões metodológicas. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 253-274, jul./dez. 2005.

GOMES, A. M. de C. **História e Historiadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOODSON, I. **The Making of Curriculum**. Londres: Falmer Press, 1987.

GOODSON, I. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

GOODSON, I. Currículo e História: entrelaçamentos metodológicos. 29. **Reunião Anual da ANPED**, Comunicação na sessão especial de 18 de outubro de 2006.

GOODSON, I. Currículo, Narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Ago. 2007, v.12, n. 35, p.241-252.

GOUVÊA FILHO, P. E. 'Roquette Pinto — antropólogo e educador'. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 24, n.59, jul./set., 1995, p. 31-57.

GOUVEIA, A. J. Debate. In: FERRETTI, C. J. et al (Orgs.) , **Tecnologias, Trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1988, p. 204-205.

GUIDELINES FOR SCIENTIFIC PUBLISHING. Londres, Oxford: Lindays Ross International, 1999.

GUÈDON, J-C. **In Oldenburg's Long Shadow: Librarians, Research Scientists, Publishers, and the Control of Scientific Publishing**. ARL Publications Distribution Center PO Box 531, 2001. Disponível em: <http://www.arl.org/resources/pubs/mmproceedings/138guedon.shtml>.

Acessado em 4 de agosto de 2007.

GUNAWARDENA, C.N. Changing faculty roles for audiographics and online teaching. **American Journal of Distance Education**, 1992, p. 58-71.

- GROSSI, E. P.; BORDINI, J. (Orgs.). **Paixão de aprender**. Petrópolis : Vozes, 1993.
- GRZYBOWSKI, C. Formar pesquisadores pesquisando: alguns desafios para a pós-graduação. **Boletim ANPED**, v. 9, n. 1, jan./mar. 1987, p. 34-38.
- HALL, S. Encoding, decoding in the television discourse. In: HALL, S.; HOBSON, D.; LOWE, P. (Orgs.), **Culture, Media, Language**. London: Hutchinson, 1980.
- HARASIM, L.; TELES, L.; TUROFF, M; HILTZ, S. R. **Redes de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- HARNARD, S. E-Knowledge: Freeing the Refereed Journal Corpus Online. **Computer Law & Security Report**, v. 16, n. 2, p. 78-87. Rebuttal to Bloom Editorial in Science and Relman Editorial in New England Journal of Medicine, 2000. Disponível em: <http://cogprints.soton.ac.uk/documents/disk0/00/00/17/01/index.html>. Acessado em: 30 de dezembro de 2005.
- HARNARD, S. Open Access debate rages: It's now gold vs green? **Papers – University Health Network**, Toronto: University of Toronto – blog since 2004-2007. Disponível em: <http://www.ehealthinnovation.org/node/172>. Acessado em 13 de outubro de 2007.
- HINE, C. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.
- HINE, C. **Etnografía Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- HINE, C. Virtual Ethnography and the Louise Woodward Case. In: JOHNSON, D. M.; MITCHELL, H. (Orgs.), **Digital Socialities: The Internet and Ethnographic Imaginations**. Oxford: Berg, 2006.
- HITCHCOCK, S. (2002). Open Citation Linking: The Way Forward. **D-Lib Magazine**, vol. 8, n. 10, 2002. Disponível em: <http://www.dlib.org/dlib/october02/hitchcock/10hitchcock.html>. Acessado em: 19 de outubro de 2005.

INAF - Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. 5º. Indicador nacional de Alfabetismo Funcional – **Um diagnóstico para a inclusão social pela educação** [Avaliação de leitura e Escrita]. Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa. São Paulo, 8 de setembro de 2005.

INNOVATE. **Journal of online education**. Publication of the Fischler School of Education and Human Services at Nova Southeastern University. North Miami Beach Flórida. Disponível em: <http://www.innovateonline.info/>. Acessado em: 12 de dezembro de 2007.

INTERNACIONAL COUNCIL FOR SCIENCE (ICSU). **Guidelines for Printing and Publishing**. 3 ed., France: ICSU, 1999.

INTERNATIONAL PERIODICALS DIRECTORY(TM) - Ovid Technologies, Inc. Disponível em:

<http://www.ovid.com/site/catalog/DataBase/108.jsp?top=2&mid=3&bottom=7&subsection=10>. Acessado em: 23 de novembro de 2004.

INTERNATIONAL SCIENTIFIC INFORMATION. **ISI. Products & Services**. 2002 Disponível em: <http://www.isinet.com>. Acessado em setembro de 2005.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. v. 2, São Paulo: Ed. 34, 1999.

ISSN - **International Standard Serial Number**. Disponível em: <http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/sp-issn.html>. Acessado em: 4 de maio de 2004.

KAYE, A. Learning together apart. In: KAYE, A. (Org.), **Collaborative learning through computer conference**. London: The Najaden Papers, Spring-Verlag, NATO ASI Series, 1992, p. 1-24.

KARCH. M. “Mashup”. **Aboat.com Newsletters**. The New York Times Company, 2007. Disponível em: <http://google.about.com/od/m/g/mashupdef.htm?terms=mashup>. Acessado em 12 de dezembro de 2007.

KATO, M. **No mundo da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Editora Ática, 2002.

KENSKI, V.M. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do Tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. Da ANPED-Associação Nacional de Pós-graduação, maio/junho/junho/Agosto, n. 8, 1998, p. 58-71.

KERR, E. Electronic leadership: a guide to moderating online conferences. **IEEE Transactions on Professional Communications**, 1986, p. 12-18.

KLEIMAN, Â.; MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola . Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KLINE, S. J. What is technology? **Bulletin of Science, Technology and Society**, v. 5, 1985, p. 215-218.

KING, D. W.; SPECTOR, L.; McKIM, G. Locally controlled scholarly publishing via the Internet: the guild model. **The Journal of Electronic Publishing**, v. 8, n. 1, aug. 2002. Disponível em: <http://www.press.umich.edu/jep/08-01/bios.html>. Acessado em 12 de dezembro de 2005.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1999.

KRZYZANOWSKI, R. F. et al. Programa de apoio às revistas científicas para a FAPESP. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 2, 1991, p. 137-50.

KRZYZANOWSKI, R. F; FERREIRA, M. C. G. Avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. **Ciencia da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, 1998.

LARA NAVARRA, P. (Coord.). Uso de contenidos digitales: tecnologías de la información, sociedad del conocimiento y universidad [monográfico en línea]. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**, v. 2, n. 2, 2005. UOC. Disponível em: <http://www.uoc.edu/rusc/2/2/dt/esp/serrano.pdf>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2006

LAUFER, R. S., D. **Texte, Hypertexte, Hypermédia**. Paris: PUF, 1995.

- LEMOS, A. As Estruturas Antropológicas do Ciberespaço. **Textos**, n. 35, Facom/UFBA, julho de 1996.
- LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LE COADIC, Y. – F. **Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- LEDERBERG, J. Options for the future. **D-Lib Magazine**, maio, 1996. Disponível em: <http://www.dlib.org/dlib/may96/05lederberg.html>. Acessado em: 30 de junho de 2005.
- LEITE LOPES, J. Reflexões sobre a universidade. **Educação Brasileira**. v. 7, n. 15, Brasília, 2. sem., 1985, p. 103-112.
- LEVACOV, M. Bibliotecas virtuais: @evolução? **Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, Ibict, 1997. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/include/getdoc.php?id=751&article=428&mode=pdf>. Acesso em: 2 de abril de 2006.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- LÉVY, P. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2004
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.
- LIMA, M. S. L. Docência e pesquisa em formação de professores: caminhos que se cruzam nas cartas pedagógicas. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Orgs.), **Pesquisa em Educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- LORIERI, M. A. **Investigando o Pensar: a metacognição**. Coleção Pensar, v. 4. São Paulo: USP, 1997.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos sociais e culturais**. São Paulo: Ícone, 1990.
- MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MACHADO, N. J. **Epistemologia e didática**. São Paulo: Cortez, 2002a.

- MACHADO, N. J. **Educação**: projetos e valores. São Paulo: Escrituras, 2002b.
- MARINA, J. A. **Teoria da Inteligência Criadora**. Lisboa: Caminho da Ciência, 1995.
- MALTRÁS BARBA, B. **Los indicadores bibliométricos en el estudio de la ciencia. Fundamentos conceptuales y aplicación em política científica**. Tesis Doctoral. Universidad de Salamanca, 1996. Arquivo para impressão Disponível em: http://www.uned.es/biblio/m_b_T1.pdf.. Acessado em: 20 de maio de 2005.
- MAYANS I PLANELLS, J. Nuevas Tecnologías, Viejas Etnografías. Objeto y método de la antropología del ciberespacio. **Revista Quaderns de l'ICA**, v. 17-18, 2002, p. 79-97.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.
- MARINA, J. A. **Teoria da Inteligência Criadora**. Lisboa: Caminho da Ciência, 1995.
- MARQUES, E. A.; FORMIGA, L. C. D.; FRANCO, M. A. G.; CARNEIRO, S. M. C. de S. Ensino e pesquisa na universidade: questão de lei ou de visão de mundo? Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas): **Revista de estudos e pesquisa em educação**, n. 69, maio 1989, p. 5-16.
- MARTIN, H.-J. **The History and Power of Writing**. Chicago: Ed. London, 1994.
- MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- MEIS, L de; VELLOSO, A, LANNES, D; CARMO, M. S.; MEIS, C. de. The growing competition in Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. **Braz J Med Biol Res**, v. 52, 2003, p.185-93.
- MELO NETO, J. C. **Da Educação pela Pedra à Pedra do Sono**: Antologia Poética. São Paulo: Círculo do Livro, 1965.
- MENEZES, E. M.; COUZINET, V. O Interesse das revistas brasileiras e francesas de biblioteconomia e ciências da informação pela revista

eletrônica no período de 1990-1999. **Ciência da Informação**, v. 28, n. 3, 1998.

MERCADO, L. P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: UFAL-INEP, 1999.

METADATAGROUP. **A review of metadata**: a survey of current resource description formats. Research Project DESIRE. 1998. Disponível em <http://www.ukoln.ac.uk/metadata/desire/overview/overview.pdf>. Acessado em: 2 de dezembro de 2005.

MIRANDA, D. B. de. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996.

MORIN, A. **Recherche-action intégrale et participation cooperative**. Montreal, Quebec: Editions d'Agence d'Arc, 1992.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários para o futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.

MUELLER, S. P. M. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 3, 1999, p. 309-317.

MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.), **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000 a., p. 21-34.

MUELLER, S. P. M. O periódico científico. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.), **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000 b., p. 73-96.

NELSON, T. H. A Conceptual framework for man-machine everything. **National Computer Conference and Exposition**, 4-8, 1973, Mew York, NY. **AFIPS Conference Proceedings**. v. 42 (p. M22-M23). Montvale, NJ: AFIPS Press. Disponível em: <http://www.ncce.edu./tedframework>. Acessado em: 12 de setembro de 2004.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalhos pedagógicos**. No prelo, texto enviado por *e-mail* para Eneila A. dos Santos, 2005. Recebido em 2005.

NÓVOA, A. **Os Professores e sua Formação**. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1992.

OAITools. **Open Archives Initiative**. Disponível em: <http://www.openarchives.org/tools/tools.html>. Acessado em: 19 de outubro de 2005.

OCLC **Online Computer Library Center**. Disponível em: <http://www.oclc.org/americalatina/en/global/portuguese/about.htm>. Acessado em 12 de novembro de 2006.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento, um processo socio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995.

OLIVEIRA, M. K. Três questões sobre desenvolvimento conceitual. In: OLIVEIRA, M. B.; OLIVEIRA, M. K. (Orgs.), **Investigações cognitivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 55-64.

Online Computer Library Center - **OCLC**. Disponível em: <http://www.oclc.org/americalatina/en/global/portuguese/about.htm>. Acessado em 7 de janeiro de 2007.

PACHECO, C. M. G. **Era uma vez os sete cabritinhos**: a gênese do processo de produção de textos escritos. 1997. Tese de Doutorado em Educação. Departamento de letras, PUCRJ, Rio de Janeiro, 1997.

PATRÍCIO, Z M. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual-coletivo**: uma questão de bioética numa abordagem holística-ecológica. Florianópolis: UFSC, 1995. Tese de Doutorado em Filosofia da Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

PATTISON, R. **On Literacy**: The Politics of the Word from Homer to the Age o Rock. Oxford: Oxford University Press, 1982.

PESSANHA, C. Critérios Editoriais de avaliação científica: notas para discussão. **Ci. Informação**, Brasília, v. 27, n.2, 1998, p. 226-229.

PESSOA, F. **Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

- PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.
- POHL, C. E. E. **Lineamentos para la publicación electrónica en la Argentina**. Tesis doctoral. Centro de Estudios sobre Ciencia, Desarrollo y Educación Superior – REDES. Buenos Aires, 2003.
- POMBO, O. **O hipertexto como limite da idéia de Enciclopédia**. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/enciclopedia/presentefuturo.pdf>. Acessado em: 9 de novembro de 2006.
- POSTMAN, N. **The End of Education - Redefining the value of school**. New York: Knopf, 1995.
- PRADO, M. E. B. B.; VALENTE, J. A. A Educação a Distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In: MORAES, M. C. (Org.), **Educação a distância: fundamentos e práticas**. OEA/MEC, Unicamp, NIED, 2002.
- PRADO, M. E. B. B. As articulações entre áreas do conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática. In: ALMEIDA, M. E. B. de; Moran, J. M. (Orgs.), **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o futuro. Brasília: MEC, Seed, 2005.
- PROJECT INDEX**. Disponível em : <http://www.indecs.org/project.htm>. Somente versão *online*. Acessado em 22 de setembro de 2005.
- QUALIS – **Classificação de Periódicos, Anais, Revistas e Jornais**. CAPES. Disponível em: <http://www.qualis.capes.gov.br/webqualis/>. Acessado em 20 de maio de 2005.
- REINHARDT, A. **As novas formas de aprender**. São Paulo: Byte Brasil, v. 4, n. 3, 1995.
- REVISTA DIGITAL ART&. Disponível em <http://www.revista.art.br>. Acessado em: 2 de abril de 2004.
- ROQUETTE-PINTO, E. O cinema e a educação popular no Brasil. **Revista nacional de Educação**. v. 1, n. 5, 1933, p. 1-9.

- ROQUETTE-PINTO, E. **Principal**. Observatório Nacional. www.tvebrasil.com.br/observatorio/arquivo/principal_031223.asp. Acessado em 6 de julho de 2004.
- ROSA, F. G. M. G.; BARROS, S. S. Panorama da História da Editoração em Salvador/Bahia. **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**, FCRB. UFF/PPGCOM . UFF/LIHED, 8 a 11 de novembro de 2004, Rio de Janeiro, 2004.
- SABATTINI, M. **Publicações científicas eletrônicas na Internet: modelos, padrões e tendências**. Dissertação de Mestrado.1999. Pós-Graduação em Comunicação Social, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1999.
- SABATTINI, M. La representación social de la ciencia en los museos virtuales de historia natural en Internet: el panorama iberoamericano. **Congreso La Ciencia Ante el Público. Cultura humanista y desarrollo científico-tecnológico**, 2002, Salamanca, 2002.
- SABATTINI, M. El tercer entorno y la divulgación científica en Internet: reflexión acerca de las oportunidades y desafíos del periodismo digital y centros de ciencia virtuales. **IV Congreso de Comunicación Social de la Ciencia**, 2007, Madrid. Actas del IV Congreso de Comunicación Social de la Ciencia. Madrid: CSIC, 2007.
- SAMPAIO, M. N.; LEITE, L. S. **Alfabetização Digital**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
- SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1999.
- SANTOS, B. S. **Produzir para viver – Os caminhos da produção não capitalista**. v. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SAVIANI, Demerval. O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias. In: FERRETTI, Celso J. et al. (Orgs.) **Novas Tecnologias, trabalho e educação um debate multidisciplinar**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 151-167.

SEVERINO, A. J. A universidade, a pós-graduação e a produção do conhecimento. Curitiba: Universidade Tuiuti, 1998 (Texto em Fascículo) mimeo.

SEVERINO, A. J. A importância do ler e do escrever no ensino superior In: CASTANHO, S. CASTANHO, M. E (Orgs.), **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus Editora, 2001.

SCHELP, D. Os melhores brasileiros. **Veja**, São Paulo, ano 37, n. 4, p. 125-134, nov. 2004.

SCHWARTZMAN, S. Publicado na Revista Brasileira de Tecnologia, Brasília, v. 15, n.3, maio - junho, 1984, 25-32. Palestra feita no **I Encontro de Editores de Revistas Científicas organizado pelo Comitê Editorial do CNPq**, em São Lourenço entre 18 e 21 de março de 1984, com o apoio da FINEP.

SERRANO MUÑOZ, J.; PRATS PRAT, J. Repertorios abiertos: el libre acceso a contenidos. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**, v. 2, n 2, 2005. UOC. Disponível em: <http://www.uoc.edu/rusc/2/2/dt/esp/serrano.pdf>. Acessado em: 13 de fevereiro de 2006.

SHERRY, L., D. LAWYER-BROOK & L. BLACK. Evaluation of the Boulder Valley Internet Project: a theory-based approach to evaluation design. **Journal of Interactive Learning Research**, 1997, texto mimeo.

SHERRY, L. The nature and purpose of online discourse: a brief synthesis of current research as related to the WEB project. To appear in the **International Journal of Educational Telecommunications**, 1998, texto mimeo.

SILVA, E. T. da. **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, E. T. da. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas** . São Paulo: Ática, 2000.

- SILVA, M. Educação na cibercultura: o desafio comunicacional do professor presencial e online. **Revista da FAEEBA**, Salvador, v. 12, n. 20, jul./dez. 2003, p. 261-271.
- SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- SILVA, M. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, M. A. R. (Org.), **Educação e cultura: pensando em cidadania**. Rio de Janeiro: Quartet, 1999, p. 135-167.
- SILVA, M. A Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, M. E. B. de; MORAN, J. M. (Orgs.), **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: MEC, Seed, 2005.
- SILVA, O. S. F. **Nos labirintos da WEB: Possibilidades de Leitura e Produção Textual nos cenários Digitais**. Dissertação de Mestrado, 2006, Universidade Federal da Bahia, Departamento de Educação e Contemporaneidade, 2006.
- SMITH, R. J.; GIBBS, M. **Navegando na Internet**. Brasil, 1996, texto impresso sem maiores informações bibliográficas, sem número de páginas.
- SOARES, M. B. A escola: espaço de domínio da leitura e da escrita? **Simpósio internacional sobre a leitura e escrita na sociedade e na escola**, 1994, Brasília. Anais, Belo Horizonte. Fundação AMAE para Educação e Cultura, 1994.
- SOARES, M. B. Aprender a escrever e ensinar a escrever. In: ZACCUR, E. (Org.), **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 2001.
- SUBER, P. **Open Access Overview: Focusing on open access to peer-reviewed research articles and their preprints**. Disponível em: <http://www.earlham.edu/~peters/fos/overview.htm>. Acessado em: 22 de novembro de 2007.
- STANEK, W. R., PURCELL, L. **Electronic publishing unleashed**. s.l., Sams Publishing, 1995.
- STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996.

TORRES, C. A. (Org.). **Teoria crítica e Sociologia Política da Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

TORRES, R. M. **Que (e como) é necessário aprender?** Campinas: Papirus, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

UMPLEBY, S. **The Cybernetics of conceptual systems**. Department of Management Science George Washington University Washington, DC 20052 USA, 1982. Disponível em: ftp://ftp.vub.ac.be/pub/projects/Principia_Cybernetica/Nodes/Cybernetics_glossary.txt. Acessado em: 5 de junho de 2005.

UNESCO-BRASIL. **O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...** UNESCO-Brasil: Editora Moderna, Instituto Paulo Montenegro, INEP, MEC, 2004. E-book Disponível em: <http://www1.ideavalley.com.br/ibope/folder/flip/flip.php?ID=5#>. Acessado em: 20 de abril de 2006.

VALENTE, J. A. O uso da Internet em sala de aula. **Revista online Educar**, Curitiba, n. 19, p. 131-146, 2002. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewFile/2086/1738>. Acessado em 23 de junho de 2005.

VALENTE, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, M. E. B. de ; MORAN, J. M. (Orgs.), **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: MEC, Seed, 2005.

VAN DE SOMPEL, H.; LAGOZE, C. The Sant Fe Convention of the Open Archives Initiative. **D-Lib Magazine**, v. 6, n.2, feb 2000. Disponível em : <http://www.dlib.org/dlib/february00/vandesompel-oa.html>. Acessado em 20 de novembro de 2006.

VASCONCELOS, P. H. C. Um olhar sobre a História da História do Brasil. **Ver. Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns, FECH/FEA – Goiás**, n. 1, 2004, p. 59-68.

- VOGT, C. A Espiral da Cultura Científica. **Folha de S. Paulo**, 24 jul. 2003, p. A3.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Editora e Editora USP, 1992.
- VYGOTSKY, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Habana: Editorial Científico Técnica, 1987.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos Processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. SP: Martins Fontes, 1993.
- VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996.
- ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1999.
- ZILBERMAN. R. História e Sociedade. São Paulo (Estado) FDE. Leitura: caminhos da aprendizagem. **Série Idéias**, n. 05, 1998.
- WIENER, N. **Cibernética e sociedade: O uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- WIENER, N. **Cibernética, o el control y comunicación en animales y máquinas**. Barcelona: Tusquets Editores, 1998.
- WHITMAN, W. **Folhas de Relva**. São Paulo: Iluminarias, 2005.

ANEXOS

ANEXO A

- Carta – e-mail-depoimento dos membros do grupo formador

MSC

Autorizo uso

A necessidade de uma revista em um programa de pós- graduação é fundamental, uma das coisas que mais me surpreendeu foi na quando cheguei a PUC/SP e soube em nossa sala de doutorado que não existia um espaço de socialização da produção acadêmica de docentes e discentes.

Eu vinha de uma Universidade de uma região dita periférica e o nosso centro possui uma revista de circulação nacional com objetivo de divulgar, debater e produzir conhecimento. Outra experiência que vivenciei foi no mestrado no Programa de pós- graduação da UNIMEP, era grande o incentivo dado a publicação dos trabalhos de conclusão das disciplinas. Os orientadores indicavam os trabalhos para publicação e o conselho editorial avaliava os trabalhos, o relatório da CAPES parabenizava a UNIMEP pela grande produção discente. Na revista Comunicações havia artigo de alunos do programa e de intelectuais interessados em divulgar resultados de suas investigações.

O sentido da revista reside no fato de que ela hoje é um importante e valioso instrumento de circulação das idéias pedagógicas no mundo uma vez que a mesma é de fato e de direito internacional, o programa Educação- Currículo é outro com a materialização da revista.

a) As dificuldades:

Primeiro como aluna do doutorado: *A turma discutiu e acatou a proposta apresentada por você Núria. Más, na hora de conceber, refletir sobre a concepção, participar das reuniões longas na sala do laboratório, poucos compareciam. Ficava claro na minha cabeça, apoiaram mais não acreditavam. Convencer foi uma das tarefas mais árduas, precisava principalmente eu como representante discente ter uma base política de apoio unida para ter representatividade e respeito no colegiado, e isso eu tive como representante de turma, a confiança depositada teve respaldo até o final de nosso mandato agora em fevereiro.*

Segundo como representante discente: *Tenho certeza que só o meu orientador e coordenador do programa prof. Dr. Antonio Chizzotti acreditou na nossa capacidade e disponibilidade de tempo mesmo sem ter tempo de se dedicar a uma causa justa, afinal é a PUC/SP uma instituição respeitada apesar da longa crise, o que não justifica não ter uma revista de circulação da sua própria produção.*

Várias vezes docentes me indagavam: “ Como a revista vai se sustentar? Eu quero ver é o Chizzotti dá emprego para esse monte de gente” , “ Eu só faço se tiver pagamento extra”, “ duvido que esses alunos vão fazer, o chizzotti fica acreditando em aluno ele vai ver o que vai arrumar! Pensam que conceber uma revista é fácil!” Entendi que estes docentes não faziam porque não tinha dinheiro de pagamento por fora do salário, assim como eles tem mais responsabilidades fora da PUC que na própria PUC, não quero julgá-los, talvez as condições salariais o levaram a isso, inclusive a não ter a preocupação institucional de se questionar como um programa que tem uma linha de pesquisa em tecnologia e outra em interdisciplinaridade que discutia recursos tecnológicos em educação não se ressentiam de uma revista eletrônica que tinha a possibilidade de ser criada a ônus quase Zero para o programa, uma vez que os próprios alunos seriam a mão de obra com maior prazer.

Às vezes eu me aborrecia, mas engolia, lembro que quando eu falava em reunião na revista, solicitava ponto de pauta era como se estivesse falando para o vento.

Os mais respeitosos ficavam lendo um livro e às vezes olhavam p/ minha cara com os outros colegas representante discente com aquele ar, já acabou de falar. Até que chegou o dia de apresentarmos o projeto, eles viram que não estávamos brincando. Creio que a metade se sensibilizou e a outra metade avaliava que não passaria do papel. A luta pela credibilidade institucional foi a maior dificuldade em minha opinião.

Outra dificuldade foi no dia do lançamento, parece como diz o Lula uma urucubaca, não funcionou quando você apresentou para um auditório lotado! Foi uma água fria na nossa fervura, na verdade só acreditaram quando viram acontecer nas comemorações dos 30 anos, eu sempre dizia professor (a) eu lhe prometo coloque só o seu nome você não vai fazer nada na revista, nós precisamos de docentes do programa no corpo editorial. Afinal quem ia acreditar em uma revista só com discentes? Lembro que o prof. Chizzotti exigia professores p/ assumir atividades e ninguém se disponibilizava. Muitas coisas não fizemos pelo fato de não termos vínculo docente e nem o nome para formar a comissão que eles não queriam, vinham sempre as perguntas. Menina eu quero ver como vai ser quando vocês forem embora. Nossa! Agüenta coração, tamanho pessimismo! Não faz e não deixa ninguém fazer.

b) Facilidades: A convivência com minhas colegas de trabalho. Todas as que realmente dedicaram o tempo de suas vidas a construção da revista, tínhamos afinidades de cunho pessoal, acredito que intelectual compromisso com a ciência e com a educação de qualidade. Tenho certeza que de minha formação os momentos mais significativos de meu aprendizado no doutorado foi o momento de construção desta revista e isso não está no currículo do programa, mas é currículo. É currículo na medida que possibilitou aprendizado e possibilidade de trabalho semelhante em minha região, em meu grupo de estudo e pesquisa, na ampliação de meu universo cultural e na qualificação do curriculum lattes de inúmeras colegas de turma.

Este momento fez com que o grupo demonstrasse solidariedade na partilha dos trabalhos, compromisso, ética. Algumas não tinham experiência e aprendiam com quem tinha maturidade. As normas tinham que estar bem claras. E a responsabilidade em avaliar trabalhos de pessoas com nomes reconhecidos na área

de educação e que apresentavam trabalhos fora das normas, parecia incrível más todos nós somos humanos e por isso falhamos.

Proporcionaram aprendizado àquelas colegas que não tinham experiência de correção de texto científico. Algumas não entendiam que avaliação para seleção de textos é classificatória, mas entravamos em contato com o autor e solicitávamos atenção as normas. Para o próximo número já propúnhamos que aqueles textos em desacordos com as normas das revistas deveriam de imediata ser eliminados.

Observei que a concepção e implantação da revista foram feitas por mulheres, em sua maioria mães, separadas com a responsabilidade de ser pai e mãe e provedoras do lar, outras com responsabilidades de esposa e exigidas a todo o momento pelos filhos. Na verdade fomos guerreiras.

Eu pessoalmente cheguei no programa e nem sabia o que era msn e de repente a Núria me envia a revista integral em um momento de bate papo para eu avaliar, eu ficava desesperada! Tinha medo de deletar, não sabia corrigir na tela tudo isso eu aprendi, quando voltar tudo de meus alunos vou receber na medida do possível desta forma, principalmente os que residem no interior. Hoje tenho clareza de que nossa turma foi um marco no programa Educação/Currículo. Foi a única que presenteou o programa em seus 30 anos com um trabalho de utilidade pública para a ciência, a E-curriculum.

EADS

Já sabes que podes usar

_1. para o programa é mais uma etapa cumprida no dever de ser um ambiente da práxis educacional, um espaço para as trocas e exposições das idéias, das descobertas, das discussões, ou seja, por em pratica o que na teoria já funciona, as oportunidades de acrescentar, de inovar, de dividir conhecimentos, descobertas, ampliando cada vez mais o universo da educação escolar e social. Para mim significa desafios, compromisso social e pessoal, fazer meu papel de educadora e pesquisadora de um país que suplica por ações que sociabilizem conhecimentos, idéias, posições.

2. as dificuldades surgiram mais no contexto da organização, da uniformização das ações internas, divergir menos e colaborar mais, estava tudo a nossa frente, só precisava querer e sentir satisfeito pela produção, lógico que quis morrer quando tive que rever todas as normas, as regras de publicação, não me dou bem com a burocracia, com a simetria das ações, sou desorganizada por formação mesmo (teatro) e adorei ter que rever minha prática, ser mais detalhista, me vi do outro lado dos bastidores, mas peça importante no espetáculo, confesso que agora tomo mais cuidado com as regras de publicações e ate com a gramática, todos deveriam passar por essa experiência como grupo de pesquisa durante uma pós graduação, nossos conceitos e medos de expor nossas idéias e descobertas diminuiriam bastante e nos valorizaríamos bem mais

MMPL

Autorizo uso

Pergunta difícil... Difícil porque ainda não parei para pensar nisso.

Acho que foi o espírito de grupo que primeiro me moveu. O fazer junto, o aprender e o ter um resultado final de todo um trabalho. Não era meu ideal construir uma revista, nem tampouco importante. Eu nem pensava nisso quando a lista começou. Mas o grupo foi tomando forma e a idéia da revista também e foi assim que me vi envolvida nesse projeto. Se a revista é importante para o programa? Realmente não sei. Penso que se eu fizesse parte do corpo docente do programa e da revista, tentaria tirar maior proveito disso no sentido de formar um grupo de pesquisa e envolver mais alunos. Acho que ela poderia ter uma dimensão maior no programa. Por outro lado acho que isso ainda vai acontecer, pois estamos apenas começando. A cultura da publicação científica será mais debatida entre nós. Não sei. Deveria ser mais debatida, entendida, como nós fizemos em nosso grupo. Enquanto aluna é uma aprendizagem fazer parte da revista, é importante para a minha formação sim.

Trabalhar em grupo não é fácil, ainda mais se tratando de trabalhar à distância. O mais difícil para mim foi tratar das relações interpessoais.

Uma grande facilidade foi a coordenação da Nuria. Tenho certeza, quase que absoluta, de que se não fosse a Nuria não teríamos a revista. Ela foi e tem sido um exemplo de liderança e seu trabalho quando é emperrado é devido aos problemas de relação interpessoal.

Acho muito chata essa questão de normalização. Não gosto de conferir as normas da ABNT. Não li muitos artigos, mas os que li, precisei de ler mais uma vez quando me interessei pelo conteúdo, pois primeiramente lia para checar as normas e depois por gostar do conteúdo lia novamente.

HG:

1. Eu autorizo sim!!!!

2. a) Pessoalmente foi uma experiência acadêmica muito importante entre vários fatores eu diria que:

Pessoalmente:

- Temos falado muito do trabalho em grupo, mas poucas experiências têm sido vivenciadas na prática, a revista possibilitou esta experiência – enfrentamos juntos várias dificuldades e vencemos cada uma delas;*
- Em termos de conhecimento aprendemos muito com a revista, buscando informações e aprendendo uns com os outros;*
- Realizamos uma idéia, pois inicialmente apesar da descrença nós acreditamos que poderíamos fazer e fomos a luta- questão muito importante atualmente como profissionais e pesquisadores neste país;*

Para o programa:

- *A revista é uma forma de socializar conhecimento produzido dentro da PUC e por outros parceiros*
- *No momento como este que estamos vivendo dentro da PUC acredito que esta produção é muito relevante*
- *Importância para a avaliação do nosso programa junto a CAPES e outros órgãos*

O sentido dessa revista foi o de vitória e crença em uma idéia, neste sentido o esforço conjunto para sua realização.

B)

Dificuldades:

*Aprovação da revista pelos pares, professores e programa
Execução do projeto (estrutura humana e financeira)
Apoio Institucional*

Facilidades

Utilização de várias mídias para nos comunicarmos, este fato facilitou o fluxo de idéias e o trabalho.

*O desafio e as dificuldades encontradas, pois eles nos estimularam em busca de soluções.
O grupo (núcleo duro) que adotou a idéia e trabalhou em equipe.*

c)

*Encontrei sim alguns problemas com a normalização e os textos (apesar das normas estarem claras), o que me leva a supor que são poucas as pessoas que estão acostumadas a escreverem artigos científicos para publicação(talvez pela insegurança de ver aprovado ou não seu texto), ou que encarregam outras pessoas especializadas para esta tarefa.
Apreendi muito com esta experiência e como professora de Metodologia Científica tenho usado muitos exemplos práticos, do que observei e discutimos em grupo, em minhas aulas.*

FCF

Felipe Casaburi Ferreira

*Técnico do laboratório de pesquisa do programa de Pós-Graduação em Educação:
Currículo da PUC-SP*

Autorizo o uso desta correspondência para pesquisa

Quando a revista eletrônica e-curriculum foi lançada em Dezembro de 2005, não havia compreendido muito bem o que viria a ser este novo “site” que estava desenvolvendo.

Em um primeiro momento, não enfrentei muitas dificuldades, pois estava encarando este novo trabalho como um simples site, mas ao serem apresentadas as normas exigidas pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – ISSN que são muito rigorosas e detalhistas, comecei a compreender o quão complexo era o desenvolvimento de uma revista eletrônica científica.

Com o novo número, o acesso cada vez mais elevado e as diversas indexações pelo mundo a fora, a sua relevância começou a suscitar.

A aluna Núria, responsável pelo desenvolvimento, divulgação e documentação da revista é a figura mais importante para que este trabalho se consolidasse como um trabalho efetivo/acadêmico do programa de Pós-Graduação em Educação Currículo. Confesso que em cada etapa do desenvolvimento tecnológico da revista, ela procurou orientar e frisar a importância de cada trabalho que estava se agregando a revista.

Não deixamos de enfrentar dificuldades desde o início do lançamento da revista.

Pensávamos em contar com o suporte da Universidade, mas não obtivemos sucesso e todo o trabalho foi realizado por nós dois.

As dificuldades são diversas, como: a utilização de software adquiridos de nossos próprios orçamentos, utilização de diversos software para a produção de vídeos e muitas críticas e pouco apoio por parte de alguns alunos do programa.

Superadas as dificuldades, enxergo esta revista como uma grande produção acadêmica que procura fomentar assuntos atuais e de extrema importância para o desenvolvimento da Educação de nosso país.

Orgulho-me de fazer parte do corpo editorial desta revista e espero poder contribuir ainda mais com a busca e desenvolvimento de novas tecnologias que possam se agregar a esta produção do programa.

E-MAIL – RESPOSTA DE APROVAÇÃO PARA INDEXAÇÃO INTERNACIONAL



Toluca, México, 16 de julio de 2007

Estimado editor,

Con mucho agrado le informo que la Universidad Autónoma del Estado de México y el Centro de Información y Documentación Científica (CINDOC), recientemente establecieron un acuerdo de cooperación entre la Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal (Redalyc) y la Plataforma Open Access de Revistas Científicas Electrónicas Españolas y Latinoamericanas (e-Revistas).

Dicho acuerdo tiene dos objetivos básicos: a) optimizar las funcionalidades y la visibilidad de las plataformas de revistas electrónicas Redalyc y e-Revistas, ambas *open access*, y minimizar el fenómeno conocido como 'ciencia perdida'; y, b) trabajar conjuntamente en la creación de una aplicación que permita recoger las citas bibliográficas de las revistas en base de datos, con el fin de poder obtener indicadores de visibilidad e impacto de las revistas.

Los consecuentes beneficios que ello implica se traducen en el aumento de la difusión de los contenidos, la generación de índices bibliométricos y en la posibilidad de indización a las plataformas con las que se tienen convenios, como al Directory of Open Access Journals (DOAJ), WorldCat (OCLC), Clase y Periódica (UNAM), Google Scholar, entre otros índices y bases.

Cada una de las plataformas Redalyc y e-Revistas están en disposición de:

- a) Incorporar de manera automática a aquellas publicaciones de la otra plataforma que actualmente proporcionen acceso electrónico a los números completos y actualizados que hayan producido desde al menos el año 2000, respetando la naturaleza y forma de operación de las plataformas. Aquellas publicaciones a las que les falte un máximo de un 30% de ese contenido podrán incorporarse de manera inmediata, siempre y cuando los editores se comprometan a actualizarlo en un plazo no mayor de dos meses.
- b) Someter a evaluación a toda revista propuesta por la otra plataforma, con el único objetivo de determinar si cumple con el mínimo de criterios exigidos; en caso de no cumplirse se harán las sugerencias pertinentes para que los editores las tomen en cuenta y las revistas puedan ser incluidas, todo ello con el propósito de incrementar aún más la calidad de las publicaciones. Estos criterios se pueden revisar en (<http://redalyc.uaemex.mx/src/proyecto/criterios.html>) para la plataforma Redalyc y en (<http://www.erevistas.csic.es/portal/criterioscalidad.jsp>) para la plataforma e-Revistas.
- c) Asegurar que las revistas de cada plataforma aceptadas por la otra se adhieran a los contenidos del Acuerdo de Buena Voluntad suscritos por ambas plataformas, (http://www.erevistas.csic.es/portal/descargas/CINDOC%20REDALYC-Cor_%20dic%202006.pdf).

d) Generar y ofrecer de manera transparente a la otra plataforma indicadores y demás estadísticas generados por cada una de ellas.

Redalyc

Facultad de Ciencias Políticas y Administración
Pública, UAEM, Ciudad Universitaria s/n, Cerro de
Coatepec, Toluca, México. C.P. 50100. Tel. +52 (722)
215 8370, correo: redalyc@uaemex.mx
<http://redalyc.uaemex.mx>

CINDOC-CSIC

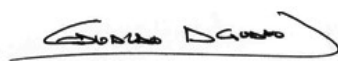
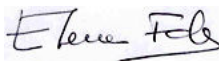
Joaquín Costa 22, Madrid, España, C.P. 28002
Tel. +34 (91) 563 5482
correo: e-revistas@cindoc.csic.es
<http://www.cindoc.csic.es>

Damos por hecho que todos los editores que acepten participar en este convenio se adhieren al espíritu de la Declaración de la Iniciativa sobre Acceso Abierto de Budapest.

Por lo anterior, le invitamos a participar en esta iniciativa de cooperación firmando la presente carta de adhesión y con ello contribuir a que la literatura científica generada en América Latina y España esté rápida y eficazmente disponible a través de los portales de Redalyc y e-Revistas.

Al momento de recibir la aceptación por parte de la revista, la plataforma a la que se adhiere le hará conocer los pasos siguientes.

Sin otro particular, le envío un cordial saludo.


Mtro. Eduardo Aguado López
Director General de Redalyc

Ing. Elena Fernández Sánchez
Coordinadora de e-Revistas

Prof. Dr. Antonio Chizzott
Editor Revista e-Curriculum

Redalyc

Facultad de Ciencias Políticas y Administración
Pública, UAEM, Ciudad Universitaria s/n, Cerro de
Coatepec, Toluca, México. C.P. 50100. Tel. +52 (722)
215 8370, correo: redalyc@uaemex.mx
<http://redalyc.uaemex.mx>

CINDOC-CSIC

Joaquín Costa 22, Madrid, España, C.P. 28002
Tel. +34 (91) 563 5482
correo: e-revistas@cindoc.csic.es
<http://www.cindoc.csic.es>

e-mails respostas OPEN ACCESS

----- Original Message -----

From: Sonja Brage**To:** Nuria Pons**Sent:** Tuesday, March 06, 2007 11:41 AM**Subject:** SV: Revista e-Curriculum

Dear Nuria Pons,

Thanks for the letter. I have added the journal now with some changes. I did not find any newer articles than 2006. I skipped some key words. They were too many. Hope you do not mind.

Formal letter: The journal has now been added to the directory, have a look at the description at: <http://www.doaj.org/openurl?genre=journal&issn=> "Journal owners" is a link that allows "journal owners" to upload the article metadata one by one. It is password protected so the program can recognize which journal the articles belong to. When the journal is added to DOAJ the password is generated and will be active at once. If your password does not work, please return to me.

Your login: XXXXXXXX Your password:XXXXXXXX

If you have any questions about the service please do not hesitate to ask.

Regards, Sonja B

Från: Nuria Pons [mailto:nuriapons@uol.com.br]**Skickat:** den 26 februari 2007 18:48**Till:** Sonja Brage; Antonio Chizzotti; ecurriculum@pucsp.br**Kopia:** Pós-Graduação em Educao Currículo**Ämne:** R: Revista e-Curriculum

Dear Sonja Brage,

Journal title: Revista e-Curriculum**Alternative journal title:** use this if the journal is having a wellknown 2nd title (NO)**URL:** <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

Open Access (We define open access journals as journals that use a funding model that does not charge readers or their institutions for access. From the BOAI definition of "open access" we take the right of "users to read, download, copy, distribute, print, search, or link to the full texts of these articles" as mandatory for a journal to be included in the directory.)

(yes/no): Yes**Do you charge the authors for publishing (yes/no):** Yes**Do you have an URL (link) to an info page regarding information to authors? URL:**<http://www.pucsp.br/ecurriculum>**Peer-review or editorial control (yes/no):** Yes**Research journal that reports mainly original research articles or overviews of research (yes/no):** Yes**Academic/scholarly community as the main target group (yes/no):** Yes

Active (yes/no): Yes

Exists also in printed version (yes/no): No

If printed version - embargo (delay in time between the two versions) (yes/no):

Full text access from year: 2005

Volume: first full text accessible volume December 2005

Issue: first full text accessible issue December 2005

ISSN: 1809-3876

EISSN: ONLY fill this in if the journal has an EISSN (NO)

Publisher: Pontificia Universidade Católica de São Paulo, Pós-graduação Educação: Currículo _PUCSP- Brasil

Languages: Portuguese, English, Spanish and french

Keywords: Public Policy and Educational Reforms; Curriculum and Educational Evaluation; Curriculum, Knowledge, and Culture; Teacher Education; Interdisciplinary Issues; and New Technologies in Education

Contact person: Antonio Chizzotti

Contact e-mail: ecurriculum@pucsp.br and anchizo@uol.com.br

Publishing frequency / year: June and December

Number of articles / issue: nine (9) articles

Thank you very much!

Sincerely,

Nuria Pons Vilardell Camas

Coordenadora Editorial Revista e-Curriculum PUCSP

e-mail: e-curriculum@pucsp.br

URL: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>

Tel/Fax.: (11) 3670-8514

Endereço: R. Ministro Godoi, 969 4º andar Sala: 4E-15

Cep.: 05015-901 São Paulo - SP

-----FW-----

De: Sonja Brage Para: anchizo@uol.com.br Data: 20/02/2007 14:55 Assunto: Revista E-curriculum

Dear Dr. **Chizzotti** ,

We have received a suggestion to include Revista E-curriculum in DOAJ (Directory of Open Access Journals, [≤http://www.doaj.org≥](http://www.doaj.org)). We will review the journal on the basis of our definitions and selection criteria (please refer to [≤http://www.doaj.org/articles/about#definitions≥](http://www.doaj.org/articles/about#definitions)). To increase the speed of the reviewing process it would be very helpful if you provided us with the following information. We need to have a contact person at the journal so we hope to hear from you within 4 weeks, otherwise we unfortunately have to reject the suggestion to include this journal.

Journal title:

Alternative journal title: use this if the journal is having a wellknown 2nd title

URL:

Open Access (We define open access journals as journals that use a funding model that does not charge readers or their institutions for access. From the BOAI definition of "open

access" we take the right of "users to read, download, copy, distribute, print, search, or link to the full texts of these articles" as mandatory for a journal to be included in the directory.)

(yes/no):

Do you charge the authors for publishing (yes/no):

Do you have an URL (link) to an info page regarding information to authors? URL:

Peer-review or editorial control (yes/no):

Research journal that reports mainly original research articles or overviews of research (yes/no):

Academic/scholarly community as the main target group (yes/no):

Active (yes/no):

Exists also in printed version (yes/no):

If printed version - embargo (delay in time between the two versions) (yes/no):

Full text access from year:

Volume: first full text accessible volume

Issue: first full text accessible issue

ISSN: ONLY fill this in if the journal has an ISSN

EISSN: ONLY fill this in if the journal has an EISSN

Publisher:

Languages:

Keywords: three-five words describing the main content of the journal

Contact person: name of a contact person, could be the editor

Contact e-mail: the e-mail address of the contact person

Publishing frequency / year:

Number of articles / issue:

Please keep in mind that we only include titles that live up to our definitions and selection criteria [≤http://www.doaj.org/articles/about#definitions≥](http://www.doaj.org/articles/about#definitions)

What we don't include:

? Newsletters that mainly inform about an institution.

? Journals that charge any access or subscription fees.

? Journals that have an embargo period.

Thank you very much!

Sincerely,

Sonja Brage

Lunds universitets bibliotek, Biblioteksdirektionen/

Lund University Libraries, Head office

P.O.Box 134, SE-221 00 LUND, Sweden.

Besöksadress/visiting address: Tornavägen 9B, Lund.

Tel/phone: +46 46 222-39-91

Fax: +46 46 222 36 82

sonja.brage@lub.lu.se

Resposta do CNPq à participação de Edital solicitando recursos para o desenvolvimento da Revista e-Curriculum:

Nome: Antonio Chizzotti
Processo: 410313/2006-8
Projeto: Revista E-curriculum

Prezado(a) Senhor(a),

Comunicamos que, com base na análise do Comitê Assessor, e de acordo com o estabelecido no Edital MCT/CNPq nº 36/2006 - Programa de Apoio a Publicações Científicas - 2006, sua solicitação foi indeferida conforme justificativa abaixo:

O Comitê Editorial do CNPq avaliou, no âmbito do EDITAL MCT/CNPq No. 36/2006, 332 propostas representando uma demanda bruta de R\$ 20.119.445,36, com uma disponibilidade de recursos da ordem de R\$ 2.400.000,00.

No processo de avaliação o comitê priorizou periódicos que apresentaram:

- i) indexação no Scielo e/ou outros indicadores reconhecidos (e.g. ISI);
 - ii) importância para a área refletida no QUALIS CAPES;
 - iii) visibilidade e abrangência, refletida pela disponibilidade “on line” em articulação com a versão impressa;
 - iv) periodicidade, regularidade, número e qualidade dos artigos publicados;
 - v) abrangência nacional/internacional com relação ao corpo editorial e colaboradores;
- Frente à alta demanda qualificada e à análise individual e comparativa com o conjunto das propostas apresentadas, não foi possível apoiar o presente processo.

O CNPq permanece à disposição de V.Sa. para novas solicitações em outras oportunidades.

Atenciosamente,

Maria Angela Cunico
Coord.-Geral do Prog. de Pesq. em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

QUALIS

De: Dalila Oliveira [mailto:avaliacaodeperiodicos@yahoo.com.br]

Enviada em: sexta-feira, 22 de junho de 2007 16:55

Para: ecurriculum@pucsp.br; ced@pucsp.br

Assunto: Avaliação de Periódicos

Belo Horizonte, 22 de junho de 2007.

Prezado Senhor Antônio Chizzotti

Editor do Periódico E-curriculum

Como é de seu conhecimento estamos realizando a avaliação de periódicos de Educação com a finalidade de que tal processo possa se constituir em indutor de melhoria da qualidade das publicações na área, bem como subsidiar as avaliações realizadas pela Capes. Por esta última razão, buscamos inicialmente ajustar nosso calendário aos prazos factíveis à utilização dos resultados pela Capes, ainda para o triênio que se encerra (2004/2006).

Tendo em vista a decisão tomada pela Representação da Área de Educação junto a Capes de utilizar para a avaliação do triênio (2004/2006) a classificação anteriormente adotada, os resultados da avaliação realizada em 2007, por esta Comissão da ANPED, passam a vigorar para o novo triênio (2007-2009), o que possibilitou-nos rever nosso calendário.

Sendo assim, teremos mais tempo para analisar os recursos que nos foram encaminhados pelos periódicos já avaliados e, ainda, concluir a avaliação dos periódicos eletrônicos.

Diante dessas mudanças solicitamos sua compreensão no sentido de aguardar os resultados do julgamento dos recursos encaminhados e dos periódicos eletrônicos, que serão divulgados durante a 30ª. Reunião Anual da ANPED, em Caxambu (MG), entre os dias 7 e 11 de outubro.

Atenciosamente,

Dalila Andrade Oliveira

Vice-Presidente da ANPED

Coordenadora da Comissão de Avaliação de Periódicos de Educação – ANPED (2006/2007)

Dalila Andrade Oliveira

Coordenadora da Comissão de Avaliação de Periódicos - ANPED

Resposta da avaliação**Belo Horizonte, 03 de Outubro de 2007****Ilmo (a) Sr. (a) Antônio Chizzotti**
Periódico E-curriculum

Prezado (a) Editor (a),

Encaminhamos em anexo o resultado da avaliação realizada pela Comissão de Avaliação, instituída pela ANPEd, com a finalidade de analisar e classificar os periódicos de Educação. Os periódicos foram avaliados segundo um bloco de exigências objetivas, sendo elas: normalização, publicação, circulação, autoria e conteúdo e gestão editorial. Além da avaliação objetiva, foi realizada uma apreciação qualitativa em que foram considerados aspectos tais como a tradição do periódico e sua inserção na área. Para tanto, foi valorizada a política editorial que apresenta o foco claramente direcionado para questões educacionais, demonstrado na tematização de questões contemporâneas, trazendo contribuições à pesquisa educacional por meio de artigos de interesse amplo, constituindo-se em referência na área. Também foram considerados outros indicadores tais como a diversificação e qualificação dos autores, dos editores, dos pareceristas e conselheiros.

A classificação final do periódico foi determinada assim por essas duas dimensões da avaliação, ou seja, o cumprimento dos critérios de ordem técnica como a normalização e garantia de determinadas condições de edição e circulação e a inserção qualificada na área. Esperamos que os resultados apresentados na ficha anexa possam contribuir para o aperfeiçoamento do periódico sob sua responsabilidade editorial. Maiores informações sobre o processo de avaliação realizado por esta Comissão podem ser obtidas no portal da ANPED: www.anped.org.br

Esperamos que o resultado apresentado atenda às expectativas do Corpo Editorial do Periódico **E-curriculum**. Estabelecemos o prazo de 15 dias, a contar da data de publicação deste resultado, para recursos junto a essa Comissão. Os recursos deverão ser encaminhados para o seguinte endereço: [<avaliacaodeperiodicos@yahoo.com.br>](mailto:avaliacaodeperiodicos@yahoo.com.br)

Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,



Dalila Andrade Oliveira

Vice Presidente da ANPEd

Coordenadora da Comissão de Avaliação de Periódicos ANPEd/2007

Comissão de Avaliação de Periódicos ANPEd/2007

Alfredo Macedo Gomes – UFPE

Dalila Andrade Oliveira - UFMG

José Silvério Baia Horta - UFAM

João Ferreira de Oliveira - UFG

Leda Scheibe - UFSC

Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos - UFMG

Marli Eliza D. Afonso de André – PUC-SP

FICHA PARA AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS ELETRÔNICOS ANPEd/2007

Periódico	Revista E-curriculum ISSN 1809-3876 http://www.pucsp.br/ecurriculum/
Edições avaliadas	v.2, n.1 dez.2006 Volume 1, Número 1, dezembro de 2005 Volume 1, Número 2, junho de 2006

Itens	Definição do critério	Pontos possíveis	Pontos da revista
-------	-----------------------	------------------	-------------------

1. NORMALIZAÇÃO

1	Ficha Técnica	Informação completa (data de início pode coincidir com o primeiro numero)	1,0	0,5
		Disponibilidade de todos os números da revista	0,5	-
2	ISSN	Presença (na página inicial ou facilmente encontrada)	1,0	1,0
3	Endereço	Acesso a todos os responsáveis por endereçamento eletrônico (ficha técnica)	0,5	0,5
4	Normas de publicação	Completa (incluindo exemplos de referências)	1,0	1,0
5	Linha editorial	Presença (inclusão nas folhas iniciais)	0,5	0,5

6	Referências bibliográficas	Presença de normalização consistente em todos os artigos (normas de instituições reconhecidas na área)	1,0	1,0
7	Afiliação institucional do autor	Indicação completa	0,5	0,5
8	Endereço do autor para correspondência (e-mail)	Indicação completa	0,5	0,5
9	Resumos de artigos	Bílingüe (inclusão regular)	1,0	1,0
		Só no idioma do texto (inclusão regular)	0,5	-
		Só em outro idioma que não o do texto (inclusão regular)	0,5	-
10	Descritores (palavras-chaves)	Presença em todos os artigos	1,0	1,0
11	Data de recebimento e tramitação dos manuscritos	Informação regular	1,0	1,0
12	Indexação	BBE ou BVE (Biblioteca Virtual de Educação/INEP)	0,5	-
		Outros indexadores: Open Access Journals da AERA, REDALYC, Portal CAPES	1,0	1,0
Subtotal			10	9,5

2. PUBLICAÇÃO

13	Tempo de publicação	Mais de 10 anos	5,0	-
		05 anos	3,0	-
		de 02 anos a 5 anos	2,0	2,0
14	Regularidade	Sem atrasos	3,0	3,0
		Atrasos eventuais	1,0	-
15	Proposta de periodicidade (desde que cumprida no biênio)	3 vezes ao ano, ou mais	2,0	-
		2 vezes ao ano	1,5	1,5
		1 vez ao ano e aberta para inclusão de artigos	0,5	-
Subtotal			10	6,5

3. CIRCULAÇÃO

16	Formas de distribuição	Versão on line completa	5,0	5,0
		Acesso livre pelo próprio site e Scielo, Portal Capes, outros.	5,0	2,5
		Acesso restrito a assinantes	2,0	-
Subtotal			10	7,5

4. AUTORIA E CONTEÚDO

17	Autoria nacional	Publicação de mais de 70% de artigos de origem diversificada	12,0	12
		Publicação de 50% a 70% de artigos de origem diversificada	8,0	-
		Publicação de 20% a 50% de artigos de origem diversificada	3,0	-

		Publicação de 10% a 20% de artigos de origem diversificada	1,0	-
18	Autoria internacional	Publicação de 2 ou mais artigos de autores filiados a instituições estrangeiras	3,0	3,0
		Publicação de pelo menos 1 artigo de autor filiado a instituição estrangeira	2,0	-
19	Artigos/Ensaio/outros	Presença regular de 70% (do total de páginas da revista)	2,0	2,0
		Presença regular de 50% (do total de páginas da revista)	1,0	-
20	Documentação, resenhas bibliográficas ou notas de pesquisa.	Presença regular	2,0	2,0
21	Coerência do conjunto dos artigos com a linha editorial		1,0	1,0
Subtotal			20	20

5. GESTÃO EDITORIAL

22	Comissão executiva e/ou Editor responsável	Crerios definidos	2,0	2,0
23	Conselho Editorial/Científico	Qualificação/Titulação	1,0	1,0
		Compatibilidade com a linha editorial	1,0	1,0
		Diversificação Institucional	1,0	1,0
24	Consultores e pareceristas externos	Nominata (pelo menos uma vez nos últimos números analisados)	1,0	
		Qualificação dos pareceristas	1,0	
		Crerios para seleção e aceitação de artigos	1,5	1,5
		Financiamento externo	1,5	1,5
Subtotal			10	8,0

6. PÁGINA E NAVEGAÇÃO

25	Navegação	Facilidade, visual, visibilidade, informações claras,	3,0	3,0
26	Apresentação	Página em mais de uma língua para navegação (português, inglês, francês, etc.)	4,0	-
		Português	2,0	2,0
27	Artigos	Bilíngüe	3,0	-
		Português	2,0	2,0
Subtotal			10	7,0

Total	58,5
Apreciação Qualitativa	Nacional A

Data da avaliação e verificação da revista on line: 28/09/2007.

ANEXO B - Fotos

Foto 1 realizada em 2004, setembro. (Da esquerda para a direita, tem-se: Ronilson, Nilbo, Suely, Íris, Maria do Socorro da Costa Coelho, Martha Maria Prata-Linhares, Núria Pons Vilardell Camas, Hiloko, Heloisa Gomes, Raquel e João Kulscar.



Foto 2 – restaurante Macedo(Da esquerda para a direita, tem-se sentados: João Kulscar, Hiloko, Suely, sobre a Suely, Heloisa, Maria do Socorro, Núria, Thiago (mestrado), Raquel, Martha, Ronilson e Nilbo.



Foto 3 – Corredor 4º. Andar PUC-SP - Laboratório. Da esquerda para direita: Raquel, Martha, Íris, Suely, Prof. Dr. Chizzotti, Núria e Socorro.



Foto 4 - Martha, Prof. Dr. Chizzotti, Socorro, Núria e Felipe Casaburi (*webmaster*).

ANEXO C – Cartas da Revista

Carta com as cores e logos enviado pelo Nilbo R. Nogueira

Pessoal,

O conceito que adotei para as cores do logo foi:

Utilizar uma cor que remeta à modernidade, futuro, inovação, jovialidade, etc (*Eletrônico – virtual*) e a outra cor que faça o contraponto, indicando a seriedade, formalidade, tradicionalismo, confiabilidade, etc. (*curriculum – revista*).

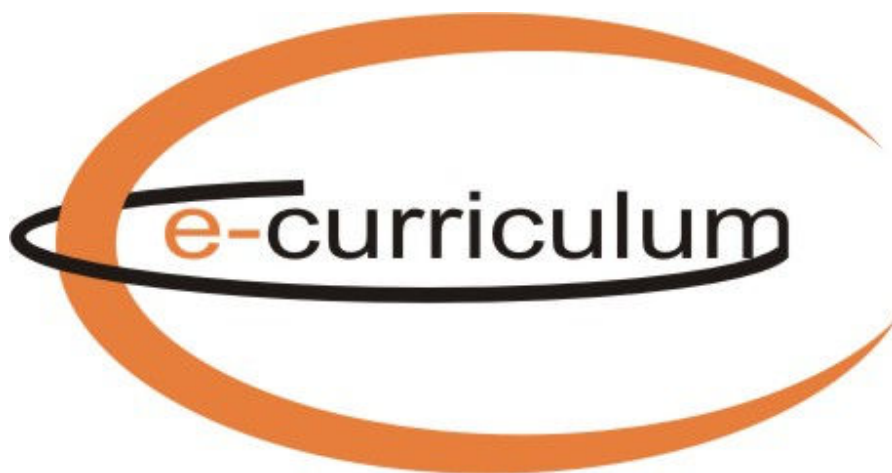
Os contrastes são apresentados nas imagens entre:

- **Laranja** (cor da comunicação e da vivacidade) com o **preto** (tradicionalismo e confiabilidade);
- **Verde cítrico** (cor da modernidade e da jovialidade) com **azul** (seriedade, confiabilidade – utilizada para ensino);
- **Vermelho** (ousadia, inovação, entusiasmo, etc) com o **cinza** (confiabilidade, seriedade, etc);
- E a pedido de alguns alunos, utilizei o **violeta** (futuro, espiritualidade, imaginação, etc) com o **marrom** (passado, história – obs. esta cor quase nunca é utilizada em marcas pois não transmite muitas sensações). Vejam as logomarcas abaixo.

Aguardo retorno e sugestões para outras cores ou outros conceitos.

Abraços

Nilbo



logo 1a



logo 1b

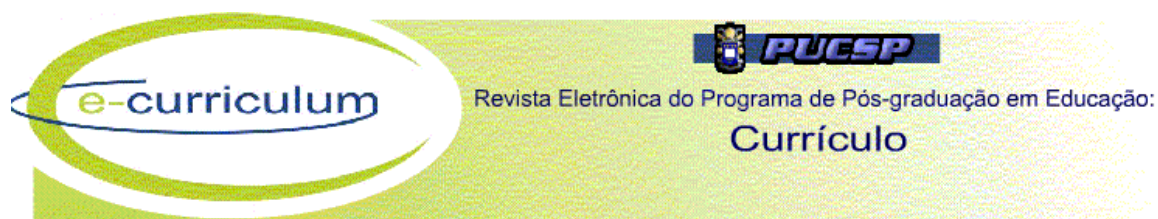


logo 1c



logo 1d

Carta Convite ao Conselho Científico enviada até 2005.



São Paulo, de 2005.

Ilmo Sr./
Prof. Dr.

Somos um grupo de pesquisadores e professores do Programa de Pós-Graduação Educação (Currículo) PUCSP (abaixo assinados), em abril de 2004, iniciamos o planejamento de uma Revista Digital.

Essa idéia recebe o nome de **Revista e-curriculum**.

Desde então, estamos desenvolvendo o projeto, com a intenção de englobarmos as áreas do conhecimento que envolva as linhas de **Políticas Públicas e Reformas Educacionais e Curriculares; Currículo e Avaliação Educacional; Currículo, Conhecimento e Cultura; Formação de Educadores; Interdisciplinaridade e Novas Tecnologias em Educação.**

A Revista Digital *e-curriculum*, do Programa de Pós Educação (Currículo) PUCSP, pretende ser uma publicação digital semestral, sem fins lucrativos, destinada à divulgação científica de pesquisas e projetos em Educação.

O objetivo principal é publicar trabalhos que possam contribuir com o debate acerca de temas voltados para as questões Educacionais. Destina-se também à publicação de entrevistas, traduções, resenhas e trabalhos de divulgação científica na área de Educação, em todas as suas manifestações.

A Coordenação Editorial e Conselho Editorial são compostos por profissionais e pesquisadores de atuação comprovada em diversas áreas da Educação.

Como pretendemos que esta publicação tenha caráter científico e acadêmico para indexação da mesma, faz-se necessária a composição do Conselho Consultivo, que nos auxiliará, em alguns pareceres, às aprovações dos trabalhos a serem publicados.

Esta correspondência tem a finalidade de convidá-lo/a a integrar este conselho, tornando-se, assim, um membro conselheiro, parecerista sobre a qualidade acadêmica e relevância de publicação dos trabalhos.

Para seu conhecimento, segue, anexo, cópia do Projeto, com as NORMAS DE PUBLICAÇÃO, decididas de comum acordo entre a Coordenação Editorial e o Conselho Editorial interno da PUCSP da publicação.

Gostaríamos muito de poder contar com sua colaboração e participação neste projeto, no qual estamos investindo esforços, por acreditar ser de grande importância para a Educação no Brasil.

O corpo de consultores receberá, via correio, artigos enviados para publicação e poderá emitir o parecer por via eletrônica, a partir de formulário próprio.

No caso de aceite ao convite em questão, solicitamos o preenchimento e envio do cadastro (por e-mail) e do termo de aceite, (por correio). Ambos encontram-se em anexo.

Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos pelo e-mail: ecurriculum@pucsp.br, assunto :Conselho - Revista E-CURRICULUM.

Atenciosamente,

Editor Responsável: Prof. Dr. Antônio Chizzotti
Conselho Editorial Interno: Prof. Dr. Fernando José Almeida
Coordenadora Editorial Discente: Profa. Ms. Nuria Pons Vilardell-Camas
- Colaboradores de Revisão e Normalização Interna:
Profa. Ms. Eneila dos Santos (PUCSP)
Profa. Ms. Heloísa Gomes (PUCSP)
Prof. Ms. Íris Amaral de Sousa (PUCSP)
Profa. Ms. Maria do Socorro da Costa Coelho (PUCSP)
Profa. Ms. Martha Prata-Linhares (PUCSP)
Colaboradores técnicos:
Secretária: Rita de Cássia Dias Miyagui
Webmaster: Felipe Casaburi Ferreira

Cidade , de 2005.

Editor da Revista E- Curriculum
Prof. Dr. Antonio Chizzotti
Coordenador do Programa de Pós-graduação Educação (Currículo)

Termo de Aceite

Eu, Professor _____, aceito participar do Corpo de Consultores da Revista, assumindo, com isso, o compromisso de emitir parecer sobre artigos enviados para publicação e colaborar na divulgação da Revista.

Prof

FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARECERISTAS

O Editor e a Comissão Editorial Interna da Revista Eletrônica e-curriculum apresentam abaixo seus cumprimentos normativos de qualidade da publicação e apreciariam seus comentários relativos ao texto anexo.

Todo material enviado para parecer deve ser lido na íntegra e analisado de modo confidencial e cuidadoso. As opiniões devem ser sustentadas por razões explicitamente declaradas.

Sua opinião interessa-nos sobre:

- 1. Qualidade e Rigor dos argumentos apresentados no texto;**
- 2. Validade nos dados apresentados no texto;**
- 3. Relevância do artigo para discussão de problemas na área do conhecimento de Educação;**
- 4. Organização do texto;**
- 5. Desenvolvimento da argumentação;**
- 6. Relevância da Bibliografia;**

7. Seu conselho (justificar abaixo):

a) rejeitar o artigo

b) publicação do artigo sem necessidade de revisão do autor

c) publicação do artigo após as revisões (indicar abaixo as revisões necessárias)

d) publicação do artigo após as revisões de estilo e problemas textuais (especificar abaixo) :

-
- e) **não pode dar seu parecer por questões éticas:**
- () **conhece o trabalho e solicita outro parecerista.**
 - () **não pode elaborar o parecer no prazo indicado.**
 - () **estabelece relação de conhecimento e interesses com o autor do artigo; devolvendo-o , portanto, sem comentário ao mesmo.**
 - () **já deu seu parecer sobre este artigo em outra circunstância.**

Data de envio ao parecerista: _____

Data de recebimento do parecerista: _____

Parecerista: _____

Assinatura: _____

Chamada de trabalhos

----- Original Message -----

From: Nuria Pons

To: ppge@ce.ufpb.br

Cc: contato@geppc.com.br

Sent: Sunday, July 03, 2005 5:57 PM

Subject: Chamada de trabalhos

CHAMADA DE TRABALHOS e-curriculum
Revista Digital do Programa de Pós-Graduação Educação: Currículo
– PUC-SP

Linha Editorial

A revista e-curriculum é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Seu interesse localiza-se nas questões relacionadas ao campo dos estudos sobre currículo em torno das políticas públicas, da avaliação ou da cultura ou em torno da formação docente, das tecnologias de comunicação e informação, da interdisciplinaridade ou de outros campos novos de investigação abertos pelas pesquisas. A e-curriculum visa à divulgação de pesquisas nacionais e internacionais na sua área de interesse e aceita trabalhos inéditos para publicação. Serão aceitos textos originais em Português, Inglês, Francês e Espanhol. Todos os textos serão examinados, sem identificação, por membros do Conselho de Pareceristas para aprovação. e-curriculum apresenta-se em versão digital, estando disponível no sítio:

<http://www.pucsp.br/ecurriculum>.

Neste sítio estão as normas de publicação (submissão) para os colaboradores e o endereço para envio.

As contribuições para publicação devem ser enviadas em disquete ou CD-ROM e três cópias impressas que serão distribuídas aos pareceristas para:

Aos cuidados do Editor E-CURRICULUM

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo)

Rua Ministro de Godói, nº 969 - 4º andar, sala 4E-15

CEP:05015-901- Perdizes - São Paulo - SP - Brasil

ced@pucsp.br <<mailto:ced@pucsp.br>>

Textos para apreciação para a edição serão recebidos até dia 30 de julho de 2005.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Antonio Chizzotti

Editor E-CURRICULUM

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) PUCSP